

ROBERT ANTON WILSON

ASCENSÃO DE PROMETEU

INTRODUÇÃO DE ISRAEL REGARDIE



MADRAS®

ROBERT ANTON WILSON

ASCENSÃO DE PROMETEU

Tradução:
Camila Zanon



MADRAS®

Publicado originalmente em inglês sob o título *Prometheus Rising*, por New Falcon Publications, Las Vegas, Nevada, USA.

© 1983, Robert Anton Wilson.

Direitos de edição e tradução para o Brasil.

Tradução autorizada do inglês.

© 2013, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Tradução:

Camila Zanon

Revisão da Tradução:

Fulvio Lubisco

Revisão:

Maria Cristina Scomparini

Margarida A.G. Santana

Letícia Pieroni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilson, Robert Anton

Ascensão de prometeu / Robert Anton Wilson;

tradução Camila Zanon. – 2. ed. – São Paulo:

Madras, 2013.

ISBN 978-85-370-0841-6

1. Ciência ocultas.

13-02625 CDD-133

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências ocultas 133

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 – Santana

CEP: 02403-020 – São Paulo/SP

Caixa Postal: 12183 – CEP: 02013-970

Tel.: (11) 2281-5555 – Fax: (11) 2959-3090

www.madras.com.br



DEDICADO
A Timothy Leary
e
William S. Burroughs
dove sta memora

1. The first
2. The second

3. The third
4. The fourth

Agradecimentos

Neste livro, o modelo dos oito circuitos de consciência e grande parte de sua visão do futuro derivam dos escritos do dr. Timothy Leary, cujas cartas e conversas também influenciaram muitas outras ideias aqui inseridas. Também devo muito ao dr. O. R. Bontrager, por ter-me introduzido à semântica e às ciências da comunicação em geral; a R. Buckminster Fuller, pelas perspectivas sociológicas e tecnológicas em geral sobre problemas atuais; e a todos os seguintes: Barbara Hubbard, Alan Harrington, F. M. Esfandiary, dr. Paul Watzlavik, dr. Eric Berne, dr. Paul Segall, dr. Israel Regardie, Alvin Toffler, Phil Laut, dr. Sigmund Freud, dr. Carl Jung, Alan Watts, Alfred Korzybski e Aleister Crowley. Os membros do Physics/Consciousness Research Group (dr. Jack Sarfatti, dr. Nick Herbert e Saul Paul Sirag) contribuíram mais do que está indicado nestas páginas pelas minhas escassas e breves referências à teoria quântica; eles são responsáveis pela minha total compreensão da epistemologia.

Nenhuma dessas pessoas é responsável pelos meus erros ou exageros.

Índice

Prefácio à Segunda Edição	11
Introdução	17
Capítulo 1 – O Pensador e o Demonstrador	23
Capítulo 2 – Hardware e Software: o Cérebro e Seus Programas	31
Capítulo 3 – O Circuito da Biossobrevivência Oral	40
Capítulo 4 – O Circuito Anal Territorial-Emocional	54
Capítulo 5 – Dickens e Joyce: a Dialética dos Dois Circuitos	76
Capítulo 6 – O Circuito Semântico da Vinculação do Tempo	82
Capítulo 7 – A Dialética da Vinculação do Tempo: Aceleração e Desaceleração	94
Capítulo 8 – O Circuito Sociossexual “Moral”	107
Capítulo 9 – Lavagem Cerebral e Programação Cerebral	131
Capítulo 10 – Como Realizar uma Lavagem Cerebral em Seus Amigos e Robotizá-los	142
Capítulo 11 – O Circuito Holístico Neurossomático	157
Capítulo 12 – O Circuito Neurogenético Coletivo	174
Capítulo 13 – Introdução ao Circuito da Metaprogramação	183
Capítulo 14 – O Circuito da Metaprogramação	192
Capítulo 15 – Modelos Diferentes e Apuros Diferentes	201
Capítulo 16 – O Princípio de SNAFU (O Princípio do Caos)	213

Capítulo 17 – Evolução Quântica	226
Capítulo 18 – O Circuito Quântico Não Local	236
Capítulo 19 – A Ascensão de Prometeu.	241
Apêndice	251

Prefácio à Segunda Edição

Dane-se o governo!
– *Lendas da Paixão*

Dane-se a classe média!
– *Evita*

Como a maioria dos meus livros, este texto surgiu apenas em parte do meu projeto consciente e em parte de acidentes suspeitos. Ele começou, na verdade, como uma tese em Ph.D., intitulada “The Evolution of Neuro-sociological Circuits: A Contribution to the Sociobiology of Consciousness” (A Evolução dos Circuitos Neurossociológicos: uma Contribuição à Biologia Social da Consciência), que escrevi em 1978-1979 para uma universidade alternativa chamada Paideia. Naquela época, Paideia estava classificada como Aprovada pelo Estado, a mais alta classificação para as universidades alternativas na Califórnia, onde temos alternativas para tudo e o Estado é requisitado a classificar as alternativas em uma escala que vai de “experimental” a totalmente tresloucadas. Infelizmente, Paideia, depois de atingir relativa respeitabilidade como “alternativa”, juntou-se a um estabelecimento muito mais radical e utópico, a Hawthorn University, e perdeu sua alta classificação entre os dispositivos educacionais da contracultura na Califórnia, caindo de Aprovada para Autorizada, uma classificação bem mais baixa. As duas juntaram-se então a outros estabelecimentos desarticulados, nenhum dos quais era absolutamente reconhecido pelo Estado, o que serviu perfeitamente a seus novos dirigentes, uma vez que eles também não reconheciam o Estado.

Na Irlanda, em 1982, preso a uma dissertação que muito apreciava e a um diploma de Ph.D. que, em razão do colapso de Paideia, parecia menos expressivo, decidi reescrever o manuscrito de uma forma mais comercial. A primeira mudança consistiu em remover todas as notas de rodapé (cerca de duas por sentença), o que conferia ao original um aspecto verdadeiramente acadêmico, mas, por outro lado, aborreceria o leitor comum. Então, expressei-me de modo um pouco mais direto (e talvez até ofensivo) em muitas ocasiões, adicionando boa parte ao humor e nada ao bom gosto. Também escrevi alguns capítulos a mais, criei todos os exercícios e esquematizei os diagramas para as ilustrações.

Depois, com habilidade e esperteza, removi a maioria das referências ao dr. Timothy Leary das partes iniciais do livro e apenas deixei seu nome aparecer com frequência depois da metade da obra. Eu tinha um bom motivo, baseado na experiência, para pressentir que, como o dr. Tim estava na lista negra da Sede dos Editores (a Fundação) naquela época, qualquer livro, aberta e assumidamente baseado em suas ideias, seria também jogado no lixo.

Pensei que eu tivesse então um livro “popular”, e provavelmente quase o tivesse. O primeiro editor a quem o enviei, Jeremy Tarcher, manteve-o sob análise por um ano inteiro antes de rejeitá-lo; sua única explicação para essa rejeição fundamentava-se na mistura de supostas tecnologias e gíria da contracultura que, desde então, se tornou o meu estilo mais frequente nos livros de não ficção. (Baseia-se no modo como eu realmente falo.) Quando tentei a Falcon, em seguida, eles aceitaram em 48 horas, e recebi adiantado um cheque nas 48 horas seguintes. “Oh dia fabuloso!”

Um mês depois, tive novas notícias de Tarcher: ele havia mudado de ideia e decidido que, afinal, queria o livro. Eu estava então em um dos meus períodos de pobreza aguda (algo que acontece periodicamente a todos os escritores *freelance*) e foi com grande esforço que me segurei para não ofendê-lo. Só disse a ele que havia negociado um contrato com outro editor.

Com a Falcon como editora, eu então inseri as páginas de agradecimentos, dando a Leary o crédito que ele merecia logo no início, e dirigindo-lhe uma dedicatória. A Falcon, como eu esperava, não fez qualquer objeção. Ela sempre serviu como uma alternativa à Sede dos Editores (a Fundação), exatamente como a Paideia serviu de alternativa semelhante para a Fundação Acadêmica (*Academic Establishment*).

Prometeu foi um dos primeiros livros da Falcon e, penso eu, o primeiro a ter sua composição tipográfica computadorizada; como costuma

acontecer com empreendimentos pioneiros, ele surgiu com uma falange de erros tipográficos que por anos me constrangeram de forma considerável. (Quando o jornal *Chronicle*, de São Francisco, foi impresso pela primeira vez por computador, também teve problemas semelhantes. Lembro-me de uma história na qual o chefe de polícia, falando sobre drogas, divagava em uma sentença sobre a emoção de conhecer Mickey Mouse e Pateta. Presumo que essa história derivasse de outra, mas ela fez parecer que o chefe de polícia tivesse, ele mesmo, tomado alguma droga estranha.) Nesta edição, corriji os erros que consegui encontrar; tenho agora conhecimento suficiente para pensar que corriji todos. (A Décima Lei de Wilson: não importa quantas vezes o autor revise a prova de seu livro, críticos hostis sempre acharão pelo menos um erro que ele deixou passar.)

Também atualizei tudo o que achei necessário atualizar. Até acrescentei algumas ideias novas (que, é claro, me parecem brilhantes só porque são novas), assim como algumas piadas novas, e dei ao texto em geral uma significativa melhora em sua aparência. Ele ainda é um dos meus livros preferidos e parece ter alta reputação na estima da maioria dos meus fãs.

Na Alemanha, Suécia e Áustria do fim da década de 1980, havia três versões simultâneas em alemão – uma edição de luxo pela Sphinx Verlag de Zurique, uma edição simples pela Rowalt Verlag de Hamburgo e até uma edição pirata, mais barata, produzida pelos ocupados trogloditas do *unterwelt*. Esta última, é claro, não rendeu quaisquer direitos autorais, mas indicou que eu tinha três públicos em três diferentes níveis econômicos, o que fez com que me sentisse um autor bem popular na Europa Central.

Ao contemplar a décima edição deste livro “estranho” ou “bizarro”, que começou a sua carreira em 1978, sinto-me um tanto quanto constrangido pelas previsões que provaram ser superotimistas. (Eu as reexaminei, é claro, e as afinei baseando-me em meu conhecimento atual e em meus melhores palpites.) Sinto-me muito mais aturdido e satisfeito pelo fato de que muitas das previsões parecem agora bem menos chocantes do que quando eu as publiquei pela primeira vez. De fato, aqui, as imagens mais insanas e “utópicas” do futuro são precisamente aquelas que tiveram o maior respaldo científico na década de 1990. Enxergar duas décadas à frente, até mesmo em poucas áreas, conta como um tipo de sucesso no jogo do futurismo. E todo boletim da conflitada estação espacial MIR lembra-me de que, se minhas previsões espaciais

adivinhassem “muito com muita antecendência”, parte do que eu esperava já existiria de fato e o restante estaria obviamente em desenvolvimento.

Sinto-me mais mortificado pela minha evocação lírica da Intensificação da Inteligência. Na década de 1970, simplesmente não reconheci o quanto a “revolução jovem” da década de 1960 havia aterrorizado a nossa elite governante ou que ela tentaria evitar futuras insurgências do utopismo radical ao “emburrecer” deliberadamente o sistema educacional. Produzida por eles, a assim chamada Geração X, deve estar classificada não apenas como a mais ignorante, mas também como a juventude mais paranoica e deprimida que já infestou a nossa República. Eu concordo com a rebelde estrela do rádio, Travis Hipp, de que a paranoia e a depressão resultam inevitavelmente da ignorância. Esses jovens não apenas nada sabem; eles sequer querem saber.¹ Eles apenas percebem, vagamente, que alguém os privou de alguma coisa, mas eles não têm entusiasmo ou estômago para tentar descobrir quem os privou e do que eles foram privados.

Felizmente, essa Era da Estupidez não poderá durar muito tempo, pois a maioria das pessoas já sabe que, se quiser uma boa tevê ou um bom vídeo, deverá comprar um de marca japonesa; carro bom é japonês ou alemão, etc. Chegará o dia em que, a fim de competir, a elite terá de permitir um pouco mais de educação à juventude americana, antes que afundemos totalmente ao nível de uma nação de Terceiro Mundo.

Outro dia assisti ao filme chamado *No limite*, que considerei ser a melhor produção de Hollywood desde *O silêncio dos inocentes*. Talvez não por coincidência, esse filme também teve o ator Anthony Hopkins no papel principal. Em uma cena, Hopkins e seu coadjuvante, Alec Baldwin, aparecem em uma situação absolutamente desesperadora, perdidos no Ártico, perseguidos por um urso faminto, sem armas e aparentemente sem saída. Baldwin entra em colapso e Hopkins tem um monólogo magnífico, tentando tirar Baldwin de seu desespero. A fala segue mais ou menos assim: “Você sabia que é possível fazer fogo a partir do gelo? É possível, sabe? Fogo a partir do gelo. Pense nisso. Fogo a partir do gelo. Pense. Pense”.

Esse enigma tem tanto uma resposta pragmática quanto simbólica (alquímica). A resposta pragmática você pode encontrar no filme, explicitamente; e pode provar ser útil se algum dia você se perder nas

1. Uma das porta-vozes da Geração X, Shanna Nix, tem um programa na KGO, uma das mais poderosas rádios da Costa Oeste. Em seu programa, ela declarou que o Vaticano não é um Estado. Em outro, ela proclamou que a *Jury Nullification* [Anulação de Júri] foi uma invenção recente da extrema direita, etc.

florestas do norte; e a resposta alquímica ou zen-budista também está no filme, implicitamente, e apenas perceptível àqueles que entendem o personagem denso que Hopkins interpreta na narrativa. Ela pode provar ser útil sempre que o desespero pareça dominá-lo.

Assim, para aqueles que no final deste livro ainda não conseguiram entender ou simpatizar com a minha afirmação nietzschiana, eu repito:

“Fogo a partir do gelo. Pense. Pense.”

Quem foi esse Prometeu e por que ele nos deu o fogo, afinal?

Robert Anton Wilson

Na internet: <www.rawilson.com>.

Nota do Editor:

A Madras Editora não participa, endossa ou tem qualquer autoridade ou responsabilidade no que diz respeito a transações particulares de negócio entre o autor e o público.

Quaisquer referências de internet contidas neste trabalho são as atuais, no momento de sua publicação, mas o editor não pode garantir que a localização específica será mantida.

Introdução

Por Israel Regardie

A habilidade de criar uma síntese de diversos pontos de vista, científico, social e filosófico, é um dom raro. Não há muitos que se atrevem até mesmo a tentar realizar essa tarefa.

Imagine qualquer um tentando decifrar um amálgama dos oito circuitos neurológicos de Timothy Leary, dos exercícios de auto-observação de Gurdjieff, da semântica geral de Korzybski, dos teoremas mágicos de Aleister Crowley, das várias disciplinas da ioga, da Ciência Cristã, da relatividade e da mecânica quântica moderna e das muitas outras abordagens à compreensão do mundo ao nosso redor! É necessário que um homem tenha uma educação quase enciclopédica, uma mente incrivelmente flexível, *insights* tão precisos quanto aqueles que ele procura sintetizar e, *mirabile dictu*, um maravilhoso senso de humor.

Por muitos anos – desde que eu me familiarizei com as obras de Robert Anton Wilson –, tenho me admirado com o seu contagiante e sempre presente senso de humor assim como o amplo escopo de seus interesses intelectuais. Certa vez, fui mesmo muito presunçoso a ponto de alertá-lo em uma carta de que seu humor era bom demais para ser desperdiçado com os *hoi polloi* (pessoas vulgares) que, de maneira geral, não o entenderiam e talvez até mesmo se ressentissem. Entretanto, esse brilho efervescente do coração se tornou mais aparente em *O Gatilho Cósmico** e ainda mais na trilogia *Schrödinger's Cat*. Tenho me perguntado, às vezes, se o escopo extraordinariamente amplo de seu percurso intelectual não é muito extenso e, portanto, perplexo para o

*N.E.: Obra publicada no Brasil pela Madras Editora.

leitor comum. Seja como for, o humor e a síntese estão ainda mais marcados nesta brilhante e ambiciosa obra, *Ascensão de Prometeu*.

Se a sua leitura já o tornou familiar com alguns dos conceitos empregados por Wilson neste livro, ainda assim sua elucidação, até mesmo que seja do conceito mais simples, do conceito mais básico, é iluminadora. Neste momento, refiro-me à teoria da “cunhagem” da qual ele faz considerável uso. Isso também é bastante verdadeiro em relação às suas referências e explicações dos oito circuitos neurológicos de Leary. Tornamo-nos familiares com eles novamente, como se nunca nos tivessem sido apresentados anteriormente.

Além disso, eu gosto do uso sutil e quase invisível do dogma místico que permeia todos os seus escritos. Por exemplo, considere a abertura do Capítulo 6. Ela cita uma sentença particularmente significativa de William S. Burroughs. Não há menção – nem necessidade de haver – a qualquer ensinamento anterior relacionado a essa Lei do Três, como pode ser chamada. Mas uma doutrina que emanou de uma escola mística medieval filosofa que há sempre duas forças em conflito – por conveniência, rotuladas Severidade e Brandura – com uma terceira que sempre as reconcilia. Ela é fundamental para essa doutrina que tem sido afirmada e reafirmada em uma dúzia ou mais de modos diferentes no decorrer dos séculos, culminando finalmente na ideia enunciada por Burroughs e, é claro, usada por Wilson.

Há dúzias de sementes de sabedoria semelhantes disseminadas por todo o livro *Ascensão de Prometeu*, destinadas a ter um efeito seminal onde e sempre que ele esteja sendo lido. Esta é uma das muitas virtudes da obra de Wilson: ela deixará a sua marca em todos aqueles que a lerem – e aquelas sementes certamente germinarão e florescerão nas mentes mais improváveis – bem como nas mais prosaicas. Os defensores do tarô encontrarão as interpretações mais inusitadas e iluminadoras de algumas de suas cartas favoritas quando o autor se ampara nos circuitos neurais básicos. Eu as achei iluminadoras porque fornecem um novo ponto de vista que devia ser integrado em minha visão geral desses assuntos.

A única área em que eu tendia relutantemente a discordar de Wilson era no que considerei como a sua adição (vício) a uma Utopia – que ele, com suficiente eloquência, expressa como “as dores do parto de um Prometeu cósmico emergindo do longo pesadelo da história do primata domesticado”. A história da humanidade também é a de uma sequência de Utopias enunciada com entusiasmo e vigor, conclamando todos os fatos de fé e ciência (tal como existiam nesse espaço-tempo) a fim de

ratificar essa fantasia. Transcorre uma década ou talvez um século – e a fantasia não existe mais. A Utopia escorre pelo ralo para se juntar a todas as outras Utopias dos primatas anteriores. Entretanto, espero sinceramente que Wilson esteja *certo* nesse caso.

Ora, eu não ignoro o fato de que a Utopia à qual Wilson se refere, dando voz a muitas das melhores mentes científicas e filosóficas de nossa época, seja uma possibilidade distinta em *algum tempo*. Para mim, a possibilidade de ela ocorrer dentro da próxima década parece pouco provável. É claro que ela pareça improvável apenas em termos do estado atual do conhecimento mundial, ou a falta dele, porque ela implica a ocorrência de um “milagre” simultâneo em um universo de primatas vivos – quaisquer que sejam as teorias semânticas envolvidas no significado da palavra “simultâneo”.

De qualquer modo, esse é um ponto de menor importância, considerando o brilho seminal da maior parte deste livro iluminador.

Em um livro publicado anteriormente, Wilson escreveu que

[em] 1964, dr. John S. Bell publicou uma demonstração que ainda abala os físicos. O que Bell parecia comprovar era que os efeitos quânticos são “não locais” no sentido de Bohm; ou seja, eles não estão apenas aqui ou ali, mas em ambos os lugares. O que isso aparentemente significa é que o espaço e o tempo são somente reais aos nossos órgãos de mamíferos dos sentidos: eles não são *realmente* reais.

Isso me lembra muito o conceito hindu da Rede de Indra. Ela é, às vezes, descrita como uma grande rede que se estende por todo o Universo, verticalmente para representar o tempo, horizontalmente para representar o espaço. Em cada ponto onde as linhas dessa rede de Indra se cruzam há uma conta de diamante ou de cristal, o símbolo de uma única existência. Cada conta de cristal reflete em sua superfície reluzente não apenas os outros cristais, na rede inteira de Indra, mas cada um dos reflexos de cada reflexo de todos os outros cristais sobre cada cristal individual – incontáveis, infinitos reflexos um do outro. Poderíamos também comparar isso a uma única vela colocada no centro de uma enorme sala. Em torno da sala, dez espelhos são dispostos de tal modo que, quando a vela é acesa, não se vê apenas seu reflexo em cada espelho individualmente, mas também os reflexos dos reflexos em todos os espelhos repetidamente *ad infinitum*.

Uma das muitas virtudes de *Ascensão de Prometeu* é que, usando os circuitos neurológicos de Leary, Wilson acredita que um novo paradigma filosófico está para emergir. Na verdade, essa é a resposta de

Wilson para a minha crítica à sua fantasia utópica. Pode não ser dentro de uma década que iremos perceber se isso é verdadeiro ou falso. Mas isso não é importante. O que está claro é que, graças aos *insights* de muitos pensadores modernos, a maioria das novas descobertas intelectuais não vem apenas do lento gotejar e da moagem de minúsculas novas descobertas ou de novas teorias que simplesmente são acrescentadas ao nosso presente arsenal de truísmos consagrados pelo tempo. Ao contrário, saltos quânticos, em uma perspectiva à la Teilhard de Chardin, ocorrem com um salto fantástico em direção a um novo horizonte ou nível de percepção. Esse *insight* geralmente vem de uma revolucionária visão global que restaura ou transforma o pensamento anterior em um novo e mais elucidativo quadro de referência.

Isso se encaixa em sua igualmente fascinante tese de que tudo o que é vivo está realmente *vivo* no sentido mais pleno e dinâmico da palavra. Ele se contorce, procura, pulsa, organiza e parece estar ciente de um movimento ascendente. Contorcer parece ser quase a palavra certa, trazendo à mente os mioclonismos da vegetoterapia de Wilhelm Reich que, em algum momento, perturbam incessantemente o paciente no divã que, conseqüentemente, sente que está desmoronando, fragmentando-se em mil pedaços. Na verdade, ele não está. É como se o organismo estivesse concentrando suas forças para um salto para cima ou para a frente em direção ao desconhecido, para uma ordem mais elevada de enxergar as coisas.

A transição para uma ordem mais elevada de funcionar – ou de agarrar-se a um circuito neural mais elevado – é com frequência acompanhada por uma considerável ansiedade ou por uma turbulência na vida pessoal, dando a impressão que o organismo estivesse desmoronando ou se partindo. Esse fenômeno de instabilidade é realmente o modo com que cada organismo vivo – sociedades, primatas humanos, soluções químicas, etc. – agita-se, por assim dizer, por meio de mioclonismos ou convulsões similares em novas combinações e permutas para níveis mais altos e novos de desenvolvimento. Assim, talvez, a Utopia do espaço-tempo de uma nova área de exploração primata tenha alguma validade afinal ao indicar que, quanto mais vigoroso o distúrbio ou o mioclonismo, maior é o salto quântico para um circuito neurológico mais elevado. Essa é uma razão pela qual acredito firmemente que a transição para a próxima espiral não será suave, mas com muito sofrimento e caos.

Tudo isso sugere, com Wilson e Leary, que o cérebro é consideravelmente mais sofisticado do que qualquer um de nós tivesse

anteriormente imaginado. É bem possível que ele opere em dimensões tão além do circuito neural inferior a ponto de, ocasionalmente, “jogar-nos um osso” para que continuemos a funcionar no mundo do “faz de conta” do *status quo* cotidiano. Enquanto isso, ele é uma estrutura multidimensional à vontade em muito mais do que o estreito mundo primata no qual fomos programados a viver. Ele talvez interprete ondas e frequências de outras dimensões, reinos de “luz” de uma realidade significativa moldada sem restrições – que estão aqui e agora – e que transcendem a presente realidade míope de nossas percepções rígidas e conceitualizações de espaço e tempo.

Nesse caso, o título deste livro, *Ascensão de Prometeu*, é representativo de muito mais do que um título cativante, mas um livro profundamente fascinante. Por outro lado, ele se torna um título pela própria tentativa que estamos ora realizando a fim de alcançarmos, por meio de um salto quântico, um mundo que tem sido vislumbrado apenas por alguns poucos. Wilson faz parte desse grupo que está se preparando e se nós, todos nós, os permitirmos, eles tomarão o nosso lugar no Novo Éon.

Encerrarei com uma citação de Wilson:

“Somos gigantes que, criados por pigmeus, aprenderam a andar curvados, em uma perpétua subserviência mental. Este livro diz respeito à libertação de nossa real estatura – o pleno poder do nosso cérebro”.

Israel Regardie
Phoenix, Arizona

AVISO

Wilson descreve-se como um “ontologista guerrilheiro”, expressando sua intenção de atacar a linguagem e o conhecimento da mesma maneira que os terroristas atacam seus alvos: surgindo das sombras para um ataque não provocado para depois se retirarem furtivamente e se esconderem por trás de uma profunda e sonora risada.

– Robert Sheaffer, *The Skeptical Inquirer*

CAPÍTULO 1

O Pensador e o Demonstrador

Tudo o que somos é o resultado de tudo o que pensamos. Tudo é fundado no pensamento. Tudo é baseado no pensamento.

– Buddha, *O Dhammapada*



William James, pai da psicologia americana, conta sobre um encontro com uma senhora de idade que lhe disse que a Terra repousava nas costas de uma enorme tartaruga.

“Mas, minha cara senhora”, perguntou o professor James, tão educadamente quanto possível, “e o que é que dá suporte à tartaruga?”.

“Ah”, ela disse, “isso é fácil. Ela está nas costas de outra tartaruga”.

“Oh, entendo”, disse o professor James, ainda educado. “Mas você seria capaz de me dizer o que é que dá suporte à segunda tartaruga?”

“É inútil, professor”, disse a velha senhora, percebendo que ele estava tentando conduzi-la a uma armadilha lógica. “É tartaruga-tartaruga-tartaruga *indefinidamente!*”.

Não ria precipitadamente dessa pequena senhora de idade. Toda mente humana funciona de acordo com princípios fundamentalmente semelhantes. O universo dela era um pouquinho mais estranho do que o da maioria, mas foi construído sobre os mesmos princípios mentais de cada um dos outros universos nos quais as pessoas já tenham acreditado.

De acordo com dr. Leonard Orr, a mente humana comporta-se como se fosse dividida em duas partes, o Pensador e o Demonstrador.

O Pensador pode pensar em praticamente qualquer coisa. A História mostra que ele pode pensar que a Terra está suspensa nas costas de infinitas tartarugas ou que a Terra seja plana, ou que a Terra esteja *flutuando no espaço*;² a religião e a filosofia comparativas mostram que o Pensador pode considerar-se mortal, imortal, mortal e imortal ao mesmo tempo (o modelo da reencarnação) ou até mesmo não existente (Budismo). Ele pode pensar estar vivendo em um universo cristão, em um universo marxista, em um universo científico-relativista ou em um universo nazista – dentre muitas possibilidades.

Tal como os psiquiatras e os psicólogos já observaram (para o grande desgosto de seus colegas médicos), o Pensador pode pensar-se doente e até mesmo pensar-se sadio novamente.

O *Demonstrador* é um mecanismo muito mais simples. Ele opera baseado em apenas uma lei: tudo o que o Pensador pensa, o Demonstrador comprova.

Para citar um exemplo notável que desencadeou horrores inacreditáveis no século XX, se o Pensador pensar que todos os judeus são ricos, o Demonstrador o provará. Ele encontrará evidência de que o mais pobre dos judeus, no gueto mais precário, tem dinheiro escondido em algum lugar. De modo semelhante, feministas são capazes de acreditar que todos os homens, inclusive os miseráveis e famintos moradores de rua, estejam explorando todas as mulheres, inclusive a rainha da Inglaterra.

Se o Pensador pensa que o Sol se move em torno da Terra, o Demonstrador obsequiosamente organizará de maneira que todas as percepções se enquadrem nesse pensamento; se o Pensador mudar de ideia

2. Milhões de pessoas acreditam nisso (inclusive o autor do livro).

e decidir que a Terra se move em torno do Sol, o Demonstrador reorganizará a evidência.

Se o Pensador pensar que a “água benta” de Lourdes curará o seu lumbago, o Demonstrador habilmente orquestrará todos os sinais das glândulas, músculos, órgãos, etc. até que se tenham organizado em boa saúde novamente.

É claro que é razoavelmente fácil perceber que a mente das outras pessoas opere dessa maneira; entretanto, é comparativamente mais difícil tornar-se consciente de que sua própria mente esteja funcionando dessa mesma maneira.

Acredita-se, por exemplo, que alguns homens sejam mais “objetivos” do que outros. (É raro ouvir isso em relação às mulheres...) Homens de negócio são supostamente durões, pragmáticos e “objetivos” nesse sentido. Um breve exame das políticas toscas que a maioria deles endossa corrigirá rapidamente essa impressão.

Entretanto, os cientistas também são considerados objetivos, mas nenhum estudo de suas vidas confirmará isso. Eles eram tão *passionais* e, portanto, tão preconceituosos quanto um conjunto de grandes pintores ou de grandes músicos. Não só a Igreja, mas também os astrônomos daquela época condenaram Galileu. A maioria dos físicos rejeitou a Especial Teoria da Relatividade de Einstein, em 1905. O próprio Einstein nada aceitava que dissesse respeito à teoria quântica depois de 1920, não importando quantos experimentos a apoiassem. O apego de Edison aos geradores de corrente elétrica direta (CD) levou-o a insistir durante anos que os geradores de corrente alternada (CA) eram perigosos, mesmo depois que sua segurança tinha sido mundialmente comprovada.³

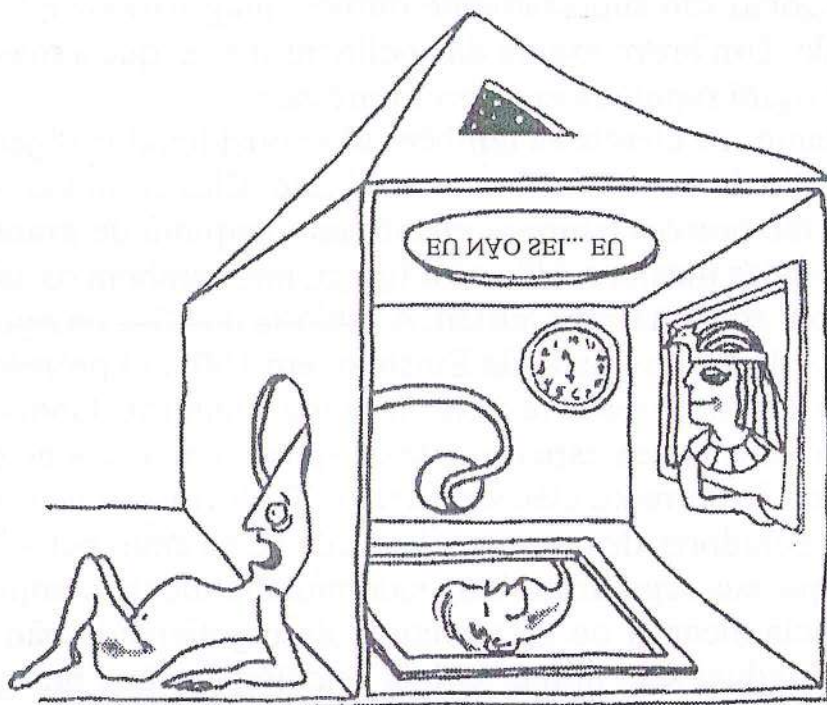
A ciência alcança ou se aproxima da objetividade não porque o cientista individual seja imune às leis psicológicas que nos governam, mas porque o método científico – uma criação grupal – sobrepuja afinal os preconceitos individuais, em longo prazo.

Para citar um exemplo notável da década de 1960, houve um momento em que três grupos de pesquisa haviam “comprovado” que o LSD causa dano ao cromossomo, enquanto outros três grupos haviam “comprovado” que o LSD não tem efeito sobre os cromossomos. Em

3. A teimosia de Edison em relação a esse assunto era parcialmente o resultado de sua inveja de Nikola Tesla, o inventor dos geradores de corrente alternada. Tesla, por outro lado, recusou o Prêmio Nobel quando este lhe foi oferecido em *conjunto* com Edison, porque se recusava a aparecer no mesmo palco que Edison. Ambos esses gênios eram apenas capazes de “objetividade” e ciência em certas condições limitadas ao laboratório. Se você acha que tem um “quociente de objetividade” maior do que qualquer um dos dois, por que ainda não foi nomeado para o Prêmio Nobel?

cada um dos casos, o Demonstrador comprovou o que o Pensador pensou. Atualmente, há na física sete experimentos que confirmam um conceito muito controverso conhecido como Teorema de Bell e dois experimentos que refutam o Teorema de Bell. No campo da percepção extrassensorial, os resultados são uniformes depois de mais de um século: todos aqueles que se propõem a comprovar que a experiência extrassensorial existe conseguem comprová-la, e todos aqueles que se propõem a comprovar que ela não existe também o conseguem.

“Verdade” ou verdade relativa emerge apenas depois de décadas de experimentos realizados por milhares de grupos por todo o mundo.



A longo prazo e com o passar dos séculos, esperamos conseguir aproximar-nos cada vez mais da “Verdade objetiva”.

A curto prazo, a lei de Orr sempre vale:

O que quer que o Pensador pense, o Demonstrador o comprova.⁴

E se o Pensador pensa com paixão suficiente, o Provedor provará que o pensamento é tão conclusivo que você nunca conseguirá convencê-lo do contrário, mesmo se for algo tão notável quanto a noção de que há um vertebrado *gasoso* de proporções astronômicas (“DEUS”) que passará toda a eternidade torturando as pessoas que não acreditam em sua religião.

EXERCÍCIOS

Por mais triste que seja, você nunca entenderá nada simplesmente lendo um livro. É por isso que todo curso de ciências inclui experimentos em laboratório e todo movimento de liberação da consciência demanda práticas de ioga, meditação, técnicas de enfrentamento, etc., nas quais as ideias são testadas no laboratório do seu próprio sistema nervoso.

O leitor *não* entenderá absolutamente nada deste livro a menos que ele ou ela faça os exercícios propostos no final de cada capítulo.

Para explorar o Pensador e o Demonstrador, tente o seguinte:

1. Visualize uma moeda de 25 centavos e imagine *vivamente* que você encontrará a moeda na rua. Depois, procure pela moeda toda vez que você estiver andando na rua, enquanto continua a visualizá-la. Veja quanto tempo leva para que você encontre a moeda.

2. Explique o experimento acima pela hipótese da “atenção seletiva” – ou seja, *acredite* que há muitas moedas de 25 centavos perdidas por todo lugar e que você está prestes a encontrar uma por procurá-la continuamente. Procure uma segunda moeda.

3. Explique o experimento pela hipótese alternativa “mística” de que “a mente controla tudo”. *Acredite* que você fez a moeda se manifestar no Universo. Procure por uma segunda moeda.

4. Se o leitor for um cientista, não se assuste. Isso não se refere a você, mas apenas àqueles que foram consagrados tolos no campo oposto e que se recusam a reconhecer que sua teoria é a única razoável. É claro.

4. Compare o tempo que levou para encontrar a segunda moeda usando a primeira hipótese (atenção) com o tempo que levou usando a segunda hipótese (mente sobre a matéria).

5. Com sua própria engenhosidade, invente experimentos similares e cada vez compare as duas teorias – “atenção seletiva” (coincidência) *versus* “a mente tudo controla” (psicocinese).

6. Evite chegar a qualquer forte conclusão prematuramente. No final de um mês, releia este capítulo, repense e ainda adie chegar a qualquer conclusão dogmática. *Acredite ser possível que você ainda não saiba tudo e que você possa ter alguma coisa a aprender.*

7. Convença-se⁵ (se já não estiver convencido) de que você é feio, sem atrativos e sem graça. Vá a uma festa com isso em mente. Observe como as pessoas tratam você.

8. Convença-se (se já não estiver convencido) de que você é lindo, irresistível e inteligente. Vá a uma festa com isso em mente. Observe como as pessoas tratam você.

9. Este é o mais difícil de todos os exercícios e divide-se em duas partes. *Primeiro*, observe bem e imparcialmente dois amigos próximos e dois relativamente estranhos. Tente imaginar o que os Pensadores pensam e como os seus Demonstradores metodicamente se propõem a comprová-lo. *Segundo*, aplique o mesmo exercício a si mesmo.

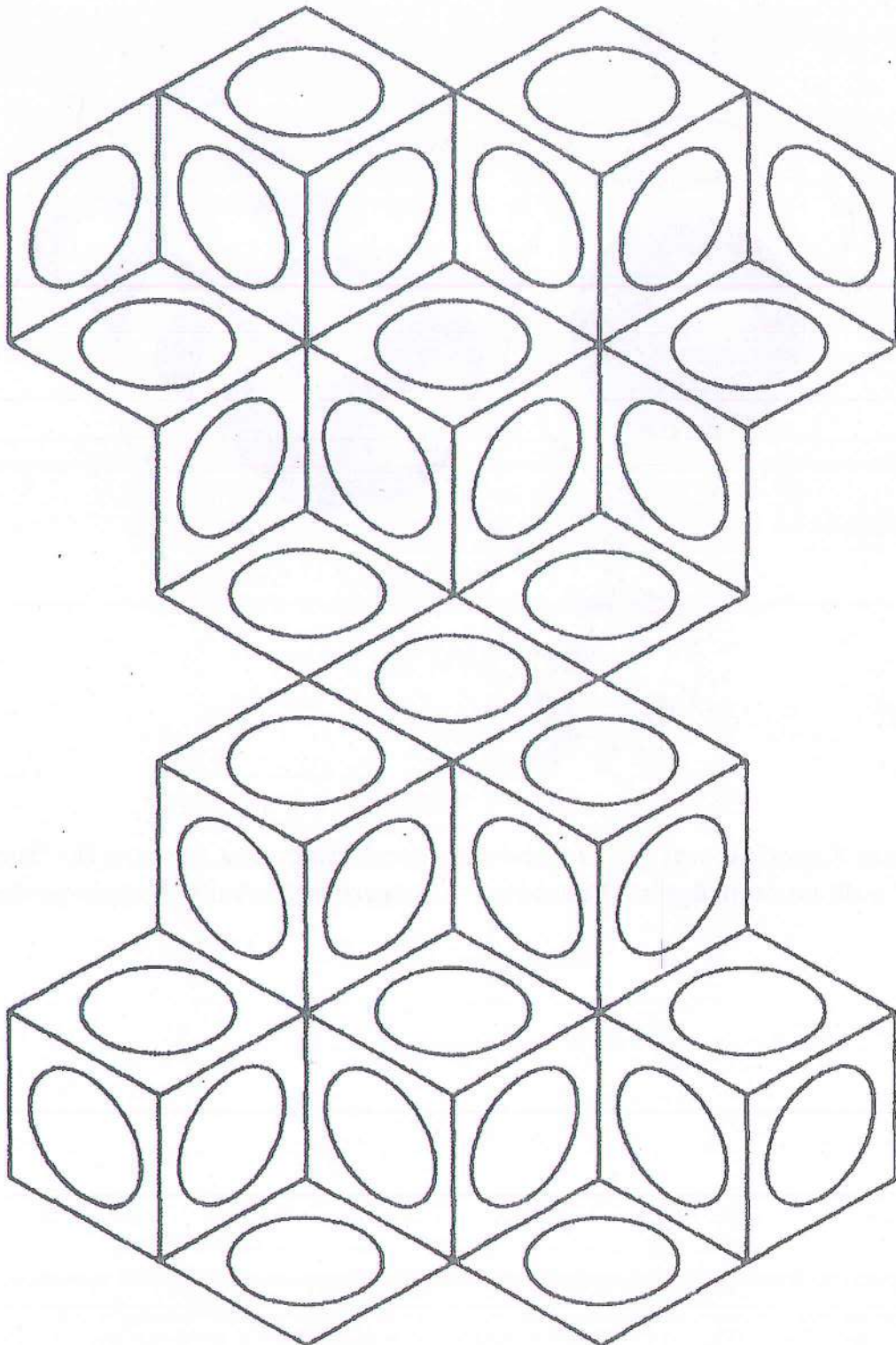
Se você pensa que aprendeu as lições destes exercícios em menos de seis meses significa que não tem se esforçado muito. Com muito trabalho, em seis meses você deveria estar apenas começando a perceber quão pouco você sabe sobre tudo.

10. Acredite ser possível que você possa flutuar acima do chão e voar apenas porque o deseja. Veja o que acontece.

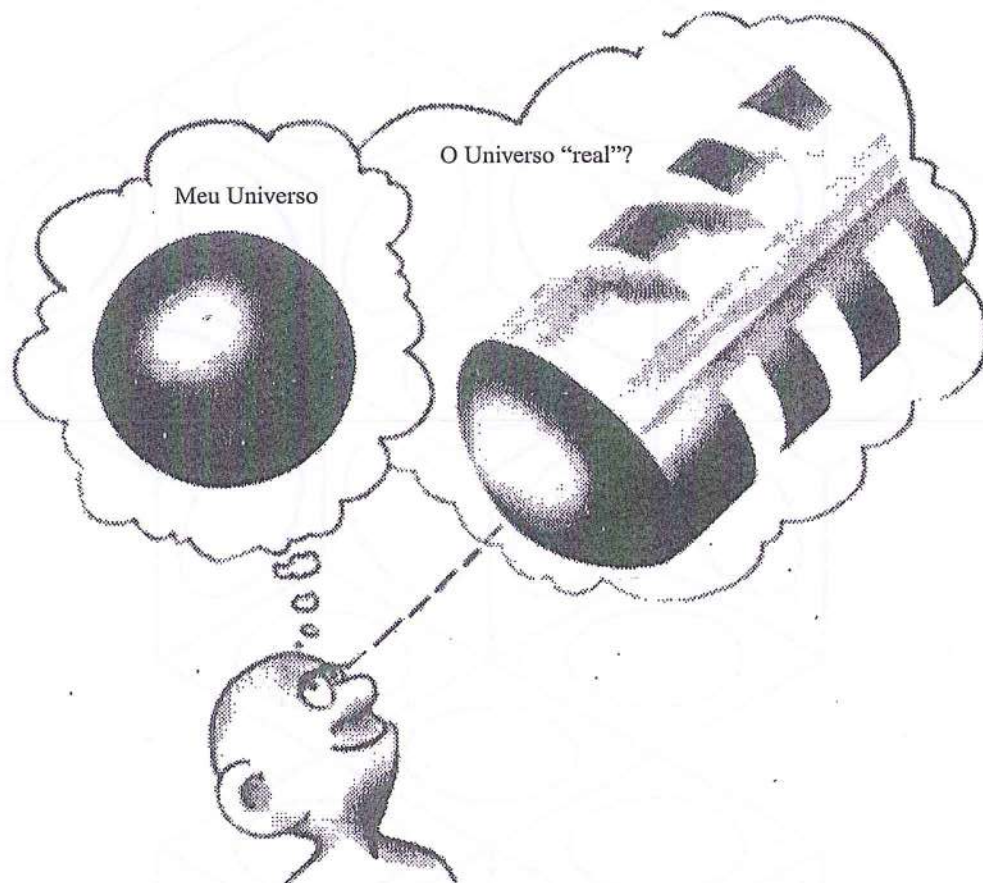
Se este exercício provar ser decepcionante para você tanto quanto o é para mim, tente o número 11, abaixo, que *nunca* é decepcionante.

11. Acredite que você pode exceder todas as suas ambições e esperanças anteriores em todas as áreas de sua vida.

5. “Acreditar” ou “convencer a si mesmo” significa fazer o que um ator faz: finja até que o fingimento pareça real. Ou, como dizem os músicos de jazz: “Finja até conseguir”.



TODOS OS MODELOS ESTÃO SUJEITOS À REVISÃO CONFORME SEGUE ESTE LIVRO. ELES TAMBÉM ESTÃO SUJEITOS À REVISÃO DEPOIS QUE O LIVRO ESTIVER TERMINADO – PELO AUTOR OU PELO LEITOR.



Modelo Experimental #1: O universo percebido é uma mistura do “universo real” e de nosso próprio “Pensador” – comprovando suas crenças preferidas.

CAPÍTULO 2

Hardware e Software: o Cérebro e Seus Programas

Nós, enquanto espécie, existimos em um mundo no qual há uma miríade de pontos de dados.⁶ Sobre essas matrizes de pontos sobrepomos uma estrutura⁷ e o mundo faz sentido para nós. O padrão da estrutura origina-se dentro de nossas propriedades biológicas e sociológicas.⁸

– Persinger e Lafreniere,

Space-Time Transients and Unusual Events

Por todo este livro, consideraremos o cérebro humano como um tipo de biocomputador – um computador eletrocoloidal, distinto dos computadores sólidos ou eletrônicos que existem fora de nossas cabeças.

Por favor, note cuidadosamente e lembre-se sempre de que não dissemos que o cérebro humano é um computador. A ideia aristotélica, de que para entender alguma coisa você deve saber o que ela é, foi abandonada por uma ciência após outra, pela razão pragmática de que a simples palavra “é” introduz tantas hipóteses metafísicas que podemos argumentar infinitamente a seu respeito. Nas ciências mais avançadas,

6. Em nossa terminologia, esses pontos de dados são eventos ou ações, isto é, verbos e não substantivos.

7. Em nossa terminologia, modelos ou mapas, coisas estáticas; substantivos e não verbos.

8. Em nossa terminologia, hardware e software do cérebro.

como a física matemática, ninguém fala sobre o que alguma coisa é. Fala-se sobre qual *modelo* (ou mapa) pode ser usado para entender melhor o que quer que seja investigado.

Em geral, esse hábito científico de evitar o “é” pode ser proveitosamente estendido a todas as áreas do pensamento. Assim, quando você lê em algum lugar que A é B, as coisas ficarão mais claras se você traduzir isso como “A pode ser considerado como, ou modelado por, B”.

Quando dizemos A é B, estamos dizendo que A é *apenas* o que aparece dentro de nosso campo de estudo ou nossa área de especialização. Isso é dizer demais. Quando dizemos que A *pode ser considerado como B*, ou *modelado por B*, estamos dizendo exatamente tanto quanto temos o direito de dizer, não mais do que isso.

Portanto, nós dizemos que o cérebro pode ser considerado como um computador; mas não dizemos que ele *é* um computador.

O cérebro parece ser constituído de matéria em suspensão eletrocoloidal (protoplasma).

Coloides são aglomerados para um estado de *gel* pelas tensões de sua superfície. Isso é porque a tensão de superfície aglomera todas as substâncias com propriedades de cola.

Por outro lado, coloides também são afastados para um estado de *sol* por meio de suas cargas elétricas. Isso ocorre porque suas cargas elétricas são similares, e cargas elétricas similares sempre se repelem.

No equilíbrio entre *gel* e *sol*, a suspensão coloidal mantém sua continuidade, e a vida continua. Leve a suspensão muito mais para o estado de gel ou para o estado de sol, e a vida acaba.

Qualquer substância química que atinja o cérebro altera o equilíbrio de gel-sol, e a “consciência” está sujeita a essa influência. Assim, batatas são, como o LSD, “psicodélicas” – de um modo mais brando. As alterações na consciência quando alguém sai de uma dieta vegetariana para uma dieta onívora, ou vice-versa, também são “psicodélicas”.

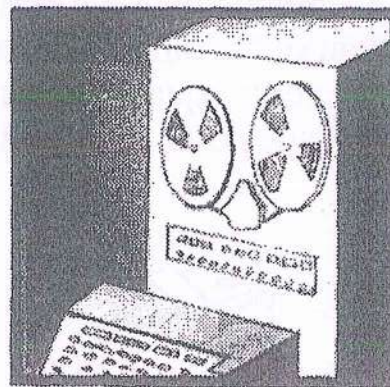
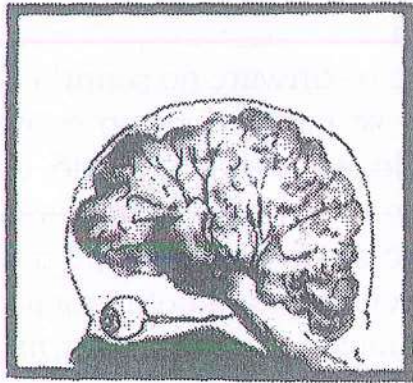
Como “O que o Pensador pensa, o Demonstrador comprova”, todas as nossas ideias são psicodélicas. Mesmo sem experimentar dietas ou drogas, o que quer que você pense que deveria ver, você *verá* – a menos que seja fisicamente impossível neste Universo.

Todo computador é constituído por dois aspectos, conhecidos como hardware e software. (Software aqui inclui informação.)

O hardware em um computador sólido é concreto e localizado, consistindo em uma unidade central de processamento, monitor, teclado, drive de disco externo, CD-ROM, disquetes, etc. – todas as partes

podem ser levadas para uma loja de consertos se o computador estiver funcionando mal.

O software consiste em programas que podem existir em muitas formas, inclusive a totalmente abstrata. Um programa pode estar “no” computador no sentido de que esteja gravado na CPU ou em um disco



O CÉREBRO NÃO É UM COMPUTADOR

MAS O CÉREBRO PODE SER MODELADO POR UM COMPUTADOR

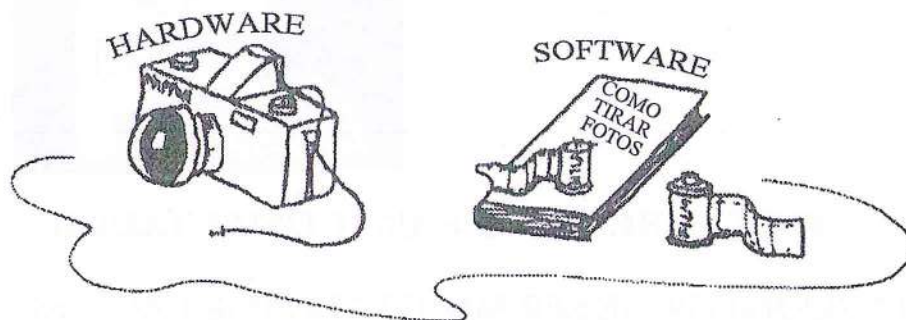


Toda experiência é uma confusão, até que elaboremos um modelo para explicá-la. O modelo pode esclarecer a confusão, mas o modelo nunca é a própria confusão. “O mapa não é o território”; o cardápio não tem o sabor da refeição.

que pode ser conectado ao computador. Um programa também pode existir em um pedaço de papel, se eu mesmo o inventei ou em um manual, se for um programa-padrão; nesses casos, ele não está “no” computador, mas pode ser colocado “no” computador a qualquer momento. Mas um programa pode ser ainda mais sutil do que isso; ele pode existir apenas na minha cabeça, se eu nunca o coloquei na forma escrita ou se eu o usei uma vez e depois o apaguei.

O hardware é mais “real” do que o software no sentido de que você pode localizá-lo no espaço-tempo – se não estiver no quarto, alguém deve tê-lo levado para a sala de estudo, etc. Por outro lado, o software é mais “real” no sentido de que você pode destruir o hardware totalmente (“matar” o computador) e o software ainda vai existir, e pode se “materializar” ou se “manifestar” novamente em um computador diferente.

(Nesse ponto, quaisquer especulações sobre reencarnação são de responsabilidade do leitor, não do autor.)



Ao falar do cérebro humano como um biocomputador eletrocoloidal, todos sabemos onde o hardware está: dentro do crânio humano. O software, entretanto, parece estar em qualquer lugar e em todo lugar. Por exemplo, o software “em” meu cérebro também existe fora dele em tais formas como, digamos, um livro que eu li há 20 anos, que era uma tradução inglesa de vários sinais transmitidos por Platão, 2.400 anos atrás. Outras partes do meu software são constituídas pelo software de Confúcio, de James Joyce, da minha professora da segunda série, dos Três Patetas, de Beethoven, de minha mãe e de meu pai, de Richard Nixon, de meus vários cachorros e gatos, do dr. Carl Sagan e de qualquer um e (até certo ponto) de *qualquer coisa* que já tenha tido algum impacto sobre meu cérebro. Isso pode soar estranho, mas é assim que um software (ou informação) funciona.

É claro, caso a consciência consistisse em nada além dessa tapioca indistinta de software atemporal e não espacial, não teríamos individualidade, nenhum centro, nenhum Ego.

Queremos saber, então, como pode uma pessoa específica emergir desse oceano universal de software.

O que o Pensador pensa, o Demonstrador comprova.

O cérebro humano, como o cérebro de outros animais, age como um computador eletrocoloidal e não como um computador de estado sólido; ele segue as mesmas leis dos cérebros de outros animais. Ou seja, os programas entram no cérebro como ligações eletroquímicas, em estágios quânticos discretos.

Cada conjunto de programas consiste em quatro partes básicas:

1. *Imperativos Genéticos*. Programas totalmente conectados ao hardware ou “instintos”.

2. *Cunhagens*. São programas mais ou menos conectados ao hardware e projetados geneticamente para que o cérebro os aceite *somente* em certos momentos de seu desenvolvimento. Esses momentos são conhecidos em etologia como períodos de *vulnerabilidade de cunhagem*.

3. *Condicionamento*. São programas construídos sobre as cunhagens. Eles são mais soltos e mais fáceis de mudar com um contracondicionamento.

4. *Aprendizado*. É ainda mais solto e “suave” do que o condicionamento.

Em geral, a *cunhagem* primordial sempre pode sobrepujar qualquer condicionamento ou aprendizado subsequente. Uma cunhagem é uma espécie de software que se tornou um hardware embutido, sendo cunhado sobre os neurônios mais sensíveis quando eles são peculiarmente abertos e vulneráveis.

Cunhagens (software congelado no hardware) são os aspectos não negociáveis de nossa individualidade. A partir da infinidade de programas possíveis existentes como potenciais softwares, a cunhagem estabelece os limites, os parâmetros, os *perímetros* dentro dos quais o condicionamento e o aprendizado subsequentes ocorrem.

Antes da primeira cunhagem, a consciência da criança é “sem forma e vazia” – tal como o Universo no início do *Gênesis* ou as descrições da consciência não condicionada (“iluminada”, ou explodida) nas tradições místicas. Assim que a primeira cunhagem é feita, uma estrutura emerge do vazio criativo. A mente em crescimento, infelizmente, fica presa nessa estrutura. Ela se identifica com a estrutura; em certo sentido, ela *se torna* a estrutura.

SEU HARDWARE É LOCAL: CÉLULAS CEREBRAIS AQUI E AGORA.



SEU SOFTWARE É NÃO LOCAL: EVENTOS PONTUAIS POR TODO LUGAR, A TODO MOMENTO.

Esse processo inteiro é analisado em *Laws of Form*, de G. Spencer Brown; e Brown estava escrevendo sobre os fundamentos da Matemática e da Lógica. Mas qualquer leitor sensível sabe que Brown está falando também do processo pelo qual todos passamos ao criar, a partir de um oceano infinito de sinais, aquelas edificações particulares que chamamos de “eu” e “meu mundo”. Não é de se surpreender que muitos usuários de ácido LSD disseram que a matemática de Brown é a melhor descrição já feita de uma viagem provocada pelo LSD.

Cada cunhagem sucessiva complica o software que programa nossa experiência e *que nós experimentamos como “realidade”*.

Condicionamento e aprendizado constroem outras redes sobre essa fundação de software cunhado. A estrutura total desse circuito cerebral constitui nosso mapa do mundo. É o que o nosso Pensador pensa, e nosso Demonstrador automaticamente assenta todos os sinais de entrada dentro dos limites desse mapa.

Seguindo o dr. Timothy Leary (com algumas modificações), dividiremos esse hardware cerebral em oito circuitos *por conveniência*. (“Por conveniência” significa que esse é o melhor mapa que eu conheço até este momento. Presumo que será substituído por um mapa melhor dentro de 10 ou 15 anos; de qualquer modo, o mapa não é o território.)

Quatro dos circuitos são “antigos” e conservadores, eles existem em nós todos (exceto em crianças abandonadas ou perdidas que viveram em ambientes selvagens).

1. *O Circuito Oral da Biossobrevivência.* É cunhado pela mãe ou pelo primeiro objeto que represente a maternidade e é condicionado pela subsequente nutrição ou ameaça. É primeiramente relacionado à sucção, alimentação, ao abraço e a qualquer segurança oferecida por um corpo. Ele recua automaticamente diante do nocivo ou predatório – ou ante qualquer coisa *associada* (pela cunhagem ou condicionamento) ao nocivo ou predatório.

2. *O Circuito Anal Territorial-Emocional.* Este é cunhado no estágio em que o bebê se levanta, anda e começa a se esforçar por obter poder dentro da estrutura da família. Esse circuito majoritariamente mamífero processa as regras territoriais, jogos emocionais ou trapagens, ordem na matilha e rituais de *dominação* ou *submissão*.

3. *O Circuito Semântico da Vinculação do Tempo.* É cunhado e condicionado por artefatos humanos e sistemas simbólicos. Ele “manuseia” e “embala” o ambiente, classificando tudo de acordo com o túnel de realidade local. Inventar, calcular, prever e transmitir sinais através das gerações são suas funções.

4. *O Circuito Sociossexual “Moral”.* Este é cunhado pelas primeiras experiências de orgasmo-acasalamento na puberdade e é condicionado pelos tabus tribais. Ele processa prazer sexual, definições locais de “certo” e “errado”, reprodução, personalidade parental adulta (papel sexual) e educação do jovem.

O desenvolvimento desses circuitos, à medida que o cérebro evoluiu com o tempo, e que cada cérebro de primata (humano) domesticado recapitula a evolução ao passar da infância para a idade adulta, torna possível a sobrevivência do conjunto de genes, a sociobiologia mamífera (ordem ou política de importância) e transmissão da cultura.

O segundo grupo de quatro circuitos cerebrais é mais novo e cada circuito existe atualmente apenas em minorias. Enquanto os antigos circuitos recapitulam a evolução até o presente, esses circuitos futurísticos pré-constituem a nossa evolução futura.

5. *O Circuito Neurossomático Holístico.* É cunhado pela *experiência do êxtase*, via iogas biológicas ou químicas. Ele processa *conjuntos de feedback* neurossomáticos (“mente-corpo”), êxtase somático-sensorial, sensação de “embriaguez”, “cura pela fé”, etc. A Ciência Cristã, a Programação Neurolinguística e a medicina holística consistem em truques e trapagens a fim de colocar esse circuito em ação, ao menos temporariamente; a ioga tântrica diz respeito à mudança total da consciência para esse circuito.

6. *O Circuito Neurogenético Coletivo*. Este é cunhado pelas iogas avançadas (ênfases eletroquímicas). Ele processa sistemas de *feedback* de DNA-RNA cerebrais e é “coletivo”, pois contém e tem acesso a todo o “compêndio” (“script”) evolucionário, passado e futuro. A experiência desse circuito é numinosa, “mística”, arrebatadora; aqui habitam os arquétipos do Inconsciente Coletivo de Jung – Deuses, Deusas, Demônios, Anões Peludos e outras personificações dos programas de DNA (instintos) que nos governam.

7. *O Circuito da Metaprogramação*. É cunhado pelas mesmas iogas avançadas. Consiste, em termos modernos, na consciência cibernética, reprogramando e recunhando todos os outros circuitos, até mesmo reprogramando a si mesmo, tornando possível a escolha consciente entre universos alternativos ou túneis de realidade.

8. *O Circuito Quântico Não Local*. Este é cunhado pelo Choque, pela experiência de “quase morte” ou “morte clínica”, pelas experiências extracorpóreas, pelas percepções transtemporais (“precognição”), pelas visões transespaciais (experiência extrassensorial), etc. Ele sintoniza o cérebro com o sistema de comunicação quântica não local sugerido por físicos como Bohm, Walker, Sarfatti, Bell, etc.

Esses circuitos serão explicados em detalhe conforme prosseguimos.

EXERCÍCIOS

1. Se você ainda não tem um computador, corra e compre um. Depois releia este capítulo.

2. Para entender o que *hardware* e *software* são (conforme aplicado ao cérebro humano), execute a seguinte meditação.

Sente-se em uma sala onde você não será perturbado por meia hora e comece a pensar: “Estou sentado nesta sala fazendo este exercício porque...” e liste tantos porquês quantos você possa pensar.

Por exemplo, você está fazendo este exercício porque, obviamente, o leu neste livro. Por que comprou este livro? Alguém o recomendou? Como essa pessoa entrou na sua vida? Se você apenas pegou este livro em uma livraria, por que aconteceu de você estar exatamente naquela livraria nesse mesmo dia?

Por que você lê livros deste tipo – sobre psicologia, consciência, evolução, etc.? Como você se interessou por esses campos? Quem lhe falou a respeito e há quanto tempo? Quais fatores em sua infância levaram você a ficar interessado, mais tarde, nesses assuntos?

Por que você está fazendo este exercício *nesta* sala e não em outro lugar? Por que você comprou ou alugou esta casa ou apartamento? Por que você está nesta cidade e não em outra? Por que neste continente e não em outro?

Por que você está aqui afinal – ou seja, como seus pais se conheceram? Eles conscientemente decidiram ter um filho, por acaso você sabe, ou você foi um acidente? Em quais cidades eles nasceram? Se nasceram em cidades diferentes, por que eles se mudaram no espaço-tempo de modo que seus caminhos se cruzassem?

Por que este planeta é capaz de suportar vida, e por que ele produz o tipo de vida que imaginaria um exercício deste tipo?

Repita este exercício alguns dias depois, tentando perguntar e responder 50 questões nas quais você não pensou da primeira vez. (*Note que você nunca pode perguntar todas as questões possíveis.*)

Evite todas as especulações metafísicas (por exemplo, carma, reencarnação, “destino”, etc.). O ponto do exercício ocupará suficientemente sua mente para precisar introduzir teorias “ocultas”, e ele será ainda mais surpreendente se você evitar cuidadosamente tais especulações manifestamente “místicas”.

4. Pegue qualquer item doméstico – uma colher, uma caneta, uma xícara, etc. Execute o mesmo exercício anterior – por que o objeto está aqui? Quem o inventou, você consegue descobrir? Como tal invenção chegou a este continente? Quem o fabricou? Por que fabricaram esse objeto em vez de gaiolas para pássaros? Por que eles se tornaram fabricantes e não músicos? Por que você o comprou? Por que você escolheu esse objeto dentre tantos outros existentes em sua casa para esta meditação?

AGORA RESPONDA RÁPIDO

VOCÊ É O SEU HARDWARE

OU O SEU SOFTWARE?

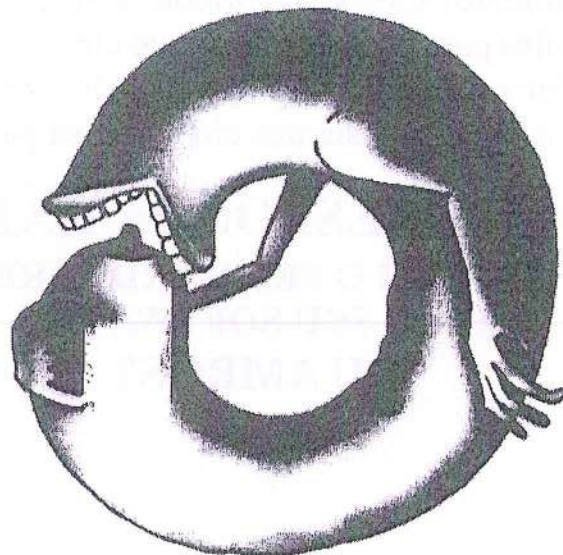
OU AMBOS?

CAPÍTULO 3

O Circuito da Biossobrevivência Oral

Genes, como as mônadas de Leibnitz, não têm janelas; as mais elevadas propriedades da vida são emergentes.

– Edward Wilson, *Sociobiology*



Poucos dos nossos ancestrais eram senhoras e senhores perfeitos; a maioria deles nem sequer era mamífera.

Se quiser sobreviver, qualquer organismo multicelular deve conter um circuito de biossobrevivência ligado ao hardware, que programa de forma bastante simples uma situação de escolha (ou um ou outro): SEGUIR

EM FRENTE para o que nutre, que protege, ou VOLTAR PARA TRÁS, longe do que é ameaçador, predatório.

Qualquer mamífero atrela o circuito da biossobrevivência ao primeiro objeto cunhado de biossobrevivência: a mama. A biossobrevivência e a oralidade estão profundamente mescladas em todos os mamíferos, inclusive nos primatas domesticados (humanos). É por isso que, apesar do pavor ao câncer, um número estimado de 30 milhões de americanos ainda fumam... Outros mascam chiclete (hortelã, tutti-frutti e até mesmo sem açúcar: há chicletes para todos os gostos), roem as unhas, mordem a junta dos dedos, mastigam a tampa de caneta, comem mais do que precisam (Alguém quer batatinha? Um chocalinho, talvez? Pretzels, amendoim, castanhas-de-caju ou queijo e bolachinhas para acompanhar a cerveja, Mac? E não se esqueça de provar os canapés, sra. Miller). Alguns mordem os lábios, engolem tranquilizantes e estimulantes e até mascam seus bigodes. O que acontece no quarto é de conhecimento do Kinsey Institute e de qualquer um que já tenha visto um filme pornô.

Quão importante é essa cunhagem oral? Li sobre um bebê girafa cuja mãe foi acidentalmente morta por um jipe imediatamente após dar à luz. O recém-nascido, seguindo programas genéticos ligados ao hardware, “cunhou” o primeiro objeto que mal se enquadrava ao arquétipo da girafa – o próprio jipe. Ele seguiu o veículo, emitiu-lhe sons, tentou amamentar-se dele e, quando adulto, tentou copular com ele.

De modo semelhante, Konrad Lorenz conta sobre um pequeno ganso que acidentalmente cunhou uma bola de pingue-pongue e passou metade de sua vida adulta tentando copular com bolas de pingue-pongue.

Tal como Charles Darwin observou:

Em nossa idade mais madura, quando um objeto apresentado ao nosso campo visual tem qualquer semelhança ao seio feminino... sentimos um lampejo geral de deleite que parece influenciar todos os nossos sentidos...

Os antigos representaram a grande deusa-mãe, Diana de Éfeso, com literalmente dúzias de seios, e São Paulo relata ter ouvido os seus adoradores cantando extáticos: “Grande é Diana!”. Não existe praticamente nenhum grande artista que não nos tenha deixado um retrato, ou muitos retratos, da forma nua feminina, especialmente os seios; e até mesmo em cenas não humanas, curvas são introduzidas onde possível. Arquitetos quebram a linha reta euclidiana para introduzir essas curvas ao menor pretexto – arcos, domos mouriscos, etc. As curvas da ponte

suspensa são necessárias, segundo as leis de Newton (“O arco-íris da gravidade”, na frase de Pynchon), mas, assim mesmo, essas duplas curvas catenárias são esteticamente agradáveis pelas razões que Darwin sugere. E quanto à música – onde foi que a ouvimos pela primeira vez, quem a cantou ou a murmurou para nós, e contra qual parte de seu corpo estávamos sendo embalados?

Tal como Mallory, os alpinistas tudo resumiam dizendo: “É porque ali estão”, quando tentam explicar sua compulsão por subir aqueles picos cônicos.

Nossos talheres de mesa (instrumentos de gratificação oral) tendem a ser redondos ou curvos. Pratos ou pires quadrados parecem “ridículos” e estranhos.

Os óvnis aparecem em uma variedade de formas, mas as mais populares são as ovais ou cônicas.

Os freudianos sugerem que a adição (vício) a substâncias opiáceas é uma tentativa da volta ao útero. Pensando na nossa teoria, é mais provável que o ópio e seus derivados nos “devolvam” ao “espaço seguro” do circuito da biossobrevivência, o lugar quente e aconchegante da biossegurança; as opiáceas podem disparar neurotransmissores⁹ característicos da amamentação.

Resumindo: o circuito da biossobrevivência está programado no DNA à procura de uma zona de conforto e de segurança ao redor de um organismo maternal. Se a mãe não estiver presente, o substituto mais próximo no ambiente será cunhado. Para a girafa órfã, um jipe de *quatro rodas* foi escolhido para ocupar o lugar da mãe de *quatro patas*. O pequeno ganso que não conseguia encontrar o corpo branco e *redondo* da mamãe gansa se fixou em uma bola branca e *redonda* de pingue-pongue.

A “armação” desse circuito, na forma primitiva, ocorreu nos primeiros organismos, há cerca de 3 e 4 bilhões de anos. No humano moderno, essa estrutura permanece no *tronco cerebral* e no *sistema nervoso automático* (“*involuntário*”), onde está interconectado com o sistema endócrino e outros sistemas vitais. É por isso que distúrbios nesse circuito agem “por todo o corpo ao mesmo tempo” e, geralmente, *tomam a forma de sintomas físicos em vez de “mentais” e são geralmente referidos a um médico em vez de ao psiquiatra.*

Deve ser enfatizado que ainda estamos em um estágio primitivo da evolução e as condições neste planeta são bem cruéis. Pediatras radi-

9. Neurotransmissores são substâncias químicas que alteram o equilíbrio eletrocoloidal do cérebro e, portanto, mudam o campo perceptivo. Agentes de mudanças cerebrais.

cais insistem, a partir de boas evidências, que o nascimento por meios convencionais em um hospital convencional é quase sempre traumático para o recém-nascido e, em nossa linguagem, cria uma má cunhagem. Os métodos que empregamos para criar nossas crianças também estão longe de ser ideais, adicionando, assim, o mau condicionamento à má cunhagem. E a violência em geral das nossas sociedades, até hoje, – inclusive guerras, revoluções, guerras civis e as “guerras civis não declaradas” da criminoso classe predatória em cada nação “civilizada” – mantém o primeiro circuito da maioria das pessoas em um estado de emergência na maior parte do tempo.

Em 1968, uma pesquisa da saúde pública nos Estados Unidos mostrou que 85% da população tinha um ou mais sintomas que chamaríamos de má cunhagem ou mau condicionamento no primeiro circuito. Esses sintomas incluíam tonturas, palpitações, suor nas mãos e pesadelos frequentes.

Isso significa que 85 entre as próximas cem pessoas com as quais você se encontrar devem ser mais ou menos consideradas como “os Feridos Ambulantes”.

Esse é o primeiro nível de significado em nossa afirmação cruel e cínica de que a maioria das pessoas é quase tão mecânica quanto robôs de ficção científica. Um homem ou uma mulher que enfrenta um novo problema, com as mesmas substâncias químicas¹⁰ de ansiedade de uma criança assustada fluindo pelo tronco cerebral, não será capaz de *observar, julgar* ou *decidir* qualquer coisa com muita precisão.

E é por isso que Gurdjieff disse, em seu próprio jargão, que as pessoas estão dormindo e tendo pesadelos.

“JUSTIÇA? DECÊNCIA? COMO VOCÊ PODE ESPERAR JUSTIÇA E DECÊNCIA EM UM PLANETA DE PESSOAS ADORMECIDAS?”

– G. I. Gurdjieff

Esse era o ponto de vista dos primeiros cristãos, posteriormente condenados como hereges (gnósticos) pelos burocratas romanos. O *Evangelho da Verdade*, do século I, diz abertamente que a História é um pesadelo:

... como se (a humanidade) estivesse mergulhada no sono e se deparasse com sonhos perturbadores. (Há) um lugar para o qual estão fugindo... ou as

10. Referimo-nos especialmente à adrenalina que avisa todo o organismo para se preparar para lutar ou fugir.

peessoas estão envolvidas em grandes ataques ou elas mesmas estão sendo atacadas... às vezes é como se pessoas as estivessem assassinando... ou elas mesmas estivessem matando seus vizinhos...

A esses primeiros cristãos, assim como aos budistas, *despertar* significava literalmente sair desse pesadelo de fantasias aterrorizadoras. Em nossa terminologia, significa corrigir a edição que faz com que nos comportemos e ajamos muito mal, tal como robôs mal (impropriamente) conectados que, de repente, enxergam o mundo não editado.

Deve ser enfatizado que esse circuito, sendo o mais antigo no desenvolvimento evolutivo, é o mais mecânico, o mais *rápido*. Não se é absolutamente consciente do tempo no circuito da biossobrevivência. Observe a velocidade da reação do seu cachorro ao primeiro som de um intruso: o latido ameaçador e o movimento do corpo todo em estado de alerta, isso é *automático*. Então o cachorro começa a perceber outras pistas, para determinar como esse intruso em particular deve ser tratado.

Conforme Robert Ardrey narra as observações do primatólogo Ray Carpenter para entender essa parte do seu cérebro...

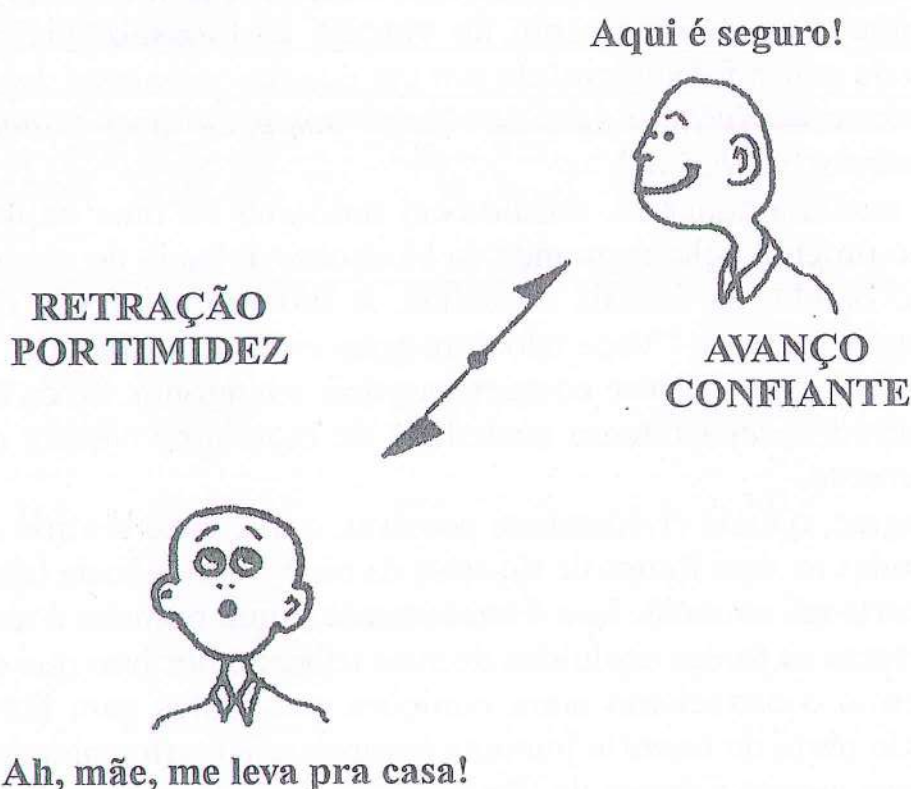
Imagine que você seja um macaco e esteja correndo por um caminho, passe por uma rocha e inesperadamente dê de cara com outro animal. Ora, antes que você saiba se vai atacá-lo, afugentá-lo ou ignorá-lo, você deve tomar uma série de decisões. É um macaco ou um não macaco? Se for não macaco, ele é pró-macaco ou antimacaco? Se for macaco, ele é macho ou fêmea? Se for fêmea, será que está interessada? Se for macho, ele é adulto ou jovem? Se adulto, ele é do meu grupo ou de algum outro?... Você tem cerca de um quinto de um segundo para tomar todas essas decisões ou poderá ser atacado.

O programa da biossobrevivência, em primeiro lugar, diz respeito ao espaço seguro em torno da mãe (cunhagem oral) e, então, com a idade, avança cada vez mais para fora, explorando o que é seguro e o que não é. Sem programas genéticos ligados ao hardware (ou seja, programas automáticos), esse segundo estágio seria impossível, e nenhum mamífero jamais deixaria o peito da mãe: a teta. Os programas ligados ao hardware agem automaticamente (*INCONSCIENTEMENTE*) porque, se você tivesse de parar e refletir sobre a situação, seria comido pelo primeiro predador.

É claro, a cunhagem é feita por *acaso* – pelas circunstâncias no momento da vulnerabilidade à cunhagem. (Lembre-se do pequeno ganso que cunhou a bola de pingue-pongue.) Alguns cunham coragem, curiosidade e o movimento exploratório; outros cunham timidez, medo

do imprevisível e retraimento, dos quais o caso extremo é a triste cunhagem chamada *autismo* ou esquizofrenia infantil.

Tudo isso é robótico, até que se aprenda como reprogramar e recunhar os próprios circuitos cerebrais. Na maioria dos casos, essa habilidade de metaprogramação nunca é adquirida. Tudo ocorre em um relance no piloto automático, em tempo zero. “Quando me dei conta, percebi que já agira”, diz o soldado ao ser julgado por uma corte marcial por covardia ou condecorado por bravura.



A consciência do primeiro circuito da biossobrevivência é “unidimensional”.

É claro, acima da cunhagem ligada ao hardware do circuito da biossobrevivência há um condicionamento “mais suave”. Ele permite que o perímetro do espaço seguro seja generalizado, envolvendo o espaço desde o corpo da mãe até a matilha ou tribo – a “família estendida”.

Todo animal social tem, além do instinto darwiniano (programa genético) de autopreservação, um “instinto” similar para proteger o conjunto de genes. Essa é a base do altruísmo, e animais sociais não conseguiriam sobreviver sem ele.

Cães selvagens (e lobos) latem para avisar o restante da matilha de que um intruso está se aproximando. Seu cão domesticado identifica você como um líder da matilha; ele late para avisá-lo de que um intruso está se aproximando. (Ele também late, é claro, para avisar o intruso de que está pronto para lutar por seu território.)

Conforme a civilização avançou, o laço grupal (a tribo, a família estendida) rompeu-se. Essa é a raiz da amplamente diagnosticada “*anomia*” ou “*alienação*” ou “*angústia existencial*” a respeito da qual muitos críticos sociais escreveram tão eloquentemente. O que aconteceu é que o condicionamento do vínculo da biossobrevivência ao conjunto de genes foi substituído por *um condicionamento dos impulsos da biossobrevivência para se atrelar aos peculiares tíquetes que denominamos “dinheiro”*.

De maneira concreta, um homem moderno ou uma mulher moderna não procura pela segurança da biossobrevivência no conjunto de genes, no bando, na família estendida. A biossobrevivência depende de conseguir tíquetes. “Você não consegue viver sem dinheiro”, como o elenco do Living Theatre costumava gritar em agonia. Se os tíquetes forem retirados, uma intensa ansiedade de biossobrevivência aparece imediatamente.

Imagine, o mais vividamente possível, o que você sentiria e o que faria se todas as suas fontes de tíquetes da biossobrevivência (dinheiro) fossem cortadas amanhã. Isso é exatamente o que homens e mulheres tribais sentem se forem excluídos de suas tribos; é por isso que o exílio e até mesmo o ostracismo eram punições suficientes para fazer com que grande parte da história humana cumprisse a conformidade tribal. Tão recente quanto a época de Shakespeare, a ameaça de exílio produzia uma forte reação de terror (“Banido!”, grita Romeu, “os pecadores usam essa palavra no Inferno!”).

Na sociedade tradicional, pertencer à tribo era a biossegurança; exílio era o terror e uma real ameaça de morte. Na sociedade moderna, ter tíquetes (dinheiro) é a biossegurança; ficar sem tíquetes é o terror.

O bem-estar social, o socialismo, o totalitarismo, etc. representam tentativas, em vários níveis de racionalidade e de histeria, de recriar o vínculo tribal fazendo com que o Estado desempenhe o papel de conjunto de genes. Os conservadores que afirmam que nenhuma forma de bem-estar social é tolerável estão pedindo que as pessoas vivam com total ansiedade de biossobrevivência e em *anomia* combinada com terror. Os conservadores, é claro, vagamente reconhecem isso e pedem que a “caridade local” substitua a Previdência Social do Estado – ou seja, eles

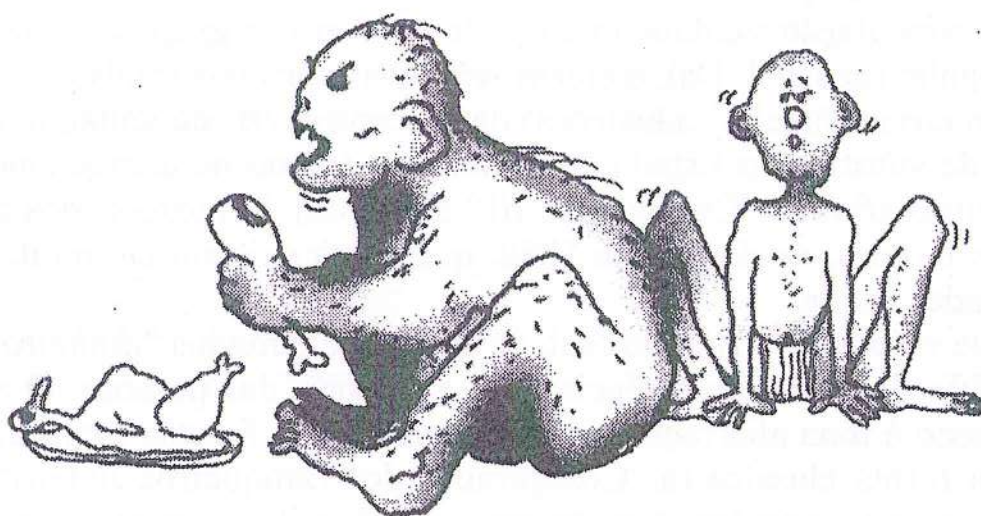
pedem que o conjunto de genes seja restaurado, por mágica, entre pessoas (habitantes de uma cidade típica) que, de nenhuma forma, sejam geneticamente relacionadas.

Por outro lado, o Estado não é um conjunto de genes ou uma tribo, e não pode realmente interpretar convincentemente o papel de uma unidade de biossobrevivência. Todos os que participam do bem-estar social se tornam paranoicos por estarem continuamente preocupados com a possibilidade de serem excluídos (“exilados”) por cometerem alguma infração menor contra as crescentes regras burocráticas incompreensíveis. E no totalitarismo verdadeiro, no qual a falsa identificação do Estado com a tribo é levada ao ponto de um novo misticismo, a paranoia torna-se total.

A vinculação verdadeira só pode ocorrer em grupos presenciais de tamanho razoável. Daí, a eterna tentativa (por mais implausível que seja em circunstâncias industriais) de descentralizar, de voltar ao *ethos* tribal, de substituir o Estado por sindicatos (como no anarquismo) ou por grupos afins (a “Consciência III” de Reich). Lembre-se dos alojamentos hippies, da década de 1960, que ainda existem em muitas comunidades rurais.

De volta para o mundo real, os tíquetes chamados “dinheiro” são o vínculo da biossobrevivência para a maioria das pessoas. O antissemitismo é uma aberração complexa de muitas facetas e causa, mas em sua forma clássica (a “Conspiração dos Banqueiros Judeus”) ele simplesmente considera que um conjunto hostil de genes controla os tíquetes para a biossobrevivência. Essa paranoia é inevitável em uma economia monetária; os viciados em drogas têm mitos similares sobre quem controla o suprimento de heroína. Assim, como o antissemitismo definiu na América, a “Conspiração dos Banqueiros” continua sob uma nova forma. Agora os vilões são as antigas famílias WASP (brancas, anglo-saxãs e protestantes) da Nova Inglaterra, o “Yankee Establishment” (Estabelecimento Norte-Americano). Alguns esquerdistas até apresentarão a você gráficos com genealogias desses banqueiros WASP, da mesma forma que os antissemitas costumavam mostrar genealogias dos Rothschild.

C. H. Douglas, engenheiro e economista, certa vez criou um gráfico que ele apresentou à MacMillan Commission, em 1932, quando discutiam sobre dinheiro e regulamentação de crédito. O gráfico mostrava a ascensão e queda das taxas de juros desde a derrota de Napoleão, em 1812, até a data em que a Commission se reuniu em 1932 e, na mesma escala, a ascensão e queda do número de suicídios nesse mesmo período de 120 anos.



**O MACHO ALFA
COME PRIMEIRO:
OS MAIS FRACOS DA
NINHADA FICAM COM
AS SOBRAS.**

As duas curvas eram praticamente idênticas. Toda vez que os juros subiam, também subia o índice de suicídios; quando os juros baixavam, o índice de suicídios acompanhava a queda. Dificilmente isso pode ser “coincidência”. Quando os juros aumentam, um certo número de homens de negócios entra em falência, um certo número de trabalhadores é demitido do trabalho e, geralmente, a ansiedade de todos, com respeito à biossobrevivência, aumenta.

Os marxistas e outros radicais são claramente conscientes de tais fatores na “saúde mental” e, portanto, desdenham todo tipo de psicologia acadêmica que ignora essas questões de biossobrevivência. Infelizmente, o remédio marxista – tornar todo mundo dependente de biossobrevivência às expensas de um estado burocrático – é uma cura pior do que a doença.

A ansiedade da biossobrevivência apenas desaparecerá permanentemente quando a riqueza do mundo inteiro tiver atingido um nível e uma distribuição pela qual, sem totalitarismo, todo mundo tenha tíquetes suficientes.

O Hunger Project (Projeto da Fome), a ideia do Guaranteed Annual Income (Renda Anual Garantida), o plano National Dividend (Dividendo Nacional) de Douglas, etc., representam uma tentativa em direção a esse objetivo. O ideal só pode ser atingido por meio de uma tecnologia de abundância.

Casos extremos – pessoas que tenham sua cunhagem *mais pesada* no primeiro circuito (oral) – tendem a ser viscerais, porque essa cunhagem determina os processos endócrinos e glandulares vitalícios. Assim, no extremo, elas parecem ter um “rosto de bebê” na vida adulta, nunca perdem a sua “gordurinha de bebê”, são gorduchinhas, redondinhas e gentis, etc. São facilmente “magoadas” (se ameaçadas, ficam aterrorizadas) pela reprovação de qualquer tipo, porque, no circuito cerebral do bebê, *reprovação* sugere *extinção* da perda do suprimento de alimento.

Todos temos esse circuito e precisamos exercitá-lo periodicamente. Ser embalado, mamar, abraçar, etc. e brincar diariamente (a) com o seu próprio corpo (b) com o corpo de outra pessoa e (c) com o ambiente são necessidades eternas para a saúde endócrino-neurossomática. Aqueles que recusam tais funções primordiais em razão da rígida cunhagem no Terceiro (racional) ou no Quarto (moral) circuito tendem a se tornar “ressequidos”, “com cara de ameixa seca”, sem atrativos, “frios” e sem flexibilidade muscular.

As funções características do bebê brincando com o próprio corpo, com o corpo do outro e com o ambiente continuam a vida inteira em

todos os animais. Essa “brincadeira” é uma característica marcada de todos os indivíduos visivelmente saudáveis do tipo que Maslow chama “autoatualizadores”.

Se essa cunhagem inicial for negativa – se o universo em geral e outros humanos em particular forem cunhados como perigosos, hostis e assustadores –, o Demonstrador passará a sua vida inteira adaptando todas as percepções para enquadrá-las nesse mapa. Isso é conhecido como *Injustice Collector Syndrome* (síndrome do “Cobrador de Injustiças” [na linguagem do dr. Edmund Bergler]. Os membros femininos dessa cunhagem tornam-se feministas radicais; os membros masculinos são menos organizados e podem ser encontrados em grupos marginais de extrema Esquerda e de extrema Direita.

Esse padrão é inconsciente de três modos. É inconsciente porque é automático: acontece sem pensar, como um programa de robô. É também inconsciente porque começou antes que a criança tivesse linguagem e, portanto, é pré-verbal, inarticulado, *sentido* em vez de ponderado. E é inconsciente porque está por todo o corpo de uma só vez. Especificamente, é caracterizado pelo *Bloqueio Respiratório*, notado primeiro por Wilhelm Reich: uma defesa muscular crônica que impede uma respiração apropriada e relaxada. A linguagem popular reconhece esse estado como “estado de tensão”.

Todas as técnicas de recunhagem (terapia) de maior sucesso para esse tipo de ansiedade crônica funcionam primeiro com o corpo e não com a “mente”. Os reichianos, os rolfistas, os terapeutas do Grito Primal, os “renascedores” de Orr, os gestaltistas, etc., todos sabem, qualquer que seja o jargão especializado que usem, que uma cunhagem ruim da biossobrevivência só pode ser corrigida trabalhando sobre o próprio ser biológico, o corpo que se sente eternamente vulnerável e sob ataque. Mesmo a Programação Neurolinguística começa induzindo o paciente a relaxar e a respirar calmamente.

Como Gregory Bateson apontou, Konrad Lorenz adquiriu seus maravilhosos *insights* durante os processos de recunhagem – pelos quais ele recebeu o prêmio Nobel – ao imitar de forma consciente os movimentos dos corpos de animais que ele estava estudando. Ao assistir a uma das palestras de Lorenz, é possível “ver” cada animal que ele discute, porque Lorenz imitaria ou “se tornaria” aquele animal, à maneira de um ator que adota o Sistema Stanislavski.

Anteriormente, Wilhelm Reich descobriu que ele poderia entender seus pacientes com uma clareza extraordinária ao imitar seus movimentos e posturas corporais característicos. As cunhagens da biossobrevivência,

especialmente as traumáticas, estão por todo o corpo, congeladas (na metáfora de Reich) em mecanismos crônicos dos músculos e das glândulas.

Se você não consegue entender o comportamento “irracional” de alguém, comece observando a respiração dessa pessoa. Você vai rapidamente ter uma ideia do que a está incomodando. É por isso que todas as escolas de ioga – budista, hindu ou sufi – colocam tanta ênfase na restauração da respiração natural antes de tentar conduzir o aluno a circuitos mais elevados e à consciência mais expandida.

Isso tem mais do que uma importância “psicológica”. Todo estudo dos aspectos psicossomáticos do câncer e da asma, por exemplo, encontra esse padrão de contração muscular crônica (subjetivamente sentida como ansiedade) dentre os fatores de predisposição. O que o Pensador pensa, o Demonstrador comprova. Todos os dias as pessoas estão estrangulando seus órgãos internos porque estão com *medo*.

Mary Baker Eddy pode ter exagerado um pouco quando disse que “Toda doença é medo manifesto”; porém, a medicina holística cada vez mais reconhece que, se essa maldita palavra “toda” for substituída por “a maioria”, a sra. Eddy estaria mais próxima dos fatos.

Mesmo médicos mais antiquados que não levam em consideração as ideias holísticas por um minuto sequer, admitem que algumas pessoas são misteriosamente “mais suscetíveis” a doenças do que outras. O que é essa metafísica “suscetibilidade”? O antropólogo Ashley Montagu coletou numerosas estatísticas sobre crianças que foram privadas de amor materno no ponto crucial de sua vulnerabilidade à cunhagem na infância. Elas não só morriam mais cedo do que a média nacional, mas ficavam mais doentes durante a vida toda e chegavam até a crescer menos do que a altura média para um adulto de seu mesmo sexo.

Essa “suscetibilidade” só pode ser (além de possíveis fatores genéticos) uma cunhagem de ansiedade (tensão muscular) no primeiro circuito.

A Ciência Cristã – ou qualquer outra religião que dogmaticamente insiste que “*Deus quer que sejamos felizes e bem-sucedidos*” – pode curar essas condições “milagrosamente”. *O que o Pensador pensa, o Demonstrador comprova*. A fé absoluta de que “Deus” esteja apoiando você, apoio esse irradiado pelo cérebro o dia inteiro, dia após dia, sinaliza aos músculos que relaxem, e o bem-estar natural e a saúde retornam.

Por toda a vida humana, quando o circuito da biossobrevivência sente o perigo, todas as outras atividades mentais cessam. Todos os outros circuitos desligam até que o problema de biossobrevivência esteja

“resolvido”, de forma real ou simbólica. Isso é de crucial importância na lavagem cerebral e na programação cerebral.

Para criar uma nova cunhagem, primeiro leve o sujeito ao estado da infância, ou seja, à vulnerabilidade da biossobrevivência. Vamos falar mais sobre isso depois.

Em termos pré-neurológicos, o circuito da biossobrevivência é o que geralmente chamamos “consciência”, *per se*. É a sensação de estar aqui e agora, nesse corpo vulnerável, sujeito às energias e forças brutas do universo físico. Quando estamos “inconscientes”, o circuito da biossobrevivência é desligado e os médicos podem nos cortar sem que tentemos fugir e nem mesmo gritar.

EXERCÍCIOS

1. De agora em diante, determine-se a *desfrutar* totalmente desse circuito primitivo. Brinque com você mesmo, com os outros e com o ambiente *desavergonhadamente*, como um recém-nascido. Medite sobre “A menos que te tornes uma pequena criança, não entrarás de modo algum no Reino dos Céus”.

2. Não se preocupe com a sua dieta – você vai atingir o peso ideal para sua altura quando seu cérebro estiver operando corretamente. Desfrute de *uma* sobremesa bem doce e cremosa toda semana. Diabéticos, é claro, devem comprar essa iguaria na seção dos dietéticos.

3. Fique “chapado” (com maconha, se o seu superego permite, ou com ginseng, que é legal em todo lugar e recomendado por muitos médicos holísticos) e então vá para um spa. Aproveite um bom mergulho na piscina, uma massagem e uma sauna. Repita isso toda semana, para sempre.

4. Faça um curso de *kung fu* ou de *karatê* por pelo menos três meses, depois releia este capítulo inteiro. Você vai se surpreender com quanto *cada* sentença terá mais significado.

5. Deite-se de costas e respire rapidamente até ofegar contando até 20. (Cada ciclo de inspiração-expiração conta como um, não como dois.) Ofegar significa respirar rapidamente pela boca, embora seja proibido pela maioria dos especialistas em saúde, mas isso é somente um exercício e não uma prática para o tempo todo. Quando você chegar a 20, pare e retome a respiração pelo nariz, da maneira lenta e rítmica recomendada pelos iogis, contando até 20. Em seguida, repita o mesmo processo da respiração rápida contando até 20. Depois repita a respiração ioga. Isso é conhecido como a “respiração de fogo” na ioga

tântrica. Os resultados são em sua maioria divertidos e iluminadores. Experimente!¹¹

Visite um aquário e o observe bem de perto. Tente ver o circuito da biosobrevivência do cérebro do peixe em funcionamento e tente reconhecer quando e como esse circuito tem funcionado em seu próprio cérebro por toda a sua vida.

Se você não tem um bebê ou não teve um há muitos anos, brinque com o bebê de outra pessoa durante uma hora. Depois releia este capítulo.



11. Tal como o uso da opiácea, esse exercício parece disparar neurotransmissores similares aos provocados pelo leite materno, ou seja, leva você de volta à confortável segurança da amamentação. E não é viciante.

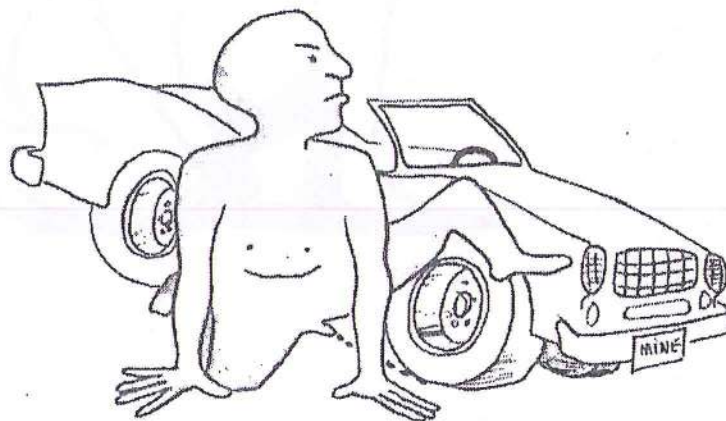
CAPÍTULO 4

O Circuito

Anal Territorial-Emocional

Corre, cachorrinho, corre!
Corre, cachorrinho, corre!
Lá vem o cachorrão –
Corre, cachorrinho, corre!

– Canção infantil



O segundo circuito, as redes territorial-emocionais do cérebro, ocupa-se totalmente das políticas de poder. Esse circuito “patriótico” existe em todos os vertebrados e talvez tenha de 500 milhões a 1 bilhão de anos. No humano moderno, ele parece estar centralizado no *tálamo* – “cérebro anterior” ou “cérebro antigo” e está ligado ao *sistema nervoso voluntário* e aos *músculos*.

Esse circuito aparece em cada recém-nascido quando a fita mestre do DNA envia moléculas mensageiras ao RNA para disparar a mutação de neonato para bebê (*toddler*), o que, antes de tudo, envolve ficar em pé. Andar, dominar a gravidade, superar os obstáculos físicos e aprender a manipular os outros politicamente são os pontos vulneráveis quando ocorrem a cunhagem e o condicionamento pesado. Os músculos que desempenham essas funções de poder são rapidamente programados com o que se tornam reflexos crônicos e vitalícios.

Dependendo, como sempre, dos acidentes do ambiente – ou seja, o que acontece em pontos da vulnerabilidade neurológica –, esse circuito organizará a si mesmo em um papel forte e dominante no bando (ou família) ou em um papel fraco e submisso. Sem precisar ir às selvas com os etólogos, é possível observar esse processo de cunhagem mamífera em qualquer ninhada de cachorrinhos. Determina-se bem rapidamente quem é o CHEFE da matilha e quem é o MAIS FRACO do bando.

O *status* na matilha ou na tribo é determinado com base em um sistema de sinalização pré-verbal (cinésico) no qual esses reflexos musculares são cruciais. Todos os *jogos* ou *trapaças* emocionais listadas nos populares manuais de jogos psicológicos do dr. Eric Berne e dos Analistas Transacionais são cunhagens do segundo circuito ou políticas mamíferas padrão.

Para citar o meu romance *Schrödinger's Cat*:

A maioria dos primatas domesticados da Terra não sabia que eram primatas. Eles achavam que fossem algo diferente e “superior” do resto do planeta. Até mesmo a coluna “One Month to Go”, de Benny Benedicts, foi baseada nessa ilusão. Na verdade, Benny havia lido Darwin, certa vez, na faculdade, e tinha ouvido falar de ciências como etologia e ecologia, mas os fatos da evolução nunca tinham sido por ele realmente registrados. Ele nunca se pensou como um primata. Nunca percebeu que seus amigos e conhecidos eram primatas. Acima de tudo, ele nunca entendeu que os *machos alfas* do Unistat fossem típicos líderes de bandos de primatas. Como resultado dessa incapacidade de ver o óbvio, Benny ficava constantemente alarmado e aterrorizado pelo seu próprio comportamento, o de seus amigos e conhecidos, e, especialmente, o dos machos alfas de seu bando. Sem saber que esse era o comportamento comum do primata, isso lhe parecia simplesmente horrível.

Como boa parte do comportamento primata era considerada simplesmente horrível, a maioria dos primatas domesticados passava a maior parte do tempo tentando esconder o que estava fazendo.

Alguns dos primatas foram apanhados por outros primatas. Todos os primatas viviam sob a ameaça de serem apanhados.

Aqueles que eram apanhados eram chamados de inúteis de merda.

O termo inútil de merda era uma expressão profunda da psicologia primata. Por exemplo, um primata selvagem (um chimpanzé fêmea), que aprendeu a linguagem de sinais com dois primatas domesticados (cientistas), juntou espontaneamente os sinais para “inútil de merda” e “cientista” para descrever um cientista do qual não gostava. Ela o estava chamando de cientista de merda. Ela também juntou os sinais para “merda” e “chimpanzé” para outro chimpanzé do qual não gostava. Ela o estava chamando de chimpanzé de merda.

“Você é um inútil de merda”, primatas domesticados diziam com frequência um para o outro.

Essa metáfora era profunda na psicologia primata porque primatas marcam seus territórios com excreções e, às vezes, jogam excreções um no outro quando disputam territórios.

Um primata escreveu um longo livro descrevendo detalhadamente como esses inimigos políticos deveriam ser punidos. Ele os imaginou em um enorme buraco no chão, com chamas, fumaça e rios de merda. Esse primata era chamado Dante Alighieri.

Outro primata escreveu que todo infante primata passa por um estágio de estar principalmente preocupado com a biossobrevivência, ou seja, comida, o peito da Mamãe. Ele chamou isso de Fase Oral. Ele disse que, depois, o infante passa por uma fase de aprendizado sobre políticas mamíferas, ou seja, o reconhecimento do Pai (macho alfa), sua Autoridade e as exigências territoriais. Ele chamou essa de Fase Anal, um *insight* que poucos primatas compartilham.

Esse primata era chamado Freud. Ele desmembrou o seu próprio sistema nervoso e examinou os seus circuitos componentes alterando periodicamente sua estrutura por meio de neuroquímicos.

Dentre os insultos anais trocados pelos primatas domesticados ao brigar por seu espaço, estavam as seguintes expressões: “No seu cu”, “Vai cagar”, “Você é um merda”, e muitos outros.

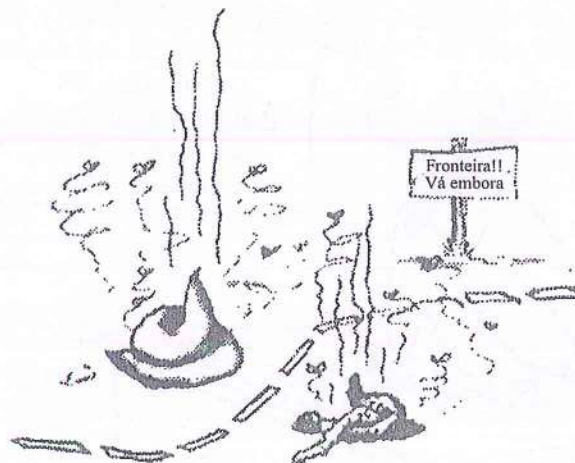
Um dos mais admirados machos alfas no Reino dos Francos era o general Canbronne. Ele ganhou essa lisonja pela resposta que deu quando pediram para que se rendesse em Waterloo.

“Merde”, foi a resposta que o general Canbronne deu.

A palavra *petard* [petardo] significa um tipo de bomba. Ela vem da mesma raiz do inglês antigo para *fart* [peido].

A mentalidade do general Canbronne era típica dos machos alfas da casta militar.

Quando os primatas iam para a guerra ou ficavam violentos em outras ocasiões, eles sempre diziam que estavam prestes a extrair merda do inimigo. Eles também falavam em cagar uns nos outros.



“NACIONALISMO”

O reflexo padrão de “autoridade” no circuito territorial-emocional é inflar os músculos e urrar. Você encontrará isso entre pássaros bem como entre mamíferos, e na reunião da Diretoria do seu banco local. O reflexo padrão de “submissão” é encolher os músculos, baixar a cabeça e afastar-se “rastejando”. Você vai encontrar isso entre cães, primatas, aves e funcionários que querem manter seus empregos em qualquer lugar.

Se o primeiro circuito (biossobrevivência) foi cunhado principalmente pela mãe, o segundo circuito (territorial-emocional) é cunhado principalmente pelo pai – o mais próximo *macho alfa*. Foi proposto, pelo sociólogo G. Rattray Taylor, que sociedades oscilam entre períodos “Matrísticos”, nos quais os valores orais maternos predominam, e períodos “Patrísticos”, nos quais os valores anais paternos têm supremacia.



O REFLEXO PADRÃO DE AUTORIDADE

A tabela de Taylor das características “Matrísticas” e “Patrísticas” desses períodos é a seguinte:

<i>CARACTERÍSTICAS MATRÍSTICAS</i>	<i>CARACTERÍSTICAS PATRÍSTICAS</i>
Permissivo em relação ao sexo	Restritivo em relação ao sexo
Liberdade para as mulheres	Limitação de liberdade para as mulheres
As mulheres têm alto <i>status</i>	As mulheres têm baixo <i>status</i>
Castidade não é valorizada	Castidade altamente valorizada
Igualitário	Autoritário
Progressista	Conservador
Nenhuma desconfiança em relação à pesquisa	Desconfiança em relação à pesquisa
Espontâneo	Inibido
Diferenças sexuais minimizadas	Diferenças sexuais maximizadas
Medo do incesto	Medo da homossexualidade
Hedônico	Ascético
Deusa-Mãe	Deus-Pai

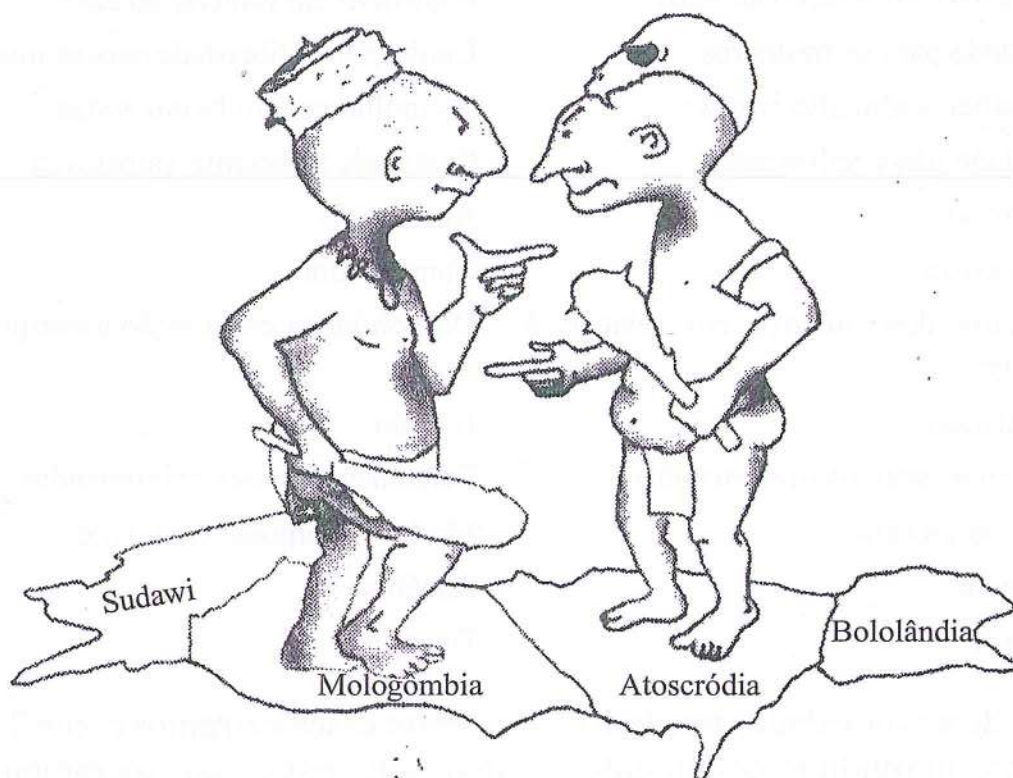
Se as sociedades pendem ou não entre esses extremos como Taylor afirma, indivíduos certamente cambaleiam. Essas são meramente as consequências de (a) ter a cunhagem mais forte no circuito da biossobrevida (Matrístico) ou (b) ter a cunhagem mais forte no circuito territorial anal (Patrístico).

Em termos pré-etológicos, o circuito territorial-emocional é o que costumamos chamar de “ego”. *Ego é simplesmente o reconhecimento mamífero do status de alguém dentro do bando; é um “papal”, como dizem os sociólogos, um único circuito cerebral que interpreta erroneamente a si como o Self inteiro, como o aparato mente-cérebro na sua totalidade. O “egotista” se comporta como “uma criança de dois anos”, por assim dizer, porque Ego é a cunhagem da criança que começa a andar e a entrar no estágio de treinamento para o uso da privada.*

A questão de quão humano é um animal (especialmente um cão ou gato de estimação) nunca cessa de separar os cientistas das pessoas leigas – e um cientista do outro. Em termos de história recente, as diferenças entre primatas domesticados (humanos) e outros animais domésticos são praticamente nulas, enquanto estivermos falando somente dos dois primeiros circuitos. (Como a maioria das pessoas passa a maior

parte de seu tempo nesses circuitos primitivos, as diferenças são com frequência muito menos óbvias que as semelhanças.)

Diferenças verdadeiras começam a aparecer quando o terceiro, o circuito semântico, entra no cenário.



A MAIORIA DOS MAMÍFEROS MARCA SEU TERRITÓRIO COM EXCREÇÕES. PRIMATAS DOMESTICADOS MARCAM SEU TERRITÓRIO COM EXCREÇÕES DE TINTA SOBRE PAPEL.

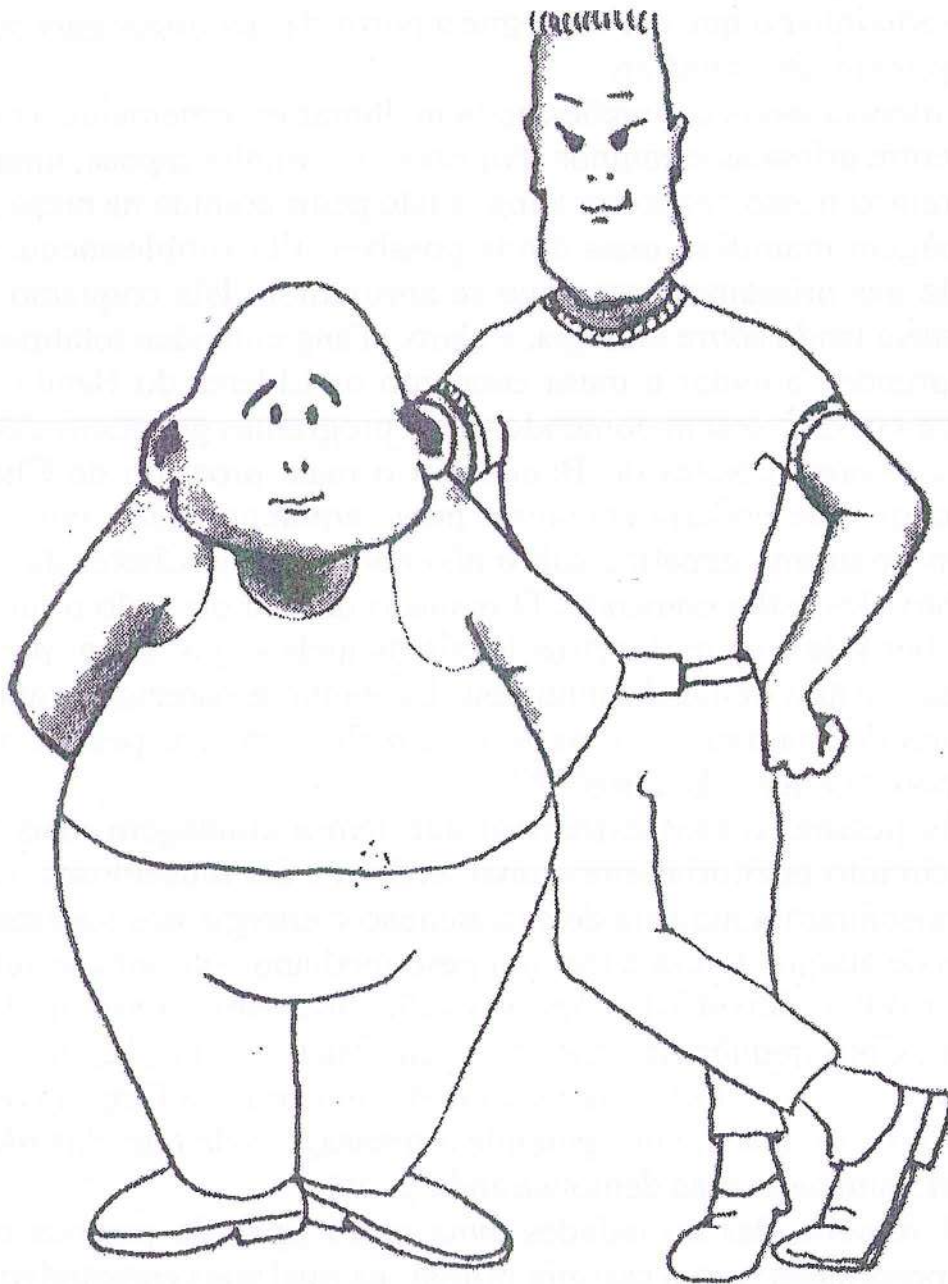
Por exemplo, treinadores iniciantes de cães sempre cometem o erro de usar *muitas palavras*. Por ser o cachorro tão “humano” de tantas maneiras (caninos, como primatas, são ótimos imitadores), o iniciante imputa muita “humanidade” a eles. O cachorro regular tem um vocabulário de cerca de 150 palavras e, dentro desse universo semântico, é bem inteligente. É bastante fácil ensinar um cachorro o significado de “Sentar”, “Levantar”, “Atacar”, etc.; e o cachorro aprenderá o significado de “andar” e “comer” mesmo sem você tentar ensiná-lo. O problema começa quando o iniciante espera que o cachorro entenda algo como “Não, não, Fritz – em qualquer lugar do quarto, mas não na cama”. Mesmo um humano que não fale português não compreenderia isso, a não ser de forma vaga. O cachorro desiste de entender tais sentenças

e tenta adivinhar o que ele consegue a partir da sua *linguagem corporal* (inconsciente) de mamífero.

Entender essas distinções pode melhorar enormemente a comunicação entre primatas e caninos. Por exemplo, minha esposa, uma socióloga, treinou nosso cachorro, Fang, a não pedir comida na mesa usando a linguagem mamífera mais direta possível. Ela simplesmente *rosnou* para ele nas primeiras vezes que se aproximou dela enquanto comia. (Ela estava lendo sobre etologia, é claro.) Fang entendeu totalmente; ele logo aprendeu a evitar a mesa enquanto os Líderes do Bando (minha esposa e eu) estivessem comendo. Seus programas genéticos disseram-lhe que éramos Chefes do Bando, ou o mais próximo de Chefes da Matilha que ele poderia encontrar nesse ambiente; cães, como lobos, têm um programa genético sobre não aborrecer os Chefes da Matilha enquanto eles estão comendo. O rosnado disse a ele tudo o que precisava saber sobre os parâmetros locais daquela regra. Fang, por acaso, era uma mistura de Dachshund com Labrador, e parecia estranho para a maioria dos humanos. Ao passear com ele na rua, as pessoas me perguntavam: “O que... É... isto???”.

As pessoas (casos extremos) que têm a cunhagem mais *pesada* nesse circuito territorial-emocional tendem a ser musculosas. Ou seja, elas concentram a maioria de sua atenção e energia nos sistemas musculares de ataque-defesa e têm um peso mediano – *pesadas* o suficiente para ser difícil derrubá-las, leves o suficiente para serem rápidas e vigorosas. Com frequência, elas se tornam fisiculturistas, levantadoras de peso, etc. e têm um forte interesse em demonstrar sua força. (Mesmo só apertando suas mãos, você entende a mensagem de que elas não estão trocando amizade, mas demonstrando poder.)

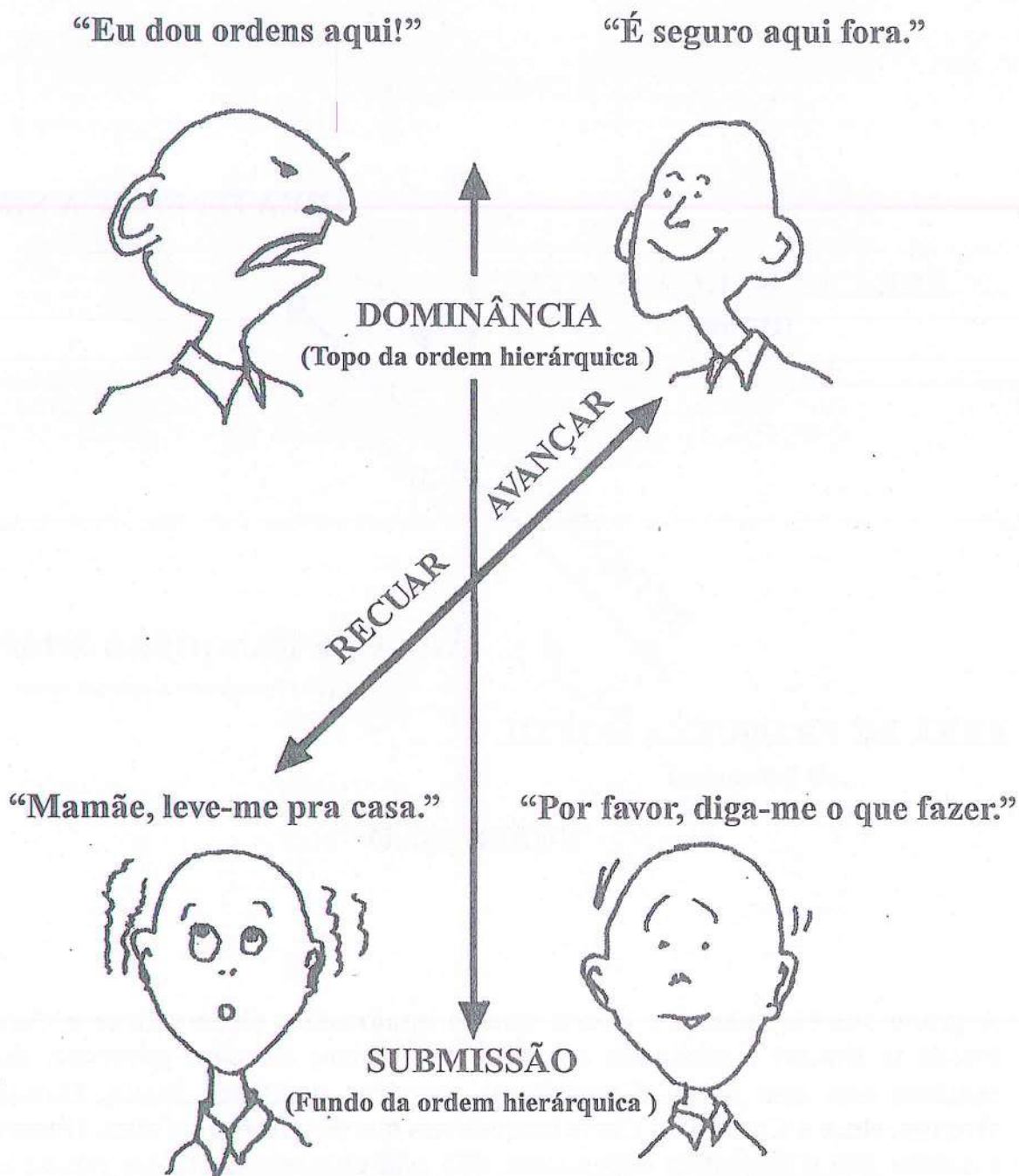
A maioria das sociedades evita esses tipos de pessoas que são mais apropriadas para a carreira militar, na qual suas características são mais bem aproveitadas no uso etológico, defendendo o pasto da tribo. A orientação anal desse circuito explica a excentricidade do discurso militar, primeiramente notada por Norman Mailer: “cu” significa o *self* inteiro de alguém e “merda” significa toda a circunstância que o cerca.



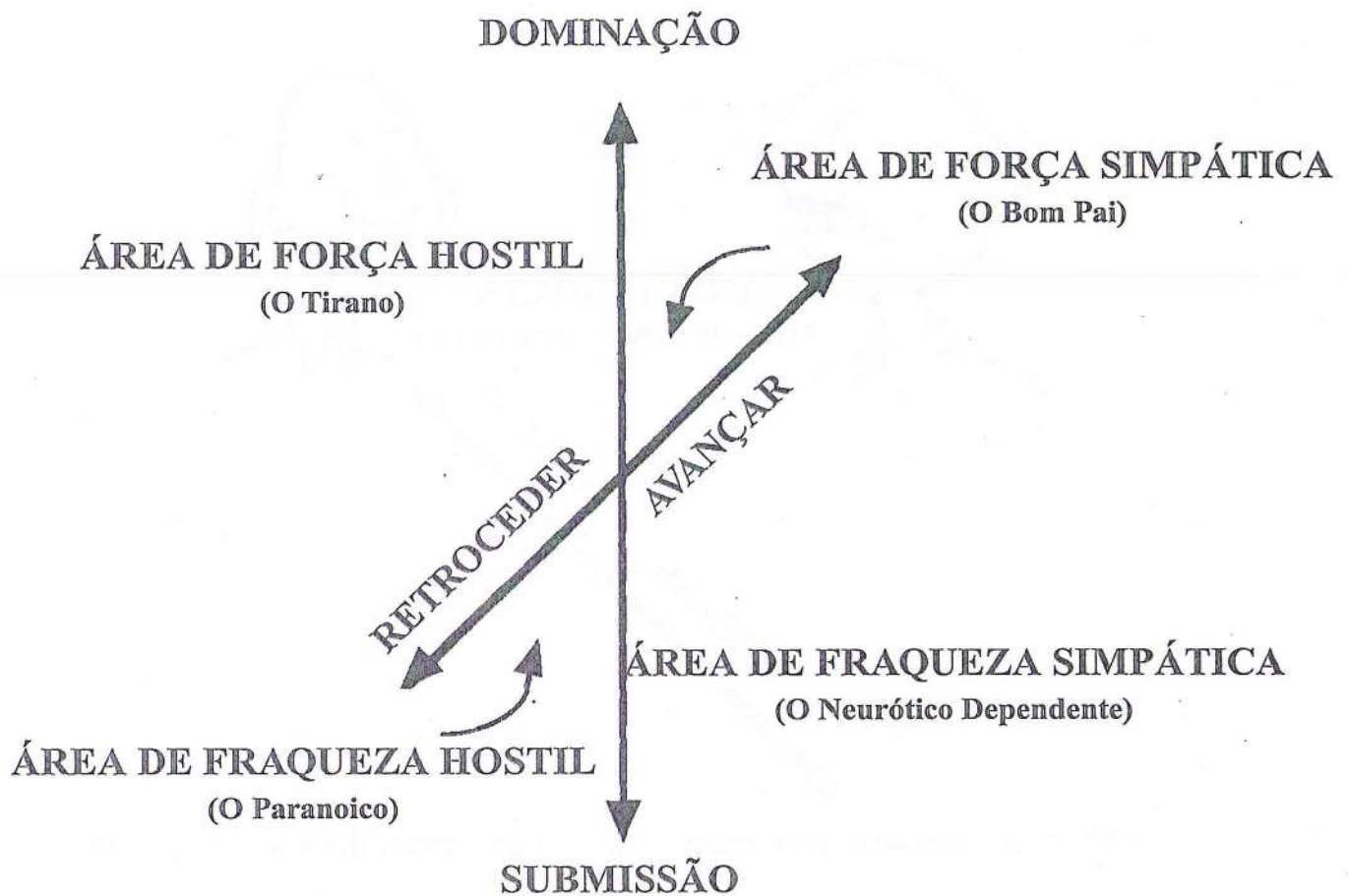
**Visceral
EXTREMO
Tipo do Circuito I
Cunhagem Oral**

**Muscular
EXTREMO
Tipo do Circuito II
Cunhagem Anal**

**A CUNHAGEM AFETA TODO O SISTEMA NERVOSO.
O SISTEMA NERVOSO AFETA O CORPO TODO.**



O segundo circuito, territorial-emocional, cria um espaço social bidimensional em combinação com o avançar-retroceder do primeiro circuito.



A grade dos Circuitos I e II cria quatro quadrantes. Observe que a Força Hostil (o tirano) é inclinado ao recuo paranoico; ele deve governar, mas também está com medo. Compare as carreiras de Hitler, Stalin, Howard Hughes, etc. e o Castelo e a Corte inacessíveis nas alegorias de Kafka. Observe também que o neurótico dependente não está absolutamente em recuo; ele ou ela avança na sua direção, demandando realização das “necessidades” emocionais (cunhagens).

Esses quatro quadrantes são conhecidos desde o nascimento da autoconsciência. Por exemplo, na terminologia da psicologia medieval dos “humores”, esses quatro tipos de cunhagens são conhecidos como:

HUMOR BILIOSO (Força Hostil)	HUMOR SANGUÍNEO (Força Amigável)
HUMOR COLÉRICO (Fraqueza Hostil)	HUMOR FLEUMÁTICO (Fraqueza Amigável)

No sentido horário, o tipo Sanguíneo (força amigável) era identificado com o arquétipo do *Leão* e com o elemento *fogo*. O Leão, por causa da dignidade desses grandes felinos, representa a força “boa”, e o fogo representa o poder. O tipo Fleumático (fraqueza amigável) era identificado com o arquétipo do *Anjo* e com o elemento água: essas pessoas são “sensíveis demais para brigar” e “seguem o fluxo”. Os tipos Coléricos eram identificados com o arquétipo do *Touro* (desconfiança truculenta, paranoia) e com o elemento *terra*, significando uma “pseudoestupidez” morosa. (Essa é a postura tradicional das raças derrotadas ao lidar com seus conquistadores.) Os tipos Biliosos (força hostil) eram identificados com o arquétipo da *Águia* (símbolo da Roma Imperial, da família real germânica, etc.) e com o elemento *ar*; ar provavelmente significa céu, porque esses tipos parecem “altos e poderosos”.

Esses símbolos existem há muito tempo; cabalistas os encontram no Antigo Testamento (onde, de fato, o símbolo leão-anjo-touro-águia aparece em Ezequiel). Eles são encontrados constantemente na arte católica, associada com os quatro evangelistas (Mateus-anjo, Marcos-leão, Lucas-touro, João-águia),¹² e fazem parte das cartas do baralho de tarô, medieval e moderno.

Na inteligente linguagem do sistema em voga da Análise Transacional, esses quatro tipos de cunhagem são categorizados como os quatro roteiros básicos da vida, a saber:

12. Esses são os Quatro Homens Velhos no livro *Finnegans Wake*, de Matt Gregory, porque seu sobrenome contém *ego*, que equivale ao anjo; Marcus Lyons equivale ao leão; Luke Tarpey, ao touro; Johnny McDougal equivale a *ougal*, a águia.

<p>Bilioso/Força Hostil “Eu estou bem; você não está bem.”</p>	<p>Sanguíneo/Força Amigável “Eu estou bem; você está bem.”</p>
<p>Colérico/Fraqueza Hostil “Eu não estou bem; você não está bem.”</p>	<p>Fleumático/Fraqueza Amigável “Eu não estou bem; você está bem.”</p>

É o tipo Fleumático (fraqueza amigável; neurótico dependente) que geralmente acaba no consultório do psicoterapeuta, procurando voluntariamente por uma recunhagem. Eles não estão bem, mas têm grande fé em que o terapeuta esteja bem.

O Bilioso (força hostil) e o Colérico (fraqueza hostil) chegam à terapia, se chegarem, só porque seus conhecidos ou familiares, ou mais comumente a justiça, *ordenaram-nos* a tentar recunhar suas hostilidades compulsivas.

O tipo Sanguíneo (força amigável) praticamente nunca chega à psicoterapia. Ele ou ela está satisfeito com sua vida, e assim também está o restante da sociedade. Infelizmente, eles podem chegar a uma posição em que precisem procurar terapia de algum tipo, simplesmente porque podem ter responsabilidades *demais* e estar sobrecarregados. Eles geralmente chegarão aos terapeutas somente se forem encaminhados por um médico que intui a origem de suas úlceras.

Esse sistema não é para ser rígido ou implicar que haja *apenas* quatro tipos de robôs humanoides. Os circuitos posteriores, ainda a ser discutidos, modificam todos eles substancialmente: algumas cunhagens são oscilantes (cobrem dois ou mais quadrantes parcialmente); e somos todos passíveis de uma repentina mudança cerebral. Também é importante perceber que os quatro arquétipos são usados *somente por conveniência* – e eles são convenientes, como testemunha de seu reaparecimento na Análise Transacional, em que sua conexão histórica com o Leão-Anjo-Touro-Águia nem mesmo é reconhecida. Mas cada quadrante pode ser subdividido de forma mais precisa, caso seja necessário para fins de diagnóstico.

Por exemplo, o teste psicológico mais amplamente usado nos Estados Unidos, a Grade Interpessoal de Leary (1957), divide os quatro quadrantes em 16 subquadrantes e permite graduar cada um em termos de tendência moderada a excessiva para que se comporte dessa maneira.

Na grade em que as categorias de Leary são colocadas, as *cunhagens moderadas* estão na direção do centro e as *excessivas ou casos extremos* estão na direção oposta ao centro, para fora do perímetro; porém, o que está sendo medido é ainda basicamente o modo como os dois primeiros circuitos (da biossobrevivência oral e territorial-anal) estão cunhados.

Para esclarecer um pouco mais, imagine que quatro bebês nasceram no mesmo instante no Hospital John J. Boscowitz Memorial, na cidade de Enny Town, planeta Terra. Voltamos 20 anos depois e descobrimos que cada um deles tem uma personalidade e um estilo de vida diferente (um problema para astrólogos, mas deixemos passar). Para tornar as coisas mais fáceis, eles, na verdade, se enquadraram em nossos quatro quadrantes.

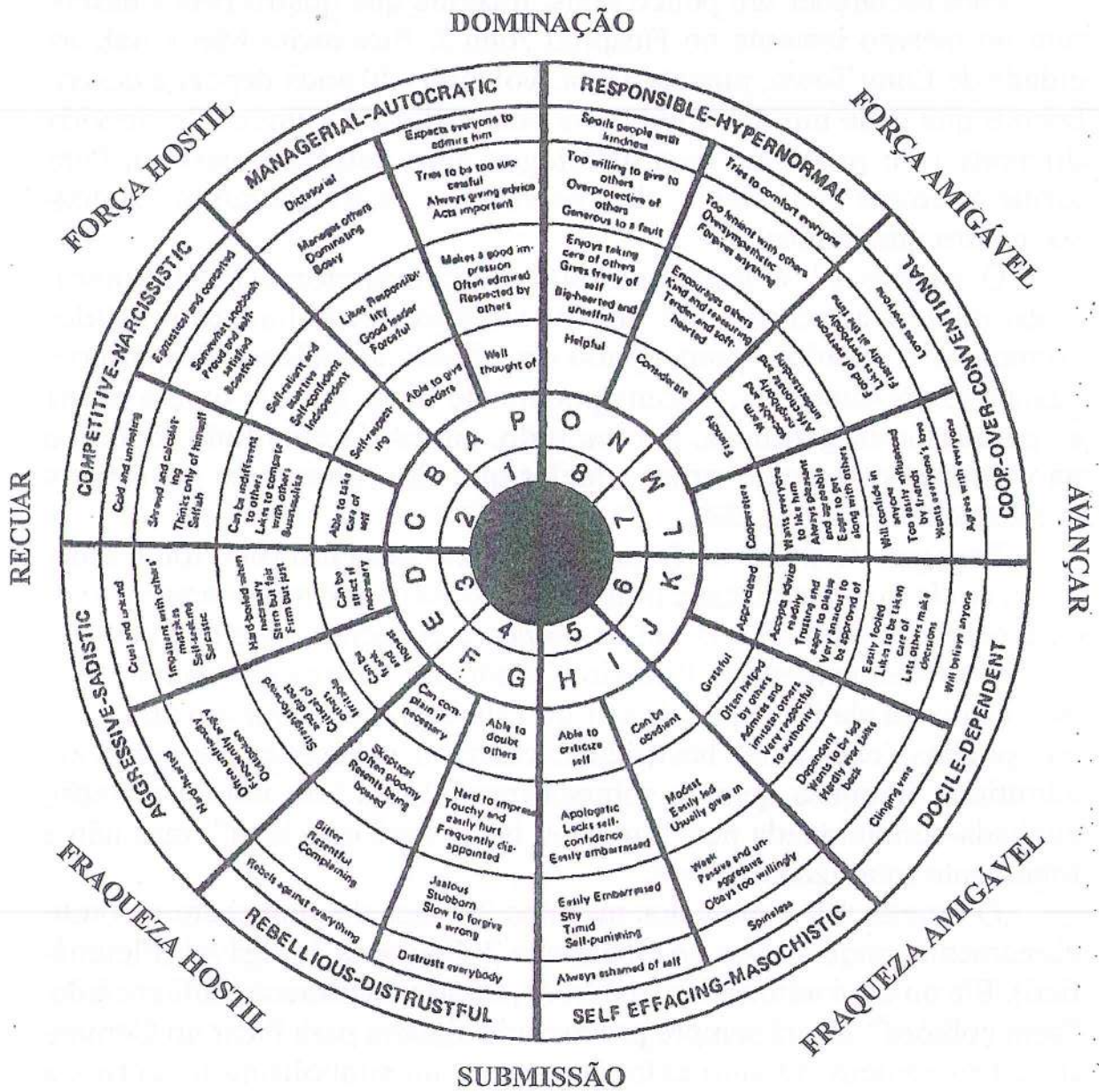
O sujeito #1 é Responsável/Superconvencional (Sanguíneo). Todo mundo concorda que ele ou ela seja normalmente um líder comunitário amado – preocupado em ajudar, atencioso, simpático e bastante bem-sucedido. Alguns podem até dizer que ele ou ela mima as pessoas com gentileza, perdoa tudo, concorda com todo mundo e na verdade gosta de governar aqueles que não conseguem governar a si mesmos. O nobre Leão.

Essa pessoa pode ser (e provavelmente seja) um robô total. Quer dizer, se ela *nunca* consegue transmitir ordens de um modo severo, *nunca* é capaz de duvidar dos outros, *nunca* é egocentrada, etc., então ela cunhou mecanicamente o Primeiro Quadrante, “Força Amigável”. Por outro lado, se ela for capaz de sair do Primeiro Quadrante em situações apropriadas (exercendo hostilidade contra o saqueador ou predador, admitindo fraqueza quando sobrecarregada), ela tem uma predileção cunhada-condicionada por “Eu estou bem, você está bem”, mas não é totalmente robotizada por ela.

O Sujeito #2, depois dos mesmos 20 anos de cunhagem e condicionamento, enquadra-se no Quadrante 2, Fraqueza Amigável (Fleumático). Ele ou ela é autocrítico, medroso, tímido, facilmente influenciado, “sem colhões”, e está sempre procurando alguém para Ficar no Comando e Dar Ordens. O anjo extraterreno ou, no simbolismo moderno, a Criança-Flor.

Novamente, essa cunhagem-condicionamento pode ser totalmente robótica ou pode haver flexibilidade suficiente para a pessoa pular para outro quadrante quando necessário.

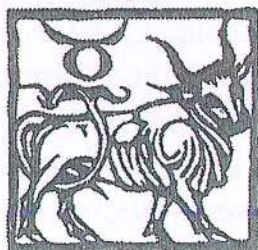
O Sujeito #3 enquadra-se, com total roboticidade ou com alguma flexibilidade, no Quadrante 3, “Fraqueza Hostil” (Colérico). Ele desconfia



♌



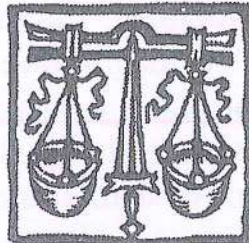
LEÃO



♉

TOURO

♎



LIBRA



♋

CÂNCER

OS QUATRO QUADRANTES FORAM RECONHECIDOS EM MUITAS ÉPOCAS E EXPRESSOS EM MUITOS SÍMBOLOS.

de todo mundo, rebela-se contra tudo, fala constantemente por meio de sarcasmos, reclama cronicamente e, geralmente, é amargo, ressentido e (em certa medida) paranoico. O Touro emburrado.

O Sujeito #4 enquadra-se no Quadrante 4, “Força Hostil” (Bilio-so), e é considerado “mandão”, frio, insensível, ditatorial, convencido, orgulhoso, etc., mas, ainda no julgamento de muitos, “um bom líder”. A Águia imperial.

A ironia e a tragédia da vida humana estão no fato de que nenhum desses sujeitos está absolutamente consciente de sua roboticidade. Cada um explicará a você, longamente e com grande convicção, como cada um desses reflexos robóticos e repetidos à exaustão é *causado* pelas situações ao seu redor, ou seja, pelo “mau” comportamento das pessoas à sua volta.

O QUE O PENSADOR PENSA, O DEMONSTRADOR COMPROVA.

Assim, se colocar esses quatro primatas em uma ilha deserta, você consegue prever, com praticamente tanta certeza quanto um químico nos dizendo o que vai acontecer se quatro elementos forem misturados, que os Sujeitos #1 e #4 (Força Amigável e Força Hostil) tentarão assumir o comando – o #1 para ajudar os outros, o #4 porque ele ou ela não consegue imaginar outra pessoa no controle. O #1 se submeterá ao #4 porque o #1 quer que as coisas caminhem suavemente pelo bem de todos e elas nunca andarão suavemente se o #4 não for o CHEFE do bando. O #2, Fraqueza Amigável, não se importará se for o #1 ou o #4 que governe, desde que outra pessoa tome as decisões. E o #3 vai reclamar (e reclamar, e reclamar), independentemente de quem esteja no controle, enquanto habilmente evita tomar qualquer ação que exija assumir alguma responsabilidade.

As mesmas decisões políticas seriam feitas por quatro chimpanzés ou quatro cachorros, se eles tivessem os quatro quadrantes de cunhagem igualmente divididos como em nosso exemplo hipotético.

Os sociobiólogos, que são bastante conscientes desses quatro quadrantes, tanto em sociedades humanas quanto em sociedades animais, afirmam que cada organismo nasce com uma predisposição genética para ter um desses papéis. Críticos da sociobiologia, que são Liberais dogmáticos, denunciam essa ideia como monstruosa. Não tentaremos aqui decidir essa difícil questão, pois qualquer tentativa de decidir quais aspectos do comportamento são genéticos e, o que é aprendido depois do nascimento, é sempre assumida pela metafísica ideológica na ausência prevalecente de dados reais. Dizemos meramente que, se eu ou você

náscessemos ou não com uma predisposição para um quadrante, todos os organismos nasceriam com uma predisposição para uma *vulnerabilidade à cunhagem*, e a cunhagem, uma vez estabelecida no circuito neural, agiria tão roboticamente quanto qualquer conexão genética.

De que forma as cunhagens podem ser alteradas será discutido à medida que prosseguirmos. Os exercícios em cada capítulo têm a intenção de tornar as cunhagens um pouco menos rígidas, um pouco mais flexíveis.

Os dois quadrantes do topo da grade de Leary – Força Simpática e Força Hostil – correspondem toscamente ao que Nietzsche chamou *Herrenmoral*, a ética das classes dominantes. De fato, a Força Hostil é a personificação da “Besta Loira” de Nietzsche, o tipo de pirata-conquistador primitivo que encontramos na aurora de cada civilização. Isso é o que Nietzsche também chamou de “animal” ou forma “*não sublimada*” da Vontade ao Poder.

(A Força Amigável, por outro lado, *não* corresponde ao *Herrenmoral*, salvo uma bem ligeira “*sublimada* Vontade ao Poder” de Nietzsche. Para encontrar isso, teremos de esperar até que cheguemos ao Quinto Circuito [Neurossomático] – o estágio da Evolução Consciente.)

Os dois quadrantes inferiores – Fraqueza Amigável e Fraqueza Hostil – correspondem à *Sklavmoral* de Nietzsche, a ética dos escravos, servos e pessoas de castas “inferiores” ou pessoas de classes “inferiores” em todo lugar. O conceito de “*ressentimento*” de Nietzsche – o motivo de vingança oculta dentro das filosofias “altruístas” – afirma que há um elemento de hostilidade dentro mesmo do lado da Fraqueza Amigável da grade; ou seja, na “ética cristã” convencional, como tipificada pela imagem do “Jesus gentil, humilde e compassivo”. Esse paradoxo – o Fraco Amigável é um Fraco Hostil disfarçado, a Criança-Flor no papel de um potencial assassino-robô, conforme Manson – reaparece no linguajar clínico moderno como o conceito de “passivo-agressivo”. Os ocultistas, em seu estranho jargão, descrevem esses tipos como “*vampiros psíquicos*”.

É por isso que Nietzsche afirmou que São Paulo tinha destruído o *Evangelho* (boas novas) de Jesus e o substituiu por um *disangelho* (más novas). O Evangelho de Jesus, como Nietzsche o considerava, era a *Vontade sublimada ao Poder sublimado*, o caminho da evolução consciente para a Super-Humanidade. O *disangelho*, as más notícias, criado por São Paulo era uma tradicional *Sklavmoral* – “Escravos, obedçam a seus mestres”, mas nutram seu *ressentimento* com a firme crença de que vocês são “bons” e eles são “maus”, e que, afinal, vocês terão o prazer

de vê-los queimar no Inferno para sempre. Na análise de Nietzsche, tudo o que Marx acrescentou foi a ideia de queimar e punir a Classe Mestra aqui e agora em vez de esperar que “Deus” resolva o assunto *post mortem*.

A mesma análise aparece no inesquecível par de versos de E. E. Cummings sobre os intelectuais comunistas de 1930:

**todo camarada é um pouco
de ódio concentrado.**

É interessante, nessa conexão, que Nietzsche tenha abandonado a linguagem “psicológica” em seus livros e a tenha substituído pela linguagem “fisiológica”. Por exemplo, em seus trabalhos posteriores, tal como *O Anticristo*, o “ressentimento” dentro da moralidade escrava (Cristandade convencional) é diagnosticado como uma reação fisiológica característica de certos tipos físicos. Nietzsche estava no caminho certo, mas na ausência da neurologia ele procurou pela base física desses processos apenas na genética. A teoria da cunhagem sugere, ao contrário, que tais reflexos fisiológicos de Membros Inferiores do bando são criados por gatilhos específicos em momentos iniciais da vulnerabilidade à cunhagem.

Mas eles estão, ainda assim, por todo o corpo ao mesmo tempo e são, portanto, fisiológicos. Qualquer Ator de Método sabe disso, e o seu corpo inchará fisicamente, se ele estiver representando o papel de um personagem forte, e encolherá, se ele representar o papel de um fraco. Rod Steiger, particularmente, pode parecer mais alto ou mais baixo dependendo de sua representação no papel de líder ou membro inferior do bando.

Lembre-se novamente de que todas essas categorias são *por conveniência* e que não foi a natureza que aplicou os limites rígidos que usamos em nossos modelos da natureza. Assim, com o esquema de Leary, de 1957, podemos ainda subdividir os nossos quatro tipos em 16 tipos com quatro níveis cada, para um total de 64 subtipos.

Na próxima seção, para simplificar o que pode estar ficando muito complexo, vamos reduzir tudo de novo às interações dos primeiros dois circuitos.

Qualquer sistema que descreva o comportamento humano deveria ser flexível o suficiente para se estender indefinidamente, e deveria ainda conter significado quando é reduzido de volta aos seus fundamentos.

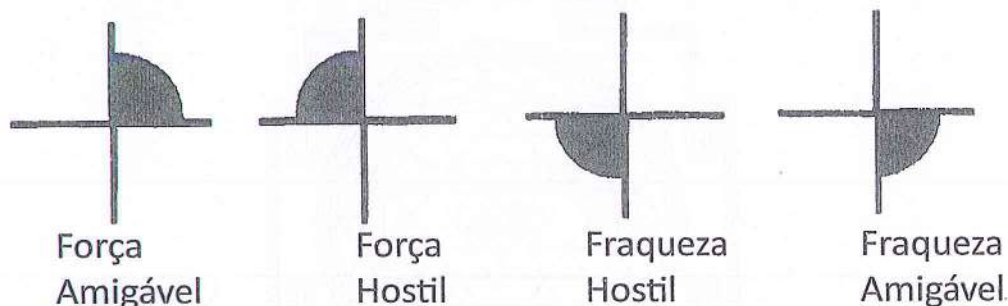
Como todos nós temos um circuito territorial-emocional, precisamos exercitá-lo diariamente.

Brincar com crianças é um bom exercício – especialmente se você brincar com grandes grupos, caso em que você vai ter de arbitrar disputas territoriais mamíferas. Nadar, correr ou qualquer outra coisa que goste é bom para evitar que os músculos sintam que você está tentando matá-los por inanição. Tentar “entrever” o estado emocional de outra pessoa é um dos melhores exercícios para esse circuito e, de um modo geral, é muito educativo. Isso ativa os antigos centros mamíferos no tálamo, para onde a linguagem corporal comunica os sinais emocionais.

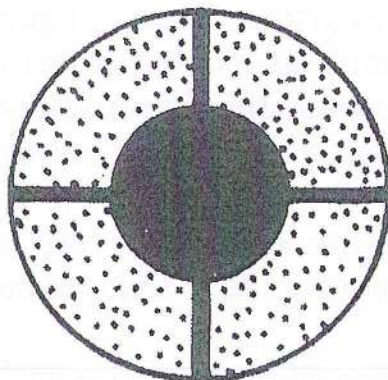
Um bom general usa esse circuito para “sacar” o que o general inimigo está planejando. Uma boa mãe o usa, vice-versa, para descobrir o que os “gritinhos” do bebê significam em cada caso particular.

O trabalho avançado com esse circuito, envolvendo alguns perigos em relações pessoais, envolveria jogos como aprender a intimidar alguém, se você nunca conseguiu fazer isso antes; aprender a se submeter docilmente, se você nunca conseguiu fazer *isso* antes; e aprender a expressar raiva de modo apropriado e deixá-la ir embora quando não é mais necessária.

Os leitores atenciosos e visualmente orientados observarão que cada tipo “extremo” pode ser expresso na Grade de Leary como uma fatia de bolo retirada do centro:

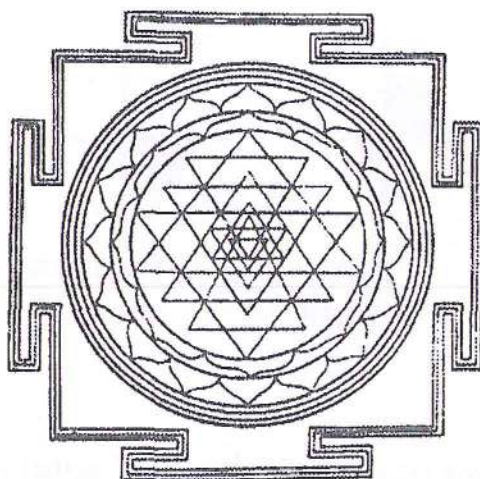


Obviamente, uma pessoa idealmente “equilibrada” – ou seja, uma pessoa não robotizada e capaz de se ajustar às circunstâncias conforme se apresentam – não estaria tão distante do centro. Tal pessoa seria capaz de se mover um pouco mais para dentro de cada quadrante “de acordo com os tempos e estações”, como os chineses dizem, mas basicamente manteria um distanciamento centrado entre todos eles. Ele ou ela poderiam ser representados como um círculo:



O círculo escuro no interior representaria a individualidade adamantina dessa pessoa idealmente distante – distante de cunhagens robóticas. O círculo pontilhado representaria a habilidade de se mover, vez por outra, para fora e para dentro de cada quadrante quando isso fosse necessário.

Círculos desse tipo, chamados *mandalas*, são largamente usados para meditação na tradição budista. Com frequência são ilustrados nas extremidades com quatro demônios que evidentemente, como o leão, o touro, o anjo e a águia ocidentais, representam os extremos a serem evitados.



(...) *being humus, the same roturns.*
(sendo humus, ao mesmo retorna.)

– James Joyce, *Finnegans Wake*

EXERCÍCIOS

1. Sempre que você se encontrar com um homem ou com uma mulher, pergunte-se conscientemente: “Se eu tiver de lutar corpo a corpo com ele ou ela, eu o/a venceria?”. Depois, tente determinar quanto do seu comportamento é baseado em se perguntar e se responder essa questão *inconscientemente* via “linguagem corporal” pré-verbal.

2. Beba até ficar um bêbado valentão e esmurre a mesa, falando bem alto para todo mundo que babacas estúpidos eles são.¹³

3. Pegue um livro sobre meditação, pratique duas sessões de 15 minutos todos os dias por um mês, e depois vá ver alguém que sempre consegue chateá-lo ou deixá-lo na defensiva. Veja se eles *ainda* conseguem apertar seus botões de recuo territorial.¹⁴

4. Passe um fim de semana em um Encontro de Grupo. Durante a primeira metade do dia, tente intuir de qual quadrante cada participante procede. Ao final, veja se qualquer um deles se tornou menos robotizado. Veja se você consegue se tornar menos robotizado.

5. Vá ao zoológico e estude os leões até que você sinta que realmente entende a realidade individual deles, as lentes pelas quais eles percebem o mundo.

6. Alugue um vídeo do tipo comédia de que crianças pequenas gostam – os Três Patetas, Abbott & Costello, etc. Observe cuidadosamente e pense para qual função esse humor serve; mas não se prive de rir.

7. Passe o domingo inteiro assistindo a programas sobre animais na tevê (ficando chapado de maconha, se lhe for permitido). No dia seguinte, vá ao escritório e observe *cuidadosamente* a hierarquia do bando de primatas como um cientista.

13. Opiáceos e *pequenas* doses de álcool parecem disparar neurotransmissores do Circuito I que proporcionam tranquilidade durante a amamentação. *Grandes* doses de álcool frequentemente invertem essa condição e disparam neurotransmissores característicos da disputa territorial. Observe o vocabulário anal dos bêbados hostis à medida que o seu nível alcoólico aumenta.

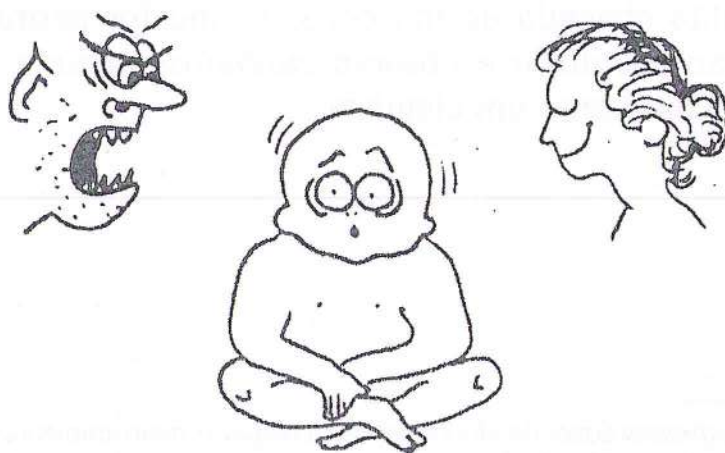
14. Um bom livro sobre Meditação é *Undoing Yourself With Energized Meditation & Other Devices* (Desmembrando-se por meio da Meditação Energizada e outros dispositivos, de Christopher S. Hyatt, Ph.D. (New Falcon Publications).

CAPÍTULO 5

Dickens e Joyce: a Dialética dos Dois Circuitos

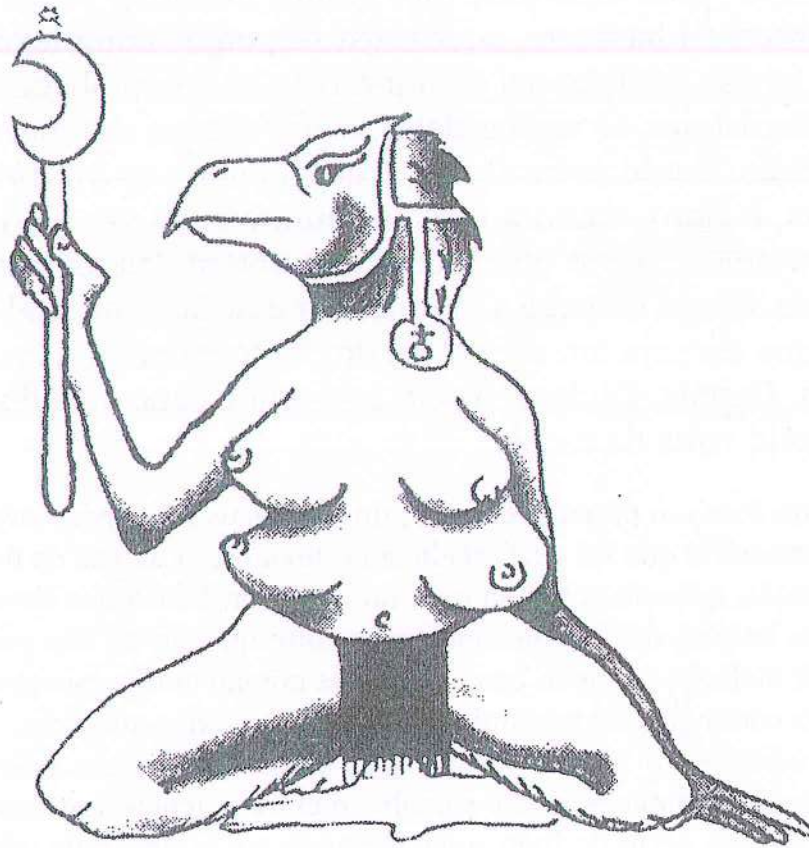
É por isso que todos ficam alvoroçados com o seu coldre. É por isso que esses astecas loucos e ministros do crime pregam-lhe pela manhã.

— James Joyce, *Finnegans Wake*



O choque e o espanto do infante, quando a crueldade do treinamento tradicional para o uso da privada introduz os valores do segundo circuito anal-Patrístico, no previamente bem-aventurado *continuum* oral-Matrístico, são transmitidos com grande maestria no *David Copperfield*, de Dickens. De fato, essa sequência é tão evidente, que

**A GRACIOSA DEUSA E O ATERRORIZADOR
GIGANTE ASSOMBRAM NOSSAS LENDAS
E NOSSA LITERATURA.**



Hearsay in paradox lust.
(Boato sobre luxuria paradoxal.)

– James Joyce, *Finnegans Wake*

fica difícil acreditar que ela tenha sido escrita meio século antes dos escritos clínicos de Freud.

Dickens descreve uma infância idílica na qual David vive com sua mãe viúva que, seguramente, pode ser caracterizada como uma incorporação humana da *bona dea* (boa deusa) dos antigos (que ainda sobrevive como a “fada madrinha” nos contos infantis). Nessa feliz cena, introduz o horrível padrasto, sr. Murdstone, cujo “complexo de Jeová” o torna um avatar do deus-pai punidor. Não há como obedecer todas as regras de Murdstone; há muitas delas, e elas são em sua maioria não ditas e implícitas. David sofre alguns cruéis *açaites no traseiro* (para seu próprio bem, é claro, embora Dickens enfatize, de um modo um tanto freudiano, o prazer óbvio que Murdstone obtém dessas sessões). Bem naturalmente, David começa a internalizar esse sistema anal de valores, e imagina que ele seja um miserável um tanto culpado e mereça muito essa tortura. Depois, Dickens insere a seguinte cena quando, depois de um ano, David volta da escola:

Eu entrei com um passo silencioso, tímido. Deus sabe quão infantil deve ter sido a memória que foi despertada em mim ao som da voz de minha mãe no velho salão, quando coloquei o pé no corredor. Penso que devo ter deitado em seus braços, ouvindo-a cantar para mim quando eu não passava de um bebê. A melodia era nova para mim, mas era tão antiga que preencheu meu coração como quando um amigo volta de uma longa ausência.

Eu acreditei, pelo modo solitário e atencioso que minha mãe murmurava sua canção, que ela estivesse sozinha, e entrei silenciosamente na sala. Ela estava sentada perto do fogo, amamentando um infante cuja mão minúscula ela segurava contra o seu pescoço. Seus olhos estavam olhando para o rosto do bebê e, sentada, cantava para ele. Eu tinha certeza que ela estava sozinha. Falei com ela e, surpresa, ela gritou. Mas, vendo-me, ela me chamou de seu querido Davy, seu garoto: e, depois, atravessou a sala e veio em minha direção, ajoelhou-se, beijou-me e deitou minha cabeça em seu colo perto da pequena criatura que ali estava aninhada, colocando a mão do bebê em meus lábios.

Eu queria ter morrido. Eu queria ter morrido ali, com aquela sensação no coração. Eu deveria estar mais apto para o céu do que eu jamais fora desde então.

O sonho do retorno à biossegurança oral é muito evidente para requerer um comentário.

De modo similar, no monumental romance de Joyce sobre a mente de um homem dormindo, *Finnegans Wake*, o Pai e o Deus-Pai estão sempre associados com guerra e excreção, como o estudioso de Joyce,

William York Tindall, observou. Como “Gunn, the Farther”, o aterrozante monstro anal combina revólver, divindade e flatulência; como “Delude of Israel” (O Engano de Israel), ele é o ciumento (territorial) “Lord of Hosts” (Senhor das Hostes) do Antigo Testamento, ou seja, das batalhas. Sua insígnia, a palavra-trovão de cem letras, recorrente dez vezes no sonho, sempre combina Paternidade, ameaça, defecação e guerra: por exemplo, em sua primeira ocorrência na página 1, ela é:

bababalalgharaghtakamminaronnkonnbronnton
nerronntounnthunntrovarrhounawnskawn
toohoohoondenthurnuk

Aqui encontramos *Baba* (pai, em árabe), o som de *Abba* (pai, em hebraico), o som de *Canbronne* (o general que tão apropriadamente disse *merde* quando solicitado a render o território), o som do galês *scan* (o som do trovão ou do ânus), *ronnen* (excreção, em alemão), o sugestivo *orden*, implicando tanto a medalha alemã por bravura quanto o inglês *ordure* [excremento], etc. O aterrorizador Deus-Pai alhures “Makes his manuvres in open ordure” (“Faz suas necessidades no excremento) e prega todos os valores anal-autoritários: “No cods before me... Thou shalt not commix idolatry... Love my label like myself” (“Nenhum indivíduo antes de mim... Não cometerás idolatria... Ame meu rótulo como a mim mesmo”). Ele é o vilão da “*goddinpotty*” (festa no jardim) – o deus-trapaceiro que colocou a armadilha no Jardim do Éden; o ego internalizado no treinamento para a privada (*potty*); o deus do trovão e da ira (*god-din*).

Ao afugentá-lo, os “unhappitants of earth” (“os habitantes infelizes da Terra”) sempre procuram o seu oposto, ALP (sonho, em alemão; também a raiz das primeiras letras dos alfabetos grego e hebraico – *alpha* e *aleph*, a fonte, o início) – Anna Livia Plurabella, quando seu nome é escrito por inteiro: as águas da vida combinadas com todas as belas mulheres. Ela é tão oral e amável quanto “the Omniboss” (“o chefe onipotente”) é anal e ameaçador:

... com um bico e em um salto, todos os seus cachos esvoaçando, gotas de rocha caem em sua presilha, bilhetes de bonde em seus cabelos, todos enrolados e, então, todas as nuances, pequena antiga múmia, pequena maravilhosa mãezinha, curvando-se sob as pontes... tão feliz quanto um dia úmido, balbuciando, borbulhando, falando consigo mesma, apreciando os campos...

Essa mulher-rio amniótica é a mãe perfeita da memória do sonho infantil e a Grande Deusa dos antigos, o lugar ideal seguro e quente da biossobrevivência e a ela Joyce oferece sua oração mais fervorosa:

Em nome de Annah, a mais surpreendente, a imortal, a Portadora de plurabilidades, abençoada seja a sua vinda, seu tempo musical cantado, seu regato fluido, tão solto quanto desigual!

A humanidade, na visão de Joyce como na de Rattray Taylor, está sempre a abandonando para seguir o Herói (Pai) no “campo de batalha de Waterloo” (com sangue e excremento sobreposto para revelar as raízes territorial-anais da guerra), e depois voltar, temporariamente humilhada, “to list, as she bibs us, by the waters of babalong” (“para adernar, enquanto nos sorvem as águas de babalong”).

No Capítulo Três de *Finnegans Wake*, os “offenders” (invasores) e os “defenders” (nativos) ficam tão plenamente misturados que tudo o que resta é um “fender” (terminologia inglesa) composto que assume a culpa por todos.

Essa visão cíclica da história, quer em Joyce quer em Rattray Taylor, Vico (fonte de Joyce), Hegel e Marx, etc., é apenas parte da verdade, mas ela precisa ser enfatizada porque é a parte que a maioria das pessoas se recusa medrosamente a reconhecer. Quer falemos em termos da dialética Matrística-Patrística de Taylor, quer do ciclo do Divino de Vico, eras Heroicas e Urbanizadas, a trindade da Tese-Antítese-Síntese de Marx-Hegel ou qualquer variação a partir daí, estamos falando de um padrão que é real e que se repete.

Mas isso apenas se repete à medida que as pessoas são robotizadas: presas a reflexos conectados.

Quando os fatos, os truques, as ferramentas, as técnicas e os dispositivos acumulados da neurociência – a ciência da mudança cerebral e da liberação cerebral – alcançarem certa massa crítica, seremos todos capazes de nos libertar desses ciclos robóticos. Esta é a tese deste livro pela qual estivemos abordando essa massa crítica durante várias décadas e que chegará ao cruzamento mais rapidamente do que é esperado.

Os alvoroços correntes da belicosidade territorial-emocional que varrem este planeta não são apenas outra civilização em queda, segundo Vico. São as dores do parto de um Prometeu cósmico emergindo do longo pesadelo da história do primata domesticado.

É claro, essas são generalizações genéticas/históricas que não correspondem precisamente a qualquer família específica. Os arquétipos

dessa graciosa deusa/gigante hostil não são ativados em casos em que a mãe é fria, rejeitadora, amarga, etc., e o pai, a figura calorosa, apoiadora. As cunhagens no primeiro e segundo circuitos são estatisticamente divergentes em tais famílias e assim podendo resultar – um xamã, um esquizofrênico, um gênio, um homossexual, um artista, um psicólogo, etc.

EXERCÍCIO

Nos termos da teoria até agora desenvolvida, analise os seguintes personagens:

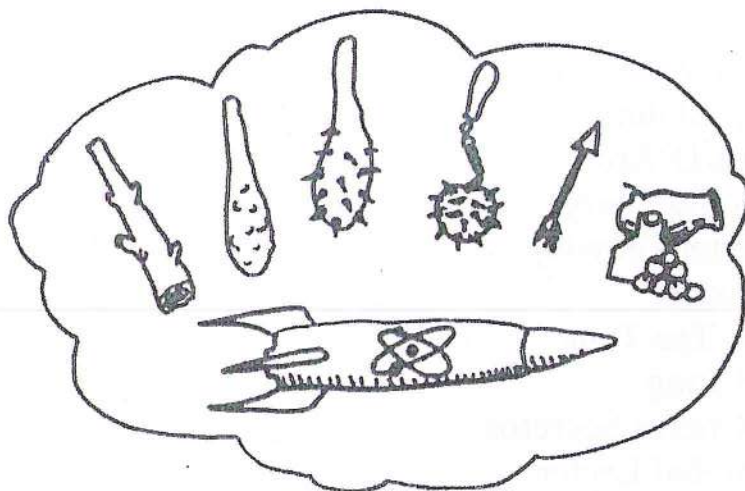
1. Scarlett O'Hara
2. King Kong
3. Ulisses
4. Hamlet
5. Pernalonga
6. Portnoy
7. Leopold Bloom
8. Richard M. Nixon
9. Thomas Jefferson
10. São Paulo
11. Pato Donald
12. Iago
13. Jane Eyre
14. Josef Stalin
15. Joana D'Arc
16. Timothy Leary
17. Aleister Crowley
18. O Autor
19. Mao-Tse-Tung
20. Carl Jung
21. Os Chefes Secretos
22. Hannibal Lecter
23. Você

CAPÍTULO 6

O Circuito Semântico da Vinculação do Tempo

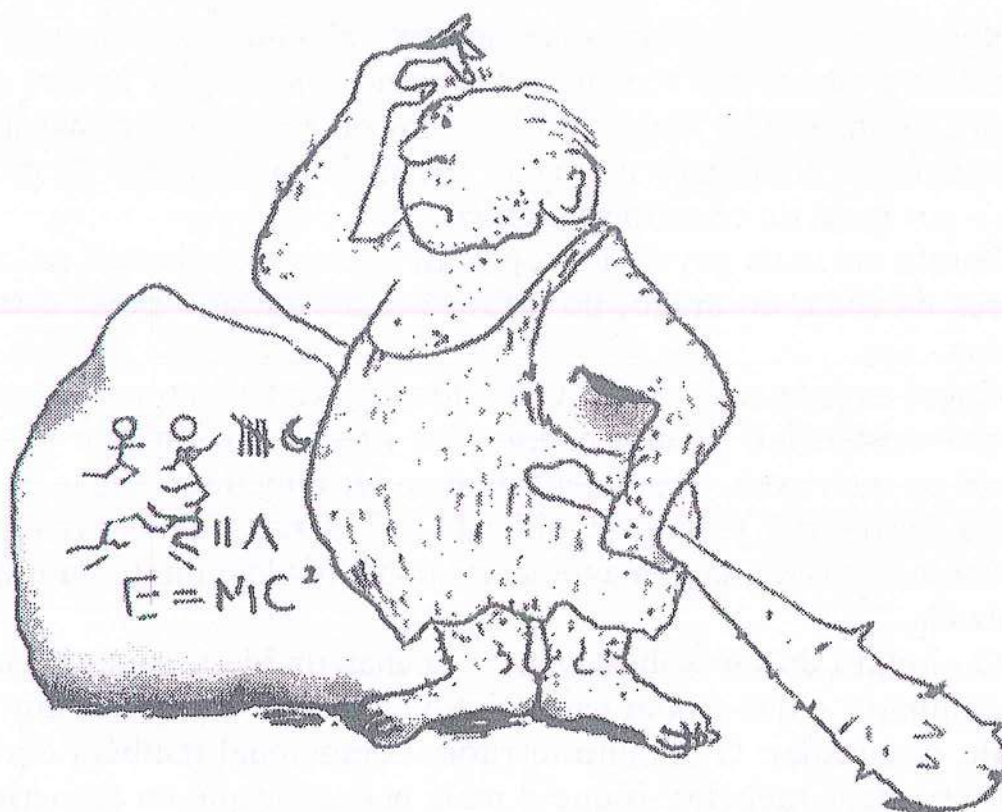
Dizem que, quando se juntam duas mentes, sempre há uma terceira mente, uma mente superior, como um colaborador invisível.

– William S. Burroughs e Brion Gysin, *The Third Mind*



Seres humanos (*primatas domesticados*) são criaturas usuárias de símbolos; o que significa, como o pioneiro semântico Korzybski observou, que *aqueles que dominam os símbolos dominam a nós*.

Se Moisés, Confúcio, Buda, Maomé, Jesus e São Paulo podem ser considerados influências vivas – e eles são: olhe para o mundo –, isso acontece porque o Sinal deles nos foi transmitido por meio de sistemas de



OS SERES HUMANOS SÃO ACUMULADORES DE TEMPO

O terceiro circuito, o semântico, lida com artefatos e elabora um “mapa” (túnel de realidade [a forma pela qual os seres percebem o mundo]) que pode ser transmitido para outros, mesmo através de gerações. Esses “mapas” podem ser pinturas, desenhos, palavras, conceitos, ferramentas (com instruções de uso transmitidas verbalmente), teorias, música, etc.

símbolos humanos. Esses sistemas incluem palavras, obras de arte, música, rituais e rituais não reconhecidos como tais (“jogos”) pelos quais a cultura é transmitida. Marx e Hitler, Newton e Sócrates, Shakespeare e Jefferson, etc. continuam a “reger” partes da humanidade do mesmo modo – por meio do circuito semântico.

Somos até mais governados, porém menos conscientes, pelos inventores da roda, do arado, do alfabeto e até mesmo pelas estradas romanas.

Como as palavras contêm tanto *denotações* (referentes ao mundo sensorial-existencial) quanto *conotações* (tons emocionais e ganchos poéticos ou retóricos), os humanos podem ser impelidos à ação mesmo por palavras que não tenham significado real ou referência na realidade. Esse é o mecanismo da demagogia, da publicidade e muito da religião organizada.

O circuito da biossobrevivência apenas divide a experiência em dois conjuntos: o que é bom para mim ou nutritivo e o que é ruim para mim ou ameaçador. O circuito territorial-emocional também divide o mundo em duas metades: o que é mais poderoso que eu (superior na ordem da matilha) e o que é menos poderoso que eu (inferior na ordem da matilha). Com base nisso, sistemas sociobiológicos se desenvolvem e “sociedades” animais de complexidade verdadeiramente humana têm sido estudadas.

O circuito semântico nos permite subdividir as coisas, e reconectá-las, *ao bel-prazer*. Não há fim para sua intensa rotulagem e empacotamento da experiência. No plano pessoal, esse é o “monólogo interior” descoberto por Joyce em *Ulisses*. No plano histórico, essa é a *função de vinculação do tempo* descrita por Korzybski, que permite a cada geração acrescentar novas categorias à nossa biblioteca mental – conectando coisas novas, separando coisas novas, reclassificando e remodelando eternamente. Nessa dimensão de vinculação do tempo, Einstein reposicionou Newton perante a maior parte do mundo¹⁵ que nunca ouvira falar dele. A aritmética simples deu origem à álgebra, que deu origem ao cálculo, que produziu o cálculo tensorial, etc. Haydn e Mozart prepararam o caminho para Beethoven, que ao surgir nos reinos que os românticos e os wagnerianos haviam assumido, deu origem ao que é hoje chamada de música.

O chamado “choque do futuro” sempre esteve conosco, desde que o circuito semântico começou a funcionar em algum lugar na pré-história. Na simbologia, no cálculo, na abstração das espécies, todos os

15. A maior parte do mundo era iletrada até a década de 1970.

tempos são “tempos de mudança”. O processo está, entretanto, *acelerando cada vez mais com o passar do tempo*, porque a faculdade de simbolizar é inerentemente autocrescente.

Na linguagem comum, o circuito semântico é geralmente chamado de “a mente”. (Como disse o psicólogo Robert Ornstein em um programa de rádio, quando dizemos que alguém “tem uma mente boa”, geralmente queremos dizer que essa pessoa tem *uma boca boa*, ou seja, ela usa bem o circuito semântico.)

Nos termos da Análise Transacional, o primeiro circuito (oral) é chamado de a Criança Natural, o segundo circuito (emocional) é chamado de a Criança Adaptada e o circuito semântico é chamado de Adulto ou Computador. Nos termos jungianos, o primeiro circuito intermedeia a *sensação*; o segundo circuito, o *sentimento*; e o terceiro circuito, a *razão*.

Os componentes neurológicos do primeiro circuito voltam às partes mais antigas do cérebro; Carl Sagan chamou essas funções de “o cérebro reptiliano”. Essas estruturas neurais têm pelo menos bilhões de anos. As estruturas do segundo circuito apareceram com os primeiros anfíbios e mamíferos, em algum momento entre 1 bilhão e 500 milhões de anos atrás; Sagan chamou-as de “cérebro mamífero”. O circuito semântico apareceu provavelmente há 100 mil anos; Sagan chamou-o de “cérebro humano”. Não deveria ser surpresa que a maioria das pessoas, na maior parte do tempo, é mais controlada pelos antigos circuitos reptiliano e mamífero que pelo circuito semântico humano (racional), ou que esse circuito semântico seja tão facilmente desvirtuado em falsas lógicas (preconceitos, ideologias intolerantes, fanatismos de todos os tipos) quando o circuito da biossobrevivência assinala ameaça à vida ou no momento em que o circuito emocional assinala ameaça ao *status*.

Cínicos, satíricos e “místicos” (tipos do circuito V-VIII) nos disseram constantemente que “a razão é uma prostituta”, ou seja, que o circuito semântico é notoriamente vulnerável à manipulação pelos circuitos mais antigos e mais primitivos. Entretanto, por mais que o racionalista se ressentisse com isso, é sempre verdade no curto prazo – ou seja, fazendo uso das palavras preferidas dos racionalistas, é sempre *pragmaticamente* verdade. Quem quer que consiga amedrontar as pessoas o suficiente (produzir ansiedade de biossobrevivência) pode vender a elas rapidamente qualquer mapa verbal que pareça lhes dar alívio, ou seja, curar a ansiedade. Ao assustar as pessoas com o

Inferno e depois oferecer-lhes a Salvação, as pessoas mais ignorantes ou desonestas podem “vender” um sistema inteiro de pensamento que não resiste a dois minutos de análise racional. E qualquer macho alfa entre os primatas domesticados, embora cruel e desonesto, pode reunir a tribo primata atrás de si ao urrar que um rival macho alfa está prestes a conduzir sua gangue em um ataque contra esse habitat. Esses dois reflexos mamíferos são conhecidos, respectivamente, como Religião e Patriotismo. Eles funcionam para primatas domesticados, bem como para os primatas selvagens, pois trata-se de Relativos Sucessos Evolutivos (até agora).

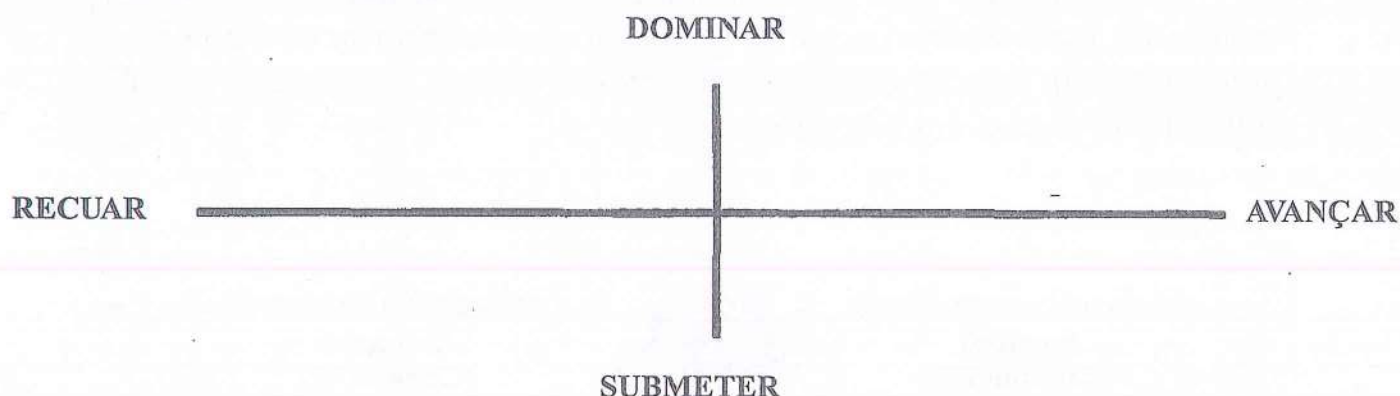
O circuito territorial-emocional ou “patriótico” também contém os programas de *status* no bando ou em sua ordem. Funcionando em conjunto com as ansiedades de biossobrevivência do primeiro circuito, ele é sempre capaz de perverter o funcionamento do circuito racional-semântico. O que quer que ameace a perda de *status*, e o que quer que invada o “espaço” de alguém (inclusive o “espaço intelectual” ideológico desse alguém), é uma ameaça ao primata domesticado mediano. Assim, se um homem pobre tem um *status* apropriado em sua vida – “Sou um homem branco, não um maldito negro” ou “Sou normal, não um maldito veado” ou o que seja –, qualquer tentativa de pregar¹⁶ tolerância, humanidade em comum, relativismo, etc. não é processada pelo circuito semântico, mas por meio do circuito emocional, e é rejeitado como um ataque ao *status* (ego, papel social).

O leitor atento vai se lembrar de que a grade dos dois primeiros circuitos coloca a criança pré-verbal em um mundo bidimensional, que, no mais simples de nossos diagramas, se apresentava da seguinte forma:

O terceiro circuito, o semântico, parece intimamente ligado à tridimensionalidade (embora nossa visão binocular, é claro, também tenha aqui seu papel). Especificamente, ser destro é uma característica humana ou, ao menos, primata. Outros mamíferos não mostram preferência pela mão direita; eles são ambidestros.

A neurologia recente mostrou que nossa dexteridade está intimamente ligada à nossa tendência em usar o *hemisfério esquerdo* do *cérebro*.

16. É claro, pregação em si é ruim segundo a política do circuito, já que coloca você em um lugar superior ao da pessoa a quem se prega. Você *não* está em um nível superior, a não ser que esteja cunhado dessa forma por ser um macho alfa, no mesmo grupo de genes ou condicionado como tal por ser um “chefe” ou outra figura de autoridade. A contracultura da década de 1960, como muitos outros movimentos idealistas, falhou, porque fez tanta *pregação* de uma posição moralmente superior quando ninguém havia sido cunhado ou condicionado para aceitá-la como se fosse superior.



bro mais do que o direito. (A minoria canhota será discutida a seguir.) De fato, usamos tão pouco o hemisfério direito na vida cotidiana que por um longo tempo ele foi chamado de “hemisfério silencioso”.

Portanto, há uma preferência genética (conectada), na maioria dos humanos, para as *manipulações destras* e para as *atividades mentais do cérebro esquerdo (canhotas)*. Essas conexões parecem estar intimamente envolvidas com nosso circuito verbal, o semântico, pois o cérebro esquerdo é a parte “falante”. Ele é linear, analítico, semelhante ao computador e bastante verbal. Assim, há uma base neurológica para a ligação entre *mapear* e *manipular*. A mão direita *manipula* o universo (e produz artefatos) e o cérebro esquerdo *mapeia* os resultados em um modelo, o que permite previsões sobre o comportamento futuro daquela parte do universo. Essas são as características distintamente *humanas* (pós-primatas).

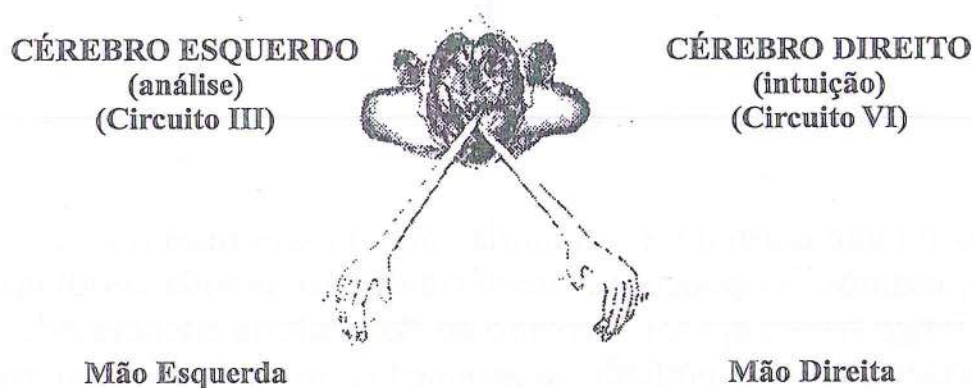
A mão esquerda, ao contrário, especializa-se nas funções do cérebro direito, que são holísticas, supraverbais, “intuitivas”, musicais e “místicas”. Da Vinci, Beethoven e Nietzsche, por exemplo, eram todos canhotos. Tradicionalmente, pessoas canhotas têm sido objeto de temor e admiração – consideradas estranhas, xamânicas e provavelmente em especial comunicação com “Deus” ou com “o Demônio”.¹⁷

Assim, há um cruzamento que representa uma polaridade no sentido direita-esquerda, tanto no funcionamento do cérebro quanto no da mão, cada um sendo a imagem do outro na forma reversa do espelho:

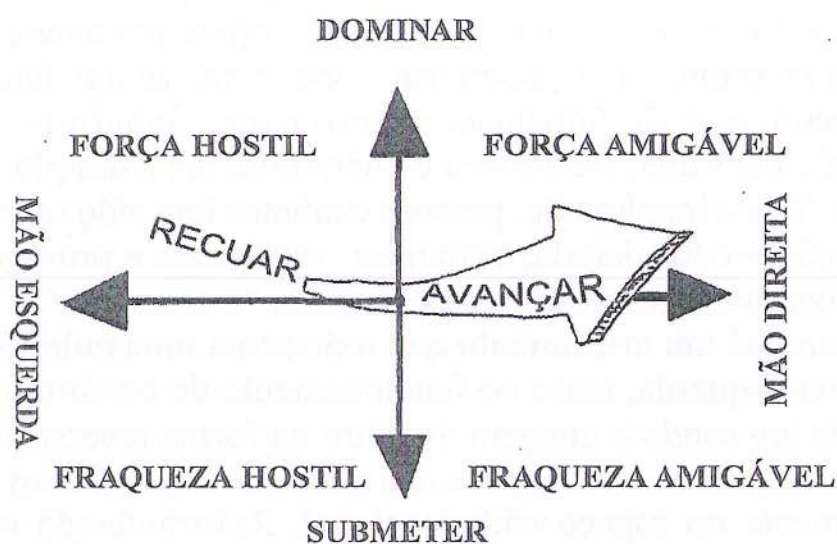
Essa dupla (e reversa) polaridade direita-esquerda nos coloca neurologicamente no espaço tridimensional. Reformulando o nosso diagrama e acrescentando o terceiro circuito, podemos ilustrar o campo mental como segue:

17. Aleister Crowley sabia disso *pragmaticamente*, antes da neurologia moderna. Ele ensinava seus alunos a escrever bem com ambas as mãos, forçando assim o hemisfério direito adormecido a se lançar em atividade.

Para visualizar esse esquema bidimensional de um sistema tridimensional, é necessário imaginar que o eixo recuar-avancar está com ângulos retos em relação aos outros ângulos – ou seja, é possível “vê-lo” saltando da página em sua direção.



Esse é o espaço “euclidiano”. Fica óbvio nesse contexto por que o espaço euclidiano foi o primeiro tipo de espaço descoberto pelos matemáticos e pelos artistas, e por que ele ainda parece “natural” para nós; e



por que alguns têm grande dificuldade em imaginar os tipos de espaço não euclidianos usados na física moderna.

O espaço euclidiano é uma *projeção para fora* do modo como nosso sistema nervoso armazena informação nos circuitos da biossobrevivência, emocional e semântico.

Assim, os campos de cunhagem desse circuito estão localizados no *córtex esquerdo* e intimamente ligados aos delicados músculos da *laringe* e das precisas manipulações da “*desteridade*” da mão direita. O córtex em si é tão recente na evolução que é geralmente chamado de “*cérebro novo*”; ele é somente encontrado nos mamíferos superiores e é mais desenvolvido nos humanos e nos cetáceos (golfinhos e baleias).

Aqueles casos extremos que têm sua cunhagem mais pesada no terceiro circuito tendem a crescer cerebrotônicos. Eles são altos e magros, porque a energia é perpetuamente lançada do corpo para a cabeça. A caricatura do gênio malvado, dr. Silvana, das revistinhas do Capitão Marvel, que praticamente era todo cabeça, representa o extremo em cuja direção esse tipo parece estar evoluindo. Popularmente, essas pessoas são chamadas de “*cabeção*”.

Quase sempre, esses tipos cerebrotônicos do terceiro circuito ignoram ou são hostis às suas funções do primeiro e do segundo circuitos. A ludicidade intriga-os (parece boba ou excêntrica) e as emoções tanto os desconcertam quanto assustam.

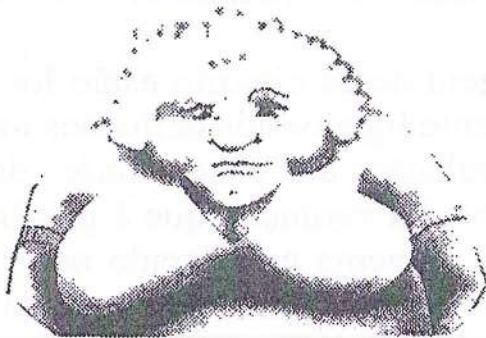
Como todos nós temos esse circuito, precisamos exercitá-lo regularmente. Crie um diagrama esquemático do seu trabalho ou de sua casa e tente organizá-lo para maior eficiência. Desenhe um esquema que explique todo o Universo. Alguns anos depois, estude uma ciência que você ignore totalmente, em um centro de Educação para Adultos.

E não negligencie *brincar* com esse circuito: escreva poemas, *jingles*, fábulas, provérbios e piadas.

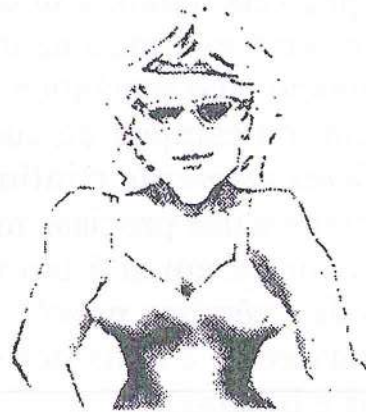
**LEMBRE-SE, O SR. CROWLEY DISSE:
VOCÊ TAMBÉM É UMA ESTRELA**

**P.S. ELE TAMBÉM DISSE:
NÃO SE APRESSE EM OBTER RESULTADOS**

Tal como nos primeiros circuitos, o circuito semântico constrói todo o seu condicionamento e aprendizado sobre uma base de cunhagem estruturada. Assim, muitos pensamentos existencialmente possíveis de ser pensados são socialmente impensáveis, uma vez que (a) em uma determinada sociedade, quase todos têm a mesma cunhagem



VISCEROTÔNICA
Extremo
Cunhagem no Circuito I
O tipo sentimental de Jung
“Criança Natural”



MUSCULOTÔNICA
Extremo
Cunhagem no Circuito II
O tipo sensacional de Jung
“Criança Adaptada”



CEREBROTÔNICA
Extremo
Cunhagem no Circuito III
Tipo racional de Jung
“Adulto” ou “Computador”

**A CUNHAGEM NEUROLÓGICA É O PROJETO
DO ORGANISMO INTEIRO.**

semântica e (b) isso é reforçado diariamente por hipóteses que são mecanicamente assumidas como verdadeiras.

Portanto, um gênio é alguém que, por meio de alguns processos internos, avança para o Circuito VII – um milagre neurológico menor, o qual, de modo geral, é chamado de “intuição” – e volta para o terceiro circuito com a capacidade de desenhar um novo mapa semântico, construir um novo modelo de experiência. É desnecessário dizer que isso é sempre um choque profundo para aqueles que ainda estão presos nas velhas cunhagens robóticas, e é geralmente considerado uma ameaça ao território (espaço mental ideológico). A longa lista de mártires disponível à livre investigação, de Sócrates em diante, mostra quão mecânica é essa *neofobia* (medo de novos sinais semânticos).

Como Thomas Kuhn mostrou em seu livro *The Structure of Scientific Revolutions*, a própria ciência – a apoteose da racionalidade semântica do terceiro circuito – não está livre dessa neofobia. Kuhn demonstrou, extensamente, que cada revolução científica levou uma geração inteira para mudar a antiga visão de mundo. E Kuhn ainda mostrou que os cientistas mais velhos *nunca* foram convertidos ao novo paradigma semântico. Eles permanecem, em nossa terminologia, mecanicamente atrelados à suas cunhagens originais. A revolução está completa, como Kuhn mostra, somente quando uma segunda geração, não atrelada à velha cunhagem, é capaz de comparar os dois modelos e decidir racionalmente que o mais novo realmente faz mais sentido.

Porém, se a ciência, a mais autocorretora de todas as funções de processamento de informações do terceiro circuito, tem essa defasagem de tempo de uma geração, o que pode ser dito da política, da religião e da economia? Defasagens de séculos, ou mesmo milênios, são comuns por aí.¹⁸

Comentamos anteriormente que, na neurologia da biossobrevivência, o *tempo* não existe. Quantas vezes as pessoas se surpreendem dizendo: “Nossa! Nem percebi que eu fiz isso!”, depois de um impensado reflexo no circuito da biossobrevivência.

O circuito territorial-emocional começa a incluir tempo como um fator. Sinais de dominância podem não “funcionar”: o aparente mamífero mais fraco pode oferecer um contradesafio. Dois cachorros vão andar em volta um do outro por vários minutos rosnando e se cheirando (as secreções químicas de cada um revela ao outro o seu verdadeiro nível de medo) antes de se tornar claro quem é o Chefe e quem é o Submisso.

18. Não é preciso dizer que isso somente se refere à política, à religião e à economia de *outros povos*. As opiniões do próprio leitor sobre esses assuntos são as únicas razoáveis e objetivas. É claro.

Ao nível humano, muitas vezes nos desesperamos sobre decisões emocionais, o que nos torna profundamente conscientes do *tempo* à medida que hesitamos. Como todo escritor de suspense sabe, a melhor forma de aumentar a tensão emocional é estabelecendo um *limite de tempo* para uma decisão difícil ou perigosa. (Veja qualquer roteiro de *Star Trek*; o limite de tempo nunca está ausente. Ou veja qualquer dos *best-sellers* de Irving Wallace. O suspense é sempre aumentado, é claro, se o limite de tempo é encurtado abruptamente no momento imediatamente anterior ao clímax.)

No terceiro circuito, o tempo se torna *conceitualizado* bem como *experimentado*. Nós nos percebemos como criaturas do tempo; “a lenda da tribo”, o totem, a *Odisseia* de Homero, o *Velho Testamento*, os *Vedas*, etc. nos contam o que veio antes e, com frequência, contêm profecias do que acontecerá no futuro. A ciência expande o terceiro circuito em contemplação de períodos de tempo que desafiam a nossa imaginação. O próprio uso da linguagem escrita e outros símbolos, como os matemáticos, criam o sentido de vinculação do tempo de Korzybski: nós nos percebemos como recebedores de mensagens enviadas pelos sábios “de antigamente” e como potenciais transmissores dessas mensagens que poderão ser desvendadas no futuro.

O quarto circuito nos faz sentir ainda mais envolvidos e *pressionados* pelo tempo.

Ao encerrar este capítulo, lembremo-nos que Giordano Bruno foi queimado em 18 de fevereiro de 1600 por ensinar que a Terra se movia. Era ele *culpado* ou *não*?

EXERCÍCIOS

1. Se você é um Liberal, assine o *National Review*, a revista conservadora mais inteligente (e espirituosa) do país, por um ano. A cada mês, enquanto lê seus artigos, tente entrar no túnel de realidade da revista por algumas horas.

2. Se você é um Conservador, assine o *New York Review of Books* por um ano e tente fazer o mesmo por algumas horas por mês.

3. Se você é um Racionalista, assine a revista *Fate* por um ano.

4. Se você é um ocultista, associe-se ao Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal (Comitê para a Investigação Científica de Eventos Paranormais) e leia o seu periódico, *The Skeptical Inquirer*, por um ano.

5. Compre um exemplar da *Scientific American* e leia qualquer artigo. Faça as seguintes perguntas: Por que eles parecem ter tanta certeza? Os dados apoiam o dogmatismo nesse ponto ou o dogma é *um hábito de primata* (defendendo o espaço intelectual)? Essas teorias ainda terão credibilidade em 2021? Em 2593?

6. Discuta filosofia com um erudito marxista, um muçulmano inteligente e um homem de negócios japonês na primeira oportunidade.

7. Compre ZOOM ou LIFT (dois nomes para o mesmo estimulante com alto teor de cafeína) em uma loja de complementos alimentares. (Isso dá uma aproximação aos efeitos da ilegal cocaína.) Quando você estiver sob o efeito desses produtos e sua mente estiver bem acelerada, encontre uma vítima e procure explicar-lhe o Universo até que ela encontre um meio de fugir de você.

O que você experimenta nesse “papo acelerado” traduz como *sempre* funciona a mentalidade de um Racionalista. É o circuito verbal completamente descontrolado e totalmente alheio às informações que são inseridas em qualquer outro circuito. Isso explica por que a maioria das pessoas não consegue suportar os Racionalistas. É evidente que as drogas “aceleradoras” disparam neurotransmissores característicos dos centros verbais do córtex esquerdo.

CAPÍTULO 7

A Dialética da Vinculação do Tempo: Aceleração e Desaceleração

Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano é transformado. Nessa dialética o homem produz a realidade e assim produz a si mesmo.

– Berger e Luckman, *The Social Construction of Reality*

O primeiro e o segundo circuitos são Estratégias Evolucionárias Estáveis. Durante as muitas eras, eles têm funcionado mais ou menos da mesma forma, não apenas para os primatas, mas para outros mamíferos e muitas outras espécies.

O terceiro, o circuito semântico, é uma Estratégia Evolucionária Instável, que poderia ser precisamente chamado de *revolucionário* em vez de *evolucionário*.

Os dois primeiros circuitos baseiam-se no *feedback negativo*, no sentido biológico. Eles mantêm a *homeostase* – ou seja, eles retornam, repetidamente, ao mesmo equilíbrio etológico-ecológico. A função do *feedback negativo* é voltar a esse mesmo estado estável.

O circuito semântico da vinculação do tempo não se baseia nesse *feedback positivo* de estado estável. Trata-se de um mecanismo que os ciberneticistas e os biólogos chamaram de *feedback positivo*. Ele não

retorna a um estado estável, mas constantemente procura um novo equilíbrio em um nível de energia mais alto. (O *feedback* negativo retorna a um ponto fixo, como um termostato. O *feedback* positivo procura um objetivo móvel, tal como um míssil teleguiado.)

Os dois primeiros circuitos mantêm o que é (mais ou menos) constante nos assuntos humanos. Eles são totalmente *cíclicos* e se relacionam diretamente aos ciclos encontrados na história por Vico, Hegel e filósofos semelhantes.

O terceiro circuito sempre foi cercado e fortemente sancionado por regras, leis, proibições, tabus, etc., porque ele rompe tais ciclos. Ele conduz, se libertado, para uma espiral ascendente.

Em sociedades em que o terceiro e semântico circuito foi parcialmente libertado – ele nunca foi totalmente libertado em qualquer sociedade –, a espiral ascendente imediatamente aparece. Isso costumava ser conhecido como “progresso”, antes de esse termo se tornar fora de moda.

A espiral ascendente (quer seja chamada de “progresso” ou não) é característica do que Karl Popper chama de Sociedades Abertas. Estas são sociedades seculares, humanistas – culturas *relativamente* livres de tabu e dogmatismo.

Tal liberdade, até e inclusive o presente, é somente *relativa*, pois muitos tabus são inconscientes e passam por “senso comum” ou “decoro”, etc. Quem quer que os desafie é por definição um “herege”, por definição um “traidor” ou por definição “um louco irresponsável”.

(Os Racionalistas, que exercem o domínio sobre Sociedades *relativamente* Abertas e que, conforme veremos, também têm seus próprios tabus.)

Foi o historiador Henry Adams quem primeiro concebeu a ideia de que poderia haver uma expressão matemática que descrevesse o índice de mudanças das sociedades humanas.

Influenciado pela física de Newton, Adams sugeriu – e ele foi bastante cauteloso a esse respeito: um fato a ser lembrado por aqueles que ridicularizam a sua “ingenuidade” – que o uso da energia poderia mover-se adiante como o inverso do quadrado do *tempo* assim como a gravidade de Newton funciona à razão inversa do quadrado da *distância*.

Aceitando a antropologia de seus dias, Adams presumiu que a humanidade em sua forma presente tivesse mais ou menos 90 mil anos. Ele então considerou que levou a maior parte desse tempo para chegar a Galileu, ao método científico, ao início da Revolução Industrial e ao grande salto no uso da energia, característica da era “moderna” ou da Sociedade Aberta.

Como 300 é o inverso do quadrado de 90 mil, Adams presumiu que o grande salto seguinte estava acontecendo enquanto ele escrevia, por volta do ano 1900 – 300 anos depois de Galileu. Olhando ao seu redor, ele decidiu que o próximo salto para uma energia mais elevada estava ocorrendo nas pesquisas do casal Curie, que havia descoberto a radioatividade. Como muitos comentaristas notaram, é impossível ler Adams sobre esse assunto sem sentir que ele está precisamente prevenindo a Era Atômica.

Adams foi além, entusiasmado por uma grande ideia. Já que 17 p. é aproximadamente o inverso do quadrado de 300, ele previu que o próximo grande estágio evolucionário começaria em 1917 p. E, como o inverso do quadrado de 17 é 4 p., ele previu que o passo seguinte aconteceria por volta de 1922. A partir dali, ele disse que deveríamos ter energia infinita à nossa disposição. Bem, isso não aconteceu exatamente dessa forma.

Mesmo assim, Henry Adams estava no caminho certo. Sua matemática é que era muito simplificada.

Também “no caminho certo” estava o irmão de Henry, Brooks, que igualmente estava procurando pelas “leis” da história. Brooks observou um padrão que pode ou não ser *inteiramente* verdadeiro, mas é tão aproximadamente verdadeiro quanto as generalizações similares de Vico, Hegel, Marx e Toynbee. Toda civilização, Brooks Adams propôs, passa por quatro estágios:

1. A *monopolização do conhecimento* pelos sacerdotes. Por exemplo, os sacerdotes egípcios mantinham a linguagem escrita como um segredo entre eles mesmos, assim como fizeram também os sacerdotes maias.

2. A *monopolização do poder militar* pelos conquistadores que assumiram o papel de Estados ou governos. Por exemplo, “um francês bastardo” (a forma pela qual Tom Paine descreveu Guilherme, o Conquistador) chega ao litoral da Inglaterra com uma tecnologia superior – guerreiros montados em cavalos contra guerreiros nativos a pé – e ele se torna rei. Seus parentes e bajuladores tornam-se senhores das terras.

3. A *monopolização da terra* por esses senhores. A cobrança de tributo (“aluguel”) daqueles que vivem nessas terras.

4. A *monopolização da questão da moeda* pelos bancos nacionais. A cobrança de tributos (“juros”) sobre cada unidade de moeda colocada em circulação.

A maioria das civilizações parece ter passado pelo menos por três desses estágios, nem sempre consecutivamente. Algumas passaram por todos os quatro.

Brooks Adams também notou que o *capital centralizado* (a acumulação de riqueza nas mãos de umas poucas famílias inter-relacionadas), pelos registros históricos, parece ter sido direcionado para o Ocidente. As primeiras grandes acumulações podem ser encontradas na Suméria; o centro do poder monetário então foi passado para o Egito, para a Grécia, para a península italiana, para várias partes da Alemanha e depois para Londres. Na época em que Brooks Adams estava escrevendo (c. 1900), ele viu a balança pender entre Londres e Nova York, e previu que o declínio do Império Inglês faria pender a balança para Nova York dentro da primeira metade do século XX. Parece que ele estava certo. Brooks Adams não tinha uma *teoria* sobre o motivo pelo qual durante 6 mil anos o movimento da riqueza foi direcionado para o Ocidente. Ele meramente observou o padrão.

Segundo a opinião de muitos, essa tendência ainda continua. Por exemplo, Carl Oglesby, em *The Cowboy vs. Yankee War*, vê a política americana, desde 1950, dominada por um embate entre a “velha riqueza ianque” (o eixo Nova York-Boston, que substituiu Londres depois de 1900) e a “nova riqueza caubói” (bilionários do petróleo e da aeronáutica, do eixo Texas-Califórnia). A partir de 1997, parece que os caubóis estão vencendo, o que poderia ser esperado se houvesse uma verdadeira “lei” que apoiasse a migração leste-oeste de capital, sugerida por Adams.

Certa noite, em 1919, o conde Alfred Korzybski despertou de um sonho espetacular com lágrimas de alegria jorrando em seu rosto, com uma sensação intensa de que a transmissão de sinais de geração a geração – a função do terceiro circuito de vinculação do tempo – era o que nos distinguia de outros primatas.

Originalmente, Korzybski sugeriu que a vinculação do tempo poderia ser definida matematicamente. Ele desistiu dessa ideia mais tarde – sua matemática era inadequada, assim como a de Henry Adams –, mas vale a pena revê-la por um momento a fim de lembrar os passos pelos quais a existente Lei da Aceleração foi descoberta.

O que Korzybski presumiu inicialmente foi que, se todas as invenções, descobertas, etc. de uma hipotética primeira geração de humanos pudesse ser representada por P, e o índice pelo qual a segunda geração pudesse superá-la representada por R, então, matematicamente, a somatória total das invenções, descobertas, etc. ao final da segunda geração seria PR. Algebricamente, bem verdadeiro. Consequentemente, depois de uma terceira geração, o acúmulo seria PRR. E, depois de quatro gerações, PRRR.

Generalizando, isso se torna PR^t , onde (t) é o número de gerações a partir de qualquer geração que você tenha tomado como base inicial.

Se a curva PR^t for colocada em um gráfico, ela claramente ascende mais rapidamente com cada geração. Korzybski estava olhando diretamente para o que Alvin Toffler mais tarde chamou de “Choque do Futuro”, tentando, este último, escrever uma fórmula matemática a esse respeito.

De fato, muitas variáveis na história tecnológica e econômica enquadram-se na função PR^t de Korzybski, mas outras não. A matemática, novamente, era simples demais; e *todas as coisas não mudam de acordo com o mesmo índice*. Mesmo assim, Korzybski, como Henry Adams, estava tateando em direção à verdade: aceleração é real, e esta é intimamente ligada à *vinculação do tempo*, a transmissão de sinais entre gerações.

O que é subjacente às acelerações observadas por Henry Adams e Korzybski é, atualmente, conhecido como a seleção de *negentropia* a partir dos *processos estocásticos*. Nossa compreensão do assunto deve-se principalmente às descobertas quase simultâneas (1946-1948) do físico quântico Erwin Schrödinger, do matemático Norbert Weiner e de um especialista em comunicação e eletrônica de Bell Laboratories, Claude Shannon.

Um processo estocástico é uma série randômica, mas um tipo especial de série randômica. Em um processo estocástico, algum agente ou agência está fazendo seleções – escolhendo da randomicidade um padrão que não seja randômico.

Um padrão não randômico é conhecido matematicamente como *informação*.

Informação também pode ser definida como organização ou como coerência.

Gregory Bateson definiu informação como “diferenças que fazem uma diferença”.

Informação – coerência – “diferenças que fazem uma diferença” – a *Vinculação do Tempo* de Korzybski –, todos são aspectos do *imprevisível*. Se você já sabe alguma coisa ou pode prevê-la facilmente, baseado no que você sabe, isso não é informação para você. Por outro lado, se você não sabe alguma coisa ou não consegue prevê-la, isso é informação.

O dinamismo da evolução, repetimos, é a seleção da informação, coerência, a partir de eventos de uma série randômica. O aparecimento

de uma informação pode ser ilustrado toscamente pelos três seguintes poematos:

A rosas são vermelhas
As violetas são azuis
O açúcar é doce
E assim és tu

A menos que o leitor tenha vivido relativamente afastado da cultura popular anglo-americana, esse poema tem bem pouca informação para ele. Você poderia adivinhar o que estava por vir a cada passo do caminho. Mas considere por contraste:

As rosas são vermelhas
A tinta é pretinha
Faça-me um favor
E vá sentar numa tachinha

Essa paródia tosca (de origem escolar) tem mais informação para muitos leitores porque é menos previsível. Outro salto no conteúdo-informação ocorre na versão de Steve Alien:

As rosas são vermelhas
As violetas são azuis
Você acha que vai rimar
Mas não vai não

A imprevisibilidade humorada desse poema oferece, matematicamente, um nível mais alto de informação do que o poema previsível do Dia dos Namorados com o qual começamos. Se isso ainda é obscuro, tente nos termos da elegante simplificação de Bateson: “Informação é diferença que faz uma diferença”.

Informação também é conhecida matematicamente como entropia negativa ou, em um termo mais amplamente usado, negentropia.

Entropia é uma medida de morte de um sistema. Negentropia ou informação é uma medida de vida de um sistema.

A evolução é sempre uma questão de *pelo menos* dois processos estocásticos, cada um agindo como “seletor” do(s) outro(s). Ou seja, em sistemas não vivos, em que nenhuma “seleção” está envolvida, entropia (falta de coerência) aumenta progressivamente, conforme afirmado na famosa Segunda Lei da Termodinâmica. Em sistemas vivos, em razão da cosseleção estocástica, a negentropia (informação) aumenta firme-

mente. Na frase de Schrödinger: “A vida se *alimenta* de entropia negativa”. *Vida é um processo ordenador, seletor e produtor de coerência.*

Sem se enredar na metafísica, a vida (evolução) se comporta *como se* estivesse sempre objetivando uma coerência mais elevada, ou seja, uma inteligência mais elevada.

Esse processo é acelerado porque ele é, como Shannon demonstrou matematicamente, logarítmico. Processos logarítmicos são tais que, se você os colocar em um gráfico, a curva sobe cada vez mais, o tempo todo.

Portanto, as acelerações observadas por Adams e Korzybski são incrementos humanos em um processo que tem sido inato na constante e contínua evolução.

O incremento humano é mais rapidamente acelerado do que a evolução pré-humana porque, *através do terceiro e semântico circuito* e seus símbolos (palavras, mapas, equações, etc.), temos a capacidade de transmitir informação (entropia negativa: coerência) de geração a geração.

A riqueza mundial, em termos de “Capital Real” (fábricas em operação, recursos de real conhecimento, etc.), tem *dobrado a cada geração* desde que economistas começaram a coletar estatísticas no século XVIII.

De onde vem essa riqueza? De acordo com economistas ortodoxos, ela vem da terra, da mão de obra e do capital. De acordo com os marxistas, ela vem da terra e da mão de obra somente, e o capitalista é um ladrão que inseriu um sistema artificial de contabilidade dentro do processo. *Os dois estão errados.* Terra e mão de obra sozinhos, e terra, mão de obra e capital juntos, não podem produzir nova riqueza se todos forem organizados por uma ideia enganosa, como procurar petróleo onde ele não existe. A fonte verdadeira de riqueza está nas ideias corretas: ideias funcionais, ou seja, entropia negativa – Informação.

A origem dessas ideias coerentes (funcionais) é o sistema nervoso humano. *Toda riqueza é criada pelos seres humanos usando seus neurônios de forma inteligente.*

Certa vez, um jovem neurótico foi até um mestre zen e perguntou-lhe como podia encontrar paz de espírito.

“Como pode estar faltando alguma coisa em você?”, o *Roshi* perguntou, “quando possui o maior tesouro do Universo?”.

“Como é que eu possuo o maior tesouro do Universo?”, perguntou o jovem, perplexo.

“O lugar de origem dessa pergunta é o maior tesouro do Universo”, disse o mestre, sendo mais explícito do que é comum para um mestre zen.

É claro, como budista, o mestre fez um voto de pobreza e ele não quis dizer exatamente o que nós entendemos aqui. Mas ele sabia que o cérebro produz tudo o que experimentamos – todas as nossas dores e preocupações, todos os nossos estados de alegria e de êxtase, todos os nossos mais elevados cenários evolutivos e Experiências Culminantes ou de Pico transtemporais, etc. É também “o maior tesouro do Universo” no sentido econômico mais materialista; ele cria todas as *ideias* que, socialmente empregadas, se tornam riqueza: estradas, leis científicas, calendários, fábricas, computadores, remédios que salvam vidas, medicamentos, carros de boi, automóveis, aviões a jato, naves espaciais...

Se você não está sozinho na natureza selvagem, levante os olhos desta página e olhe ao seu redor. Tudo o que você vê, seja quem for que teoricamente o “possua” é produto da vinculação do tempo das ideias materializadas ou manifestas de homens ou mulheres criativos. É tudo entropia negativa. Ordem coerente.

E está se movendo para uma ordem mais elevada e mais coerente em um índice constantemente mais rápido de mudança.

É claro que, se você *estiver* sozinho na natureza selvagem, você também verá uma ordem coerente, mas, nesse caso, o índice de mudança para uma ordem mais elevada é muito mais lento. Ou seja, aqueles processos estocásticos que chamamos de variação genética, evolução, etc. estão cosseleccionando uma ordem mais alta em um índice de tempo diferente do que os processos estocásticos que chamamos de pensamento humano, criatividade, cultura, etc. (Daí a dificuldade de chegar a um acordo sobre os processos naturais serem inteligentes ou não. Como Bateson aponta, se aceitarmos qualquer processo de ordenação como inteligente, então a biosfera é de fato inteligente; mas, se usarmos a palavra “inteligente” apenas para aqueles processos de ordenação que se movem à mesma velocidade que nossos cérebros, então a Natureza é meramente mecânica, não inteligente. Para um extraterrestre com um sentido de tempo diferente do nosso, *essa questão simplesmente não surgiria.*)

A maior parte do que percebemos no ambiente humano é feita de ideias concretizadas, no sentido acima. Olhe de novo para a comunidade humana; você está vendo a mente humana histórica manifestando-se.

Todas as ideias não são igualmente boas, é claro.

Todas as ideias manifestas (criações humanas na biosfera) não são, portanto, igualmente boas.

É por isso que John Ruskin, há um século atrás, tentou introduzir uma distinção entre *riqueza* e *malefício*. Essa distinção não se tornou aceita e incorporada na nossa língua porque as pessoas, naquela época, não estavam prontas para isso.

Riqueza, no sentido de Ruskin, consiste em todos aqueles artefatos (ideias concretizadas) que melhoram a vida humana ou a vida em geral. Malefício consiste em todos aqueles artefatos que destroem, rebaixam ou degradam a vida. Uma fábrica que polui o ar ou a água é um malefício, nesse sentido, assim como o é uma bomba, uma espada, uma pistola, uma câmara de gás.

A migração do capital para o Oeste dos Estados Unidos, observada por Brooks Adams, era uma migração tanto de riqueza quanto de malefício.

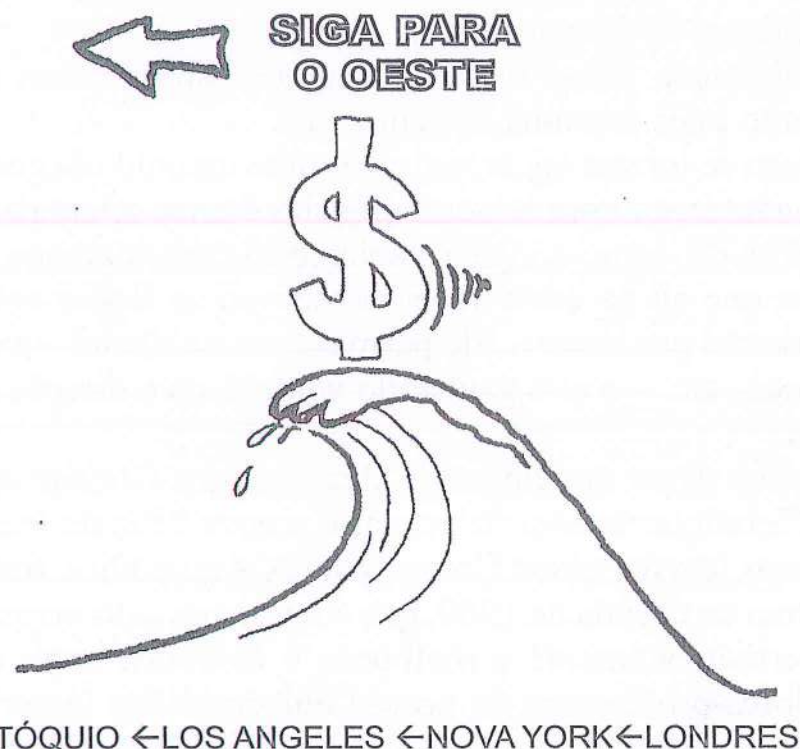
Obviamente, sob condições planetárias primitivas – o espaço finito e os recursos finitos –, o malefício era percebido como necessário para proteger a riqueza. A política territorial é praticamente a mesma entre primatas domesticados assim como entre outros mamíferos; os primatas são apenas mais espertos ao construir mais armas letais mais rapidamente. Isso era originalmente um traço da sobrevivência, um Sucesso Evolucionário Relativo, porque os primatas nascem sem a defesa fisiológica de outros mamíferos (dentes letais, garras, chifres, etc.)

Desde a Idade da Razão no século XVIII, o aumento exponencial da riqueza (manifestação de ideias para o aprimoramento da vida) levou cada vez mais a anseios utópicos. Ao mesmo tempo, o crescimento igual do oposto malefício tem conduzido a mais e mais temores distópicos e apocalípticos.

As expectativas com relação ao futuro – utopia ou distopia – são sempre baseadas no que alguém pensa que seja a força dominante na evolução. Este livro inteiro, não apenas o presente capítulo, é baseado na crença do que uma visão geral da evolução mostra, além de qualquer dúvida, que a faculdade de produção de riqueza (a busca por uma coerência mais elevada) seja o fator decisivo. A faculdade de produção do malefício é um sistema arcaico de sobrevivência mamífera que rapidamente está se tornando obsoleto.

A mais alta concentração de riqueza na história (capital real e ideias gerando novo capital) agora coexiste com a mais alta concentração de sistemas nervosos evolutivamente avançados.

Na Califórnia, Oregon, Alasca, Columbia Britânica, Arizona, Texas, Ilhas do Havaí, Japão e por todo o Pacífico, onde o Oriente encontra o Ocidente, o mundo de 2000 e 2010 e 2050 está sendo criado pelos veteranos de uma gigante Revolução Neurológica – os pioneiros psicodélicos



**O CAPITAL TEM SE MOVIDO CONSTANTEMENTE PARA O OESTE
PORQUE NOVAS IDEIAS SEMPRE APARECEM COM A ONDA DA
EXPANSÃO**

da década de 1960, os graduados do Consciousness Movement (Movimento de Conscientização) das décadas de 1950-1970, os sintetizadores da psicologia moderna e das antigas ciências orientais da mente. Essas pessoas são chamadas de Conspiração Aquariana por Marilyn Ferguson, um dos porta-vozes delas. Eles são chamados de “Geração Eu” por Tom Wolfe, um viajante do tempo de Nova York, do *passado neurológico*, ou seja, de uma cultura cristalizada antes de 1950.

Essa “Geração Eu” é o nível mais alto da marca d’água *temporária* da função de vinculação do tempo. Movendo-se constantemente para o Oeste – distantes da Tradição, distantes do Dogma –, eles são os produtos, como Edmund Burke disse dos primeiros americanos, da “dissidência dos dissidentes e do Protestantismo dos Protestantes”. Toda heresia que saiu da Europa produziu as novas e as mais desvairadas heresias na Costa Oriental dos Estados Unidos, 1600-1800. Aqueles que estavam “distantes demais” tiveram de mudar-se mais para o Oeste e produziram as mil comunidades utópicas (anarquista, evangélica, do amor livre, etc.) que haviam sido experimentadas no Centro-Oeste dos

Estados Unidos, durante o século XIX. Aqueles que estavam ainda mais “afastados” – fora do modo tradicional – mudaram-se ainda mais para oeste, nos últimos 30-70 anos.

A precipitação dessa migração parece estranha aos estados do oriente e muito mais estranha aos europeus.

Tudo isso se tornou ainda mais estranho quando chegou ao Pacífico e passou a interagir com as neurociências e artes orientais da mudança de mentalidade, como a ioga, o taoísmo e o zen-budismo.

O povo que ali se estabeleceu, absorveu as lições orientais sem tornar-se oriental por inteiro. Ele permaneceu ocidental – a dissidência dos dissidentes, etc. – e está ganhando velocidade e direção há duas ou três décadas.

O objetivo desse movimento é alcançar uma Coerência Mais Elevada e uma Inteligência Mais Elevada. É a nova Elite do Poder.

Enquanto jovens, esses Conspiradores Aquarianos fizeram a Revolução Jovem da década de 1960, que – apesar de seus erros e excessos – mudou permanentemente e melhorou o *feedback* entre estudantes-administradores-professores de nossas universidades (americanas); liberou nossa cultura puritana para um hedonismo saudável; importou uma dúzia de variedades da neurociência oriental (e, infelizmente, duas dúzias de variedades de mistificações); lançou o movimento ecológico (a primeira percepção em nível planetário da diferença entre *riqueza* e *malefício*); recriou um amor verdadeiro ao selvagem e às criaturas selvagens: desbravou a jornada com tempo flexível e outras liberações da roboticidade econômica;¹⁹ lançou a Liberação Feminina, a Liberação Gay, a Liberação Infantil e generosamente apoiou a Liberação Negra; acabou com a Guerra do Vietnã; disseminou a medicina holística em nossa cultura; etc.

O mesmo grupo está agora liderando a revolução do computador; liderando campanhas para a Migração Espacial; apoiando o Hunger Project (Projeto da Fome), que abolirá a fome de nossas vidas futuras; e liderando a revolução da Longevidade e a busca pela imortalidade; etc. E eles são todos muito conscientes de fazer parte da explosão da Intensificação da Inteligência, que é o principal tópico deste livro.

Esse tipo de “Progressismo Ocidental” (ou Utopismo) veio a partir do Oriente Médio e é a distinta contribuição dos judeus, razão por que

19. Praticamente todas as fábricas de computadores no Vale do Silício (a península ao sul de São Francisco) têm jornada de trabalho com tempo flexível. Os empregados escolhem as próprias horas de trabalho.

todos os reacionários são intuitivamente antissemitas. Como William Blake escreveu sobre essa tradição:

Os profetas Isaías e Ezequiel jantaram comigo, e eu lhes perguntei como ousavam tão francamente afirmar que Deus falava com eles; e se eles não imaginavam que, nesse momento, seriam mal interpretados e, assim, serem a causa da imposição.

Isaías respondeu: “Eu não vi Deus, nem o ouvi, em uma percepção orgânica finita; mas meus sentidos descobriram o infinito em tudo, e como fui então persuadido e permaneço com essa certeza de que a voz da honesta indignação é a voz de Deus, não me preocupei com as consequências, apenas escrevi”.

Essa visão de infinito em tudo é comum tanto no Oriente quanto no Ocidente; o que é distintamente ocidental, e vem dos judeus, é a voz da indignação honesta contra toda instituição que viesse a negar ou a rebaixar a infinidade dentro de cada alma humana. A liberação de nosso potencial humano total – deixar a luz de Prometeu brilhar em todo lugar – é a tradição mística distintamente *ocidental* e não aparece no hinduísmo, budismo, taoísmo ou em qualquer religião oriental.

Thomas Jefferson desenvolveu a visão de que “todos os homens são criados iguais” a partir da percepção do infinito dentro de cada um de nós, que ele aprendeu com os filósofos escoceses, Reid e Hutcheson. (Foi também de Hutcheson que Jefferson formulou a sua ideia sobre os “direitos desalienáveis”, que o Congresso, no interesse da elegância estilística, alterou para “direitos inalienáveis”.) O Iluminismo escocês, como o Iluminismo francês ou inglês, era o início da materialização e da manifestação da visão judaico-cristã da Cidade Celestial.

Foi também esse círculo dos Illuminati, do século XVIII, que introduziu o conceito de *progresso* – a formulação consciente do simbolismo de Prometeu. Essa visão tem estado sob tantos ataques, em décadas recentes, que sequer defendê-la vai parecer arcaico e excêntrico para muitos leitores.

Mesmo assim, *a evolução é real*: saltos quânticos ocorrem, de fato, por toda a biosfera e por toda a história intelectual humana. Estamos na crista de uma gigantesca onda de ascensão da consciência e de expansão da inteligência que está acelerando, quer gostemos ou não.

De modo geral, a maioria das pessoas – e especialmente a maioria das elites governantes – não tem gostado desse fator de aceleração. A migração de capital (ou seja, de *ideias*) para o Ocidente tem sido amplamente uma fuga da opressão, um movimento escapista – como críticos hoje descrevem Espaço como “escapista”. Em todo lugar, e em todo o

tempo, os governantes da sociedade têm tentado colocar um freio no terceiro circuito, para *desacelerar* a função de aceleração, para estabelecer limites sobre o que é publicado, discutido ou mesmo pensado.

O mito grego do Prometeu acorrentado – o Titã que trouxe a luz para a humanidade e é eternamente punido por isso – é a sinédoque, o símbolo perfeito, de como o terceiro circuito tem sido manipulado pela maioria das sociedades humanas.

O modo peculiar pelo qual a maioria das sociedades cunhou o quarto circuito, o homossexual – os estranhos tabus que nos refreiam a todos, em cada tribo, por mais tecnologicamente “avançados” que sejam –, faz parte da dialética aceleração-desaceleração.

O quarto circuito tem sido amplamente cunhado para servir como um freio, segurando a atividade livre da vinculação do tempo do circuito semântico. Essa é a função histórica dos tabus e da “moralidade”.

EXERCÍCIOS

1. Compare a Grécia do século IV a.C. com Roma do século I d.C., o sul da Europa no início do Renascimento, a Inglaterra por volta de 1600-1900, Nova York no período de 1900-1950 e a Califórnia de hoje. Observe o acúmulo de riqueza correspondente ao acúmulo de heresias, inovações, cultos, loucos, pioneiros, inventores, etc.

2. Imagine-se colocando uma moeda de um centavo no primeiro quadrado de um tabuleiro de xadrez, dois centavos no segundo quadrado, quatro centavos no terceiro, etc. Quantas moedas você terá de colocar no 64º quadrado? Esse é o modo como a vinculação do tempo funciona em Sociedades relativamente Abertas.

3. Leia as acusações contra Galileu pelos ortodoxos de seu tempo.

4. Leia as acusações contra Beethoven, Picasso e Joyce feitas por aqueles que já sabiam o que a música, a pintura e os romances *deveriam ser*.

5. As ideias científicas mais importantes de 1997 serão publicadas na *Scientific American* em 1997 ou em 2017?

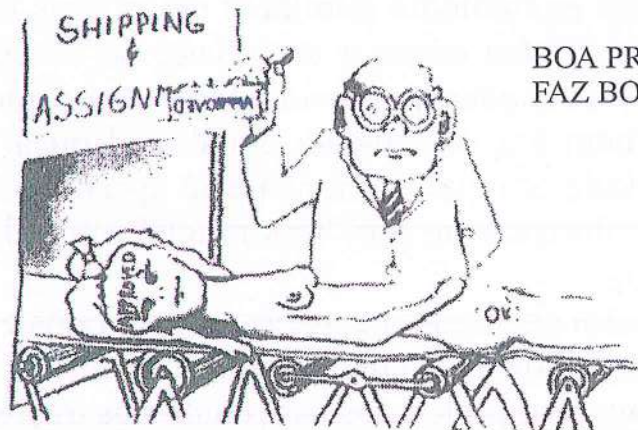
6. Pesquise sobre quantos anos se passaram entre a publicação do artigo de Einstein sobre a Relatividade e a aceitação da ideia pela maioria dos físicos.

CAPÍTULO 8

O Circuito Sociossexual “Moral”

Assim como a lagarta escolhe as folhas mais belas para depositar seus ovos, assim também o sacerdote expressa a sua maldição às mais belas alegrias.

– William Blake, *Casamento do Céu e do Inferno*



O circuito sociossexual é ativado e cunhado na adolescência, quando o sinal do DNA desperta o aparelho sexual. O adolescente torna-se o perplexo possuidor de um novo corpo e de um novo circuito neural orientado para o orgasmo e para a fusão do espermatozoide com o óvulo. O humano púbere, como qualquer outro animal no cio, em um estado de excitação, sai, desesperado, clamando pelo objeto sexual.

A vulnerabilidade da cunhagem é aguda e os primeiros sinais sexuais a excitarem o sistema nervoso do adolescente permanecem fixos pela vida inteira e para sempre definem a realidade sexual do indivíduo.

Portanto, não devemos nos surpreender diante dos vários fetiches tão facilmente adquiridos nesses momentos sensíveis.

Na verdade, podemos dizer precisamente em que período no tempo uma pessoa foi cunhada sexualmente ao notar quais fetiches continuam a excitá-la. *Cintas-ligas pretas, bebida, jazz e corte de cabelo militar* definem os sinais sexuais de um grupo de cunhagem (geração) tão rigidamente quanto *sacos de dormir, maconha, rock pesado e jeans justos* definem outra.

Tal como Masters e Johnson apontaram, a maioria das disfunções sexuais está atrelada ao sistema nervoso nesses momentos da adolescência de aguda vulnerabilidade da cunhagem; seu caso arquetípico é o de um indivíduo do sexo masculino que, prestes a “transar” pela primeira vez, no banco traseiro de um carro, foi traumatizado por um policial que, de repente, ilumina o casal com a luz de sua lanterna. A cunhagem desse momento desagradável ficou atrelada por décadas: o indivíduo permaneceu impotente até ser recunhado na clínica de Masters e Johnson.

As escolhas de heterossexualidade ou homossexualidade, promiscuidade irresponsável ou celibato tímido, etc. são geralmente cunhados por acidentes exatamente similares em pontos de vulnerabilidade da cunhagem. Assim como a ansiedade ou a segurança da biossobrevivência são cunhadas por acidentes no período de amamentação, assim também é a dominação emocional ou a submissão por acidentes, no período em que a criança está aprendendo a andar, causados pela falta de destreza ou por “ignorância” simbólica no ambiente de aprendizado.

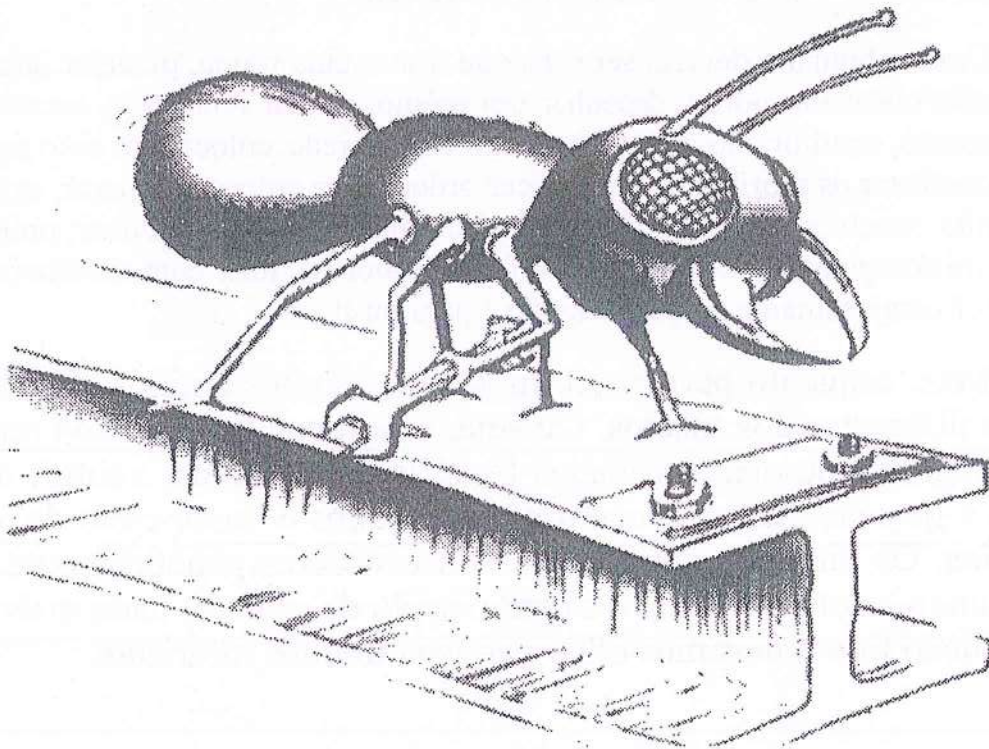
Os primitivos (assim chamados) conhecem esses fatos e cercam todos os pontos de vulnerabilidade da cunhagem com rituais, “provações”, “ritos de passagem”, etc. bem projetados para cunhar os traços desejados de um membro bem integrado daquela tribo naquela época. Resquícios dessas cerimônias sobrevivem no Batismo, Crisma, Bar Mitzvah, Cerimônias de Casamento, “elevação” maçônica, etc.

É importante saber que o acaso, a genética e a maldade (raiva) estão entre os “acidentes” que criam cunhagens nos pontos de vulnerabilidade. A maioria dos humanos, em razão de acidentes desse tipo, não cunha exatamente o papel sociossexual exigido por sua sociedade. O quarto circuito quase pode ser chamado de *circuito da culpa*: quase todo

mundo, em quase todo lugar, é bem ocupado escondendo seu verdadeiro perfil sexual e fingindo o papel sexual "aceitável" para seu gênero dentro de sua tribo.

Na linguagem comum, a cunhagem no circuito sociossexual é geralmente chamada de "a personalidade madura" ou "papel sexual". É o "Pai ou Mãe" no jargão da Análise Transacional.

É curioso notar que Freud reconheceu o primeiro circuito como estágio oral, o segundo como estágio anal e o quarto como estágio genital. Ele não notou o terceiro, o circuito semântico – talvez porque, como um Racionalista obsessivo, ele estivesse tão absorvido nos programas verbais e conceituais, que esse circuito lhe fosse invisível, como a água pode ser para os peixes. De modo similar, Jung descreveu o primeiro circuito como a faculdade da *sensação*, o segundo como a faculdade do *sentimento*, o terceiro como a faculdade *racional* – e pulou o circuito sociossexual totalmente. (Pode haver uma pista aqui do porquê Jung não pôde acompanhar a ênfase de Freud no quarto circuito e criou uma



ESPECIALIZAÇÃO É PARA INSETOS

psicologia própria, separadamente e menos sexual.) Jung então continuou tratando todos os circuitos mais elevados sob a rubrica de faculdade da *intuição*.

É função do sistema nervoso focar, selecionar, resumir; escolher, dentre uma infinidade de possibilidades, as cunhagens bioquímicas que determinam as táticas e estratégias que asseguram a sobrevivência em *um só lugar*, o *status* em *uma só tribo*.

A criança é geneticamente preparada para aprender *qualquer* língua, dominar *qualquer* habilidade, assumir *qualquer* papel sexual; em um período bem curto, entretanto, ela está mecânica e roboticamente pronta a aceitar, seguir e imitar as ofertas limitadas de seu ambiente social e cultural.

Nesse processo, cada um de nós paga um *preço alto*. Sobrevivência e *status* significam privar-se das infinitas possibilidades da consciência não condicionada. O primata domesticado, dentro do túnel de realidade social, é um fragmento insignificante dos potenciais da inata experiência e inteligência do biocomputador humano de 110 bilhões de células. Como Robert A. Heinlein escreveu:

Um ser humano deveria ser capaz de trocar uma fralda, planejar uma invasão, matar um porco, desenhar um prédio, pilotar uma nave, escrever um soneto, equilibrar as contas, construir uma parede, colocar um osso no lugar, confortar os moribundos, obedecer ordens, dar ordens, cooperar, agir sozinho, resolver uma equação, analisar um novo problema, adubar, programar um computador, cozinhar uma refeição saborosa, lutar com eficiência, morrer corajosamente. Especialização é para insetos.

Mas, enquanto permanecermos nos circuitos antigos, não somos muito diferentes dos insetos. Ou seja, assim como os insetos repetem seu programa de quatro estágios (ovo, larva, crisálida, adulto) de geração a geração, assim também nós repetimos o nosso ciclo de quatro estágios. Os circuitos antigos são conservadores geneticamente. Eles asseguram a sobrevivência e a continuação da espécie, nada mais. Para a evolução futura devemos olhar para os circuitos futuristas.

RESUMO

Circuito	Origem	Locais da Cunhagem	Nomes em Outras Psicologias				
			Freud	Jung	Berne	Sagan	Gurdjieff
I	Há 3-4 bilhões de anos	Límbico e Sistema nervoso autônomo	Oral	Sensação	Criança Natural	Cérebro Reptiliano	Centro do Movimento
II	Há 500 milhões a 1 bilhão de anos	Tálamo, Músculos	Anal	Sentimento	Criança Adaptada	Cérebro Mamífero	Centro de Falsa Emoção
III	Há 100 mil anos	Córtex esquerdo, laringe, mão direita	Latência	Razão	Computador Adulto	Cérebro Humano	Centro do Falso Intelecto
IV	Há 30 mil anos	Neocórtex esquerdo, seios, genitália	Fálico	Ignorado	Pai ou Mãe	Ignorado	Falsa Personalidade

Às vezes é incorretamente afirmado que não há tabus sexuais universais. Isso não é verdade. Há um tabu de múltiplas finalidades existente em cada tribo.

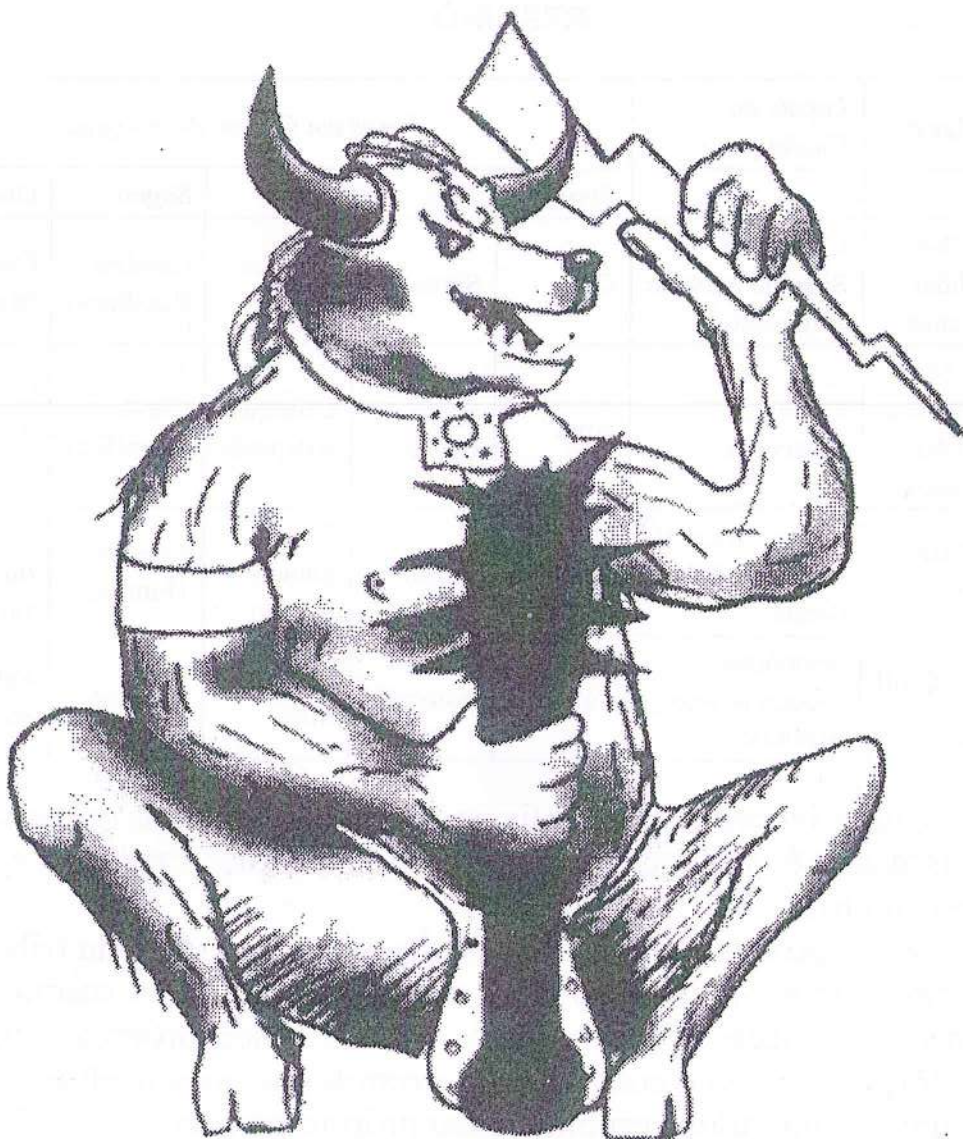
O tabu estipula que a sexualidade deve ser regulada pela tribo. Ou seja, mesmo que nenhum outro tabu seja universal, o tabu contra viver sem tabus permanece constante. Toda tribo tem seu próprio conjunto de *verbots* (proibições) e coisas a não serem feitas, mas nenhuma tribo permite que os indivíduos escolham seu próprio conjunto.

Um presidente americano não pode se casar com a própria irmã (se ele quiser ser reeleito); um faraó egípcio *tinha* de casar-se com sua própria irmã. Diante desse relativismo moral, muitos cientistas sociais falharam em perceber o invariável: espera-se tanto do presidente quanto do faraó que obedecem às regras *locais*. Assim são os samoanos, os russos, os esquimós e os cubanos.²⁰

Por que há esse tabu contra a autodefinição sexual e contra a autorrealização? Enquanto duas sociedades não conseguem concordar sobre o que é sexualmente "bom" e sexualmente "ruim", por que toda sociedade acha que deve estabelecer alguma definição a esse respeito?

A resposta está em que nossos primeiros ancestrais humanóides (simbolizadores e conceituadores) eram muito ignorantes, mas não estúpidos, absolutamente. Eles eram ignorantes das leis da genética, mas

20. Os títulos de Gurdjieff são deliberadamente negativos, já que ele estava tentando o levar as pessoas fora dos circuitos primitivos e nos circuitos útero.



**DEUSES E DEUSAS SÃO PROGRAMAS SEXUAIS E GENÉTICOS
EXPRESSOS EM SÍMBOLOS PRIMITIVOS**

eram espertos o suficiente para suspeitar que tais leis existissem. A fusão do óvulo com o espermatozoide é cercada de violentos tabus e de ameaçadora conformidade tribal, porque a sobrevivência e a evolução futura do conjunto de genes dependem de *qual* espermatozoide em particular atinge *tal* óvulo em particular.

Etimólogos confirmam a teoria freudiana de que existem ligações antigas entre as palavras para o sagrado, o erótico, o obsceno, o maravilhoso, o terrível, o divino, o "arrepiaante". Todas são respostas *fisiológicas* primitivas e poderosas para os mistérios da *atração sexual, do acasalamento, da reprodução, da herança, da variação genética, da evolução futura*. As primeiras formas de divindades encontradas por arqueólogos são deusas grávidas e deuses itifálicos. Os mais intolerantes, beatos e recalcitrantes de todos os preconceitos – o último a desaparecer depois do contato cosmopolita com outras tribos possuidoras de valores diferentes – são os tabus relativos *ao modo correto de se reproduzir*. Se uma nação insiste que o chefe de Estado deve casar-se com sua irmã e outro insiste que não, ambos estão agindo e assumindo que a maneira correta deve ser encontrada e rigorosamente aplicada.

Há coisas desconhecidas na área da *atração sexual* – Ele gosta d'Ela, mas Ela não gosta d'Ele.

Há coisas desconhecidas na área do *acasalamento* – um jovem casal pode fazer amor uma vez e a mulher engravidar, enquanto outro casal pode fazer amor por três anos e a mulher continuar infecunda. Isso é bastante intrigante e assustador tanto para os primitivos da Nova Guiné quanto para os de Nova Jersey.

Há coisas desconhecidas na área da *reprodução* – por que gêmeos? Por que três meninos em uma família e três meninas em outra? Por que abortos e natimortos?

Há coisas desconhecidas na área da *herança* – "Por que o meu filho não se parece comigo?", muitos primatas domesticados têm se perguntado constrangidamente, levando a uma grande paranoia e chauvinismo masculino.

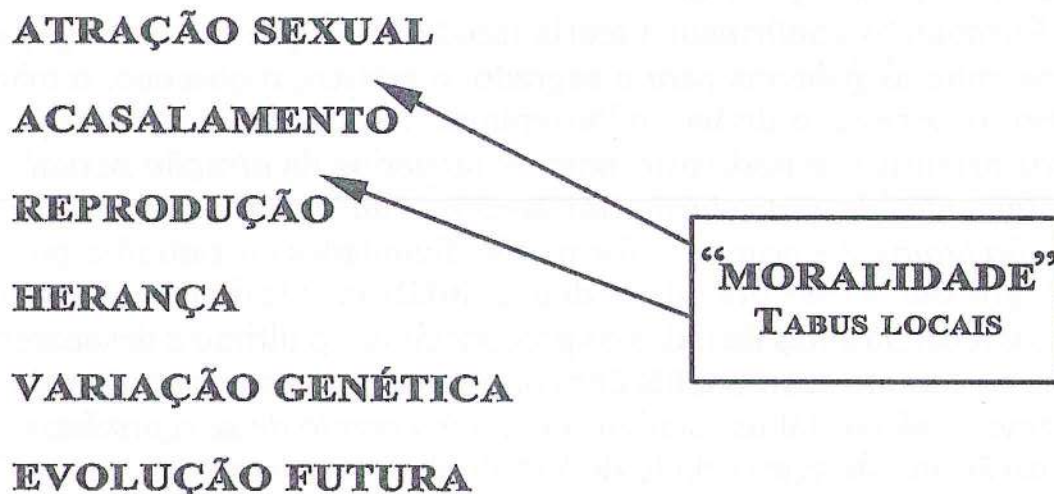
Há muitas coisas desconhecidas na área do *desvio genético* – pesquisadores modernos reconhecem 12 ou mais variáveis, mas ainda têm mais perguntas do que respostas.

Há muitas coisas desconhecidas na área da *evolução futura* – "De onde viemos, o que somos, para onde vamos?", o título da maior pintura de Gauguin é a questão ontológica básica; o totem, tal como o tratado sobre sociobiologia, é uma tentativa de resposta.

Entre todas essas coisas desconhecidas – de atração sexual, acasalamento, reprodução, herança, desvio genético, evolução futura –, os

xamãs de cada tribo tentam estabelecer postes-guias para a sobrevivência da tribo (*pool* de genes).

E a “moralidade” foi assim inventada.



Atração sexual, acasalamento, reprodução, herança, variação genética e evolução futura são todos processos *estocásticos*. (Ou seja, processos pelos quais, a partir de uma série randômica, alguma “inteligência”, ou algo que pode ser metaforicamente concebido como uma inteligência, está selecionando o resultado final.)

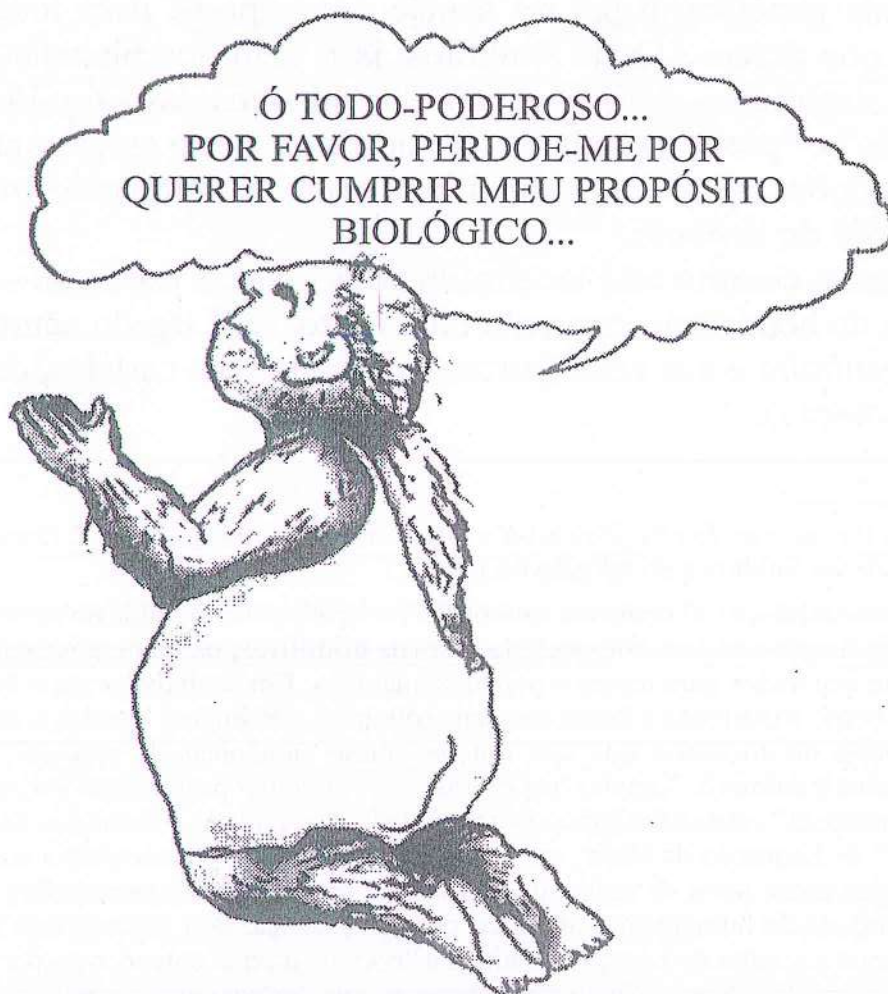
É intuitivamente óbvio que esses processos estocásticos se sobrepõem, conforme mostrado no diagrama; e é também óbvio que o futuro está sendo “selecionado” a cada passo do caminho.²¹ Tabu e moralidade são tentativas tribais de governar o elemento randômico – de selecionar o futuro desejado.

A “moralidade” tenta controlar o processo evolutivo estocástico em dois pontos – interferindo entre a atração sexual e a consumação sexual (acasalamento) por meio de tabus e mandamentos ou interferindo entre o acasalamento e a reprodução. Este último caso é representado pelo infanticídio, uma medida de controle de natalidade amplamente justificada, pelos xamãs locais por meio de fundamentos mágicos; por exemplo, os infantes selecionados para o sacrifício são aqueles nascidos em posição

21. Que a cadeia inteira é “inteligente” ou manifesta “inteligência” é a heresia lamarckiana que os darwinistas nunca conseguiram ser capazes de eliminar; toda vez que ela é enterrada, emerge novamente em uma nova forma. Os dois mais convincentes argumentos recentes da posição dos neolamarckistas ou metalamarckistas, que o leitor é cordialmente solicitado a ler, são *The Game of Life*, de Timothy Leary, e *Mind and Nature*, de Gregory Bateson.

contrária ou com marcas de nascença, gêmeos, ou de algum modo estigmatizados pelos "deuses". A função verdadeira dessas práticas, claro, é o controle populacional; e tais costumes são mais comuns em ilhas isoladas onde uma população numerosa seria um desastre. De modo similar, os tabus judaicos funcionaram para canalizar toda sexualidade no aumento da população, pois os judeus eram cercados por grandes e poderosos impérios ansiosos por conquistá-los; eles precisavam de mais meninos para ser soldados e mais meninas para produzir soldados.

Os tabus mais "idiotas" e "supersticiosos", do ponto de vista racionalista, sempre tiveram *alguma* função quando inventados. Por exemplo, o tabu mais "sem sentido", o elaborado (não genético) "incesto", no qual praticamente todos na tribo se tornam indisponíveis sexualmente para todos, obriga a *exogamia* (casamento com alguém que não seja da tribo). Isso cria alianças afetivas (ligações familiares) entre tribos e menos guerras. Alguma coisa como essa primitiva exogamia sobreviveu até tempos bem recentes, no costume de casar uma família real com outra.



É claro que, em algum nível, toda forma de “moralidade” é penosa para todos porque nenhum indivíduo jamais possui a *exata* cunhagem sexual desejada pela tribo. Os cultos totêmicos mais sofisticados (as religiões “mais elevadas”, assim apelidadas por si próprias) assumem a moralidade por meio da doutrina da redenção. De uma forma ou de outra, isso permite que o indivíduo seja “perdoado” periodicamente por meio de um ritual por não ser o robô sexual perfeito decretado pela moralidade tribal. Isso se torna cômico apenas quando percebemos que a maioria dos primatas domesticados pede aos seus sacerdotes que os perdoem, bem consistente com o que Kinsey tão precisamente chamou de “comportamento mamífero normal”.²²

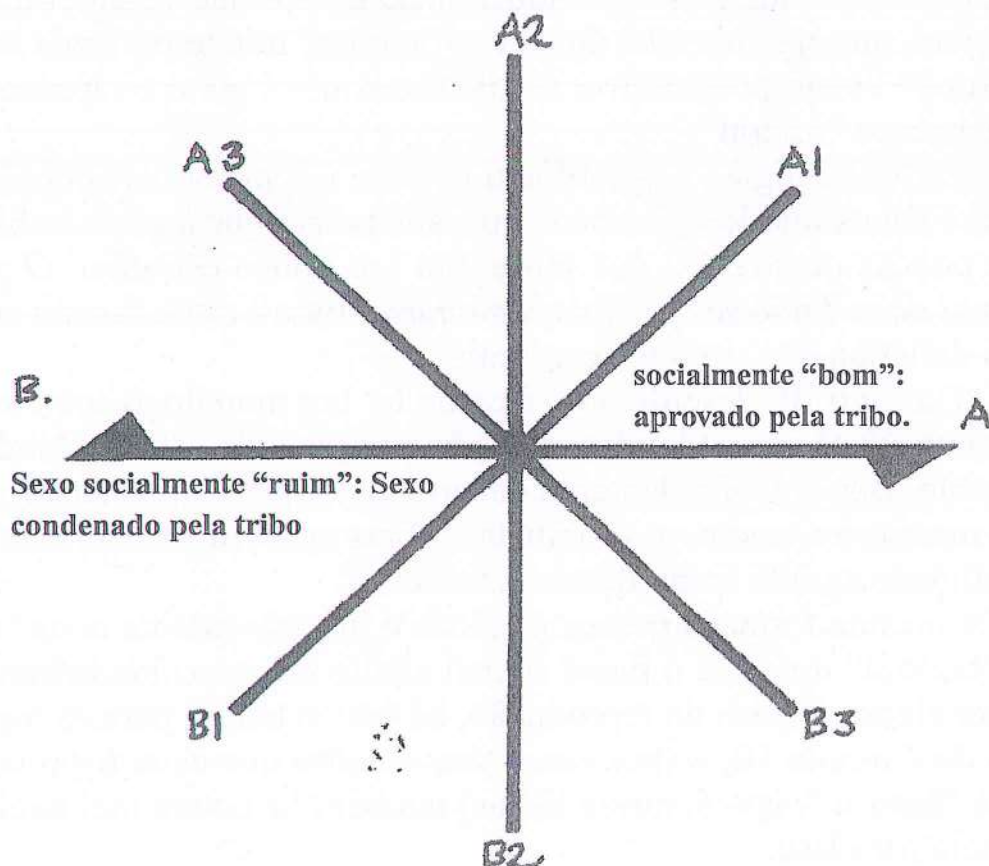
A vinculação do tempo (a transmissão de símbolos e ferramentas através das gerações) começa no terceiro circuito. O agudo *tempo de consciência* é, entretanto, intensificado no quarto circuito. A função principal do circuito sociossexual, nos primatas mais elevados, é formar uma *personalidade adulta* – um pai ou uma mãe.²³ Por definição, o pai ou a mãe é aquela pessoa que cuida do jovem da espécie; por necessidade genética, o pai ou a mãe preocupa-se *pelo* jovem. Em humanos que fazem uso de símbolos, isso significa planejar, ter esperança e aspirações. Na linguagem dos místicos, isso significa estar “conectado” e “preso na roda do carma”; o primeiro esforço na maioria das tradições místicas é romper essa conexão do quarto circuito ao tomar o voto do *celibato*.

O quarto circuito está localizado no *neocórtex esquerdo* – a parte mais nova do hemisfério esquerdo do cérebro. Está ligado neurologicamente à *genitália* e aos *seios* (circuito do coito, das carícias, dos abraços, da proteção).

22. Isso se refere apenas às religiões tolas e inferiores das outras pessoas, é claro, e não se refere às Verdades Sublimes da religião do leitor.

23. A homossexualidade (tal como ser canhoto) é provavelmente incluída no *script* genético para servir de função auxiliar. Nas sociedades mais primitivas, os homossexuais (como os canhotos) são separados para assumir papéis xamânicos. Em sociedades mais complexas, eles são (tal como solteironas e heterossexuais solteiros) geralmente levados a assumir papéis intelectuais ou artísticos, que têm funções quase xamânicas de produzir, romper e transformar sinais culturais. Aqueles que afirmam que qualquer permanente variação sexual é “contra a natureza” estão subestimando a variedade, diversidade e economia da natureza. A “mutação” de Leonardo da Vinci, um homossexual canhoto, foi necessária para romper o sinal do agonizante túnel de realidade medieval e renovar nossas percepções dentro do túnel de realidade do humanismo científico pós-Renascença. Seu sucesso está registrado pelo fato de que a pintura de Leonardo é ainda a “norma” do que entendemos por realismo, ou seja, a maioria das pessoas (inclusive heterossexuais destros) está vivendo no “espaço” do humanismo científico que esse homem inventou.

As pessoas que têm sua cunhagem mais forte nesse circuito são *lindas*. Ou seja, seu corpo inteiro recebeu tantos neurotransmissores sexuais a partir do cérebro que elas estão constantemente irradiando seus sinais "atrativos" de acasalamento que compõem a nossa percepção do que é "bonito" em um ser humano.



CUNHANDO O CIRCUITO SOCIOSSEXUAL

A e B representam o sexo socialmente "bom" e o socialmente "ruim", de acordo com a tribo; A1, A2 e A3 representam as cunhagens individuais – sexo "bom" individualmente (o que o indivíduo é cunhado a gostar) – e B1, B2 e B3 são sexo "ruim" individualmente (o que o indivíduo não gosta). Se o Eixo A1-B1 for ligeiramente inclinado, o indivíduo é relativamente "normal" (naquela sociedade). Se A2-B2 for mais inclinado, o indivíduo é "neurótico" (naquela sociedade). Se A3-B3 for mais inclinado, o indivíduo é um "pervertido" (naquela sociedade).

Dependendo dos acidentes de cunhagem, esses indivíduos *podem ser* frios exploradores calculistas, puritanos totalmente reprimidos ou carregar alguns outros traços negativos, mas sempre *parecem ser* (enviam sinais de) o macho-amante-protetor ideal.

Uma vez formulada, a “moralidade” serve não somente como um controle na variação genética, mas como um freio contra a inovação no Circuito III. Os xamãs, sacerdotes, etc. *definem* quais ideias são “morais” e quais são “imorais”. Qualquer coisa nova – que venha romper o ciclo tribal, ou seja, tirar-nos do cíclico “tempo” mítico para nos inserir no “tempo” linear, progressivo, revolucionário – é geral e rapidamente definida como “imoral”.

Dizer que religião e sacerdócio tiveram um papel conservador na história é subestimá-los. Também é possível dizer que a peste bubônica matou poucas pessoas ou que Hitler era um pouco estranho. *O papel principal da religião sempre foi reacionário*. Essa é a sua função evolutiva na dialética dos circuitos cerebrais.

O Circuito III, desenfreado, é como ter um monólogo sob o efeito da cocaína. Você não se lembra de nada, porque tudo está mudando rapidamente. Isso é profundamente desorientador para o primata domesticado mediano e, assim, os moralistas tribais mantêm a estabilidade e a tranquilidade agindo como desaceleradores.

Da mesma forma, a pessoa mediana é filosoficamente mais “aberta” e “curiosa” *antes* de o papel sexual adulto de paternidade/maternidade ser eleito. *Depois* da reprodução, há pouco tempo para as especulações do Circuito III, e (por causa das sanções que cada tribo coloca sobre a “heresia”, isto é, novas ideias) também há pouca inclinação ou tendência para isso.

Portanto, o Circuito III tende a nos tirar do tempo cíclico tribal e inserir-nos no tempo linear progressivo; mas o Circuito IV faz com que retornemos ao ciclo novamente.

Os homossexuais podem ou não ser os principais criadores de inovação cultural, como advogam alguns do Orgulho Gay; mas é certamente verdade que eles têm feito mais do que a sua própria parte. O motivo? Eles não estão presos ao papel de pais.

Esses quatro circuitos estão codificados, com quatro permutações cada, dentro das “cartas da corte” do baralho de tarô.

Assim, o Rei de Ouros, representando terra/terra de acordo com os ocultistas, é o tipo puramente do Primeiro Circuito – todo sensação, todo exigência oral, todo viscerotônico. Pelo seu jargão alquímico, cabalístico

e teosófico, a maioria dos livros sobre tarô descreve esse tipo quando discute essa carta. O puro e natural "filhinho da mamãe".

A Rainha de Ouros, ou terra/água, é uma mistura das características do primeiro e do segundo circuitos – sensação-viscerotônica-oral e emocional-egotista-política. Tenha o cuidado de não chamá-la de senhorita.

O Valete de Ouros, ou terra/ar, é uma combinação do primeiro e do terceiro circuitos – exigência oral e cálculo racional. Provavelmente, um afiado advogado, um tubarão.

A Dama de Ouros, ou terra/fogo, é a oralidade do primeiro circuito misturada com a sexualidade do quarto circuito. Essa fusão de exibicionismo com um Eros inflamado significa que ela provavelmente esteja estrelando um filme pornô. Em todas as cartas de ouros, o primeiro circuito predomina em relação aos outros.

A Rainha de Copas, ou água/água, é exigência emocional e territorial. Nelson Algren a tinha em mente quando disse: "Nunca vá para a cama com uma mulher que tem mais problemas do que você".

O Rei de Copas, água/terra, é emoção mais sensação. O predador puro, saqueador, ladrão, estuprador ou sociopata.

O Valete de Copas ou água/ar é emoção mais razão. O humanista, humanitário, liberal; um ministro unitarista ideal.

A Dama de Copas é água/fogo: uma mistura explosiva de egotismo e sexualidade. Scarlett O'Hara. *La femme fatale* (A mulher fatal).

O Valete de Espadas é ar/ar: puro e total intelecto. Seus pés nunca tocam a Terra; ele vive nas abstrações flutuantes. O monge ou acadêmico.

O Rei de Espadas é ar/terra: razão e exibicionismo oral. O ator, orador, demagogo – e, às vezes, o artista.

A Rainha de Espadas é ar/água; razão mais emoção. As mulheres em destaque nas ciências e nas artes são geralmente desse grupo de cunhagem.

A Dama de Espadas é ar/fogo: razão e sexualidade. A boa mãe; geralmente puritana, mas às vezes a defensora da "liberdade sexual". De qualquer forma, sua motivação é uma tentativa de impor a razão abstrata sobre os imperativos genéticos do impulso do acasalamento.

A Dama de Paus é fogo/fogo: a sexualidade em seu ápice. Esses tipos são geralmente, mas não necessariamente, bem promíscuos; às vezes elas direcionam toda sua energia erótica para um só parceiro e criam grandes famílias, a maternidade sendo uma parte forte do quarto circuito; por exemplo, J. S. Bach, que pode ter composto a música mais sexy da história, tinha 20 filhos.

O Rei de Paus é fogo/terra: sexualidade e sensação. O playboy. O “Narcisista Fálico” do Reich.

O Valete de Paus é fogo/ar: sexualidade mais razão. Esses indivíduos tendem a se envolver no tipo de misticismo empírico que não é tolerado pelas autoridades locais – por exemplo, os tântricos na Índia, os Cavaleiros Templários e as bruxas da Europa medieval e, mais recentemente, Aleister Crowley e Wilhelm Reich. (Crowley disse que essa carta era um retrato de seu “Verdadeiro Self”.)

A Rainha de Paus é fogo/água: sexualidade e política emocional. Os tribunais têm desfiles constantes desse tipo passando por eles todos os dias.

Os cabalistas inteligentes que desenharam essa chave pictórica para os quatro circuitos primitivos incluíram uma pista para uma consciência mais elevada. Pois eles ensinam que cada elemento na alquimia tradicional (terra, ar, fogo e água) corresponde a uma dessas cartas de tarô (ouros, espadas, paus e copas) e a uma das letras no Nome Sagrado e Indizível de Deus – YHVH. As correspondências são as seguintes:

Y	fogo	paus	CIRCUITO IV
H	água	copas	CIRCUITO II
V	ar	espadas	CIRCUITO III
H	terra	ouros	CIRCUITO I

A lógica dessa tabela é bem clara para a mente inconsciente, e essas associações aparecem com frequência em sonhos, conforme Jung documentou em *Psychology and Alchemy*.

Rei de Paus	Rainha de Copas	Valete de Espadas	Dama de Ouros
CIRCUITO I	CIRCUITO II	CIRCUITO III	CIRCUITO IV
Narcisista oral sensação	Emocionalista sentimento	Racionalista razão	Papel Sexual (ausente em Jung)
Criança Natural	Criança Adaptada	Adulto ou Computador (ausente em Freud)	Pai ou Mãe
Id	Ego		Superego

O objetivo da Cabala é fazer com que "o microcosmo espelhe o macrocosmo"; ou seja, tornar o ser humano uma imagem perfeita de "Deus". Isso significa juntar os quatro elementos "alquímicos" simbolizados pelas letras Y, H, V, H. Em outras palavras, levar os quatro circuitos ao equilíbrio.

Essa é a mesma lição ensinada nas mandalas budistas com quatro demônios nos cantos e o círculo, representando o despertar, no centro.

A "aparência de casado", a "aparência de mãe e pai", etc., que não são conceitos científicos, mas que todos reconhecem imediatamente, têm a ver com um intenso sentido temporal. O pai ou a mãe estão preocupados não apenas em adquirir tickets de biossobrevivência para a alimentação pessoal, mas em adquirir tickets para o jovem, e para o futuro.

Behavioristas nos contam histórias maravilhosas sobre os intrincados padrões que podem ser condicionados em animais de laboratório. Eles dizem que, por estímulo seletivo, temos treinado esse rato para que, ao som de uma campainha, ele suba uma escada, aperte o botão A, cruze uma viga, desça outra escada, aperte o botão B, precipite-se para a gaiola e espere no alimentador pela chegada de sua comida.

Para que ninguém pense que este livro foi escrito de uma posição de superioridade, é preciso levar em consideração o comportamento semelhante, mas mais complexo, que o autor adotou por 20 anos.

Ele programava o despertador antes de ir dormir todas as noites. Quando o alarme o acordava, ele tomava seu café da manhã apressadamente, corria para pegar um ônibus para ir até o metrô; ia de metrô até um prédio de escritórios, passava pelo *lobby* correndo, pegava o elevador, subia até certo andar, entrava no escritório e executava tarefas repetitivas (e geralmente inúteis) durante oito horas. Essa sequência de comportamento foi moldada, como B. F. Skinner diria, por estímulo recebido a cada 15 dias na forma de tickets de sobrevivência (dinheiro). Esses tickets eram necessários para a biossobrevivência de quatro filhos dependentes.

O leitor deste livro provavelmente consegue se lembrar, um tanto remotamente, da cunhagem e do condicionamento de cada um desses circuitos.

Todos nós começamos como crianças em um mundo unidimensional, oralmente atrelado à mamãe. Quanto mais longe da mamãe engatinhávamos, maior era a nossa ansiedade de biossobrevivência e, geralmente, retornávamos para a mamãe o mais rapidamente possível. Os incidentes-chave da cunhagem desse período, junto com o associado condicionamento, determinam, concretamente, quanto correntemente exibimos de:

ANSIEDADE	OU	AUTOCONFIANÇA
ENRAIZAMENTO	OU	EXPLORAÇÃO
DEPENDÊNCIA	OU	INDEPENDÊNCIA

Uma mutação ocorreu depois que o DNA enviou as apropriadas moléculas mensageiras do RNA para as glândulas, para o sistema endócrino, etc. Nossa morfologia geral – nosso corpo todo – é modificada, e nossas “mentes” foram modificadas no processo. Isto é, nosso túnel de realidade foi expandido em duas dimensões, quando nos *levantamos* e começamos a *caminhar* pela casa; começamos a aprender quem podemos dominar, quem pode nos dominar e quem pode ser dominado (ameaçado emocionalmente) em certos momentos e não em outros, etc. A partir da *consciência amorfa*, nós nos desenvolvemos para um *ego* individual teimoso. Somos cunhados e condicionados com um estilo particular de “políticas” territorial-emocionais.

Nesse estágio, somos cunhados e condicionados para:

DOMINAÇÃO	OU	SUBMISSÃO
AUTOCONFIANÇA	OU	AUTOQUESTIONAMENTO
EGO FORTE	OU	EGO FRACO
ALTO <i>STATUS</i> NO BANDO	OU	BAIXO <i>STATUS</i> NO BANDO
DAR ORDENS	OU	RECEBER ORDENS
“HERRENMORAL”	OU	“SKLAVMORAL”

Fomos subsequentemente condicionados a oscilar entre esses reflexos, dependendo de o nível da pessoa com a qual estamos lidando ser Mais Alto ou Mais Baixo na ordem do bando. (Pessoas da classe média, por exemplo, os conservadores de Reagan, John Birchers, etc. vão *sempre* reverenciar aqueles que estão Mais Alto na ordem do bando; e, igualmente, sempre terão alguma razão para perseguir – e implicar com – os pobres, que estão no nível Mais Baixo na ordem do bando. Por isso, eles dirão e até mesmo acreditarão que estão sendo roubados pelos pobres que recebem auxílio da Previdência Social, representando em torno de 4% dos impostos recolhidos, sem perceber, ou prefirmam ignorar, o fato de que o complexo industrial militar está recebendo 72% desses mesmos impostos, os quais, na realidade, são recolhidos por essas mesmas pessoas chamadas de “pobres”. Essa é a sociobiologia mamífera normal.)

Depois que esse túnel de realidade do segundo circuito está ativado, o organismo sofre nova mutação no estágio verbal, e um estilo de atividade mental do terceiro circuito é cunhado. Ou seja, além da consciência protoplásmica e do ego mamífero, adquirimos *mente* humana, criada pelo criador da verbalização e por tudo que é humano.

Crianças selvagens, que sobreviveram ao isolamento da sociedade humana (artefatos e discurso), não têm nenhuma "*mente*" no sentido humano; essa é a razão de serem chamadas selvagens.

No estágio semântico da vulnerabilidade da cunhagem adquirimos:

FLUÊNCIA	OU	DESARTICULAÇÃO
DESTREZA	OU	INABILIDADE
"MENTE BOA"	OU	"MENTE TOLA"

Na puberdade, outro dispositivo do DNA dispara e os mensageiros do RNA iniciam outra mutação morfológica da mente-corpo. A "personalidade adulta" é cunhada e condicionada. Nós nos tornamos:

"MORAL"	OU	"IMORAL"
ROBÔ OBEDIENTE	OU	ROBÔ DESOBEDIENTE
CIDADÃO SÓLIDO	OU	INFRATOR SEXUAL
"PAI/MÃE"	OU	ANARQUISTA

A falta de compreensão dessas mudanças morfológicas, e de sua persistência nos circuitos cunhados no cérebro, é responsável pela *maioria* das falhas na comunicação, e pelo senso geral de exasperação com o qual muito frequentemente nos confrontamos um ao outro. Como as cunhagens são ligeiramente diferentes de uma pessoa para outra – *a média é o que ninguém é totalmente*–,²⁴ todos nos sentimos, às vezes, como o Quaker lendário que disse para sua esposa: "Todo o mundo está louco menos eu e você, e às vezes me questiono em relação a você".

Reichianos, discípulos do dr. Spock e a Summerhill School, etc. têm chamado atenção, com alguma impaciência, para a brutalidade e estupidez de muitos dos nossos métodos tradicionais na educação infantil. Esses métodos são "brutais" e "estúpidos" somente se, tal como os hereges supramencionados, considerarmos o objetivo de educar uma criança como a produção de um ser humano são, equilibrado e criativo

24. James Joyce justificou o anarquismo nos termos em que "o Estado é concêntrico e o indivíduo é excêntrico".

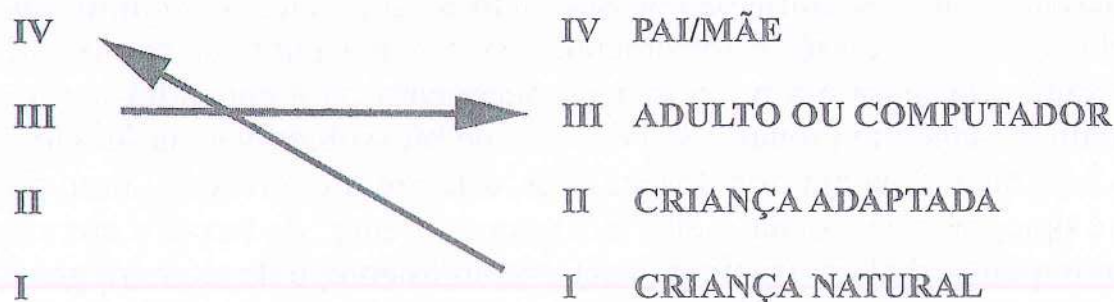
[NÃO EMBOTADO]. *ESSE NUNCA FOI O OBJETIVO DE QUALQUER SOCIEDADE NO MUNDO REAL*. Os métodos tradicionais de educação infantil são bem lógicos, pragmáticos e salutares, parecendo cumprir o *real* propósito da sociedade, que *não* é o de criar uma pessoa ideal, mas criar [EMBOTAR] um semirrobô que imita a sociedade o mais próximo possível da perfeição – tanto nos aspectos racionais quanto nos irracionais, tanto como repositório do conhecimento do passado quanto como soma total da ignorância e das crueldades do passado. Colocado de maneira bem simples, uma pessoa totalmente consciente, alerta e *desperta* (não “lobotomizada”) não se enquadraria muito bem em qualquer dos papéis padrão que a sociedade oferece; enquanto o produto danificado e robotizado da educação infantil tradicional é o que *realmente* se enquadra nesses papéis.

Ou seja, há uma “lógica” neurossociológica para o ilógico. Escolas tradicionais não parecem miniprisões? Elas não reprimem a imaginação, aleijam a criança física e mentalmente e praticam várias formas de terrorismo explícito e implícito? Claro, a resposta é um *sim* sem ambiguidades; mas tais escolas são necessárias para treinar as pessoas a desempenhar papéis formais, comerciais ou profissionais que também muito se assemelham a miniprisões, reprimem a imaginação, aleijam a pessoa física e mentalmente e praticam o terror (ameaça de perda de tickets de biossobrevivência na forma de salários ou de estabilidade).

O movimento permissivo na educação infantil simplesmente apareceu apenas quando apareceu, e obteve um sucesso apenas em uma limitada extensão, porque a sociedade sempre precisou e ainda pensa precisar de robôs humanos. Necessariamente, a educação infantil utópica continuará avançando ainda mais tão somente à medida que a própria sociedade evolua para fora do autoritarismo. Isto é, à medida que as mudanças aceleradas, que ocorrem agora, nos impelem para dentro do período mais rápido de evolução social em toda a história humana; precisaremos então de cidadãos *que não sejam* robôs, *que sejam* criativos; *que não sejam* dóceis, *que sejam* inovadores; *que não sejam* fanáticos de mente estreita, *que sejam* exploradores em cada sentido da palavra.

A educação tradicional começou a vacilar somente quando a sociedade começou a entrar no período presente de mudança acelerada e de total transformação tecnológica de todos os valores tradicionais.

Falhas na comunicação geralmente derivam do envio de uma mensagem para o endereço errado. Ou seja, seu marido tem um problema de *ego* e você manda uma mensagem para sua *mente*. Adaptando um diagrama da Análise Transacional, o que aconteceu é o seguinte:



A mensagem é endereçada do Circuito I para o Circuito IV. Ela significa "Sinto-me fraca; ajude-me a reanimar". Se a resposta vem do Circuito III para o Circuito III, "Bem, vamos analisar o problema...", houve um Endereçamento Errôneo.

É claro, esse exemplo é deliberadamente atípico, embora nada impossível. É atípico porque as mulheres tradicionalmente são treinadas para *não* cometerem esse tipo de erro – ser "sensível emocionalmente", ser "apoiadora", etc. É muito mais plausível, estatisticamente, que esse tipo de Erro de Endereçamento siga outro caminho – marido para mulher. Isto é, a esposa sinaliza "Socorro!" e o marido no Circuito III diz "Vamos analisar o problema...".

Dissemos que a cunhagem dos circuitos contém um grande elemento de acidente (dentro de parâmetros genéticos). A sociedade, em todo lugar, sem compreender essa teoria, entende *pragmaticamente* o suficiente os processos de cunhagem que tentam programar cada indivíduo para o seu designado papel. Por isso a educação tradicional da menina é diferente da educação tradicional do menino, para que as mulheres *tenham* mais "sensibilidade" no Circuito II. Novamente, a Liberação Feminina, tal como a moderna educação infantil, somente chegou quando estávamos evolutivamente prontos ou quase prontos para ela. *O sistema tradicional funcionou em sociedades tradicionais.*

De modo similar, a estrutura de classe, como a estrutura de casta em uma colmeia de abelhas, funciona para produzir as cunhagens "certas" em cada classe. O terceiro circuito da classe servil ou proletariado é cunhado principalmente para a destreza manual, enquanto o mesmo circuito na classe média ou nas crianças da classe dominante é cunhado para as habilidades verbais, matemáticas ou de outros usos simbólicos.

A democracia tem sido menos que um sucesso total – e o cinismo meio envergonhado do intelectual a respeito da democracia é justificado – na medida em que a sociedade tradicional não precisava, não conseguia usar, e de muitos modos desencorajava o desenvolvimento das habilidades do alto verbal ("racional") na maioria da população. Isto é,

concretamente, a maioria das pessoas não é encorajada a ser muito esperta e, em vez disso, é fortemente programada para ser comparativamente tola. Essa é a programação necessária para enquadrá-las nos trabalhos mais tradicionais. Seu circuito de biossobrevivência funciona tão bem quanto na maioria dos animais, seu circuito territorial-emocional é tipicamente primata, e elas têm pouca “mente” do terceiro circuito com o qual verbalizar (racionalizar). Naturalmente, e de maneira geral, elas votam para o charlatão que consegue ativar os medos primitivos da biossobrevivência e a belicosidade territorial (“patriótica”).

O intelectual olha para os resultados funestos e continua a acreditar na “democracia” apenas por um ato de Fé Cega semelhante à forma de como as crenças são mantidas no Catolicismo e no comunismo ou na adoração à serpente.

Novamente, o sistema tradicional *funciona* para a sociedade tradicional. Uma massa de pessoas que têm intensa curiosidade sobre por que Beethoven passou a compor quartetos de cordas depois da Nona Sinfonia, se Kant realmente refutou Hume satisfatoriamente, o que as últimas teorias quânticas *significam* em relação ao Determinismo e o Livre-Arbitrio, não é uma massa que será facilmente dirigida para o trabalho desinteressante e desumanizador dos empregos tradicionais.

Por que Adlai Stevenson perdeu para Ike Eisenhower, George McGovern para Tricky Dicky Nixon, etc.? Foi o problema do Endereço Errado novamente. Stevenson, McGovern e outros queridinhos da *Intelligentsia* estavam falando para o terceiro circuito, que ainda não é muito desenvolvido na maioria dos primatas domesticados. Eisenhower, em seu jeito Paternalista, e Nixon, em seu jeito brigão de Irmão Mais Velho, sabiam exatamente como apertar os botões certos do segundo circuito, o territorial-emocional, para fazer com que uma multidão de primatas os seguisse. Eles foram geneticamente programados como machos alfas, em termos etológicos.

De modo semelhante, o Moralista (ou seja, a Personalidade Adulta que tem cunhados fortes imperativos Éticos no circuito IV) é com frequência totalmente incapaz de se comunicar com o cientista ou com o tecnólogo. O Moralista pode até decidir – muitos já decidiram – que o cientista *per se* é “desumano”. Na verdade, os princípios morais são bem irrelevantes para a mente analítica do Terceiro Circuito, cuja função do cérebro cunhou o cientista comum mais intensamente. Para o terceiro circuito, a única moralidade é a precisão, a única imoralidade é o pensamento displicente.

Novamente, a ascensão da "consciência social" dentre os cientistas aconteceu apenas quando evolutivamente foi necessário acontecer, ou seja, depois de Hiroshima. Se isso não parece estar acontecendo ampla, rápida e suficientemente, então o mesmo também pode ser dito erroneamente – penso eu, – sobre a modernização da educação e da criação infantil, sobre a Liberação Feminina, o racismo, etc. A revolta contra todas as loucuras do passado está prosperando e continuará tendo êxito se evoluirmos em uma sociedade que precisa que *cada ser humano funcione bem em todos os circuitos*. Estamos nos movendo a uma velocidade cada vez maior para essa sociedade.

O que o radical impaciente esquece é que muitas das "injustiças" da sociedade primata tradicional não eram nem mesmo *percebidas* como tais pelas melhores mentes de mil anos atrás ou cem anos atrás ou, no caso do sexismo institucionalizado, mesmo 30 anos atrás. Se podemos ver a injustiça e o absurdo em muitas instituições antigas, é somente porque estamos evoluindo para fora da roboticidade, precisamente no ponto da evolução quando for necessário nos tornarmos mais espertos e mais sensíveis em todos os circuitos.

Cada um de nós tem um circuito "favorito" – isto é, um circuito que foi mais pesadamente cunhado do que os outros. Má comunicação, mau entendimento e mau juízo em geral de um ao outro são amplamente aumentados pelo fato de que poucos de nós conhecem esses níveis de circuito, e *nós todos tendemos a assumir que a pessoa com a qual estamos interagindo esteja no mesmo circuito que nós*.

Assim, há tipos narcisistas (orais) do primeiro circuito em todo grupo social. Apresente-lhes um problema e eles irão imediatamente procurar outra pessoa para resolvê-lo, já que o estágio oral é roboticamente cunhado para a dependência. (Ou, se eles têm cunhada a fraqueza hostil em vez da fraqueza dependente, eles explodirão de raiva – fúria infantil –, encolerizando-se por tal problema existir e lhes ter sido imposto.)

Um tipo do segundo circuito, na mesma situação, tentará fugir do problema, latindo e vociferando à moda mamífera.

Um tipo do terceiro circuito tentará solucionar o problema. Esta é a melhor abordagem apenas com problemas que sejam *somente* racionais, ou seja, "Como faremos essa máquina funcionar?". Ele pode estar cego ou fútil quando o "problema" é outro ser humano agindo a partir de um dos mais destrutivos programas de ira do segundo circuito.

("O liberal é aquele que deixa a sala quando uma briga começa", alguém disse certa vez. Os tipos do terceiro circuito ficam confusos

e se sentem impotentes quando a política mamífera do segundo circuito rouba a cena.)

Um tipo do quarto circuito tentará ser racional (terceiro circuito) e sentir as dimensões emocionais do problema (segundo circuito), mas, basicamente, tentará impor uma solução *moral*: “É a coisa decente e justa a ser feita...”. Isso pode ou não fazer sentido para o Racionalista do terceiro circuito, procurando por justiça objetiva; e geralmente não fará nenhum sentido à totalidade do segundo circuito que é dominado pelo sentimentalismo e territorialidade.

O que é verdade para um grupo, também é verdade para um indivíduo. Enquanto todos temos nosso circuito favorito, e tendemos a ver aquele circuito como “superior” em relação a todos os outros, podemos ser empurrados para fora dele por choques ou estresses, em qual caso pulamos para outro circuito.

O Racionalista mais robótico descerá para o primeiro circuito, caso uma ameaça à biossegurança lhe seja apresentada forçosa e suficientemente na tela da consciência. E, se impedido de “deixar a sala quando a briga começa”, o Racionalista até descerá para o segundo circuito mamífero, uivando e latindo, sob pressão suficiente. (Oliver Wendell Holmes referiu-se a isso como “o princípio hidrostático em controvérsia”, pelo qual os tolos arrastam todos para baixo e para o seu mesmo nível.)

O Emotivo mais robótico também pode ascender para o terceiro circuito, temporariamente, caso um problema permaneça intratável para toda forma de *bullying* emocional ou de atos fraudulentos.

Todos nós nos moveremos para o quarto circuito do papel Pai/Mãe ou de Superego – até mesmo as criancinhas farão isso por imitação – se parecer que a única maneira de conseguir o que se quer é apelar para a moralidade tribal: “Ora, seria *certamente indecente* não fazer isso do jeito que o vovô faria...”.

“Dê-nos a criança até que ela tenha 5 anos, e a teremos para sempre”, gabavam-se alguns jesuítas do século XVIII. A ordem jesuíta daquele tempo, como Aldous Huxley mais tarde notou sardonicamente, educou Voltaire, Diderot e o marquês de Sade; obviamente suas técnicas de programação cerebral não eram perfeitas. Mesmo assim, a maioria das pessoas na maioria das sociedades, de fato, cresce como uma réplica quase perfeita da geração anterior. A maioria das crianças educadas pelos jesuítas permanece católica. A maioria dos filhos dos democratas *não* se torna republicana. Etc.

Considerando a ampla variedade de filosofias disponíveis para qualquer um de nós – nudismo e budismo, materialismo científico e adoração de serpente, comunismo e vegetarianismo, idealismo subjetivo e existencialismo, metodismo e xintoísmo, etc. –, o fato de que a maioria das pessoas permanece no mesmo túnel de realidade de seus pais indica que aculturação é um processo de controle da mente. Somos todos gigantes, criados por pigmeus, que aprenderam a andar em perpétua submissão mental. Libertar a nossa estatura completa – o poder total de nosso cérebro – é sobre o que trata este livro.

Existe uma história zen (bem engraçada – ha-ha) sobre um monge que, depois de falhar em atingir a “iluminação” (mudança mental) por meio dos métodos zen habituais, foi instruído por seu professor a pensar em nada mais além de um touro. Dia após dia, após dia, o monge pensava no touro, visualizava o touro, meditava sobre o touro. Finalmente, um dia, o professor veio para a cela do monge e disse: “Venha para fora – quero conversar com você”.

“Não consigo sair”, disse o monge. “Meus chifres não passam pela porta.”

Não consigo sair...

Ao pronunciar essas palavras, o monge atingiu a “iluminação”. Não se preocupe agora com o que “iluminação” significa. O monge passou por alguns tipos de mudança mental, obviamente. Ele desenvolveu a ilusão de que fosse um touro e, ao acordar daquele estado hipnótico, ele enxergou através do mecanismo de todas as outras ilusões e de como elas nos robotizam.

EXERCÍCIOS

1. Recrie *vivamente* na imaginação o seu primeiro orgasmo. Em que medida você ainda usa os mesmos acessórios (estímulos) para se excitar?
2. Tente mudar sua cunhagem sexual. Veja se consegue atingir o orgasmo por algum método que tenha sido tabu ou antes impensável para você.
3. Imagine que você seja o reverendo Jerry Falwell. Explique para um homossexual imaginário por que a cunhagem sexual dele é “pecadora” e deveria ser mudada imediatamente. Inclua instruções de como mudá-la.
4. Imagine que você seja um homem gay ou uma lésbica. Explique para o reverendo Falwell por que você não vai ou não pode mudar sua cunhagem sexual para agradá-lo.

5. Leia *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*), de Margaret Mead. Depois escreva cinco páginas provando que os tabus na nossa tribo fazem mais sentido objetivamente do que os tabus das tribos que ela estudou. *Leve isso a sério!*

6. Escolha o ponto de vista dos samoanos no livro da dra. Mead citado. Escreva cinco páginas provando que os tabus samoanos fazem mais sentido do que aqueles da nossa sociedade. *Leve isso a sério!*

7. Releia os parágrafos sobre a girafa e o gansinho. O que isso lhe diz sobre a cunhagem sexual? Qual é o seu carro ou a sua bola de pingue-pongue?

CAPÍTULO 9

Lavagem Cerebral e Programação Cerebral

Temos certas noções preconcebidas sobre localização no espaço que trazemos de nossos ancestrais primatas.

– *Sir Arthur Eddington, Space, Time and Gravitation*



A maior possibilidade utópica diante de nós também é o maior terror distópico.

Estamos aprendendo cada vez mais sobre a pragmática da *mudança cerebral*: como alterar o cérebro de qualquer pessoa de modo a estabelecê-la em uma “realidade” totalmente nova. As visões de 1984 e *Admirável Mundo Novo* pairam sobre esse mesmo conceito.

Mas também estamos aprendendo como mudar os nossos próprios cérebros – aprendendo a usá-los para diversão e lucro em vez de para a miséria e a roboticidade. Visões de Super-Humanidade estão implícitas em qualquer percepção do que isso significa.

O cérebro pode ser sintonizado, como uma tevê, para desligar qualquer canal e passar para um novo canal. Isso é o que conhecem os veteranos da Revolução Neurológica das décadas de 1960 e 1970. Essa é a maior ameaça e a principal promessa do nosso tempo.

Considere as alternativas.

CIANURETO E SINCRONICIDADE

Em novembro de 1978, eu estava em Seattle para ver a peça, de 10 horas, que Ken Campbell tinha produzido dos três romances *Illuminatus!*, de Bob Shea e eu mesmo. No decorrer da peça surgiu uma cena em que Shea e eu havíamos quase esquecido de termos escrito durante os sete anos desde que os livros haviam sido finalizados, em 1971. A cena envolvia um messias lunático que ordena a 3.300 de seus discípulos robôs que cometessem suicídio bebendo cianureto. Os autômatos des-cerebrados obedecem e cada um bebe seu coquetel de cianureto.

Shea e eu tínhamos escrito essa sequência bizarra para ilustrar os extremos até onde a lavagem cerebral pode ir. Ambos considerávamos isso como uma fantasia extravagante, com objetivos satíricos – um exagero do nosso tema sério.

Enquanto os atores ainda estavam no palco interpretando essa “fantasia”, toda tevê e jornal na Terra estavam discutindo exatamente a mesma espécie de comportamento zumbi da massa. O nosso fictício guru maníaco era Adolph Hitler; em novembro de 1978, enquanto nossa peça ainda estava em cartaz, outro guru maníaco, Jim Jones, tinha encenado a sequência inteira no mundo real. Nas Guianas, ele tinha ordenado a 900 de seus robôs que tomassem cianureto, e todos haviam obedecido.

Foi particularmente marcante para mim que Jones tivesse encenado o seu *Gotterdammerung* enquanto a nossa peça estava sendo lançada nos Estados Unidos. Foi ainda mais interessante o fato de que a própria

ferramenta do suicídio em massa, em nossa ficção e na realidade de Jones, tenha sido o cianureto.

Carl Jung, o psicólogo, e Wolfgang Pauli, o físico, tinham um nome para coincidências peculiares de caráter misterioso. Eles as chamavam de *sincronicidade* e diziam que representavam um princípio não causal e/ou holístico da natureza que age fora do tempo linear passado-presente-futuro de Newton.

Pauli, como a maioria dos físicos quânticos, estava consciente de que eventos subatômicos não podem ser compreendidos em termos newtonianos e devem requerer algum tipo de acausalidade (*indeterminismo*) ou holismo (*superdeterminismo*) para explicá-los. *Em qualquer um dos dois casos, a distinção entre “observador” e “observado” é rompida.* (Falaremos mais sobre isso mais adiante.)

Jung, por sua vez, tinha observado que tais sincronicidades – estranhas coincidências – tendem a ocorrer quando certas estruturas profundas na psique são ativadas. Ele presumiu que essas estruturas fossem o que ele chamou “o nível psicoide”, *abaixo* do inconsciente coletivo, onde mente e matéria não são ainda distintas – a espuma quântica a partir da qual matéria, forma e consciência emergem hierarquicamente.

Espere. Fica ainda mais estranho...

DE HERDEIRA A ASSALTANTE DE BANCOS

Quando Patty Hearst foi sequestrada pelo Exército Simbionês de Libertação (Symbionese Liberation Army – SLA), em 4 de fevereiro de 1974, ela era uma jovem herdeira “normal”. Ela estava frequentando uma faculdade normal, morava com um namorado normal e fumava uma quantidade normal de maconha para uma jovem herdeira daquela época. Cinquenta e sete dias depois, ela tinha se tornado uma nova pessoa, com um novo nome – Tania – e vivenciava em um novo túnel de realidade.

Enquanto Patty era heterossexual, Tania era bissexual. Enquanto Patty aceitava o túnel de realidade da família Hearst com apenas algumas modificações “liberais” típicas de jovens de sua idade, Tania era uma revolucionária violenta e fanática. Enquanto Patty era respeitosa com os pais, Tania os denunciava como “mentirosos corporativos” e os delatava como fazendo parte de um plano capitalista para “assassinar” as pessoas pobres dos Estados Unidos “até o último homem, mulher e criança”. Enquanto Patty era “gentil”, polida e certamente não violenta, Tania teve uma foto tirada segurando uma metralhadora e participou de, pelo menos, um assalto a banco e, provavelmente, de outras infrações.

O que aconteceu? Quando Patty-Tania foi presa e levada a julgamento, a defesa afirmou que ela tinha sofrido uma “lavagem cerebral”. O júri não entendeu ou não quis acreditar nisso e condenaram Patty à prisão pelos crimes que Tania cometera. O debate sobre esse caso continua até hoje, pois algumas pessoas acreditam que a srta. Hearst foi “responsável” pela mudança de consciência que ela sofreu durante o seu sequestro pelo SLA e outras têm igualmente certeza de que ela não foi “responsável”.

Deixando de lado as questões metafísicas de “responsabilidade”, parece óbvio que uma jovem senhorita da classe e da origem dos Hearst certamente não teria tomado parte em um assalto a banco se não tivesse primeiro sido sequestrada e incorporada ao SLA.

Como o SLA se autodenominava um exército, vamos compará-lo a um exército; isso pode provar ser iluminador.

Indivíduos não são sequestrados por um exército do jeito como Hearst foi sequestrada pelo SLA, mas o processo não é totalmente diferente. Os recrutadores do exército americano não invadem a casa de um jovem no meio da noite com armas, como o SLA fez com Patty: eles simplesmente enviam ao jovem uma carta de notificação. Mesmo assim, a *coerção* está presente; o jovem convocado sabe que, no caso de ignorar a carta, os agentes do governo estarão por perto para prendê-lo (a menos que ele fuja do país). Ele, então, tem a opção de entrar no exército ou de ir para a prisão. Portanto, quer estejamos falando do SLA ou do exército americano, o sujeito é reduzido à impotência infantil: outras pessoas estão decidindo o que será feito com o seu corpo. Nesse caso, o indivíduo é forçado à posição de recém-nascido, com uma altura de 30 centímetros em um mundo de um metro de altura, por assim dizer. Como criancinha, essa pessoa está aprendendo que a primeira regra da sobrevivência é obedecer.

A maioria das pessoas (com exceção dos nudistas) tem vergonha de aparecer nua em público – e esse é o mais comum de todos os pesadelos, “E lá estava eu sem roupa!” (Joyce transformou isso no incidente central no sonho que é todo sonho, *Finnegans Wake*). O primeiro passo ao deixar o túnel de realidade civil e ser iniciado no túnel de realidade do exército é, portanto, o exame médico, no qual o sujeito é despido e obrigado a marchar em torno de um grande prédio com outras vítimas nuas enquanto os agentes do exército, totalmente vestidos, dão as ordens mais breves possíveis: “Levante. Sente. Vá até ali. Volte aqui”, etc. A iniciação maçônica, que remove somente parte da roupa do sujeito, é

uma versão mais branda do *despir* realizado de acordo com parâmetros anteriores da segurança social.

O que está sendo realmente removido ao ser “despido” é mais sutil; é todo o sistema social no qual essa pessoa estava inserida antes de ser apanhada por um exército, quer americano ou do SLA. Quando o médico diz ao convocado nu, “Incline-se. Abra as nádegas”, a chamada realidade normal chegou ao fim tão totalmente como se a vítima tivesse sido incorporada a um filme surrealista. Se um empregador se torna detestável demais, é sempre possível encontrar um novo emprego. Por outro lado, não é possível sair do exército americano ou do SLA dessa forma, porque a impotência intensa do primeiro circuito está sendo cunhada.

Quando o matemático russo Ouspensky estava começando a estudar com Gurdjieff, ele tinha grande dificuldade em entender a insistência de Gurdjieff sobre a maioria das pessoas serem máquinas e totalmente inconscientes do mundo objetivo em torno delas. Então, um dia, depois de iniciada a Primeira Guerra Mundial, Ouspensky viu um caminhão cheio de *pernas artificiais*. Essas pernas artificiais estavam sendo enviadas para os hospitais do *front*, para os soldados cujas pernas ainda não tinham sido explodidas, mas cujas pernas *seriam* explodidas. A previsão de que essas pernas seriam explodidas era tão certa que as pernas artificiais já estavam a caminho para substituir as pernas naturais. A previsão baseava-se na certeza matemática de que milhões de jovens marchariam para o *front* para serem mutilados e mortos, tão irrefletidamente quanto gado marchando para um abatedouro.

Em um lampejo, Ouspensky entendeu a natureza *mecânica* da consciência humana comum.

(“*Não consigo sair – meus chifres não passam pela porta.*”)

A iniciação na “Família Manson”, uma quase comunidade criminosa fundada por Charles Milles Manson, na década de 1960, não é diferente. Lynette Fromme era muito parecida com Patty Hearst – uma jovem americana “normal”, com menos dinheiro que Hearst, mas sem propensão especial para o comportamento criminoso. Depois de passar pelo treinamento básico do general Manson, Lynette tornou-se Squeaky Fromme (em razão de sua voz estridente) e foi condenada por apontar uma arma contra o presidente americano Gerald Ford com a clara intenção de assassiná-lo.

No próximo capítulo, explicaremos mais como e por que ser capturado (“convocado”) por um exército é o modelo em toda experiência de lavagem cerebral.

A sociedade humana como um todo é uma vasta máquina de lavagem cerebral cujas regras semânticas e papéis sexuais criam um robô social.

O conceito de “lavagem” é, claro, não científico e bruto. O cérebro não é uma peça suja de vestuário, mas um processador eletrocoloidal de informação – uma rede viva de mais de 110 bilhões de células nervosas capazes de ($10^{2.733.000}$) interconexões, um número mais alto do que o total de todos os átomos no Universo. Nesse elegante e microminiaturizado biocomputador, mais de 100 milhões de processos são programados a cada minuto.

Do ponto de vista da neurossociologia, como eu percebo “a mim mesmo” e “ao meu mundo” depende de como cada circuito foi conectado ao meu cérebro. A sociedade sempre soube como conectar crianças; o processo é chamado de aculturação; ele explica por que filhos de católicos tendem a se tornar católicos, filhos de samoanos enquadram-se na sociedade samoana, filhos de comunistas tornam-se bons pequenos comunistas, etc. Cada geração executa a “lavagem cerebral” da geração seguinte.

Cristianismo, Budismo e Islamismo, entre si mesmas, são as instituições de programação cerebral mais poderosas do planeta. Aproximadamente metade da arte e da filosofia da raça humana – a arquitetura, a música, a pintura, a literatura, os ideais de educação, as “grandes ideias” – foram influenciadas e/ou alimentadas por esses três grandes sistemas teológicos. Isso não denigre as contribuições do Confucionismo, Judaísmo, Hinduísmo, ciência moderna, etc., mas meramente enfatiza a medida pela qual as civilizações mais elevadas foram formadas pelos quatro criadores dessas três religiões: Buda, Maomé, Jesus e São Paulo. O que esses quatro homens tinham em comum?

Como Aleister Crowley apontou: “Essas religiões não compartilham de nenhum ponto de ética e de nenhuma teoria sobre uma vida futura, e, no entanto, na história de suas existências encontramos uma identidade dentre muitas diversidades”.

Buda era um simples nobre hindu quando experimentou uma rápida mudança mental, depois da qual se tornou um grande professor.

Maomé era um humilde condutor de camelos, com nenhum sinal de inteligência ou ambição excepcionais, e então ele experimentou uma rápida mudança mental, depois da qual se tornou professor, conquistador, legislador e profeta.

Não sabemos nada de Jesus (exceto algumas fábulas) até a idade de 30 anos, quando ele experimentou uma rápida mudança mental e

colocou em prática uma doutrina que subverteu o Império Romano e influencia a Civilização Ocidental até o presente.

São Paulo, que tomou os ensinamentos de Jesus e transformou-os em um movimento militante, sofreu uma forma de extrema mudança mental, a respeito da qual ele nos conta que ficara temporariamente cego e fora elevado aos céus onde presenciou coisas “das quais não é lícito falar”.

Em tudo o mais, salvo a experiência da Iluminação, eles discordam. Buda insistia que sua iluminação era perfeitamente natural:

“Você é Deus?”, perguntaram a ele certa vez.

“Não.”

“Você é um santo?”

“Não.”

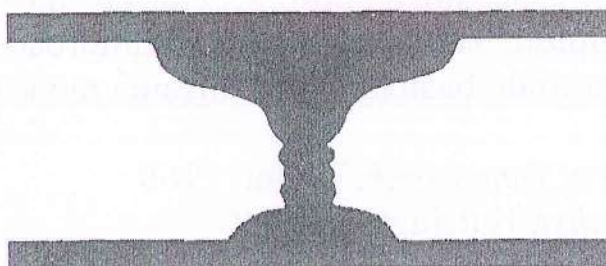
“Então o que você é?”

“Sou desperto.”

Maomé nos informa que “falou” com o anjo Gabriel; Jesus nos informa que o “Pai que está no céu” falava *por meio* dele; e São Paulo viu as luzes e maravilhas supramencionadas.

Expressando qualquer possível reserva sobre fábula e mito, temos esta coincidência: uma pessoa comum do povo experimenta uma repentina mudança mental (expansão da consciência) e abruptamente se torna uma personalidade histórica. Grande parte da raça humana está ainda vivendo sob o legado dessas quatro “iluminações” bioelétricas, para o bem e para o mal.

A maioria das pessoas (o presente autor inclusive) consideraria o que aconteceu a Patty Hearst como “ruim” e o que aconteceu a Buda como “bom”. Precisa ser enfatizado que tanto as experiências de mudança mental “ruins” quanto as “boas” são funcionalmente as mesmas. O processo é modelado, em uma escala pequena, por qualquer desenho, como o que segue:



Se você observou essa imagem de um único ângulo, olhe-a novamente. Há duas maneiras opostas de observá-la.

Quando seu mundo inteiro, não apenas um desenho em uma página de livro, é assim transformado, você está experimentando o tipo de mudança mental que pode transformar uma rica herdeira em uma ladra de bancos, um obscuro carpinteiro em um messias ou um caixa de banco em um paciente mental...

Formas semelhantes de mudança mental estão na base de todos os avanços revolucionários nas artes, bem como nas ciências. A neurosociologia é uma história de massivas mudanças mentais à medida que são realizados saltos quânticos da realidade "tribal" para a realidade "feudal", da realidade "feudal" para a realidade "industrial", e agora estamos saltando para a Realidade do Futuro.

Considere a revolução contra a morte, se você acredita não ter sofrido lavagem cerebral.

Nem todas as pessoas aceitaram a mortalidade. Os místicos, é claro, sempre insistiram que há uma espécie de imortalidade "espiritual", mas, à parte disso, taoistas na China e alquimistas na Europa passaram centenas de anos procurando pelo elixir da vida que permitiria a imortalidade física. Paracelso, por exemplo, deixou um pouco de seu esperma com instruções para um aluno de como revivê-lo ou recriá-lo a partir do mesmo. (Ele parece ter tido uma ideia crua e imprecisa de clonagem.) Na década de 1780, tanto Benjamim Franklin quanto Condorcet, na América e na França, escreveram que a ciência médica finalmente conquistaria a morte assim como todas as outras doenças.

O movimento imortalista moderno começou com o físico R. C. W. Ettinger que publicou o livro *The Prospect of Immortality*, em 1964. Ettinger havia entrado em um túnel de realidade diferente da cunhagem da realidade consensual de nossa tribo, e disse francamente que nós *poderíamos ser* a geração que aboliu a morte e que deveríamos começar a trabalhar para atingir esse objetivo.

Desde então, a pesquisa sobre a extensão da vida e a longevidade tem dado rápidos saltos quânticos. Numerosos livros têm sido publicados transmitindo basicamente a mesma mensagem de Ettinger. Dentre eles:

- The Biological Time Bomb*, Taylor, 1968
- The Immortalist*, Harrington, 1969
- The Immortality Factor*, Segerberg, 1973
- Here Comes Immortality*, Tucille, 1974
- Prolongevity*, Rosenfeld, 1976

No More Dying, Kurtzman, 1978

The Life Extension Revolution, Kent, 1980

Muitas sociedades têm sido fundadas para a pesquisa antienvelhecimento, para incentivar mais pesquisas ou apenas para tornar pública a possibilidade à nossa frente – o enorme salto evolutivo da mortalidade para a imortalidade. Dentre esses grupos estão: o Committee for the Elimination of Death, San Marcos, CA.; Bay Area Cryonics Society, São Francisco, CA.; Prometheus Society, Baltimore, MD.; Long Life, Chicago, IL.; Alcor Foundation, San Diego, CA.; Foundation for Research Against Disease and Death, New York, NY, etc. Agora considere a capa de um livro recente sobre este tópico: *Conquest of Death* [Conquista da Morte], de Alvin Silverstein, Ph.D. A frente da sobrecapa expressa com letras em negrito, mas com palavras tímidas:

**Um Olhar Controverso para a Revolução na Medicina e
Por Que Podemos Ser a Última Geração a Morrer**

Observe as implicações pessimistas: a imortalidade está chegando, mas não para mim nem para você. *Nós* ainda estamos condenados à morte. Nossos chifres não vão passar pela porta.

Essa versão fatalista da mensagem do dr. Silverstein pode ter parecido necessária aos editores porque eles sentiram que dizendo *não temos de morrer* seria chocante demais ao leitor comum. O quê? Você e eu vivendo para sempre? Besteira! Nossos túneis de realidade foram todos cunhados para acabar com o apagar da luz.

Dentro da sobrecapa há uma versão mais precisa do que o dr. Silverstein queria dizer:

**Não Precisamos Ser a Última Geração a Morrer:
Podemos Conquistar a Morte Dentro do Nosso Tempo**

Evidentemente, colocar isso na capa do livro seria “Revolução Neurológica” demais para o leitor mediano – pelo menos na estima da editora.

É necessário atingir a página 189 do livro para encontrar a estimativa do próprio dr. Silverstein da cronologia provável para a imortalidade, que é:

BOAS NOTÍCIAS, AMIGOS

ca. 1983 Começamos a parar o processo de envelhecimento

ca. 1989 O ciclo de vida é prolongado indefinidamente

ca. 1999 Conquista da doença e da morte

Bem, ele foi superotimista: mas de fato atingimos o primeiro passo (1997).

Quem disse que você tem de morrer? Foram eles mais infalíveis do que as pessoas que programaram Patty Hearst, etc.?

“Mas – mas – os Imortalistas são apenas uma minoria...” (*Assim também eram os einsteinianos em 1910.*)

“Mas – mas – o reverendo Jones disse-me para beber cianureto e ele sabe o que é certo...”

“Mas – mas meus chifres não passam pela porta...”

EXERCÍCIOS

1. Imagine-se dentro do túnel de realidade do grupo de extrema direita, conhecido como John Birch Society. Acredite por um tempo que o governo dos Estados Unidos está 85% sob a cobertura e controle da Organização das Nações Unidas (ONU) e uma ditadura aberta da ONU será logo declarada. Ligue a tevê nesse estado de espírito e *procure por toda evidência* de que cada apresentador de jornal seja um ludibriado, consciente ou inconsciente, da conspiração da ONU.

2. Imagine-se dentro do Espaço Mental de um Racionalista dogmático. Analise a sincronicidade Jim Jones-cianureto-*Illuminatus* como “mera coincidência”.

3. Imagine-se dentro do Espaço Mental de um ocultista. Analise a sincronicidade Jim Jones-cianureto-*Illuminatus* como um Sinal profético. O que isso significa? Os jungianos dizem que sincronicidades contêm “mensagens” da profunda estrutura da mente coletiva. *Qual é a mensagem?*

4. Entre no espaço mental do Imortalista por alguns minutos. Imagine-se investindo somente 1.000 dólares a juros bancários normais, acumulados anualmente. O que você terá em 100 anos? Em 200 anos? (Ninguém jamais usou essa alternativa conservadora de investimento e ficou rico, porque ninguém viveu por tanto tempo.)

5. Por que você não é um nudista (se você não for)? Dê cinco boas razões, depois procure um/uma nudista e explique-lhe os seus motivos.

6. Torne-se um nazista por 33 minutos. Acredite que toda a política é uma questão de força, astúcia e traição: que todo o liberalismo é hipocrisia ou tolice. Planeje uma campanha para dominar o mundo pela força e pela trapaça.

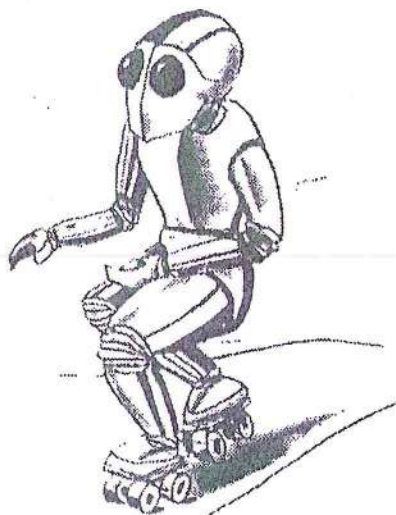
7. Vá para uma reunião de renovação fundamentalista onde curas pela fé são realizadas. Ou assista a Jerry Falwell na tevê. Lembre-se o tempo todo de que Jim Jones começou com a mesma rotina. Veja se você consegue entrar no espaço mental dos fiéis e decida se eles beberiam ou não cianureto caso seu SANTO HOMEM assim ordenasse.

CAPÍTULO 10

Como Realizar uma Lavagem Cerebral em Seus Amigos e Robotizá-los

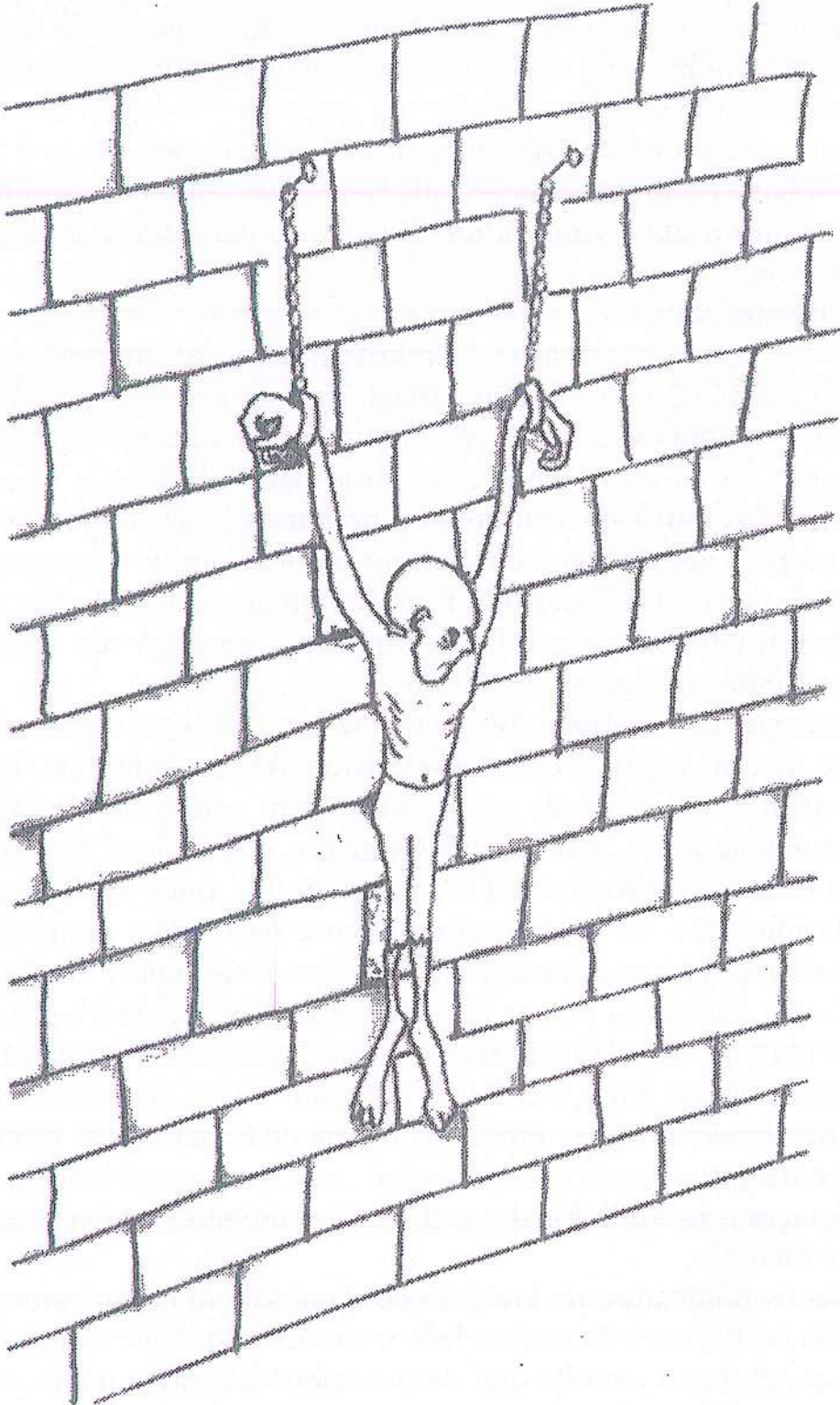
Não há governo nem complexo industrial militar ou sistema econômico ou mídia de massa que possa nos reduzir a fantoches e robôs tão completamente como têm feito as ditaduras biológicas e ambientais.

– F. M. Esfandiary, *Upwingers*



Conforme observado anteriormente, quando o circuito da biossobrevivência detecta perigo, *todas as outras atividades mentais cessam*.

Não existe “tempo” no circuito da biossobrevivência; os reflexos agem sem a participação do ego emocional, da mente racional ou da personalidade adulta: “Quando me dei conta, já tinha feito”.



Todas as artes marciais – judô, aikidô, kung-fu, etc. – são técnicas de recunhagem do circuito da biossobrevivência. Sua intenção é assegurar que *o que acontece mecanicamente* (“sem pensar”) de fato sirva à biossobrevivência, pois os reflexos cunhados acidentalmente nesse circuito não são tão confiáveis.

A natureza mecânica do circuito da biossobrevivência é de importância-chave na lavagem cerebral. *Para criar uma nova cunhagem, reduza a vítima a um estado infantil, ou seja, vulnerabilidade de primeiro circuito.*

Conforme foi observado no capítulo anterior, um exército inicia esse processo com a notificação de recrutamento, informando o sujeito de que seu corpo não lhe pertence mais, mas sim ao governo. O SLA, procurando por uma mudança mental mais rápida, começou a conversão de Patty para Tania ao apontar uma arma para ela, mas a mensagem era a mesma: “A partir deste momento podemos fazer o que quisermos com seu corpo”. Os instintos do circuito da biossobrevivência assim se tornam atrelados à obediência em relação àqueles que têm esse terrível poder – exatamente como o infante aprende a atrelar o seu circuito da biossobrevivência às figuras do pai ou da mãe.

O transporte de Patty no porta-malas de um carro (depois de estar sob a mira de uma arma) é um clássico ritual de renascimento; o porta-malas é até mesmo parecido com o útero em seu contorno. Quando o porta-malas se abriu, ela renasceu em um novo túnel de realidade, aquele de seus sequestradores. De modo similar, onde as formas mais antigas de iniciação maçônica sobrevivem e não foram dispersas (observe o Adeptus Major Ritual [Ritual Maior do Adepto] no *Complete Golden Dawn System of Magic* [O Completo Sistema de Magia da Aurora Dourada], de Israel Regardie*, Falcon Press, 1983), o candidato é jogado dentro de um poço, e então é “elevado” como um recém-nascido maçom. *Total submersão*, a preferida forma de batismo dos fundamentalistas protestantes, imita esse processo, mas sem a ansiedade real que tornou a maçonaria tradicional e o SLA tão eficientes como agentes de mudanças mentais.

Todos os praticantes de lavagem cerebral sabem empiricamente (na maioria dos casos, sem ter sequer lido o modelo dos oito circuitos cerebrais de Leary) que o circuito oral da biossobrevivência procura a vinculação com uma figura materna. Para aumentar o pânico e a vulnerabilidade

*N.E.: Do mesmo autor, sugerimos a leitura de *A Golden Dawn – A Aurora Dourada*, Madras Editora.

de da cunhagem, o sujeito, depois de ser apanhado pelos praticantes de lavagem cerebral (o exército americano ou o SLA, a “polícia secreta”, ou quem quer que seja em determinado caso), é então *isolado* de todos aqueles com quem a vinculação havia sido previamente estabelecida. O recrutado é enviado ao campo de treinamento e não vê qualquer um de seus queridos (esposa, namorada, pais, etc.) durante várias semanas ou meses. O prisioneiro político é jogado em um calabouço. Patty Hearst foi trancada em um *closet* assim que “renasceu” do porta-malas do carro.

Sobre experiências com isolamento realizadas pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, o dr. John Lilly e outros – e os registros de marinheiros naufragados, conforme resumido por Lilly em *Simulations of God* – mostram que apenas algumas horas de puro isolamento podem ser suficientes para que as alucinações sobrevenham. Essas alucinações, como aquelas sob drogas psicodélicas, indicam a destruição das cunhagens anteriores e o início da vulnerabilidade a novas cunhagens.

A necessidade de vincular o circuito da biossobrevivência a alguém (ou a alguma *coisa*) é indicada pela girafa que cunhou o jipe do caçador como a mãe substituta. De modo semelhante, as crianças sem irmãos, especialmente aquelas em áreas rurais remotas, com frequência inventam amigos imaginários, que podem se tornar “reais” o suficiente para assustar os pais a ponto de suspeitarem um início de psicose. Os registros do dr. Lilly sobre marinheiros e exploradores em isolamento mostram que esses “guias”, “companheiros” ou “anjos protetores” reaparecem rapidamente até mesmo na vida adulta, quando o contato social normal é interrompido. Eles também aparecem àqueles que passam por estados misteriosos chamados de experiências de “quase morte” ou experiências “extracorpóreas” (por exemplo, quando o coração para de bater na mesa de operação).

O primeiro ser humano que aparece ao sujeito depois desse isolamento pode facilmente tornar-se vinculado como a mãe substituta ou, quase tão bom, como um pai substituto. Isso explica por que pessoas mantidas prisioneiras de terroristas (por exemplo, em aviões sequestrados) com frequência desenvolvem uma simpatia “paradoxal” por aqueles que ameaçam matá-las. Isso também explica por que o recruta começa a olhar para seus sequestradores como se fossem protetores assim como seus raptos e por que a vítima de lavagem cerebral começa a agradar, a agradecer e até a “respeitar” o agente da lavagem cerebral.

Em todos os casos, como o circuito da biossobrevivência é sintonizado à nutrição, aqueles que trazem comida se tornam possíveis sujeitos de vinculação. O prisioneiro político, o recruta, o sujeito se-

questrado por terroristas, todos se movem um tanto mais para perto da identificação/vinculação com seus captores conforme são regularmente alimentados.

Novamente, isso é grosseiramente imitado por várias religiões (sem o terror que cria a verdadeira vulnerabilidade à cunhagem) ao seguirem os rituais de batismo/renascimento com uma refeição comunitária ou a Santa Eucaristia.

Adaptações desses princípios podem ser aplicadas mesmo àqueles que se inserem no ambiente de lavagem cerebral, voluntariamente no começo, como no People's Temple, na Família de Manson e em organizações semelhantes. O primeiro passo, uma vez que a vítima está dentro do território (comuna), é iniciar o *isolamento* cortando toda comunicação com o mundo exterior e seus conflitantes túneis de realidade. Enquanto isso, uma atmosfera protetora e paternal é rapidamente criada (às vezes chamada de "love bombing" [bombardeio de amor]) e *comida* é servida.

Quer o sujeito tenha entrado voluntariamente, como nessas comunas, ou tenha sido raptado ou preso (como em instituições policiais), o próximo estágio é destruir as cunhagens do segundo circuito, o territorial-emocional. Isso significa que o sujeito continua sendo alimentado (mantendo a dependência oral do primeiro circuito), enquanto o ego do segundo circuito é atacado de toda maneira possível. Uma comparação ponto a ponto das técnicas de um "participante" do Synanon e o sargento de treinamento do exército americano, por exemplo, exibiriam semelhanças impressionantes, pois a mensagem básica consiste em inúmeras variações de "Vocês estão totalmente *errados*. Nós estamos totalmente *certos*. É extremamente implausível que alguém tão *errado* quanto você se torne *certo* algum dia, mas tentaremos ensiná-lo". O vocabulário anal do *status* territorial é, claro, empregado extensivamente. O sujeito ideal pode quase esquecer-se de seu nome e ser condicionado a atender à expressão: "Seu cuzão, venha aqui".

O senso de impotência do característico cão inferior do bando pode ser incrementado com doses periódicas de terror de verdade. Uma das frases famosas de Charlie Manson era "O medo é o melhor professor", e todo agente de lavagem cerebral concordaria fervorosamente. Em países comunistas (conforme dramatizado no bom e factual filme de Costa-Gravas, *L'aveu* (A Confissão), um truque preferido é tirar o sujeito de sua cela, conduzi-lo a um pátio, colocar uma corda em seu pescoço e convencê-lo de que está prestes a ser enforcado. O alívio, quando isso se torna um blefe, cria uma ideal vulnerabilidade de cunhagem. Uma variação em meu romance *Illuminatus!*, a vítima é persuadida de que foi envenenada, colocada em um caixão e a tampa jogada em

cima dela. Aqueles que foram iniciados como Mestre Maçom da Marca reconhecerão de imediato que a mesma técnica é a “marca que você carregará para o seu túmulo”.

Entre os índios zuni, o indivíduo do sexo masculino é sequestrado em sua adolescência por “demônios” mascarados que o levam para longe da tribo (para longe da mãe e de outras figuras cunhadas de segurança). Ele é arrastado para o deserto e ameaçado com chicotadas. Em seguida, as máscaras são retiradas, revelando os tios maternos e é nesse momento de vulnerabilidade da cunhagem que os “segredos” tribais (o túnel de realidade local) são explicados de uma forma que deixa uma marca indelével em sua consciência. Ritos de passagem semelhantes são encontrados em todas as tribos, poucas tão inteligentemente desenhadas como essa. Versões simbólicas e dispersas sobrevivem na cerimônia de Bar Mitzvah e da Confirmação em nossas megatribos locais.

O renascimento do segundo circuito é (relativamente) completo quando o sujeito, no papel de cão inferior do bando, começa a buscar sinceramente (e não hipocritamente) ganhar a aprovação dos Chefes do Bando. Isso, é claro, começa apenas como uma encenação teatral; o agente da lavagem cerebral habilidoso sabe disso, e não faz realmente objeção. Com um reforço sutil, a atuação teatral torna-se cada vez mais genuína. Edmund Burke observou há muito tempo, e todo ator seguidor do método de Stanislavski sabe, que não é possível fazer três gestos dramáticos de raiva em um discurso político, sem começar a sentir alguma raiva de verdade. Não é possível fazer três gestos de submissão sem começar a sentir-se submisso de fato. (Essa é a psicologia do “empregado que veste a camisa da empresa” que *se identifica* verdadeiramente com seu empregador depois de anos de obediência.)

O recruta primeiro tenta agradar o sargento para evitar uma maior humilhação e punição. Gradativamente, ele genuinamente *quer* agradar o sargento, ou seja, provar que ele não é *totalmente errado* e é “bom o suficiente” para ser um soldado. Patty Hearst, sem dúvida, no início fingiu aceitar o túnel de realidade do SLA e, gradativamente, percebeu que a presença estava se tornando cada vez mais real.

Esse processo é acelerado por um sistema de recompensas ocasionais, à medida que o sujeito *emite* cada vez mais (como diriam os behavioristas) os comportamentos desejados. Como as pessoas são mais complicadas do que pensam os behavioristas, é necessário variar isso com punições ocasionais por “desonestidade” ou voltar ao comportamento anterior para que o sujeito aprenda que, *depois* do estágio inicial, *não é suficiente fingir aceitar o novo túnel de realidade*; a fim de evitar

maiores humilhações, perda de ego, terrorismo e *status* permanente de inferior no bando, *a pessoa deve começar sinceramente a aceitar a sua nova situação*. Depois que a cunhagem de impotência foi aplicada, esse condicionamento e aprendizado continuarão de modo bem suave, especialmente se os confederados do Principal Agente da Lavagem Cerebral os reforçarem com encorajamento, apoio e “recompensa” geral (pela submissão sincera) e com desprezo, decepção e rejeição geral (pela falta de sinceridade ou recaída à condição anterior).

A recunhagem do terceiro circuito semântico prossegue agora com mais facilidade. O cérebro humano é capaz de dominar qualquer sistema simbólico se for suficientemente motivado. Algumas pessoas podem até mesmo tocar músicas da última fase de Beethoven no piano, embora isso me pareça tão “milagroso” quanto qualquer feito que pesquisadores da paranormalidade tenham afirmado; as pessoas podem aprender francês, hindustani, cálculo diferencial, swahili, etc. *ad infinitum* – caso sejam motivadas. Quando as necessidades de segurança do primeiro circuito tenham sido recunhadas e as necessidades do ego do segundo circuito atreladas para dominar um novo túnel de realidade semântico, aquele túnel será cunhado.

Nesse ponto, certa quantidade de *tolices* arbitrárias é de grande valia. Ou seja, o novo túnel de realidade ou sistema de símbolos (como o antigo) deverá conter armadilhas (violação grosseira dos túneis de realidade anteriores e senso comum) para que o sujeito possa ser acusado de recaída (estar, afinal, “totalmente errado”) e, portanto, incitado a tentar, com mais empenho, tornar-se parte do novo túnel de realidade.

Assim, as Testemunhas de Jeová podem não aceitar transfusões de sangue, mesmo se sua vida depender delas: mais difícil ainda (já que todos os mamíferos têm um instinto de proteger suas crias), eles devem rejeitar transfusões de sangue para seus filhos, mesmo que as crianças acabem morrendo por causa de negligência. Uma mulher católica romana não pode divorciar-se mesmo que seu marido venha para casa bêbado todas as noites, espanque-a e a contamine com doenças venéreas. Na marinha americana, um recruta que comete o erro medonho de chamar seu rifle de “gun” [arma de fogo] deverá andar em torno da base com seu rifle em uma mão e seu pênis em outra recitando para todo mundo que ele encontrar: “This is my rifle/This is my gun/This is for fighting/This is for fun” (Este é o meu rifle/Esta é a minha arma de fogo/ Este serve para lutar/Esta serve para brincar). Certa vez, os teosofistas foram solicitados a acreditar que há um buraco no Polo Norte que desce até o centro da Terra; Manson exigiu que seus seguidores acreditassem

que o buraco estava localizado no deserto do Mojave. Os membros do Partido Nazista foram solicitados a acreditar que o leão é um animal ariano e que o coelho não é ariano. Etc.

A função neurológica e sociológica dessas “tolices” (que espantam e tiram o fôlego do Racionalista) é segregar distintamente os indivíduos que estão dentro do novo túnel de realidade daqueles que estão fora dele.

Isso reforça a solidariedade e a união do grupo, e uma forte sensação de alienação e desconforto quando, em raras ocasiões, é necessário conversar com aqueles que estão fora do sistema semântico do agente da lavagem cerebral. O grupo deve assegurar, é claro, que essa alienação seja experimentada como “superioridade”. Aqueles que estão fora do túnel de realidade devem ser percebidos como “totalmente errados” – exatamente como o sujeito era antes de sofrer a lavagem cerebral.

As drogas podem ser e sempre foram utilizadas para refinar esses processos, mas os princípios neurológicos em geral são poderosos o suficiente para que, aparentemente, muitos dos famosos casos de lavagem cerebral fossem realizados da forma descrita acima, ou seja, sem nenhuma droga; por exemplo, os soldados americanos que confessaram crimes de guerra que evidentemente não cometeram, os leais comunistas que confessaram as conspirações trotskistas que, aparentemente, nunca existiram, etc. Leva bem poucas semanas para a maioria dos exércitos, sem usar drogas, converter um civil em um soldado, mesmo que as duas espécies sejam tão diferentes quanto católicos e xintoístas.

Em um dos meus romances sobre imortalidade, descrevo um culto religioso chamado Loonies [Lunáticos], fundado por Neon Bal Loon, no qual os membros oram em latim regional enquanto ficam de pé apoiados em uma só perna, como fazem as cegonhas. Isso é considerado satírico, mas qualquer possível messias, que conheça os princípios mencionados acima, poderia facilmente criar um culto semelhante; e os membros logo teriam uma sensação um tanto sincera de superioridade em relação àqueles que estivessem fora desse túnel de realidade.

Cultos e terroristas geralmente seguem os procedimentos citados por meio da reconexão do quarto circuito, o homossexual. (Os governos geralmente deixam esse circuito de lado, pois agentes de governo são, em sua maioria, autoritários e puritanos e temem envolver-se em assuntos que dizem respeito a Eros.) Não é segredo o fato de que a mais poderosa sociedade secreta da Idade Média, os Templários, obrigava os recrutados a participarem de blasfêmias e de sodomias. Exatamente como as propositais tolices de todas as semânticas sectárias do terceiro

circuito isolam o grupo do restante da sociedade, essa iniciação separa os Templários do restante da Cristandade. A alienação poderia ser facilmente condicionada em um sentimento de superioridade. Os maus, no Quênia, também insistiam em um ato de homossexualidade para romper o condicionamento anterior dos novos membros em relação à heterossexualidade e à monogamia. Outros cultos, alguns bem conhecidos, tentam reprimir totalmente a sexualidade – outro modo de quebrar a cunhagem estatisticamente comum do quarto circuito.

A Família Manson insistia no que pode ser chamado paradoxalmente de amor livre compulsório. O exército oferece ligações amorosas normais e lança o sujeito em um mundo onde o celibato compulsório é alternado com aventuras em bordéis e, com frequência, em estupro de mulheres inimigas, com homossexualidade como uma opção sempre presente, mas velada. Um atual guru americano, Da Free John, cunha seus seguidores para uma monogamia vitalícia, quase como a cultura externa americana, mas é indiferente quanto a esses casais serem heterossexuais ou homossexuais. Qualquer que seja a variação escolhida pelo líder do culto, o que possibilita o sucesso de uma “realidade separada” é que ela seja significativamente diferente daquela da principal sociedade.

A maneira mais fácil de sofrer lavagem cerebral é nascer. A partir do nascimento, todos esses processos mencionados imediatamente entram em ação, um processo que os psicólogos sociais chamam eufemisticamente de *socialização*. O circuito da biossobrevivência de modo automático atrela-se ou vincula-se à mãe ou ao objeto maternal mais adequado; o circuito territorial-emocional procura pelo “papel” ou pela identificação do ego na família ou na tribo; o circuito semântico aprende a imitar para então usar as grades de realidade local (sistemas simbólicos); o circuito sociossexual é cunhado por quaisquer experiências de acasalamento que estejam inicialmente disponíveis na puberdade.

O sujeito pode não sair desse processo pronto para matar mulheres e crianças, como aquele formado em um campo de treinamento do exército ou até mesmo disposto a acreditar que Charlie Manson fosse tanto Jesus quanto Satã, simultaneamente, ou disposto a expressar em alto e bom som *slogans* da Nova Esquerda enquanto rouba um banco. Os sujeitos saem da “socialização” normal *dependendo de onde e de quando nasceram*, como os totêmicos esquimós, como os fundamentalistas muçulmanos, os católicos romanos, os marxistas leninistas, os nazistas, os republicanos metodistas, os agnósticos formados por Oxford, os adoradores de cobras, os integrantes da Ku Klux Klan,

os mafiosos, os unitaristas, os integrantes do IRA, os integrantes da Organização para a Libertação da Palestina, os judeus ortodoxos, os batistas inveterados, etc.

O universo, ou a existência, é obviamente amplo e complexo o suficiente e o ego é autocentrado o suficiente para que todos esses túneis de realidade sejam capazes de “fazer sentido”, até certo ponto, para que os sujeitos cunhados/condicionados venham a aceitá-los. É também óbvio que a maioria desses túneis de realidade contenha elementos tão absurdos que todos os que *não* foram por eles cunhados/condicionados olhem para eles com espanto e descrença perguntando-se: “Como uma pessoa racional (ou povos) pode acreditar em tamanhos disparates?”.



O que o Pensador pensa, o Comprovaador comprova... quer você esteja vivendo em um túnel de realidade cristão, ou em um túnel de realidade mansonóide, em um túnel de realidade imortalista, em um túnel de realidade vegetariano, em um túnel de realidade racionalista...

Todos têm e seguem a única religião verdadeiramente *verdadeira*. Anteriormente, citamos algumas palavras de Persinger e Lafreniere:

Nós, como espécie, existimos em um mundo no qual há uma miríade de pontos de dados. Sobre essas matrizes de pontos sobrepomos uma estrutura e o mundo faz sentido para nós. O padrão da estrutura origina-se dentro de nossas propriedades biológicas e sociológicas.

É de se esperar que, agora, isso faça mais sentido para o leitor do que no início de nossa investigação.

A função do cérebro do primata domesticado, considerando o que descrevemos até agora e deixando de lado as funções mais elevadas, os circuitos mais recentes, deve servir como um “órgão de adaptação”, na expressão de Freud. Especificamente, os centros mais antigos, mais primitivos e mais mecânicos servem à simples biossobrevivência. Os centros territorial-emocionais mais recentes (aproximadamente, 500 milhões de anos) servem para manter a identidade do bando, o espaço do habitat e a hierarquia. O circuito distintamente homínídeo (100 mil anos?) produz mapas e modelos – túneis de realidade – que tendemos a confundir com a própria realidade e, ainda pior, com a “totalidade” da realidade. O circuito moral-social (30 mil anos?) cria a personalidade adulta domesticada ou papel de pais, ou superego.

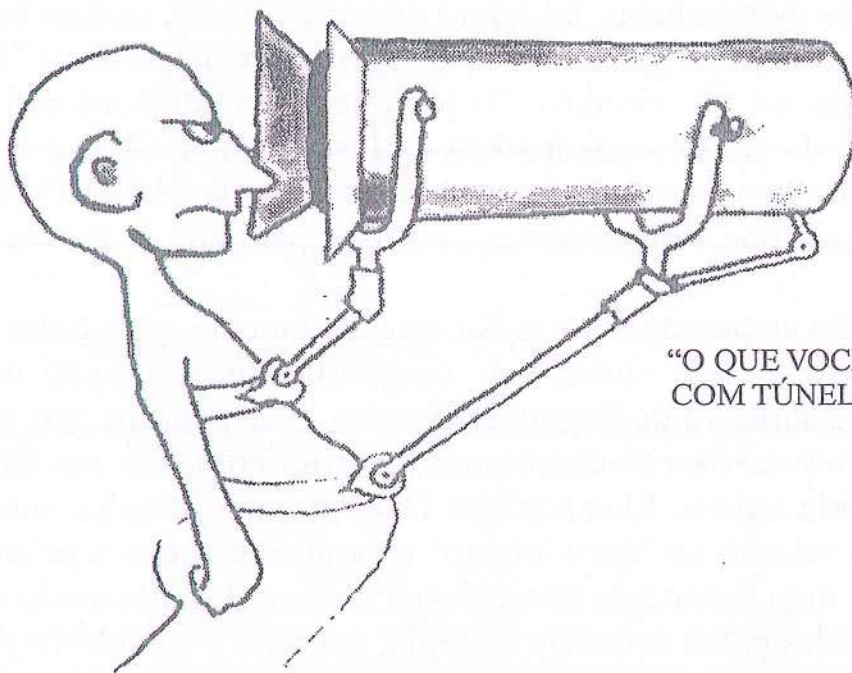
Ora, obviamente o terceiro circuito, o semântico, funciona *com e para* esses outros circuitos antigos. Os mapas e modelos que ele produz são ferramentas de adaptação, e para o que eles nos adaptam são os papéis sociais na sociedade do primata domesticado. Assim, um Metodista do Centro-Oeste não está fazendo “mau uso do seu cérebro”, pois Arthur Koestler pensa em construir um túnel de realidade do Metodista do Meio-Oeste; é exatamente para isso que serve o seu cérebro, para adaptá-lo ao sistema tribal do Metodista do Centro-Oeste – para impor a estrutura da ideologia do Metodista do Centro-Oeste sobre a miríade de pontos de dados que ele encontra em sua vida. Os maoístas chineses, os muçulmanos iranianos, as feministas nova-iorquinas, os hedonistas de Marin County, etc., todos têm um túnel de realidade semelhante, igualmente arbitrário e igualmente complexo. Cada túnel é também *igualmente absurdo* quando visto do lado de fora.

Os problemas do mundo moderno surgem do fato de que esses túneis de realidade não estão mais isolados um do outro. Durante a maior parte da história humana e até cem anos atrás – até 20 anos atrás, em algumas partes do mundo –, um homem ou mulher poderia passar sua vida inteira confortavelmente dentro do casulo do túnel de realidade local. Hoje, todos nós colidimos constantemente com pessoas vivendo em túneis de realidade fantásticamente diferentes. Isso cria muita hostilidade por parte dos mais ignorantes, enorme confusão metafísica e

ética por parte dos mais sofisticados e uma desorientação crescente em todos – uma situação conhecida como a nossa “crise de valores”.

A pessoa mediana tem uma avalanche de túneis de realidade contraditórios e conflitantes impingindo nela, com pouco treinamento, um relativismo cultural ou um relativismo neurológico. *A velocidade de deslocamento aumentou em um fator de mil desde 1900, e a velocidade de comunicação em um fator de 10 milhões*, de acordo com J. R. Platt. A avalanche está acelerando e intensificando-se. Um dos sintomas é o fato de que o *Guia de Tevê* foi assumido por um bando de conservadores aterrorizados que não consegue entender e pode apenas temer esse enorme volume de sinais “externos”; em vez de ser meramente um guia para o que é programado na TV, o *Guia de Tevê* tornou-se uma contínua queixa pelo fato de o túnel de realidade da tevê ter se tornado mais amplo, mais estranho e mais variado do que o túnel de visão mais estreita do WASP (Protestante Branco Anglo-Saxão) de pequena cidade.

Também surgiu a *profissão* dos assim chamados “desprogramadores”. Trata-se de neurotécnicos que, por um preço, sequestrarão uma criança (até mesmo uma “criança” que já passou dos 21 anos) que se separou e se afastou do túnel de realidade dos pais e sofreu lavagem cerebral dentro do túnel de realidade rival, algum *novo* “culto” (ou seja, *não estabelecido – não aceitável ainda*). Isso é conhecido como restaurar a vítima à normalidade.



“O QUE VOCÊ QUER DIZER
COM TÚNEL DE VISÃO?!?”

Tudo isso é hipocrisia e ignorância neurológica, é claro. Os “des-programadores” são na verdade *reprogramadores*. O túnel de realidade dos pais é tão arbitrário (e, para alguém do lado de fora, tão bizarro) quanto aquele de qualquer “culto”. Um sistema especial de semântica enganosa permite que a maioria das pessoas e alguns tribunais ignorem esses fatos. Imagine apenas o que aconteceria se um filho desobediente de pais metodistas passasse a frequentar a Igreja Católica Romana, por exemplo, e os pais tentassem coercivamente “des-programar” esse filho (reprogramá-lo) para o Metodismo; ou se o filho se alistasse no exército americano, como Calley, e os pais o sequestrassem e tentassem reprogramá-lo nos túneis de realidade civis.

Esses problemas não desaparecerão; e os atritos que eles causam serão acelerados na medida em que os vários robôs, que sofreram lavagem cerebral, continuam colidindo um com o outro. A velocidade de deslocamento e de comunicação estão ainda em contínua aceleração.

Felizmente, circuitos mais elevados estão se formando no cérebro humano e oferecem perspectivas mais amplas do que os estreitos túneis de visão dos circuitos antigos. Esse é o tópico dos nossos capítulos conclusivos.

Como todos “preferem” um circuito em detrimento de outros, há pessoas em cada sociedade que são facilmente reconhecidas como Narcisistas (robôs do primeiro circuito), Emocionalistas (robôs do segundo circuito), Racionalistas (robôs do terceiro circuito) e Moralistas (robôs do quarto circuito).

Os robôs racionalistas, tal como os outros robôs, podem ser totalmente mecanizados ou podem ter uma ligeira flexibilidade ou “liberdade” construída em seu circuito. Os totalmente robotizados constituem a vasta horda da ala fundamentalista da Igreja Materialista e os outros verdadeiros crentes dos paradigmas científicos de 1968, 1958, 1948 ou quando quer que seus sistemas nervosos pararam de receber novas cunhagens.

Essas são as pessoas que estão constantemente assustadas e amedrontadas pelo grande número de comportamento humano mediado pela política mamífera do Segundo Circuito. Elas pensam que, por esse comportamento territorial-emocional (“patriótico”) não ser Racional, ele não deveria existir. Elas aceitam Darwin como dogma, mas ficam nervosas em relação ao “darwinismo” (porque ele aceita a política mamífera como uma Estratégia Evolucionária que tem funcionado até agora) e têm repulsa pelos dados da etologia, genética e sociobiologia. Elas não gostam muito do restante da raça humana, porque não é guiada pelo

seu circuito preferido, e estão constrangidamente conscientes de que o restante da raça humana não gosta muito *delas*.

Esses robôs racionalistas estão também muito desconfortáveis com os circuitos mais novos – e alguns deles passam a maior parte de suas vidas escrevendo artigos e livros dedicados a “comprovar” que os novos circuitos não existem e que todos os cientistas que têm registrado o comportamento desses novos circuitos são mentirosos, tolos, negligentes, charlatães ou algum tipo de Hereges Malditos.

Como o robô emocional, o robô moralista e o robô narcisista, etc., o robô racionalista não pode ser “convencido” a sair desse estreito túnel de realidade. Podemos apenas enfatizar, mais uma vez, que cada e todo túnel de realidade criado por um cérebro de primata domesticado é um definido corte transversal (perfil) da história pessoal desse cérebro; e cada túnel de realidade finito é tão “personalizado” quanto a música de Bach e de Beethoven, as pinturas de Rembrandt ou as de Picasso, os romances de Joyce ou de Raymond Chandler, a comédia dos Três Patetas ou do Monty Python, as religiões do Catolicismo Romano ou do Zen-Budismo, as políticas do Libertarianismo ou do IRA, a arquitetura da catedral de São Pedro ou da Disneylândia...

E cada uma dessas obras de arte se parece com “realidade” para as pessoas que as criaram e vivem dentro dela. O Racionalismo é apenas outra obra de arte de um grupo, um pouco menos tolerante do que a maioria, um pouco mais útil aos tecnólogos do que qualquer outra, um pouco tolo quando não consegue mais transcender o último paradigma que criou.

O Racionalista totalmente robotizado, aquele cujo sistema nervoso parou de crescer totalmente, pode ser reconhecido por dois sinais:

Ele ou ela está constantemente tentando provar que muito da experiência cotidiana do resto da humanidade é “ilusão”, “alucinação”, “alucinação coletiva”, “alucinação em massa”, “mera coincidência”, “total coincidência” ou “pesquisa malfeita”.

E ele ou ela nunca acham que qualquer de suas próprias experiências se enquadraria em qualquer dessas categorias.

EXERCÍCIOS

1. Torne-se um Católico Romano piedoso. Explique em três páginas por que a Igreja é ainda infalível e sagrada apesar de papas como Alexandre VI (o papa dos Borgias), Pio XII (aliado de Hitler), etc.

2. Para aqueles de vocês que se lembram de Mai Lai, tornem-se tenente Calley. Diga em voz alta, e realmente *sinta e acredite*, “O exército vem primeiro. Apoio o exército em tudo”. Se você não se lembra, tente Jerry Falwell. Diga em voz alta, e realmente *sinta e acredite*, “Ajude-nos a combater a decadência moral, envie seus cheques hoje”.

3. Refute este livro inteiro. Demonstre que todas as outras pessoas sofreram lavagem cerebral, exceto você e sua mãe (pai) que têm a única e verdadeira visão objetiva do Universo.

4. Aceite este livro, se possível em sua totalidade, mas ao menos em linhas gerais. Presuma que você sofreu lavagem cerebral. Tente aprender o máximo, de cada ser humano que você encontra, a respeito do túnel de realidade dele e veja o quanto disso você pode usar para ampliar o seu próprio túnel de realidade e torná-lo mais inclusivo. Em outras palavras, *aprenda a ouvir*.

5. James Joyce disse que nunca encontrou um ser humano entediante. Tente explicar isso. Tente entrar no espaço mental de Joyce, onde todo mundo é uma ilha de realidade cheia de mistérios e de surpresas. Em outras palavras, *aprenda a observar*.

6. Leia o livro *The Genius and the Goddess*, de Aldous Huxley. Observe como o Gênio científico do Circuito III se converte no infante indefeso do Circuito I quando sua esposa o abandona.

7. Depois de experimentar o túnel de realidade nazista, o túnel de realidade católico, etc., entre novamente em seu túnel de realidade “normal”. Ele ainda parece totalmente objetivo ou você começa a reconhecer quanto dele é seu próprio software e hardware executando programas?

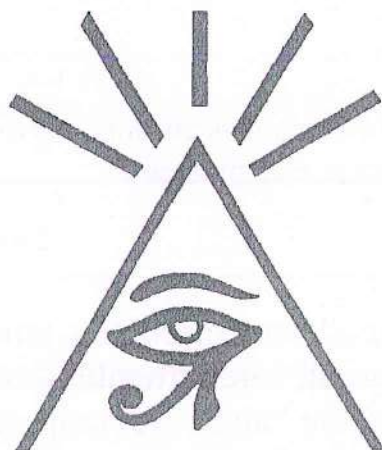
8. Por fim, explore o livro destruidor de túneis de realidade de Christopher S. Hyatt, *Undoing Yourself With Energized Meditation and Other Devices*. Que túnel de realidade ele está vendendo e quão sincero ele está sendo em sua obra? Você também acha que ele leu a minha obra e eu a dele ou essa última frase é um truque que os editores pregaram em dois autores inocentes e no público crédulo ou, ainda pior, fui eu mesmo quem escreveu o livro dele ou poderia tê-lo escrito ou somos apenas um e o mesmo?

CAPÍTULO 11

O Circuito Holístico Neurossomático

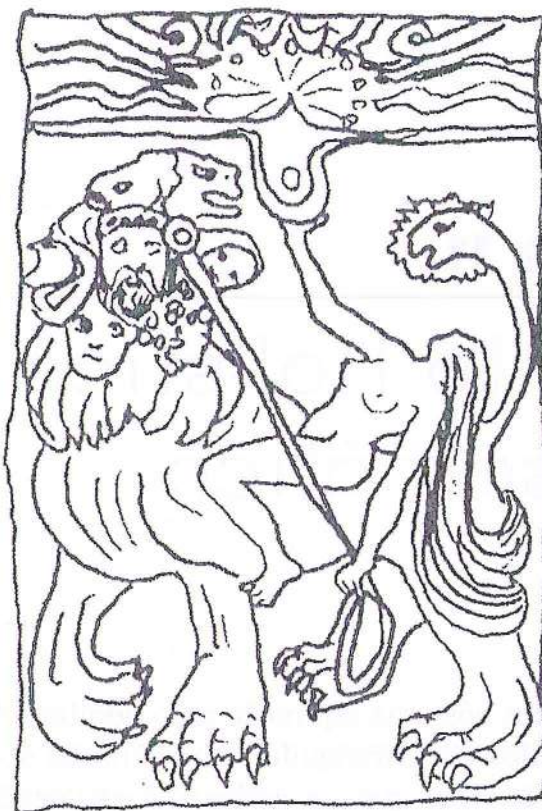
Mas também há em nós uma aspiração pelo domínio da Natureza... Saúde, força, duração, felicidade e tranquilidade, libertação do sofrimento, são parte da transformação física que... a evolução é convocada a concretizar.

– Sri Aurobindo, *The Future Evolution of Man*



A besta com quatro cabeças representa os circuitos antigos; o hedônico nu, relaxado em um arrebatamento neurossomático. A serpente é “a ascensão da serpente kundalini”, uma metáfora hindu para a cunhagem desse controle neurossomático do êxtase, relacionado ao Circuito V.

A RESSURREIÇÃO DO CORPO NÃO PRECISA SER ADIADA PARA APÓS A MORTE. ELA PODE ACONTECER A QUALQUER MOMENTO.



Esta é uma cópia do inspirado desenho de Crowley. Para ver o original consulte *O Livro de Thoth* ou estude o Tarô de Crowley.

Já baixam as auroras. Já baixam as auroras dos dias. Agrupar! Sobrejetar!...
Está prestes, está prestes a, está prestes a...

– James Joyce, *Finnegans Wake*

A palavra “psicossomático” tem circulado tempo suficiente para ser compreendida de modo geral; infelizmente, é outro fantasma semântico. O conceito de “psique” ou “alma” foi emprestado dos teólogos que, falidos, não estão em posição de emprestar nada.

O que sabemos e experimentamos – o nosso túnel de realidade – é o que está registrado no cérebro e no sistema nervoso.

O fenômeno da “cura pela fé”, “regeneração”, “rejuvenescimento”, felicidade, êxtase, arrebatamento, etc. vem ocorrendo por muitos milhares de anos, em todas as culturas conhecidas. Na linguagem pré-científica da psicologia do passado, nós nos referiríamos a tais eventos

como “psicossomáticos”. Em nosso jargão deliberadamente modernista, e quase de ficção científica, preferimos chamá-los de *neurossomáticos*.

O circuito neurossomático do cérebro é muito mais recente do que os antigos circuitos anteriormente discutidos. Ele não se manifesta em todos os seres humanos e aparece mais tarde na vida, geralmente àquelas que o ativam e o cunham.

A consciência neurossomática *temporária* pode ser adquirida (a) pela prática da respiração *pranayama* da ioga e (b) para aqueles que conseguem, por ingestão de drogas derivadas da Cannabis, tais como haxixe e maconha que disparam os neurotransmissores que ativam esse circuito.

Sobre o primeiro dispositivo *pranayama*, Aleister Crowley – certamente o mais cético de todos os místicos – escreveu insistentemente:

Para a mente e para o corpo igualmente não há purgativo como o pranayama, não há purgativo como o pranayama.

Para a mente e para o corpo igualmente. Para a mente e para o corpo igualmente – igualmente! –, não há, não há purgativo como o pranayama – pranayama! – pranayama! É sim, para a mente e para o corpo igualmente não há purgativo, não há purgativo, não há purgativo (para a mente e para o corpo igualmente) não há purgativo como o pranayama!

Se isso não for enfático o suficiente, Crowley acrescenta ainda:

Pranayama é notavelmente útil em aquietar as emoções e apetites... Problemas digestivos em particular são bem fáceis de se eliminar desse modo. Ele purifica tanto o corpo quanto a mente e deveria ser praticado certamente nunca menos do que uma hora diariamente pelo estudante sério.

Para o que ele acrescenta uma nota de rodapé:

Enfaticamente. Enfaticamente. Enfaticamente. É impossível combinar pranayama adequadamente executado com o pensamento emocional [reflexos do segundo circuito – R. A. W.]. Ele deve ser praticado imediatamente, em todos os momentos da vida em que a calma está ameaçada.

Isso é muito poderoso vindo do místico que encheu seus livros com piadas e escárnio, e que sempre dizia para seus estudantes, não “Acreditem em mim”, mas “Não acreditem em mim”. Sobre o pranayama, pelo menos uma vez na vida, Crowley falou seriamente.

Na experiência desse autor, o pranayama removerá todas as formas de depressão, inclusive o luto profundo e a perda; ele suavizará a raiva e removerá os ressentimentos; parece benéfico para todos os problemas menores de saúde e – ocasionalmente – problemas maiores de saúde. Os hindus, que são profissionais em pranayama, afirmam um

tanto mais, como: imunidade à dor de todo tipo, *Samadhi* (“união com Deus”), levitação, etc.

De modo mais notável, o pranayama cria uma Ativação neurossomática: enriquecimento *sensorial*, êxtase *sensual*, deleite *perceptual* e um alto e geral relaxamento hedônico. Efeitos similares são produzidos pelo isolamento *voluntário* em um tanque de isolamento, à gravidade zero (as experiências “místicas” de astronautas são todas dessa variedade neurossomática) e, para o sensato ou sortudo, Cannabis, como dito acima.

Os efeitos *negativos* do circuito neurossomático são experimentados pelos praticantes amadores de ioga, por muitos maconheiros e por um grande número de esquizofrênicos. A ligação do *feedback* neurossomático, nesses casos infelizes, reverte a descrição acima. A experiência *sensorial* torna-se desagradável (qualquer som ou toque é doloroso), a *sensualidade* torna-se um extremo desconforto no corpo inteiro, as *percepções* desviam para o pesadelo e a ansiedade geral é cunhada. A luz é particularmente aterrorizadora e dolorosa, geralmente associada ao Inferno ou ao “controle da mente” manipulada por inimigos inescrupulosos.

Gopi Krishna, um burocrata hindu que foi praticar ioga originalmente por questões de saúde, foi abruptamente arremessado para um estado neurossomático negativo por vários anos. *Todas* as sensações eram tão dolorosas que ele muitas vezes pensou que fosse morrer. Os detalhes, em sua autobiografia, *Kundalini*, são patéticos e parecem muito com esquizofrenia. Finalmente, ele saiu desse estado, entrou em um estado neurossomático positivo e desde então escreve livros ditosos sobre a Perfeição do Todo, típico desse circuito.

Nikola Tesla, o gênio iugoslavo, passou pelo mesmo “Inferno” ou estado esquizoide em sua adolescência, sem ioga. Ele saiu desse estado de horrores com a teoria científica das correntes alternantes já resolvida, uma crença na percepção extrassensorial, uma memória sobre-humana e uma onda de humanitarismo visionário que o conduziu a conflitos contínuos com as corporações que financiaram suas mais de cem importantes invenções elétricas. (Ele ganhou mais de 1 milhão de dólares antes dos 30 anos, em uma época em que 1 milhão de dólares era muito dinheiro, mas morreu falido, tentando vender uma invenção que ele dizia ser capaz de abolir a pobreza.)

A maioria dos xamãs e muitos místicos passaram por semelhante sensibilização neurossomática, do negativo para o positivo. Cientistas cristãos chamam isso de “*quimicalização*”. São João da

Cruz chamou-a, poeticamente, de Noite Escura da Alma. Os cabalistas chamam-na de “cruzar o Abismo”.

No livro *The Odyssey: A Modern Sequel*, de Kazantzakis, Ulisses vê uma estátua que lhe parece extremamente significativa. A estátua era o símbolo de Kazantzakis para a evolução desses circuitos que têm sido conhecidos (mais ou menos) em vários simbolismos por alguns milhares de anos. Por exemplo, as “sete almas” dos egípcios, as dez “luzes” dos cabalistas, etc.

A estátua de Kazantzakis mostra um animal (Circuito I), um guerreiro acima do animal (Circuito II), um estudioso acima do guerreiro (Circuito III), um amante (Circuito IV), um rosto em agonia (“quimicalização”, a “Noite Escura da Alma”, o “cruzar o Abismo”, que equivale à difícil entrada para o Circuito V), uma face em êxtase (recunhagem pelo Circuito V bem-sucedida) e um homem transformando-se em puro espírito (Circuito VII). O Circuito VI está faltando no esquema, como o Circuito IV está faltando em Jung, e tudo acima do Circuito III está ausente em Carl Sagan.

Algumas almas afortunadas saltam para o êxtase do Circuito V sem passar pelos horrores da “quimicalização” e da “Noite Escura da Alma”.

O circuito neurossomático é “o perverso polimorfo” na terminologia insossa de Freud. Isso meramente significa que o próprio sistema nervoso está assumindo o comando e agora dirige o restante do corpo. “Todo ato (torna-se) um orgasmo”, disse Aleister Crowley, dando a sua própria ênfase tântrica à natureza polimórfica desse circuito.

A vida dos santos é repleta de histórias que parecem “milagres” para a maioria das pessoas do quarto circuito ou são consideradas “mentiras, boatos, contos imaginários” pelo Racionalista dogmático do terceiro circuito, mas parece perfeitamente normal do ponto de vista da consciência polimorfa para aquelas do quinto circuito. O santo diz que está em arrebatamento, e cheio de gratidão a Deus, por dar a ele tal banquete como jantar – puramente *pão e água*. (É claro, muitos maconheiros vão entender esse nível de arrebatamento neurossomático...) O guru entra na sala e sua bioenergia²⁵ tem tal carga que um aleijado pula e fica “curado”; o aleijado meramente adquiriu uma ativação neurossomática *por contato*, assim como algumas pessoas ficam “chapadas por contato” quando, no ambiente, há outras sob efeitos de drogas. Aqueles

25. Termo pelo qual não queremos dizer nada “místico”. Sabe-se, agora, que muitas energias físicas irradiam do corpo e que até mesmo os efeitos químicos podem ser transmitidos (experimentados como vibrações emocionais) de uma pessoa para outra, a química agindo como estímulo para disparar ações neurotransmissoras na outra pessoa.

que andam sobre brasas incandescentes em muitas tradições xamânicas contam aos antropólogos que andam sobre a brasa para comprovar seu controle sobre “o espírito” – ou seja, para *demonstrar* a si mesmos e aos outros que atingiram uma sintonia neurossomática de alta qualidade.

Um curador pela fé contou ao presente autor que “A maioria das pessoas morre de envenenamento por adrenalina”. Em nossa terminologia, a maioria das pessoas tem muita ansiedade do primeiro circuito e belicosidade territorial do segundo circuito para seu próprio bem. Eles estão literalmente *lutando para sobreviver*, como nenhum outro animal faz, a despeito de Darwin. A maioria dos animais simplesmente *joga* a maior parte do tempo, resolve problemas de sobrevivência quando necessário ou morre por não resolver os problemas; apenas os humanos são *conscientes da luta* e, portanto, preocupados e deprimidos sobre o Jogo da Vida.

E o curador pela fé seguiu dizendo: “O que os cura é perceber que *eu não estou com medo*”. Isto é, o contato com uma personalidade do quinto circuito, uma pessoa que controla suas próprias viagens de adrenalina do Circuito II, pode ser um catalisador, lançando o sofredor para cima em uma experiência pessoal de quinto circuito.

A vanguarda, composta por 20% da população, em razão do Movimento da Consciência (uma secularização da sabedoria xamânica antiga), já entende todas as ideias “desvairadas” dessas últimas páginas. Eles têm tido experiência neurossomática suficiente para saber que já foram um dia totalmente robotizados (como a maioria das pessoas ainda é) e são sabidamente engajados em adquirir mais *know-how* neurossomático. *Quando isso atingir 51% da população, uma grande revolução histórica terá ocorrido, tão profunda quanto a Revolução da Extensão da Vida.*²⁶

Nos termos de McLuhan, o quinto circuito é “não linear” e “global”. Isto é, não é limitado pelas sequências de “uma coisa de cada vez” do circuito semântico; ele *pensa em Gestalt*. É por isso que é tão frequentemente ligado à “intuição”, que é um modo de pensar entre e em torno de pontos de dados na tela da percepção – tentando sentir de qual campo total os pontos devem fazer parte.

O grande músico desenvolve um notável *feedback* entre a *Gestalt* do quinto circuito e a função do terceiro circuito da codificação dessas “estruturas coerentes” no simbolismo inspirado da música. A música sempre conduz a alguma atividade no cérebro direito dos ouvintes e o quinto circuito é quase certamente localizado no hemisfério direito do cérebro.

26. Leia novamente essa frase e pense a esse respeito.

Como é de conhecimento geral, Beethoven era canhoto. Como a *mão esquerda* é neurologicamente ligada ao polimorfo *hemisfério direito*, é possível dizer que ele era geneticamente inclinado para as atividades do hemisfério direito, isto é, para pressentir *totalidades* coerentes, para mergulhar no êxtase neurossomático quase “à vontade”, e para o arrebatamento e o embevecimento sensual-sensorial. Todo mundo “sabe” que a Sexta Sinfonia é “panteísta”, mas, se Beethoven tinha uma ideologia panteísta ou não, essa forma de responder à natureza é normal e natural do funcionamento do hemisfério direito do Circuito V. Isto é, qualquer um no Quinto Circuito vai “falar como um panteísta” quer tenha ou não desenvolvido uma “filosofia” sobre o panteísmo. O milagre de Beethoven não está no fato de que sentisse o Universo dessa maneira – alguns milhares de pessoas do tipo do quinto circuito através da história também sentiram e pressentiram a natureza desse forma –, entretanto, ele conseguiu dominar a arte da música do terceiro circuito com tal habilidade a ponto de poder *comunicar tais experiências*, o que, precisamente, o “místico” comum não consegue fazer.

O circuito neurossomático provavelmente começou a aparecer ao redor de 30 mil anos atrás. (Essa é a conclusão de Barbara Honneger, que realizou um estudo profundo sobre as pinturas em cavernas da Europa, chegando à conclusão de que muitas delas mostram *exercícios para aumentar a atividade do hemisfério direito* similares àqueles ainda usados nas sobreviventes tradições xamânicas e de ioga.)

O quinto circuito é vinculado ao *córtex direito* e neurologicamente ligado ao *sistema límbico* (primeiro circuito) e à *genitália*. Essas ligações neurais explicam a metáfora sexual da energia da “kundalini” ou “serpente” usada para descrever esse circuito em sistemas tão variados como o tantra indiano, o gnosticismo e o vodu, e as energias chinesas *yin yang* (masculino-feminino) associadas a ele.

Atividade sexual *prolongada* sem orgasmo sempre dispara alguma consciência do Circuito V.

É bem fácil determinar se o Quinto Circuito foi ativado com sucesso ou não. Com qual frequência uma pessoa vai ao médico? Se um pesquisador da mente está “brilhando” em vez de estar “acinzentado”, “exuberante” em vez de enrugado, se ele ou ela tem um “brilho” e se ele ou ela praticamente *nunca* vai ao médico – o circuito neurossomático foi dominado. Como Mary Baker Eddy escreveu (tornando-se assim enormemente impopular entre aqueles que amam falar de assuntos místicos mas não têm conhecimento empírico):

“A Palavra se fez carne.” A Verdade Divina deve ser conhecida por seus efeitos no corpo bem como na mente.

Não há tribo conhecida pela antropologia que não tenha ao menos um técnico neurossomático (xamã). Irrupções de grande escala de consciência neurossomática ocorreram com frequência em todos os grandes períodos históricos, sendo geralmente erradicadas rapidamente pelo braço local da Inquisição ou pela A.M.A.; outras irrupções foram cooptadas e dissolvidas.

Tal como está no Novo Testamento:

Jesus reuniu seus doze discípulos. Conferiu-lhes o poder de expulsar os espíritos imundos e de curar todo mal e toda enfermidade.

[Por onde andardes, anunciai que o Reino dos Céus está próximo. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai!

– Mateus 10: 1-8

Pode ou não ter acontecido exatamente assim; como Mark Twain diria, pode haver alguns exageros aqui. Mas uma coisa como essa, apesar de quanto o evangelista possa ter exagerado, deve ter acontecido a ponto de conferir ao Cristianismo um triunfo rápido – mas, provavelmente, menos efetivo – sobre outros sistemas de abertura do quinto circuito.

O mitraísmo, o culto eleusino em Atenas, os cultos dionisiacos, etc., todos tinham antigas técnicas xamânicas para induzir o arrebatamento neurossomático; o Cristianismo (*no início*) parece ter sido superior na criação do *controle* neurossomático. Na metáfora de São Paulo, o “Velho Adão” (Circuitos I-IV) foi diluído, e o “Novo Adão” (Circuito V) assumiu o controle como centro da consciência e do autogoverno. Em outra metáfora, o corpo tornou-se a argila flexível e a mente despertada (iluminada) tornou-se o escultor.

Em geral, os problemas no quarto circuito tomam a forma de *culpa*: “Não consigo fazer o que eu deveria estar fazendo”. Os problemas do terceiro circuito tomam a forma de *perplexidade*: “Não consigo entender como me enfiar nessa bagunça ou como sair dela ou o que se espera de mim”, etc. Os problemas do segundo circuito tomam a forma de *bullying* ou de *covardia*: “Vou dominá-los” ou “Vou me render e deixar que eles me dominem”. Os problemas do primeiro circuito tomam a forma de *sintomas físicos*: “Sinto-me inteiramente podre”, e, gradativamente, assume o controle

causando, com estresse suficiente, um sintoma de aguda incapacidade.²⁷ A consciência neurossomática do Quinto Circuito apaga todos esses problemas de uma só vez. O desaparecimento das doenças “físicas” do primeiro circuito apenas *parece* ser mais “milagroso” do que a transcendência da emotividade do segundo circuito, do que a perplexidade do terceiro circuito e da culpa do quarto circuito. É o dualismo cartesiano mente/corpo que nos faz pensar nas curas “físicas” do primeiro circuito como algo mais estranho ou mais assustador do que qualquer melhora rápida nos outros circuitos.

Um dos intentos da nossa terminologia é precisamente transcender esse dualismo cartesiano, tornando todos os circuitos igualmente compreensíveis dentro de um único contexto.

O Racionalista robotizado teme e ressentido o arrebatamento do Circuito V e suas holísticas faculdades intuitivas (assim como os Emotivos robotizados temem e ressentem a razão do Circuito III). Portanto, quando o *feedback* do circuito neurossomático começa a funcionar, e a pessoa transformada do Circuito V tenta descrever o seu arrebatamento e unicidade, o Racionalista apressadamente resmungo que isso é “meramente subjetivo”.

A miséria também é “meramente subjetiva”, mas isso não a impede de machucar. A habilidade neurossomática de transmutar toda experiência para que o indivíduo fique inebriado e feliz em uma situação onde a maioria do quarto circuito se sentiria miserável, merece ser aprendida pela simples e egotista razão de que é mais divertido ser feliz do que estar em sofrimento. Também é socialmente benéfico porque, como Tim Leary frequentemente dizia: “Você não consegue *fazer* o bem até que *você se sint*a bem”. Assim como o sofrimento adora companhia, também o inebriado e feliz quer que todas as outras pessoas fiquem inebriadas e felizes. (A primeira lição que o adepto do quinto circuito deve aprender é controlar essa irrupção de altruísmo e não se tornar um indivíduo aborrecido que tenta obrigar todo mundo a ser feliz...)

O Racionalista fica ainda mais alarmado com os resultados do êxtase prolongado do quinto circuito, que inclui a habilidade de curar uma ampla variedade de doenças, tanto em si mesmo quanto em outros. Até mesmo a pesquisa atual bem documentada sobre endorfinas – que nos oferece o início de uma explicação neuroquímica de como tais curas operam – é olhada com desconforto ou hostilidade pelos Racionalistas

27. Este é o jogo da “Perna de Pau” de Eric Berne, no qual o indivíduo pede para ser dispensado da participação ou da interação social, com a desculpa de estar fisicamente fora de combate.

mais robotizados. Tudo isso parece ser “metafísico” e, portanto, não pode existir.²⁸

Não há nada de sobrenatural a respeito do quinto circuito. Ele meramente parece “sobrenatural” ao ser comparado com os circuitos anteriores; mas o terceiro circuito, do qual o Racionalista tem orgulho, indubitavelmente parecia “sobrenatural” quando apareceu pela primeira vez. (Os egípcios atribuíam a fala e a escrita, funções do terceiro circuito, à intervenção divina do deus Thoth.) O quinto circuito, como os circuitos anteriores, é apenas outra mutação evolucionária, para nós necessária à medida que nos movemos em direção a um nível neurossocial mais complexo.

“É exatamente como a vida comum, só que você está sempre um pé acima do chão”, diz um velho provérbio zen.

Esse aspecto “flutuante” do quinto circuito está nos preparando para a migração extraterrestre.

Um dos mais interessantes adeptos neurossomáticos em toda a história, do ponto de vista da presente teoria, foi Mary Baker Eddy. Justamente porque a sra. Eddy era fundamentalmente ingênua e não era muito letrada em filosofia, ela nunca percebeu que não é possível falar ou escrever sobre o Inefável. Ela então escreveu extensivamente a seu respeito. Se seus escritos são difíceis de decifrar, se eles soam como “os delírios de uma mente em desordem” (descrição de Aleister Crowley sobre obras místicas, inclusive as suas próprias), eles também têm momentos de impressionante lucidez. Por exemplo, ela sabia e escreveu com total clareza que a doença é fruto do medo e que o amor é a sua cura. Muitos psicólogos estão apenas começando a compreender isso hoje em dia, mais de cem anos depois.

“O amor perfeito elimina o medo”, e é assim que o despertar neurossomático cura doenças.

Conforme a sra. Eddy disse a um pesquisador, “Amor, amor, amor! É tudo o que você precisa saber para ser um curador”. Sessenta anos depois, ignorado por muitos colegas de profissão, um psiquiatra escocês, Ian Suttie, escreveu que “O amor do médico cura o paciente”.

Outra citação da sra. Eddy é adequada neste ponto:

28. A endorfina é um transmissor neurossomático que dispara o Circuito V. Ela pode ser ativada por drogas psicodélicas ou pela cannabis, pela meditação, pranayama ou visualização da luz branca. Este último é o sistema mais comum usado pelos “curadores pela fé” e era conhecido pelos rosacrucianistas medievais.

Quando o entendimento muda, ganharemos a realidade da vida, o controle da alma sobre a razão... Este deve ser o clímax, antes de o homem harmonioso e imortal ser alcançado e suas capacidades reveladas.

Para o leitor comum educado cientificamente, isso é tolice metafísica. Vamos tentar traduzi-lo para as nossas próprias metáforas neurológicas:

Quando o cérebro desenvolver seus plenos potenciais, deveremos obter uma nova visão da vida e o controle do êxtase neurossomático sobre as culpas, perplexidades, emoções e “sintomas físicos” dos circuitos inferiores... Isto está evolutivamente agendado para acontecer antes que a consciência evolutiva e a imortalidade física do sexto circuito sejam alcançadas.

Sugerimos que a sra. Eddy, tendo ativado uma grande parte do hemisfério direito do cérebro, foi capaz de pensar em Gestalt bem como servir de transmissora da “cura” neurossomática para outros. Ela estava olhando pelo caminho do DNA para os avanços científicos da década na qual vivemos atualmente.

Muitos conseguem ligar seus circuitos neurossomáticos por causa de doenças prolongadas, especialmente se elas perdem a paciência com os médicos e recorrem à automedicação e/ou à cura pela fé. O banheiro de Nietzsche, segundo Stefan Zweig, parecia “uma farmácia”, em razão do grande número de drogas e remédios com os quais o filósofo tratava a sua enxaqueca crônica. Gurdjieff usava cocaína, haxixe e técnicas de ioga (provavelmente incluindo pranayama) para tratar suas incessantes e crescentes dores resultantes de seus ferimentos de guerra e de dois acidentes de carro. A “rispidez” desses dois filósofos, seu desprezo pelo sofrimento humano comum, suas visões do estado super-humano para além da emoção e da dor, tudo provavelmente derivou das Ativações neurossomáticas alternadas com a dor aguda. Ou seja, eles experimentavam a totalidade da evolução desde os circuitos mais baixos até o total desenvolvimento do êxtase neurossomático, e estavam expressando principalmente o desprezo por suas próprias recaídas na consciência menos extática.

No Oriente, o controle do circuito neurossomático é conhecido como *dhyana*, *cha'an* ou *Zen*; o estado é, às vezes, chamado de “mente de Buda” ou “corpo de Buda”. Para os gregos antigos, onde rituais para alcançar esse estado por meio de drogas psicodélicas eram praticados anualmente em Elêusis, aqueles que cumpriam o ritual com sucesso eram chamados *digenes*, “nascido duas vezes”. A metáfora estende-se na terminologia “nascido de novo” do Cristianismo carismático e é simbolizado pelo mito da Ressurreição do Corpo.

Freud reconhecia esse estado, vagamente, como a “experiência oceânica”. Gurdjieff chama esse circuito de Centro Magnético.

Curadores pela fé e adeptos de umas poucas escolas de ioga parecem viver na consciência neurossomática permanentemente; a maioria dos que alcançaram esse estado tende a tê-lo apenas em *flashes*, conforme mencionado por Ezra Pound:

O Paraíso não é artificial
mas é recortado
Por um *flash*,
por uma hora.
Depois agonia,
então uma hora.

Esse “*Paraíso*”, essa condição de paz neurossomática (“mente-corpo”), deveria ser considerada um novo circuito cerebral na direção do qual toda a humanidade está evoluindo, lenta e dolorosamente, a partir dos antigos circuitos mamíferos. Essa progressão, da emoção primata para a tranquilidade *pós-hominídea*, de “homem” para “super-homem” é o Próximo Passo sobre o qual os místicos sempre falam; você pode ouvi-lo na maioria das últimas composições principais de Beethoven.

Como mencionado antes, agentes de lavagem cerebral do governo são geralmente puritanos demais para tratar, ou maltratar, o circuito sociossexual e se contentam com a lavagem cerebral e a programação cerebral dos circuitos da biossobrevivência, emocional e semântica, enquanto bandos fora da lei como o SLA ou masonoides seguem em frente e também recunham o circuito sociossexual.

É necessário notar que alguns cultos presentemente ativos neste planeta retrógrado vão mais além do que isso e praticam a *lavagem cerebral neurossomática*.

Um circuito neurossomático *permanente* pode apenas ser cunhado pela prática prolongada de uma das iogas, do tantra ou das ciências relacionadas e, talvez, bons genes, bons ambientes e boa sorte em geral.

A lavagem cerebral neurossomática – a mais poderosa forma de robotização – consiste em ativação *temporária* do circuito neurossomático pelo agente da lavagem cerebral junto com certezas de que *apenas* o agente da lavagem cerebral (ou o “deus” que “age por meio dele”) pode ligar esse circuito.

Para um efeito completo, é claro, isso é seguido pela lavagem cerebral comum. A vítima é primeiro isolada de seu ambiente prévio e treinada para atrelar o circuito da biossobrevivência ao “guru” e/ou ao

Ashram ou comunidade. O circuito emocional é envergado e quebrado pelos ataques contínuos sobre o *status* (ego) até que a única segurança emocional que sobrou se encontre em Total Submissão à ilha de realidade do grupo. A vítima reinfantilizada está, então, pronta para cunhar qualquer circuito semântico desejado, desde EST até Krishna ou o Templo do Povo, etc. O circuito homossexual pode ser então facilmente programado para o celibato, para o amor livre ou para qualquer jogo sexual que o guru tenha selecionado. *Então, e somente então, os botões neurossomáticos são pressionados e o êxtase é “concedido” ao sujeito “pelo” guru.*

Marjoe Gortner, um praticante dessa ciência por muito tempo, comentou ironicamente em um filme, realizado depois de abandonar essa profissão por outra carreira: “As vítimas nunca perceberam que podiam fazer isso sozinhas (isto é, pressionar os botões neurossomáticos). Todas acham que precisam de mim para masturbá-las!”. Atualmente, Gortner é surpreendentemente honesto. O carismático mediano *insiste* que as vítimas nunca conseguirão aprender a fazer isso sozinhas.

Um dos grandes praticantes históricos dessa neurociência foi Hassan i Sabbah, que usou técnicas relativamente simples, inclusive, evidentemente, uma cápsula de libertação do tempo inventada pelo Colégio de Sabedoria Sufi, do Cairo.

Descrevo a técnica de Hassan – baseado em registros históricos – no meu romance *The Trick Top Hat*: dois jovens candidatos jantam com Hassan; a comida é guarnecida com uma cápsula de libertação do tempo. Enquanto dormem, os candidatos são conduzidos para o famoso “Jardim das Delícias”, de Hassan. A cápsula tinha liberado uma pesada dose de ópio e eles estavam bem inconscientes e ignorando totalmente os arredores.

O jardim – conhecido oficialmente como o “Jardim das Delícias” – cobria vários acres. Lá os candidatos eram preparados para a admissão na Ordem dos Assassinos: estavam prestes a se tornar os mais temidos e lendários assassinos profissionais da história. Mas lá também, nesse mesmo jardim, eram preparados os candidatos para admissão à Irmandade da Luz, os Illuminati. Os candidatos, na verdade, eram preparados do mesmo modo. Eles mesmos selecionavam, sem saber, que ordem seguiriam – os Assassinos políticos ou os místicos Illuminati.

Ambos os jovens foram conduzidos ao Jardim das Delícias e hospedados bem distantes um do outro. Em um curto tempo, o segundo estágio da cápsula de libertação do tempo começava a funcionar; a cocaína era liberada em suas correntes sanguíneas, assim

neutralizando os traços sedativos do ópio e causando um despertar cheio de energia e de vigor. Ao mesmo tempo e enquanto acordavam, o haxixe também começava a ser liberado; então, eles viam tudo com excepcional clareza e todas as cores eram como de pedras preciosas, brilhantes, divinamente lindas.

Algumas jovens extremamente graciosas e de seios fartos – trazidas do mais caro bordel do Cairo – sentavam-se em um círculo em torno de cada jovem candidato, tocando flautas e outros instrumentos musicais delicadamente doces. “Bem-vindo ao paraíso”, elas cantavam conforme os homens despertados olhavam para elas, maravilhados. “Pela magia do sagrado senhor Hassan, você entrou no Paraíso enquanto ainda vive.” E elas lhe ofereciam “maçãs da terra” (laranjas), muito mais doces e estranhas do que as maçãs terrenas que eles conheciam antes, e também mostravam a eles os animais do paraíso (importados de lugares longínquos como o Japão, em alguns casos), criaturas muito mais notáveis do que aquelas encontradas comumente no Afeganistão.

“Isto é o paraíso!”, o primeiro jovem exclamou, em êxtase. “Grande é Alá e grande é o sábio senhor Hassan Sabbah!”.

Mas, a 40 quilômetros dali, envolto por semelhantes jovens amáveis e outras maravilhas, o segundo jovem meramente olhava em torno de si, sorria com alegria e nada dizia.

E então, em ambos os casos, as *houris* do Paraíso, como prometido no *Corão*, começavam a dançar e, conforme dançavam, descartavam um a um os seus sete véus. À medida que seus véus eram retirados, mais e mais haxixe era liberado das cápsulas e os jovens viam com mais clareza, sentiam com mais intensidade, experimentavam beleza e prazer sexual de um jeito completamente desconhecido em suas prévias vidas terrenas.

Depois, enquanto cada jovem se sentava enlevado pela beleza e maravilha do Paraíso, as *houris* terminavam de dançar e, nuas e esplêndidas como eram, corriam em bando como flores lançadas ao vento. E algumas caíam aos pés do candidato e beijavam seus tornozelos; outras beijavam seus joelhos e coxas; uma chupava de modo arrebatado o seu pênis; outras beijavam seu peito, braços e barriga; algumas beijavam seus olhos, boca e orelhas. E, enquanto ele estava coberto por essa avalanche de amor, intensificada pelo haxixe, a jovem que estava com seu pênis chupava e chupava até ele atingir o clímax em sua boca, tão suave, lentamente e cheio de êxtase como um floco de neve caindo.

Em pouco tempo, não havia mais haxixe sendo liberado e mais ópio começava a fluir em sua corrente sanguínea, e os candidatos dor-

miam de novo; e em seu torpor, eles eram removidos do Jardim das Delícias e retornavam para a sala de banquete do senhor Hassan.

Ali, eles acordavam.

“Verdadeiramente”, o primeiro exclamava, “vi as glórias do Paraíso, como predito no *Alcorão*. Não tenho mais dúvidas. Vou confiar em Hassan i Sabbah e amá-lo e servi-lo”.

“Você está aceito para a Ordem dos Assassinos”, disse Hassan solenemente. “Vá imediatamente para a Sala Verde para conhecer seu superior na ordem.”

Quando esse candidato tinha saído, Hassan se virou para o segundo, perguntando: “E você?”.

“Eu descobri a Matéria Primordial, a Medicina dos Metais, o Elixir da Vida, a Pedra Filosofal, o Verdadeiro Conhecimento e a Felicidade Perfeita”, disse ele, citando a fórmula alquímica. “E ela está dentro da minha cabeça!”

Hassan i Sabbah deu um sorriso largo. “Bem-vindo à Ordem dos Illuminati!”, ele disse, rindo.

Hassan i Sabbah não foi o primeiro ou o último estudioso das formas pelas quais a sexualidade pode ser transmutada para o arrebatamento do quinto circuito. Mais para o Oriente, havia escolas tântricas dentro do Hinduísmo, do Budismo e do Taoísmo, que ensinavam técnicas pelas quais a prolongação do amplexo genital poderia explodir em uma dramática mudança mental. No Ocidente, cultos secretos dos gnósticos, illuminati, alquimistas e bruxas mantinham técnicas semelhantes como segredos bem guardados, pois, se a Santa Inquisição tivesse conhecimento dessas práticas, os participantes seriam denunciados como adoradores do Demônio e seriam queimados vivos.

Em nossa própria época, tem havido uma irrupção revolucionária desses segredos neurológicos antigos, com uma mistura de técnicas mais modernas. Professores de tantra estão disponíveis em muitas cidades. Masters e Johnson usam práticas quase tântricas para tratar disfunções sexuais. Já em 1968, uma pesquisa feita por McGlothlin mostrou que 85% dos fumantes de maconha no país disseram que seu principal interesse em maconha estava em sua função de ampliar a sensação erótica. Vibradores e outros brinquedos sexuais se proliferaram; os gays saem do armário; filósofos de uma cultura sem repressão (Norman Brown, Henri Marcuse, Charles Reich) se tornaram *best-sellers*.

Saul Kent, um escritor de ciência médica para o público em geral, até mesmo sugeriu que substitutos sexuais eletrônicos podem e serão manufaturados em um futuro próximo. (Sua própria Marilyn Monroe

em forma de boneca!) Em vez de se juntar a Tom Wolfe e aos neopuritanos em levantar suas mãos diante do horror de tal ideia, consideremo-la por um momento. Vamos ver se podemos espiar para fora de nosso túnel de realidade cunhado e condicionado.

Se um androide sexual for possível em 2005 ou 2050 ou seja lá quando for, por que não um ambiente sexual totalmente programado? Vamos chamar isso, à memória de Herman Hesse, de o Teatro Mágico. Começemos com o que está disponível atualmente em bordéis caros na hedônica seção de Sun Belt da América.

Massagem, um tranquilizador do primeiro circuito, tem todas as vantagens dos opiáceos sem serem viciantes. Nosso Teatro Mágico, então, incluiria estimuladores e relaxantes corporais computadorizados, melhores do que as técnicas atuais de massagem.

Filmes pornôs estão disponíveis, para a estimulação sexual, nos melhores bordéis. Obviamente, o nosso Teatro Mágico os teria em 3D nas quatro paredes.

Marijuana e estimulantes como cocaína ou anfetamina estão disponíveis em bordéis em todo lugar. Nosso Teatro Mágico teria agentes melhores de êxtase químico.

Pode-se continuar adicionando detalhes, de acordo com a fantasia pessoal, até que se tenha criado um quarto no qual o êxtase possa ser estendido em todas as dimensões, indefinidamente.

Uma coisa estranha aconteceu ao construir esse bordel cibernético. Parece que fomos além do sexo para alguma coisa que possa ser chamada de metasexo. Enquanto o prazer genital específico pode ainda ser divertido, dificilmente é tão importante quanto nos parecia antes de chegarmos a esse Domo do Prazer multidimensional onde todos os sentidos são estimulados para o êxtase.

E a coisa mais peculiar sobre essa libidinosa projeção de ficção científica é que nem mesmo precisamos construir uma Sala Mágica. Ela já é construída em nossos cérebros. Temos descrito a consciência neurossomática positiva que Freud chamou de “perversidade polimorfa” durante um de seus humores puritanos e de “a experiência oceânica” em um de seus momentos místicos. Essa é a sensação do cérebro excitado neurossomaticamente.

Na alquimia, isso era conhecido como “a multiplicação da primeira matéria” ou “o Ouro do Filósofo”, que era diferente do ouro comum, pois não poderia ser *gasto* ou usado, já que se multiplicava perpetuamente e se renovava. É o “Terceiro Olho” da tradição dos

Illuminati, que transforma tudo o que vê; o olho do qual fala Jesus em seu aforismo gnômico:

“A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz.”

– Mateus 6:22

EXERCÍCIOS

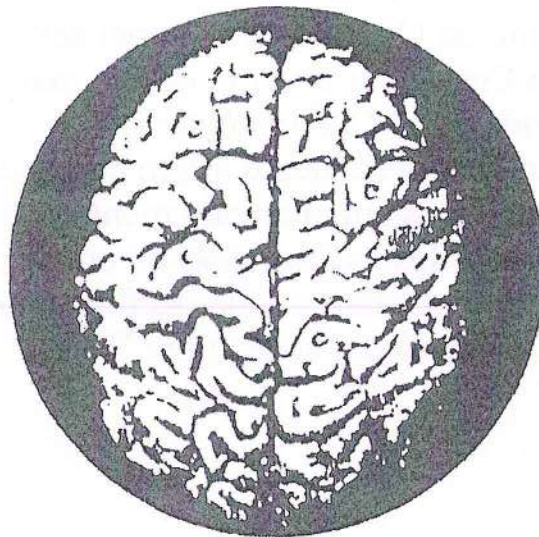
1. Consiga o livro de lições da Sala de Leitura da Ciência Cristã local e leia as lições por um mês.
2. Participe de um seminário sufi em um final de semana.
3. Adquira meu livro *Sex & Drugs: A Journey Beyond Limits* (New Falcon Publications) e experimente os exercícios tântricos ali descritos.
4. Aprenda como fazer o pranayama apropriadamente, com um especialista. (Tentei descrevê-lo algures, e descobri que não há como evitar erros grosseiros na transmissão verbal desse conhecimento não verbal. Faça com que um hindu lhe *mostre*.)
5. Da Free John, um guru americano, diz que você pode alcançar a Iluminação ao se perguntar constantemente “Quem é esse Ser que está vivendo em mim agora?” Bem – seria a consciência do Circuito I, o ego do Circuito II, a mente do Circuito III, o papel sexual do Circuito IV, o campo da Gestalt do Circuito V ou um circuito mais elevado?
Quem será? Onde está? *Que idade tem?*
6. Dr. Aiden Kelly sugeriu que o assim chamado “inconsciente” é *mais consciente* do que a assim chamada mente consciente. Ou seja, o “inconsciente” contém todos os *feedbacks* do circuito neurossomático e dos outros circuitos que mantêm a vida. Reflita sobre essa ideia. Seria esse o “Ser que está vivendo em você agora”?

CAPÍTULO 12

O Circuito Neurogenético Coletivo

Não é mais apenas a Direita que é conservadora. Toda a Esquerda de repente também é conservadora. A Esquerda liberal e a radical ficaram obsoletas.

– F. M. Esfandiary, *Upwingers*



O sexto circuito do cérebro entra em ação quando o sistema nervoso começa a receber sinais do *interior do neurônio individualmente* – do “diálogo” do RNA-DNA, o sistema de *feedback* neurológico.

O sistema nervoso inteiro, inclusive o cérebro, foi projetado tal como o restante do corpo pelo “código” no interior da molécula de

DNA, que envia sinais por meio das moléculas mensageiras do RNA para dizer ao organismo o que fazer: *Produza cabelo ruivo. Tenha olhos azuis. Levante-se e ande agora. Comece a falar. Encontre um parceiro.* Etc. Nossa vida mental inteira – o hardware e o software do nosso cérebro – existe dentro dos perímetros dessa fita de DNA.

Com a consciência neurogenética, esses arquivos do DNA se tornam acessíveis ao escaneamento cerebral, *enquanto acordado*. (Eles são sempre acessíveis, como arquétipos do “inconsciente coletivo” de Jung, durante o sonho.)

O primeiro a alcançar a consciência neurogenética, alguns milhares de anos atrás, falou de “memórias de vidas passadas”, “reencarnação”, “imortalidade”, etc. Esses adeptos neurológicos estavam falando de algo real, na melhor linguagem da época, o qual é indicado pelo fato de que muitos deles (especialmente os hindus e sufis) ofereceram maravilhosas e precisas visões poéticas da evolução milênios antes de Darwin e previram a Super-humanidade antes de Nietzsche.

Os gregos chamavam essa experiência de “visão de Pan”; os chineses, de “o grande Tao”; os hindus, de “consciência de Atman”. As figuras numinosas, terríveis, sublimes de “Deus”, “Deusas” e “Demônios” que aparecem nesses estágios iniciais desse Despertar são os “arquétipos do inconsciente coletivo” de Jung e são reconhecidos como “vitoriosos do tempo dos sonhos” pelos primitivos, como “aqueles do Sidde” pelas bruxas, como o Povo Estranho em mil tradições populares.

Gurdjieff chama esse circuito de Verdadeiro Centro Emocional.

Os “registros akáshicos” da Teosofia, o “inconsciente filogenético” do dr. Stanislaus Grof, a “hipótese de Gaia” dos biólogos Margulis e Lovelock – que defendem que a biosfera deste planeta é um organismo inteligente – são três metáforas modernas para esse circuito. As visões de evolução do passado e do futuro descritas por aqueles que tiveram experiências transtemporais durante uma experiência de quase morte ou “morte clínica” também descrevem o túnel de realidade neurogenético do Circuito VI.

Exercícios específicos para disparar as cunhagens neurogenéticas não são encontrados no ensino da ioga; isso geralmente acontece, se acontecer, depois de muitos anos de prática em raja ioga avançada que desenvolve o êxtase somático do Circuito V. Doses pesadas de LSD, é claro, sempre disparam visões neurogenéticas temporárias.

O circuito neurogenético é mais bem considerado, em termos da ciência atual, como os arquivos genéticos ativados pelo excitamento das proteínas anti-histone – a memória do DNA espiralando de volta para

a aurora da vida e contendo também as marcas genéticas para o futuro da evolução.

“Sou Aquele que era, é e será”, uma sentença do *Livro dos Mortos* egípcio, em hieróglifos e escrita à mão, foi encontrada sobre a escrivantina onde Beethoven compôs a Nona Sinfonia e toda a sua música posterior e “evolucionária” que atravessa eras. Pode-se julgar a partir disso, e da própria música, que Beethoven tinha aberto o circuito neurogenético.

Aqui habitam arquétipos primordiais muito mais antigos do que a linguagem, embora mais novos do que o amanhã. Personificando esse circuito como um ser, Crowley nos diz:

... O “Bebê no Ovo Azul [cf. a imagem final de *2001: Uma odisseia no espaço*, de Kubrick – R. A. W.]... representa o Self Mais Elevado... A conexão é com o simbolismo do anão na mitologia... Em sua inocência e ignorância absolutas ele é “o Louco”; ele é o Salvador... o “Grande Louco” da lenda celta, o “Puro Tolo” do Ato I de *Parsifal*... ele também é o Homem Verde dos festivais de primavera... Assim o vemos totalmente armado como Bacchus Diphues, macho e fêmea, o bissexual Baphomet, e... Zeus Arrhenothelus, igualmente bissexual... [Ele é mostrado em sua forma total no Arcano XV do tarô, “O Diabo”]... Mas a “pessoa pequena” do misticismo hindu, o anão insano embora habilidoso de muitas lendas em muitas terras, é também esse mesmo... Self silencioso de um homem ou seu Santo Anjo Guardião.

Essas imagens não são fantasias poéticas de Crowley. Elas reaparecem nos sonhos dos indivíduos (o mito pessoal da noite), nos mitos de todos os povos (os sonhos impessoais das espécies) e, é claro, recorrentemente nas histórias de contatos com óvnis.

ESTUDE AS DUAS PRÓXIMAS IMAGENS CUIDADOSAMENTE

A “linguagem” desse circuito é a linguagem de múltiplos níveis do *Finnegans Wake*, em que Finnegan é Finn-again [Finn-novamente], Finn Mac Cool, da lenda irlandesa, renascido e Huck Finn, também renascido, navegando pelo rio “Missus Liffey”, composto tanto do rio Anna Liffey na Irlanda quanto o Mississipi de Huck Finn ; onde Mark the Wan é o rei Mark, corneado por Tristão, mas Mark the Twy é Mark Twain, casado com uma mulher chamada “Livvy”, tal como o nome do rio irlandês, e Mark the Tris é Mark, o corneado, e que corneia Tristão ao mesmo tempo; enquanto Marcus Lyons é todos eles, além de ser Marcos, o apóstolo, seu leão emblemático (sempre mostrado junto na



A consciência neurogenética do Circuito VI: essa imagem simboliza um deus semelhante a Pan, mostrando o conceito de memórias genéticas simbolizadas pelas sementes sob a forma de animal-humano nos testículos.



Outro arquétipo dos arquivos neurogenéticos (“inconsciente coletivo”). A Grande Mãe simbolizando as memórias genéticas ilustradas pela flor, pelo pássaro, etc.

arte medieval), Leo, o leão, Leão no zodíaco e todos os signos associados ao fogo, e um dos Quatro Homens Velhos (Matt Gregory, Marcus Lyons, Luke Tarpey e Johnny McDougall) que assombram o sonhador a noite inteira, simbolizando os quatro evangelistas, os quatro postes ao redor da cama daquele que dorme, os quatro circuitos antigos, os quatro naipes do tarô ou do baralho, os quatro elementos dos antigos, a todos os outros quatro que Jung encontrou onipresentes no “inconsciente coletivo”. Para estabelecer um paralelo com a evolução dos quatro primeiros circuitos da história humana (a mamífera), Joyce também oferece os quatro estágios do desenvolvimento do “Graçanhoto” (ovo, larva, crisálida, adulto) e tais divisões em quatro dentro da lógica do sonho como “ovoclusão, ovomescla, ovoenterra e choque-me-se-puder”, “seus ressecamentos e seus entrelaçamentos e seus enterramentos e suas seleções naturais”, “um humano (peste!) passando (pista!) e repassando (passado!) e lá vai ele (poxa!) de novo,” etc.*

Esse circuito arquetípico é repleto do que Jung chamou de *sincronicidades – coincidências significativas –*, que ele atribuiu às raízes do circuito no que ele chamou de nível “psicoide”, abaixo do inconsciente pessoal e coletivo, em que “mente” e “matéria” não são ainda diferenciadas – a estrada real do telégrafo DNA-RNA-SNC (sistema nervoso central), na metáfora de Tim Leary.

Essas sincronicidades são um símbolo claro de que estamos lidando com o circuito neurogenético. Por exemplo, em um grupo de estudos sobre o livro *Finnegans Wake*, todos rimos compulsivamente quando notamos que “Toot and Come Inn” [“Toque a campainha e entre”] não é apenas uma paródia dos graciosos nomes de motéis americanos, mas outro dos incontáveis trocadilhos de Joyce para Tutankhamen. Nesse ponto, minha esposa entrou na sala para perguntar o que era tão engraçado. Quando explicamos, ela disse: “Eis uma sincronicidade – eu estava assistindo a um programa de TV sobre Tutancâmon neste exato momento”. E, é claro, Joyce coloca o menino-rei no sonho porque o tema principal de *Finnegans Wake*, o tema principal do circuito neurogenético, é a sobrevivência da memória genética através do tempo, simbolizada pelo mito da Ressurreição; e Tut foi desenterrado (ressuscitou) sincronicamente pouquíssimo tempo depois que Joyce começou a escrever sua obra épica.

* N.T.: Certos substantivos foram criados neste parágrafo a fim de tentar traduzir aqueles criados pelo autor.

Como Joyce explica a lógica do circuito neurogenético, “Essa terra de eras de anos nada mais é do que poeira de tijolo e sendo húmus o mesmo revolve” (a terra dá de volta, em novas formas, o que foi enterrado), pois “no leito de nosso ganha-pão deita-se o grãodáver do nosso país semente” (comentário supérfluo, para aqueles que conhecem *O Velo de Ouro*) e “Caia se tropeçares, mas levantar-te, deves”. A semente, o código genético, e o ovo, a sabedoria celular, enviam os sinais pelas eras; na metáfora semelhante do geneticista ganhador do Prêmio Nobel, Hebert Muller, “Somos todos robôs gigantes fabricados por DNA para fazer mais DNA”.

Para o indivíduo, os intervalos na corrente vida/morte/vida/morte/vida/morte são reais e dolorosos demais; para a sabedoria da semente-ovo do circuito neurogenético, a unidade sem emenda de vidamorte-vidamortevidamortevida é maior do que a realidade.

O circuito neurogenético está provavelmente localizado no *neocórtex direito* e é mais recente do que o circuito neurossomático nas seções dorsais do córtex direito.

A consciência neurogenética do Circuito VI permite que você “converse” com a arquiteta evolutiva que *projetou* o seu corpo – e bilhões e bilhões de outros desde a aurora da vida, cerca de 3-4 milhões de anos atrás.

Essa “arquiteta” é a maior projetista deste planeta, como Bucky Fuller comentou com frequência. Nenhum arquiteto humano já se igualou a Ela em eficiência ou estética em tais produtos rotineiros como rosas, ovos, colônias de insetos, peixes, etc.

Ela (ou Ele) pode ser personificada em termos modernos como a Mãe DNA ou o Pai Ácido Nucleico. O Racionalista imediatamente contesta que essa personificação, por mais inelutável que seja para todos aqueles que já encontraram a Arquiteta diretamente nesse circuito, é ilegítima, porque Ela ou Ele é *inconsciente*. A refutação, dada por todos os adeptos do Circuito VI em todas as culturas e em todas as eras, está no fato de que Ela ou Ele não é inconsciente, mas intoxicado, e é uma intoxicação divina.

De forma menos poética, quer “humanizemos” essa “arquiteta” em uma Mãezona ou Paizão, ou a “*animalizemos*” com uma cabeça de chacal, como fizeram os egípcios, ou a “*insetualizemos*” como um Louva-Deus Predador, como fez uma tribo africana, ou a “*espiritualizemos*” como algo totalmente abstrato, como fizeram os hindus e os cientistas cristãos, nós estamos apenas retratando um corte transversal desse Ser de 3-4 bilhões de anos. Quando a “*moleculizamos*” como

DNA, estamos também vendo uma seção transversal – *a seção transversal mais útil para a análise científica*. Isso é tudo o que precisa ser dito, ou deveria ser dito, em relação à quimicalização da biosfera por parte do “materialista científico”, e não é contradição da *experiência direta* do próprio Ser via iogas, biológicas ou químicas, do Circuito VI. De fato, a experiência direta indubitavelmente pode ajudar e tem ajudado muitos cientistas a obter uma visão mais ampla e holística do que está acontecendo na evolução, que eles levaram para o Circuito III em melhores modelos linguísticos. Teilhard de Chardin é um, mas não o único, exemplo de cientista cujo modelo evolucionário tem sido melhorado por essa experiência direta com o Circuito VI.

Para aqueles que ainda não tiveram uma experiência com o Circuito VI – e a maior parte da humanidade possuirá a tecnologia para ligar esse circuito à vontade dentro dos próximos 20 anos –, essa perspectiva evolucionária pode, possivelmente, ser expressa por uma série de saltos quânticos de perspectiva, e assim:

O indivíduo pode cometer erros, até mesmo fatais. A consciência dos Circuitos I-V está longe de ser infalível; todos entramos em confusões, e, às vezes, elas nos matam.

O conjunto de genes pode cometer erros, mas com menos frequência. A maioria dos conjuntos de genes tem uma duração de vida bem mais longa do que qualquer indivíduo, por um fator de muitos milhares. Obviamente, se julgarmos a inteligência a partir da sobrevivência, os conjuntos de genes – formados pela informação de muitos milhões de indivíduos – são mais “inteligentes” do que quaisquer indivíduos, até mesmo de gênios. (Einstein não era tão esperto quanto o coletivo povo judeu. Ele criou a Relatividade e foi inteligente o suficiente para escapar dos nazistas. Historicamente, os judeus criaram dúzias de ideias tão importantes quanto a Relatividade e sobreviveram a centenas de perseguições.)

A espécie é ainda mais inteligente do que o conjunto de genes. Ela vive milhões de vezes mais tempo do que qualquer indivíduo, muitos milhares de vezes mais do que qualquer conjunto de genes.

A biosfera – Gaia – o *script* do DNA – é mais inteligente do que todos os indivíduos, conjunto de genes e espécies. Ela sobreviveu a *tudo* o que foi jogado nela por quase 4 bilhões de anos e, a cada momento, está ficando cada vez mais esperta. Ela está à beira de alcançar a imortalidade; através do sexto circuito, ela tem um olho melhor para ver a

si mesma e para julgar suas trajetórias do que jamais teve. Ela está se preparando para deixar este planeta e expandir-se pelo Universo.

Beethoven, para citá-lo mais uma vez, disse: “Qualquer pessoa que entenda a minha música nunca será infeliz novamente”. Isso porque a sua música é a canção do Sexto Circuito, de Gaia, do Espírito da Vida, tornando-se consciente de Si Mesma, de Seus poderes, de Suas próprias capacidades de progresso infinito.

EXERCÍCIOS

1. Liste *pelo menos* 15 semelhanças entre Nova York (ou qualquer cidade grande) e uma colônia de insetos, tais como uma colmeia de abelhas ou um cupinzeiro. (Se você não conseguir pensar em pelo menos 15, leia o livro *Sociobiology*, de Edward Wilson.) Reflita sobre *informações* a respeito da espiral do DNA que criou essas duas espécies de alta coerência e organização, em sociedades de insetos e de primatas.

2. Leia os *Upanishads* e, sempre que você ouvir a palavra “Atman” ou “Alma do Mundo”, traduza-a como projeto do DNA. Veja se dessa forma ela faz sentido para você.

3. Refletir sobre esses assuntos geralmente dispara sincronicidades jungianas. Veja quanto tempo depois de ler este capítulo você encontra uma coincidência impressionante – por exemplo, ver DNA em uma placa de carro, ganhar inesperadamente um exemplar dos *Upanishads*, ver uma imagem como a de Pan, de Crowley, ou da Grande Mãe em uma obra de arte popular, etc.

4. Explique essa sincronicidade, quando ela acontecer, nos termos racionalistas do Circuito III – mera coincidência, etc.

5. A psicóloga Barbara Honnegger explica as sincronicidades dizendo que o hemisfério direito do cérebro (onde está localizado esse circuito) transporta você no tempo-espaço para o lugar onde a sincronicidade ocorrerá, enquanto o hemisfério esquerdo racionalista inventa racionalizações para chegar lá. Nessa teoria, sincronicidade é uma linguagem pela qual esse circuito se comunica com o hemisfério esquerdo. Tente explicar as coincidências por meio dessa teoria. Quais mensagens o seu hemisfério direito está tentando enviar para o seu cérebro esquerdo?

6. Jung e vários de seus discípulos (por exemplo, Coleman, Steiger, Fiedler) sugeriram que óvnis são mensagens desse circuito do DNA coletivo para o cérebro esquerdo. O que tais mensagens significam? O que o hemisfério direito está tentando nos dizer?

CAPÍTULO 13

Introdução ao Circuito da Metaprogramação

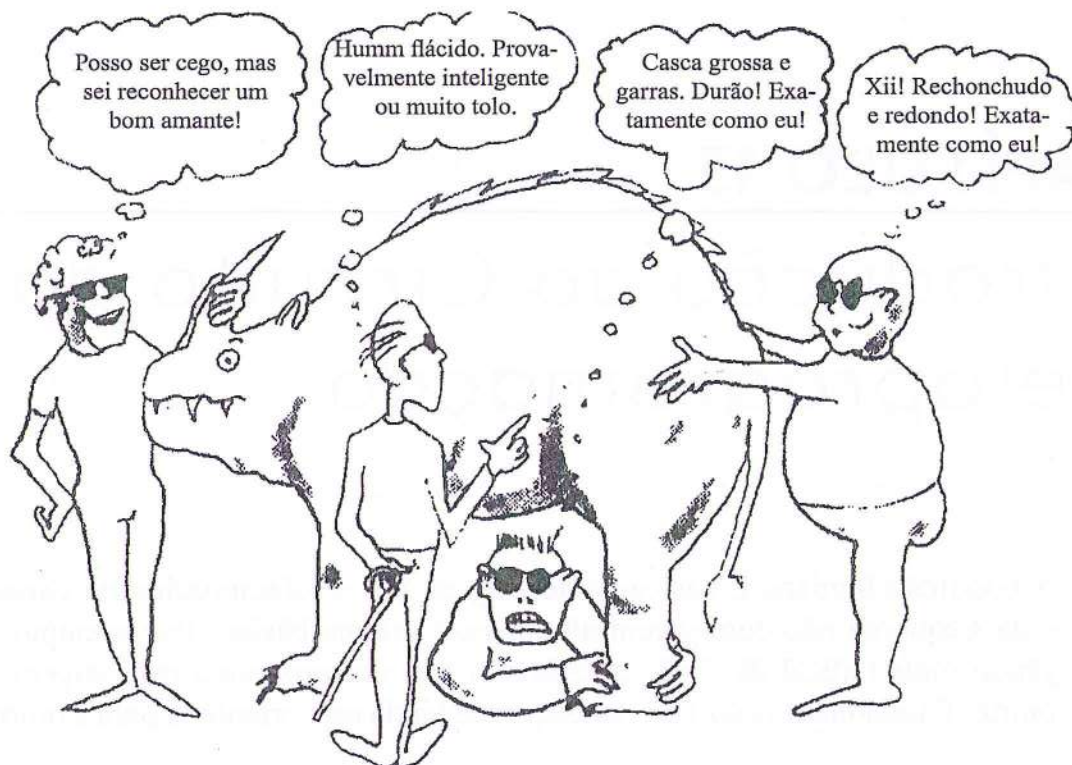
A condição humana é basicamente trágica. Os revolucionários de Direita e de Esquerda não conseguem alterar esse dilema básico. Por exemplo, o grupo mais radical da ala Esquerda não tem um programa para superar a morte. E toda instituição Direita-Esquerda ainda está orientada para a morte.

— F. M. Esfandiary, *Upwingers*



Certa vez vi um quadrinho – não lembro onde – que me parece resumir o fato central do relativismo neurológico.

Um gato se aproxima de um cachorro e diz “Miau”. O cachorro parece confuso. O gato repete “Miau!”. O cachorro ainda parece confuso. O



SERÁ QUE 100 MIL PESSOAS PODEM ALUCINAR AO MESMO TEMPO?

De que outro modo você explicaria a história?

gato repete, mais enfaticamente, “MIAAAU!!!”. Finalmente, o cachorro se aventura “Au-au?”. O gato se afasta indignado, pensando “Cachorro idiota!”.

É claro, a comunicação humana e os nossos grandes debates filosóficos não podem estar nesse nível primitivo.

Mesmo assim...

Entre maio e outubro de 1917, em Fátima, Portugal, ocorreu a série de “milagres” mais bem documentada da história moderna. Como todo mundo sabe, tudo começou quando três crianças camponesas iletradas tiveram uma visão da Virgem Maria. Por favor, observe imediatamente que é fácil e tentador, para o Racionalista e para o não católico em geral, tratar esse incidente como “mera” alucinação. *Observe depois quão difícil é fazer com que essa explicação seja convincente*, conforme são narrados os detalhes subsequentes.

Na segunda “visita da Virgem”, em junho, havia *50 testemunhas*. Todas concordaram que ouviram uma explosão e viram uma lufada de fumaça. (Apenas as três crianças, nessa e nas ocasiões subsequentes, viram a Virgem.) Devemos presumir agora que, além das crianças alucinarem, devemos acrescentar alguém fazendo uma brincadeira de mau gosto explodindo uma bomba de fumaça para fazer sentido ao que estava acontecendo?

Na terceira visita, em julho, havia *4.500 testemunhas*. Novamente, todas ouviram uma explosão na partida da Virgem e a maioria afirmou ter ouvido zumbidos e murmúrios enquanto as crianças falavam com ela. (Esse murmúrio e zunido é comum em histórias de óvni...)

Em 13 de agosto, havia *18 mil testemunhas* que viram ou alucinaram uma sinfonia de estranhezas, inclusive flores caindo do céu, outra explosão, *flashes* brilhantes de luz nas nuvens e no chão (vermelho, rosa, amarelo e azul) e um globo luminoso volteando pelo céu, exatamente como um óvni moderno.

Em 13 de setembro, havia *30 mil testemunhas*. E, novamente, todas viram o “óvni” luminoso e houve outra precipitação – não de flores dessa vez, mas de glóbulos resplandecentes de luz que ficavam cada vez menores conforme desciam e “derretiam” ao nível do chão. O dr. Carl Sagan teria solenemente dito a você, apenas meneando a cabeça, que todas essas 30 mil testemunhas estavam alucinando simultaneamente.

Em 13 de outubro, o último “milagre” foi testemunhado por *70 mil pessoas no local*, e *outras 30 mil*, a centenas de quilômetros, afirmaram ter visto tal fenômeno. Alguns disseram que o Sol mergulhou

em direção da Terra, enquanto outros diziam que um globo “grande e brilhante como o Sol” havia aparecido e mergulhado em direção do planeta. Isso foi acompanhado por *flashes* vermelhos, violetas, azuis e amarelos, com um perfume “paradisíaco” permeando o ar.

É afirmado que “milhares” de pessoas foram convertidas para o Catolicismo em razão desses eventos. Por favor, observe que, se isso tudo tivesse acontecido 50 anos mais tarde, em 1967, muitas dessas pessoas teriam sido convertidas à mística mais recente dos Space Brothers (Irmãos do Espaço).

Nietzsche disse certa vez: “Somos todos artistas maiores do que percebemos”. É uma função do registro acima (e deste livro como um todo) tornar essa piada obscura totalmente clara para cada leitor.

Mas, mas, mas – todas as 100 mil testemunhas que viram alguns dos fenômenos associados ao último “milagre” de Fátima devem ter alucinado, é claro. Essa é a forma mais confortável e conservadora de lidar com tais eventos, e não é necessário ter uma mente tão estreita quanto a do dr. Sagan para preferir essa simples explicação. Ainda assim... se 100 mil pessoas conseguem alucinar simultaneamente, e se, como a história nos assegura, muitos milhões podem compartilhar uma ilusão “religiosa” ou política simultaneamente, somente um homem tão rigidamente dogmático quanto Sagan pode evitar de colocar as mais perturbadoras perguntas sobre a origem de suas próprias crenças e percepções.

Certa vez, Cromwell dirigiu-se aos rebeldes irlandeses, dizendo: “Eu imploro a vocês, pelas entranhas de Cristo, pensem na possibilidade de vocês estarem errados”. A história não registra que Cromwell já tenha feito o mesmo comentário para si mesmo.

Cada um de nós está preso no túnel de realidade (presunção-consumação) que seu cérebro fabricou. Não o “vemos” nem o “percebemos” como *um modelo criado pelo nosso cérebro*. Nós, automática, inconsciente e mecanicamente o “enxergamos” e o “sentimos” ali presente, separado de nós, e o consideramos “objetivo”. Quando conhecemos alguém cujo túnel de realidade é obviamente bem diferente do nosso, ficamos um pouco assustados e sempre desorientados. Tendemos a pensar que essas pessoas sejam loucas ou trapaceiros tentando aplicar-nos algum tipo de golpe ou que sejam farsantes aplicando-nos uma brincadeira de mau gosto.

Ainda assim, é neurologicamente óbvio que não existem dois cérebros com o mesmo programa genético, com as mesmas cunhagens,

com o mesmo condicionamento ou com as mesmas experiências de aprendizado. Todos nós vivemos em realidades separadas. É por isso que a comunicação falha com tanta frequência e desentendimentos e ressentimentos são tão comuns. Eu digo “miau” e você diz “au-au”, e cada um de nós está convencido de que o outro é um pouco tolo.

De acordo com estatísticas confiáveis, mais de 100 milhões de cidadãos dos Estados Unidos “acreditam em” óvnis e *pelo menos* 15 milhões já viram um óvni. O sistema de ideias, rumores, mitos, esperanças etc. reunidos em torno do fenômeno óvni pode ser *a força sociológica mais poderosa* para a mudança que está agindo atualmente sobre nossa sociedade, como o dr. Jacques Vallee recentemente enfatizou em uma palestra, para um comitê especial das Nações Unidas, sobre o mistério relacionado ao óvni.

O debate ou querela em torno do óvni sustenta-se sobre duas categorias que achamos serem centrais para nossa tese – as ideias aparentemente inocentes de “interior” e de “exterior”. Amplamente falando, os “céticos”, com relação aos óvnis, são aqueles que afirmam que o óvni está no “interior” do observador (“alucinação”, identificação equivocada, etc.), enquanto os “fieis” afirmam que o óvni está no “exterior” (objetividade).

Tal como o semanticista Alfred Korzybski frequentemente advertia, quando separamos verbalmente aquilo que nunca é existencialmente separado, introduzimos falácias em nosso pensamento. O exemplo favorito de Korzybski era o tema sobre “espaço” e “tempo”, pois, na prática, nunca encontramos “espaço” sem “tempo” ou “tempo” sem “espaço”; por exemplo, um ano mede o *espaço* que a Terra percorre em torno do Sol, e o espaço que a Terra percorre nessa órbita nos dá o *tempo* que chamamos de um “ano”. A separação verbal de “espaço” e “tempo” tornou-se um problema para a Física ao fim do século XIX quando paradoxos e contradições se multiplicavam infinitamente; isso foi somente resolvido quando o gênio Einstein recuou diante das categorias verbais, percebeu que fomos nós que as criamos e recomeçou a Física a partir do fundamento do simples fato existencial de que nós nunca nos deparamos com o “espaço” ou com o “tempo” separadamente, mas somente o indistinto “*continuum* espaço-tempo”.

Aplicando essa orientação operacional de Einstein ao problema do óvni, observamos que nunca ouvimos sobre um óvni sem um observador humano. Na verdade, mesmo os óvnis “detectados” pelo radar se tornam “óvnis” (objetos voadores não identificados, em vez de identificados)

por intermédio dos *processos de avaliação no sistema nervoso* do operador do radar.

Portanto, é a abordagem operacional de Einstein que usamos para aceitar a unidade sem emendas do observador de óvni e parar de separar os dois termos em “óvni” e “observador”.

Os tipos de “criaturas” que aparecem nas experiências humanas com óvni incluem os seguintes:

Homens negros, homens azuis, homens verdes, homens de rosto negro com corpos verdes;

Homens com escamas de peixe, anões peludos, anões carecas com uma cabeça enorme, humanoides sem braços;

Anões com três dedos, anões com oito dedos, homens com garras, homens com um único olho;

Homens com orelhas de elefante, Mulheres assexuadas com cabelos longos, homens-macacos, homens-pássaros;

Robôs, entidades na forma de latas de cerveja andando sobre nadadeiras, coisas sem cabeça, anões em uniformes nazistas;

Sinistros seres “Cinzentos” que se empenham em algum cruzamento sexual e/ou manipulações genéticas com humanos.

Essa é apenas uma zoologia parcial da experiência com óvnis.

Os aparelhos preferidos por essa estranha tripulação inclui grandes bolas de luz, pequenas bolas de luz, conjuntos de luz, naves metálicas, discos achatados, discos cônicos, discos na forma de moedas, discos na forma de domos, ovais, esferas, esferoides, aparelhos em forma de charutos, cubos, tetraedros, crescentes, “ovos”, formas de lágrima, bumerangues. Essa também é uma lista parcial.

“Estamos sendo invadidos por seres de uma dúzia de galáxias”, disse Otto Binder, um crente na teoria dos óvnis, quando essa lista lhe foi mostrada.

Uma consistência aparece de fato nesse quadro confuso: aqueles que tiveram Encontros Imediatos mostram mudanças acentuadas de personalidade. Em um extremo, encontramos surtos paranoicos e esquizofrênicos ou ansiedades agudas que requerem hospitalização; no outro, “iluminações” similares às aquelas de Buda, Maomé, Jesus, São Paulo. No meio, encontramos uma grande quantidade de fanatismo messiânico típico da religiosidade vulgar em todo lugar.

Outros conjuntos estatísticos podem ser encontrados na literatura; *Luzes ofuscantes* são muito comuns – será que nos lembramos de São Paulo e dos milhares em Fátima? E *sons de tambores e murmúrios* são também comuns – como no xamanismo em geral, em Fátima e até

mesmo no tão sofisticado sistema de alteração mental como o Budismo tibetano.

As pessoas não devem subestimar esse fenômeno só porque é irracional. É igualmente irracional o fato de 900 pessoas tomarem cianureto somente porque um paranoico, sob o efeito de estimulantes, disse a eles que o tomassem; o nazismo e a Santa Inquisição eram igualmente irracionais. Como o dr. Jacques Vallee disse para o comitê da ONU sobre óvnis,

*É o terceiro aspecto do fenômeno óvni que merece total atenção... O terceiro aspecto é o sistema social de crença que foi gerado pela... expectativa de visitantes espaciais. A crença... está criando novas religiões, conceitos culturais e políticos aos quais a ciência social tem dado pouca atenção. [Itálico no original.]*²⁹

O Racionalismo – uma filosofia pela qual sentimos grande simpatia, como sentimos por um parente distante – quer pegar os “observadores” de óvnis pelo colarinho, sacudi-los vigorosamente e gritar em seus ouvidos: “Olhem aqui, fulano e ciclano. Isso nunca aconteceu! – Entendeu, meu caro?”. Bem, talvez não tenha acontecido – ou talvez tenha. Em qualquer caso, os observadores de óvnis são todos artistas melhores do que eles imaginam.

Deveria também ser óbvio que o Racionalista seja um artista melhor do que *ele* imagina. Dentre milhões de pessoas que tiveram ou criaram tais experiências a cada dia em cada cidade do planeta, o Racionalista criou uma realidade separada na qual tais coisas nunca acontecem – para ele.

Discos voadores e ESP [Experiência Extrassensorial] (sem mencionar Fátima e seus “milagres”) podem parecer muito distantes da “decisão” de Patty Hearst de tornar-se uma ladra de bancos. Estamos tentando mostrar que há uma conexão íntima entre todas essas bizarrices da consciência.

O processo pelo qual construímos uma cadeira de cozinha a partir de um turbilhão de energia atômica é tão *criativo* (artístico) quanto os processos pelos quais Patty Hearst transformou seu amado pai em um Porco Imperialista.

29. O dr. Carl Jung comparou os óvnis em geral e, particularmente, os Encontros Imediatos com os “sinais e maravilhas” que acompanham a destruição do paganismo romano e a ascensão do Cristianismo. É irônico lembrar que os Racionalistas daquela época – os estoicos, os epicúreos e outros herdeiros da tradição do ceticismo filosófico dos gregos – consideravam o Cristianismo com tanto desprezo quanto o Racionalista moderno considera os óvnis. Eles simplesmente se recusaram a olhar para o que estava acontecendo, até que sua sociedade foi tomada pela mudança de paradigma para um novo túnel de realidade.

Seu mundo inteiro foi construído dessa forma. Você está “reconciado” com a morte porque lhe foi dito, a vida inteira, que todos devemos morrer. Apenas uma minoria de extropianos – que pode ser encontrada onde quer que cientistas, fãs de ficção científica, futuristas e entusiastas do espaço se juntem – está vivendo na realidade apartada que afirma que nós não temos mais de aceitar esse axioma do desespero.

Os revolucionários de qualquer década se tornarão os reacionários da próxima década, se eles não mudarem seu sistema nervoso, *porque o mundo em torno deles está mudando*. Aquele que permanecer parado em uma era em movimento, correndo e acelerando, move-se para trás, relativamente falando. Assim, há centenas de seminários “Tanatológicos” disponíveis que pertenceram ao Movimento da Consciência Revolucionária e hoje pertencem ao Movimento da Consciência Reacionária. Esses seminários são planejados para reconciliar as pessoas com a morte e são quase tão reacionários quanto os seminários de ca. 1860, que haviam sido planejados para reconciliar os negros à escravidão.

Apenas uma ramificação do Movimento da Consciência, os Seminários Theta de Leonard Orr, foi planejada para preparar as pessoas para a nossa imortalidade vindoura.

EXERCÍCIOS

1. Compre uma cópia da revista da Ciência Cristã, *Sentinela*, e leia todas as curas pela fé relatadas naquele mês. Observe que cada “milagre” é atribuído ao ensinamento correto, conforme transmitido por Jesus Cristo e Mary Baker Eddy.

2. Compre uma cópia do *The Peyote Cult*, do antropólogo Weston LeBarre, que atribui os mesmos efeitos à autossugestão.

3. Leia *Brain/Mind Bulletin* de qualquer ano recente e observe que curas similares são relatadas regularmente e atribuídas às *endorfinas* no cérebro.

4. Testemunhas têm atestado que Jim Jones (como alguns outros profissionais da cura pela fé) usaram *shills* parte do tempo; um *shill* é uma pessoa que finge ter estado doente e pretende ter sido curada a fim de conseguir colocar a audiência na sintonia mental apropriada. Releia *todos* os milagres no Novo Testamento usando cada um desses filtros: Jesus tinha o ensinamento correto; Jesus estava usando a autossugestão; os cérebros dos sofredores liberaram *endorfinas* quando Jesus deu a eles a autossugestão positiva; Jesus era um charlatão que usava *shills*.

Como você não estava lá naquela época, sua escolha entre essas teorias ou uma combinação das mesmas, diz mais sobre Jesus ou mais sobre o seu próprio túnel de realidade preferido?

5. Você já tentou de verdade o nosso exercício “Posso superar todas as minhas prévias esperanças e ambições?”. *Tente*; e, ao mesmo tempo, experimente: “Posso ser mais saudável do que jamais fui antes”.

CAPÍTULO 14

O Circuito da Metaprogramação

O homem é ignorante da natureza do seu próprio ser e poderes. Mesmo a ideia de suas limitações está baseada na experiência do trampolim. Não há, portanto, razão alguma para associar limites teóricos ao que ele poderia ser ou ao que ele poderia fazer.

– Aleister Crowley, *Magick*



De acordo com Alfred Korzybski, qualquer “ideia” ou estado mental é um circuito cerebral que o próprio cérebro consegue contemplar e, por conseguinte, uma ideia sobre a ideia ou um estado mental sobre

o estado mental, etc. Não há um limite teórico ou real para o processo de ordenação superior; trata-se do “Infinito Interior” do qual falam os místicos.

O dr. John Lilly diz: “Na província da mente, aquilo em que se acredita ser verdade é verdade ou se torna verdade dentro dos limites a serem aprendidos pela experiência e pela experimentação. Esses limites são, posteriormente, outras crenças a serem transcendidas. Na província da mente não há limites”.

A mente e seu conteúdo são funcionalmente idênticos: minha esposa apenas existe, *para mim*, na minha mente. Sem ser solipsista, reconheço o inverso: eu apenas existo, *para ela*, na mente dela. Para que o leitor não exclame, assim como fez Byron de Wordsworth ao dizer: “Gostaria que ele explicasse a sua explicação!”, vamos tentar o seguinte: se eu sou tão afortunado a ponto de poder ouvir a sonata *Hammerklavier*, se você me perguntar de repente “Quem é você?”, a única resposta correta seria que eu cantarolasse a melodia de *Hammerklavier*. Pois, com uma música dessa qualidade, a pessoa fica hipnotizada e tem sua atenção capturada: não há divisão entre “mim” e “minha experiência”.

Na meditação profunda, quando penso em mim, sou eu; quando penso em mim e em você, sou eu e você; quando penso só em você, não estou mais presente; quando penso em Deus, sou Deus. *O que eu vejo com meus olhos fechados e com meus olhos abertos é a mesma coisa: circuito cerebral.*

O matemático J. W. Dunne coloca a matéria em uma parábola. Um pintor, que escapou do hospício onde estava confinado (justa ou injustamente), decidiu pintar o campo no qual ele se encontrava. Ao terminar, ele olhou para o resultado e percebeu que havia algo faltando: faltavam ele mesmo e a sua pintura que faziam parte do campo. Então ele recomeçou e pintou a si mesmo e ao seu quadro no campo. Mas, ao examinar os resultados por meio de uma análise filosófica, ele percebeu que algo ainda estava faltando: faltavam ele mesmo e a sua pintura na qual ele estava pintando a si mesmo e a sua pintura no campo. Então ele recomeçou uma terceira vez... e uma quarta... *ad infinitum.*

Neste ponto estamos pensando nos quadros de M. C. Escher ou podemos recordar o conto folclórico do fazendeiro que foi para o mercado com dez asnos, cavalgando um deles. Depois de um tempo, ele começou a se perguntar se algum dos asnos havia se desgarrado do grupo. Começou a contá-los e parecia haver apenas nove.

Perturbado, ele desceu e andou em torno do bando, contando cuidadosamente – e afinal havia dez asnos. Então ele montou e continuou

a viagem, até que começou a se preocupar de novo. Então ele contou outra vez... e havia nove. Então desmontou, voltou a contá-los e encontrou os dez. O processo é repetido várias vezes até ele finalmente resolver o problema carregando um asno em suas costas e conduzindo os outros nove.

O truque do “asno que some” é a epítome de ideias sobre ideias sobre ideias, pinturas de pinturas de pinturas, etc. O asno que desaparece é uma sinédoque do circuito da metaprogramação do sistema nervoso.

O circuito da metaprogramação – conhecido como a “alma” no gnosticismo, a “não mente” (*wu-hsin*) na China, a Luz Branca do Vazio no Budismo tibetano, *Shiva-darshana* no Hinduísmo, o Verdadeiro Centro Intelectual em Gurdjieff – simplesmente representa o cérebro tornando-se consciente de si mesmo. O artista vendo a si mesmo em sua pintura, vendo a si mesmo vendo a si mesmo em sua pintura... Na metáfora zen, é um espelho que reflete tudo, mas não se detém em nada. É um espelho da consciência que sabe que pode sempre refletir alguma outra coisa ao mudar o seu ângulo de reflexão.

Isso é analisado matematicamente no livro *Laws of Form*, de G. Spencer Brown; um livro análogo ao de Hofstadter – *Gödel, Escher, Bach* – que não usa a matemática de Brown, mas a de Gödel, e emprega exemplos da música de Bach e as pinturas de Escher.

A maior parte da literatura ocultista do mundo – à parte os 95% dela que é puro lixo – consiste em *truques*, *trapaças* e *jogos* (que os hindus chamam de *upaya*, “modos espertos”) para disparar a consciência da metaprogramação. Isso geralmente significa conduzir o aluno “em volta do celeiro de Robin Hood” tantas vezes quanto for necessário, até que a pobre vítima descubra que ela mesma criou o celeiro.

Por exemplo, um jogo popular entre os ocultistas da Califórnia – não conheço o seu criador – envolve uma Sala Mágica, muito semelhante ao Domo do Prazer discutido anteriormente, exceto pelo fato de que *essa* Sala Mágica contém um Computador Onisciente.

Para jogar esse jogo, você simplesmente se “projeta astralmente” para dentro da Sala Mágica. Não pergunte o que “projeção astral” significa e não presuma que seja metafísico (e portanto impossível, se você for um materialista, ou muito difícil, se você for um místico).

Apenas assumo que isso seja um *gedankenexperiment*, um “jogo mental”. Projete-se, na imaginação, para dentro dessa Sala Mágica e visualize vivamente o Computador Onisciente, usando os detalhes que precisar para tornar esse superprocessador de informações real à sua fantasia.

Você não precisa de qualquer conhecimento de programação para lidar com esse computador astral. Ele existe logo no início do próximo século; você irá usá-lo para uma espécie de viagem no tempo, se essa metáfora for divertida e útil para você. Ele é construído de uma maneira que responde imediatamente às ondas cerebrais, “lendo” e decodificando seu significado. (Protótipos toscos de tais computadores já existem.) Então, quando você está dentro dessa sala mágica, pode perguntar qualquer coisa a esse Computador, apenas pensando o que você quer saber. Ele irá ler seu pensamento e projetará para dentro do seu cérebro, por meio de um raio *laser*, a resposta correta.

Há apenas um pequeno problema. O computador é muito sensível a *todas* as ondas cerebrais. Se você tiver dúvidas, ele as registra como comandos negativos, significando “Não responda a essa questão”. Então, o modo de usá-lo é começar simplesmente com questões “fáceis”. Peça a ele para vasculhar os arquivos e encontrar o nome de seu professor do segundo ano. (Quase todo mundo se lembra do nome do professor do primeiro ano – novamente a vulnerabilidade à cunhagem –, mas o nome do professor do segundo ano tende a se perder.)

Quando o computador conseguir recuperar o nome do seu professor do segundo ano, tente questões mais difíceis, mas não uma que seja *muito difícil*. É bastante fácil sabotar essa máquina, mas você não quer sabotá-la durante esses experimentos. Você quer verificar o seu bom desempenho.

É sábio perguntar apenas uma questão por vez, já que requer *concentração* manter esse computador mágico como real no campo da sua percepção. Não esgote a sua capacidade de imaginação e de visualização em suas primeiras tentativas.

Depois de alguns experimentos triviais como o do professor da segunda série, você pode tentar programas mais interessantes. Pegue uma pessoa por quem você tenha sentimentos negativos, como raiva, decepção, sentimento de traição, inveja ou qualquer coisa que interfira na operação suave e tranquila do seu próprio biocomputador. Peça ao Computador Mágico para *explicar* essa outra pessoa para você e para introduzi-lo dentro do túnel de realidade dela durante tempo suficiente para você poder entender como esses eventos a ela se apresentam. Especialmente, pergunte *como você é visto por ela*.

O Poeta Orou:

Oh! Que algum poder nos dê o dom
para nos vermos como os outros nos veem

Esse computador fará esse trabalho para você; mas esteja preparado para alguns choques que podem ser desagradáveis no começo.

Esse supercérebro também pode executar exegese em ideias que podem parecer-nos obscuras, paradoxais e enigmáticas. Por exemplo, experimentos iniciais com esse computador podem ser bem lucrativos ao ser perguntado para explicar algumas das proposições deste livro que parecem inexplicáveis ou perversamente desatinadas para você, tais como “Somos todos artistas maiores do que percebemos” ou “O que o Pensador pensa, o Demonstrador comprova” ou “a mente e o seu conteúdo são funcionalmente idênticos”.

Esse computador é muito mais poderoso e cientificamente avançado do que a máquina de arrebatamento no circuito neurosomático. Ele tem total acesso a todos os circuitos anteriores e primitivos, e domina todos eles. Ou seja, se você colocar uma instrução de metaprogramação nesse computador, ele a transmitirá para os velhos circuitos e cancelará programas contraditórios deixados do passado. Por exemplo, tente alimentá-lo com tais instruções de metaprogramação como:

1. Estou no comando do meu corpo.
2. Estou no comando da minha imaginação.
3. Estou no comando do meu futuro.
4. Minha mente está repleta de beleza e poder.
5. Eu gosto das pessoas e elas gostam de mim.

Lembre-se de que esse computador está apenas algumas décadas adiante da tecnologia atual, portanto ele não consegue “entender” seus comandos se você tiver qualquer dúvida a seu respeito. Dúvidas dizem a ele para não funcionar. Trabalhe sempre a partir daquilo que você pode acreditar, ampliando a área da crença somente se os resultados o encorajarem a tentar transformações mais dramáticas dos seus túneis de realidade passados.

Isso representa a *consciência cibernética*; o programador torna-se autoprogramador, autometaprogramador, metametaprogramador, etc. Exatamente como as compulsões do segundo circuito parecem primitivas, mecânicas e, afinal, tolas à consciência neurosomática, também os mapas de realidade do terceiro circuito tornam-se cômicos, relativistas, semelhantes a jogos para o metaprogramador.

“O que quer que você diga que é, não é”, Korzybski, o semanticista, repetia infinitamente em seus seminários, tentando tornar claro que os mapas semânticos do terceiro circuito não são os territórios que eles representam; que nós podemos sempre fazer mapas de nossos mapas, revisões das nossas revisões, metasselves de nossos *selves*.

“*Neti, neti*” (isso não, isso não), dizem os professores hindus tradicionalmente quando lhes perguntam o que é “Deus” ou o que é “Realidade”.

Iogues, matemáticos e músicos parecem mais inclinados a desenvolver consciência metaprogramadora do que a maioria da humanidade. Korzybski até afirmou que o uso de *scripts* matemáticos ajuda a desenvolver esse circuito, pois tão logo você pense em sua mente como mente¹, e a mente que contempla aquela mente como mente² e a mente que contempla a mente contemplando a mente como mente³, você está bem no seu caminho da conscientização da metaprogramação. *Alice no País das Maravilhas* é um guia-mestre para o circuito da metaprogramação (escrito por um dos fundadores da lógica matemática), e Aleister Crowley sobriamente estimulava seu estudo para todos os alunos de ioga.

R. Buckminster Fuller ilustra o circuito da metaprogramação, em suas palestras, ao apontar que nos sentimos insignificantes comparados ao tamanho do Universo, mas apenas nossos corpos (hardware) são insignificantes. Nossas mentes, ele diz – pelo que ele quer dizer software –, *contêm* o Universo, pelo ato de compreendê-lo.

O sétimo circuito, o da metaprogramação, é o mais recente no tempo evolucionário e parece estar localizado nos *lóbulos frontais*. É por isso que o exercício hindu tradicional para ativá-lo é fixar a consciência à frente da frente e ali segurá-la, hora após hora, dia após dia, ano após ano, até que o metaprogramador desperte e você comece a perceber e criar realidades infinitas onde antes havia apenas uma “realidade” estática na forma de uma cela de prisão na qual você estava preso.

Como dito antes, esse circuito é a “alma” dos gnósticos, distinta do self. O self parece ser fixo e firme, mas não é; ou seja, não importa o circuito no qual você está operando no momento, ele é o seu “self” naquele momento. Se eu aponto uma arma para você, você vai imediatamente para o Circuito I de consciência, e esse é o seu “self” naquele instante. Mas se você está sexualmente atraído por alguém, você vai para o Circuito IV e esse é o seu “self” até que você esteja orgasmicamente satisfeito (ou desesperadamente frustrado).

A maioria dos exercícios preliminares nas escolas sufi e de Gurdjieff consiste em tornar você consciente de que o “self” não é constante, mas oscila para a frente e para trás entre as cunhagens, nos vários circuitos.

A “alma” ou Circuito VII é constante, porque é, como dizem os chineses, vazia ou sem forma. Ela desempenha todos os papéis que você desempenha – dependente oral, tirano emocional, racionalista frio, sedutor romântico, curador neurossomático, Visionário Evolucionário

neurogenético –, mas não é nenhum deles. *Ela é plástica*. É sem forma porque é todas as formas. É o “Vazio criativo” dos taoistas.

Se isso possa parecer não fazer sentido, ele é inevitável nesse nível. Como Lewis Morgan nota, nos livros sobre linguística sempre chega um ponto no qual a própria prosa se torna loucamente incompreensível, desintegrando-se em bobagem sem sentido.

O mesmo acontece, Morgan observa, além de um certo ponto na matemática moderna:

O Teorema de Gödel foi-me certa vez explicado por um paciente, um gentil matemático, e no momento em que eu estava entendendo tudo a seu respeito, aquiescendo apreciativamente a beleza da ideia toda... tudo se transformou em tolice em minha cabeça.

Isso acontece tanto na linguística quanto na matemática, porque *acontece na própria consciência*; linguagem e matemática são apenas modelos de consciência.

A “mente” é uma ferramenta inventada pelo Universo para ver a si mesmo; mas ele nunca consegue ver o todo de si mesmo, pelas mesmas razões que você não consegue ver suas costas (sem um espelho). Ou, como Alan Watts gostava de dizer, porque a língua afinal não consegue sentir o gosto da própria língua.

Ideias sobre ideias – matemática sobre matemática (Gödel) – linguagem sobre linguagem – consciência da consciência – o sétimo circuito inteiro nos leva para o que Hofstadter chama de *Espirais Estranhas*. Como o lendário pássaro ko-ko, nós corremos em torno do nosso próprio rabo em círculos cada vez menores, mas, diferentemente daquele pássaro mítico, nunca completamos o processo e, mostrando nosso traseiro, levantamos voo e desaparecemos. Isso apenas parece que, no momento em que estamos prestes a nos autodestruirmos daquela maneira colorida, decidimos que o que estivemos lendo, ou pensando, ou percebendo, é tudo “bobagem”.

Mas não é *tolice*. Estamos meramente confrontando o infinito onde menos esperávamos encontrá-lo – em nossos próprios e solitários seres.

Físicos reuniram-se com linguistas, matemáticos e psicólogos nesse salão de espelhos, marco da programação, quando Schrödinger demonstrou que os eventos quânticos não são “objetivos” no sentido newtoniano. Por 50 anos desde então, físicos têm lutado para construir um sistema que os removesse dessa Estranha Espiral. Os resultados têm sido tão divertidos quanto um *koan* (enigma) zen.

Por exemplo, Niels Bohr propôs a Interpretação de Copenhagen, que meramente diz, à maneira de Gödel, que nossas equações não descrevem realmente o Universo. Elas descrevem os processos mentais nos quais devemos nos colocar para descrever o Universo. É verdade – e este livro todo é uma Interpretação de Copenhagen sobre psicologia e tudo deve ao dr. Bohr, porém ainda estamos em uma Espiral Estranha da qual a maioria dos físicos quer sair.

O dr. John Von Neumann comprovou que não havia saída. Isso é tecnicamente conhecido como a Catástrofe do Regresso Infinito, do próprio Neumann, e simplesmente mostra que qualquer dispositivo que nos remova da primeira Espiral Estranha (o colapso da objetividade de Copenhagen) irá apenas nos levar a uma segunda Espiral Estranha; e qualquer saída dela nos levará inexoravelmente a uma terceira Espiral Estranha; e assim por diante, indefinidamente.

Muitos tentam refutar Von Neumann, mas ninguém teve êxito.

“Não consigo sair – meus chifres não passam pela porta...”

O circuito da metaprogramação *não* é uma armadilha. Como Joyce diria, ele só parece ser semelhante a um maldito que seja. Simplesmente aceite que o Universo é assim estruturado para que possa ver a si mesmo, e que esse arco autorreflexivo é construído dentro de nossos lóbulos frontais, de modo que a consciência contenha um regresso infinito, e tudo o que podemos fazer é produzir modelos de nós mesmos produzindo modelos...

Bem, nesse ponto, a única coisa a fazer é relaxar e aproveitar o show.

É isso o que os hindus chamam de *Shiva-darshana*, ou a dança divina. Você ainda está na vida ou a vida está em você, mas já que há aspectos infinitos em tudo, especialmente em “você” que está observando/criando toda essa confusão e todos esses modelos, *não há limites*.

O único objetivo sensato, então, é tentar construir um túnel de realidade para a próxima semana que seja maior, mais divertido, mais sexy, mais otimista e, geralmente, menos entediante que qualquer túnel de realidade anterior.

E depois que você construiu esse universo de pensamento maior, mais divertido, mais feliz, construa um ainda maior e melhor, para o próximo mês.

EXERCÍCIOS

1. Se tudo o que você consegue conhecer são seus próprios programas cerebrais operando, o Universo todo que você experimenta está

dentro da sua cabeça. Tente apegar-se a esse modelo por pelo menos uma hora. Observe com que frequência você se pega sentindo que o Universo está *fora de você*.

2. Considere o sistema de crença ou túnel de realidade de um leitor educado há 1200 anos – em 797 d.C. Quanto daquele túnel de realidade ainda parece “Real”? Quanto do nosso túnel de realidade era desconhecido ou invisível naquela época?

3. Considere o túnel de realidade de uma pessoa sendo educada 1.200 anos no futuro – em 3197 d.C. Quanto do nosso túnel de realidade vai ainda parecer “Real”? Quanto do túnel de realidade de 3197 é desconhecido ou invisível para nós?

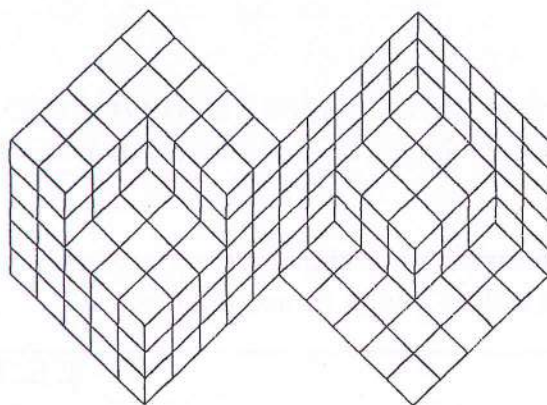
4. Releia o encontro de Moisés com EU SOU QUEM EU SOU, em Deuteronômio. Tente a teoria de que Moisés estava conversando com seu próprio circuito de metaprogramação.

CAPÍTULO 15

Modelos Diferentes e Apuros Diferentes

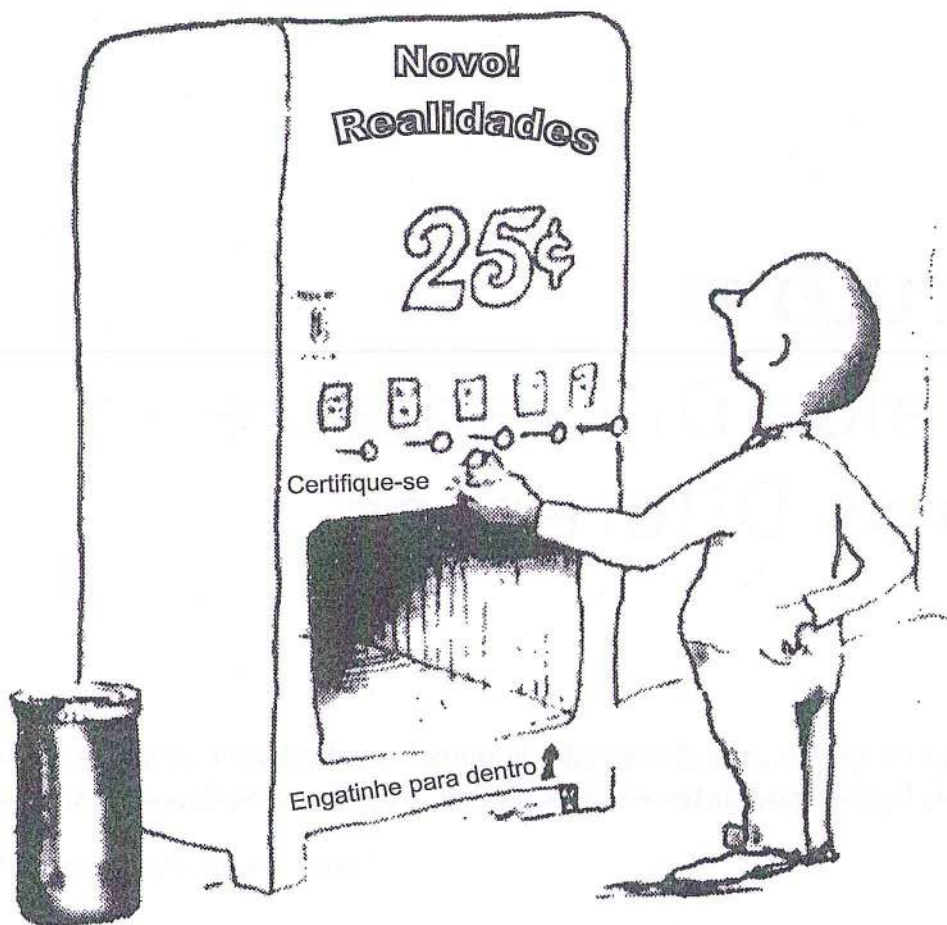
Isso³⁰ não é apenas uma dissipação de manchas e borrões e de notas desconjuntadas ligados por surtos de velocidade... é apenas uma danada impressão.

– James Joyce, *Finnegans Wake*



Quando uma mudança de paradigma ocorre – quando, de uma maneira de ver as coisas passamos a enxergá-las de outra – *o mundo inteiro é refeito*. Tudo o que “sabemos” é o que o nosso cérebro registra; assim, o que você percebe (seu túnel de realidade individual) é somente composto de pensamentos – tal como *sir* Humphrey Davy notou quando realizava autoexperiências com óxido nítrico, em 1819, e como Buda

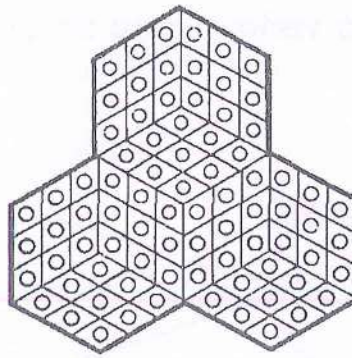
30. Presumivelmente trata-se do *input* (software) ou do cérebro (hardware). Ou de ambos.



**“REALIDADE” É O RESULTADO TEMPORÁRIO DAS LUTAS
CONSTANTES ENTRE GANGUES RIVAIS DE PROGRAMADORES.**

E cada momento é uma nova e chocante
Transvaloração de tudo o que já fomos um dia.

– T. S. Eliot, *Four Quartets*



notou ao permanecer sentado, sozinho, até que todas as suas cunhagens sociais atrofiassem e desaparecessem.

A revolução copernicana na astronomia, a revolução darwiniana na biologia, as revoluções da relatividade e quântica na física, todas foram chocantes para aqueles que passaram por elas como a Revolução Imortalista é hoje.

Você pode viver no túnel de realidade cunhado em você pelo acidente ambiental ou pode escolher a sua própria cunhagem. Você pode passar por mudanças mentais tão radicalmente ruins como aquelas de Patty Hearst e Rusty Calley ou tão transcendentalmente belas como aquelas de Buda e Jesus ou tão epistemologicamente revolucionárias como aquelas de Darwin e Einstein.

Você pode juntar-se àqueles que já entraram no Túnel de Realidade do Imortalista, o Túnel de Realidade do Cientologista ou o Túnel de Realidade do Comunista.

“Atualmente, há muitas realidades diferentes acontecendo”, Abby Hoffman disse certa vez. A aceleração evolucionária está nos forçando ao momento em que cada um terá de assumir a responsabilidade pela realidade que aceitamos.

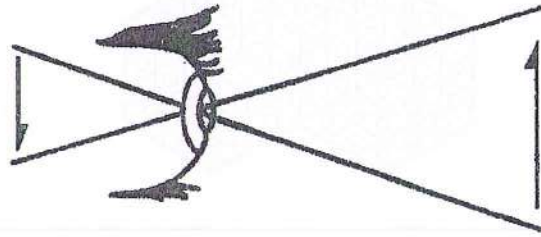
Quinze milhões de americanos estão esperando, confiantes, pelos Space Brothers (Irmãos do Espaço) chegarem em seus óvnis e imporem a Paz Mundial.

O óvni é o, ou um, caso extremo. Em geral, *tudo o que vemos está dentro de nossa cabeça.*

Isso é demonstrado pelo bem conhecido diagrama ótico encontrado em qualquer aula de física no colegial:

Os raios de luz do objeto externo são refletidos através das lentes do olho na retina e ficam invertidos no processo. O cérebro obrigatoriamente interpreta a imagem, virando-a de cabeça para cima, e editando-a de outros modos mais sutis.

O que acontece com a visão, ocorre também com os outros sentidos. O que nós sabemos é o que o nosso cérebro registra. Essa é a res-



posta para o famoso *koan* (enigma) zen-budista: “Quem é o Ser Divino que faz a grama verde?”.

Ao longo da rotina dos 100 milhões de programas por minuto, mencionados anteriormente, o cérebro insere, edita, dirige, organiza, empacota, rotula, etc. toda experiência “existencial” natural e a classifica de acordo com o Sistema Decimal neurológico de Dewey. Esse sistema varia de sociedade para sociedade; daí o relativismo cultural – o que é “real” para o esquimó não é exatamente o que é “real” para um taxista nova-iorquino.

Recapitulando: cada indivíduo tem um sistema neurológico, ou jogo, diferente dos outros membros da mesma sociedade. De acordo com o relativismo físico de Einstein e o relativismo cultural da antropologia, podemos chamar isso de *relativismo neurológico*.

O vegetariano não “vê” (experimenta) a carne em uma prateleira do açougue da mesma forma que um consumidor de carne a vê. O racista não vê um membro de outra raça como, digamos, os pais daquela mesma pessoa a veem. De modo mais geral, como o poeta nos diz: “O Tolo não vê a mesma árvore que o Sábio vê”.

Dentre as muitas tarefas editoriais do cérebro, executadas tão rápida e suavemente que nem notamos, está a classificação de distintos *quanta* de percepção de “interno” e “externo”. Nós aprendemos com o tipo de experiência de metaprogramação chamado *dhyana*, das tradições hindu e budista, que esse sistema não está de acordo com o fato de que aprendemos com a ótica e com a neurologia; que ele pode ser abolido inteiramente, com grande benefício em termos de *insight*.

Crowley diz da experiência do *dhyana*:

No curso da nossa concentração, notamos que os conteúdos da mente, em qualquer momento, consistiram somente em duas coisas, e não mais: o Objeto

(externo), variável, e o Sujeito (interno), invariável, ou aparentemente invariável. Ao obter o sucesso no dharana,³¹ o objeto tornou-se tão invariável quanto o sujeito.

Ora, o resultado disso é que os dois se tornam um. Esse fenômeno é geralmente percebido como um tremendo choque.

Em nossas palavras, “*mente*” (o que quer que isso seja) *e seus conteúdos são funcionalmente idênticos*. O sistema normal de classificar o conteúdo como “eu” (parte da “mente”) e não “eu” (“fora”) pode ser abolido – não apenas por meio da meditação, mas por certas drogas bem conhecidas – e a unidade do campo da percepção é então reconhecida, tornando-nos Metaprogramadores.

Isso é o que podemos esperar dos triunfos na teoria de campo e nas teorias de sistemas gerais da sociologia, antropologia, teoria quântica, etc. Isso ainda é percebido como um choque distinto quando é experimentado, não apenas falado a respeito. Quando “eu” e o “meu mundo” (campo da percepção) se tornam um, “eu” sou transformado totalmente em “um fogo de refinador”, como dizem os místicos.

Isso soa um pouco enigmático para a pessoa comum sem experiência em jogos de mudança mental. Tente essa ilustração: presumindo que você esteja lendo isto em sua casa, dê uma olhada na sala. Observe que tudo em seu campo de visão – mobília, quadros ou pôsteres nas paredes, aparelho de som ou ausência do mesmo, tapetes, tevê ou sem tevê, etc. – é, em um sentido, a sua *criação* ou *cocriação*. Você e/ou seu consorte ou parceiro(s) de quarto *selecionaram* tudo o que entrou nessa sala. Você também *selecionou* ou cosselecionou aquela sala em particular, dentre milhões de salas neste planeta onde você possa porventura viver. Então, o túnel de realidade daquela sala, em um sentido bem real, foi “*criado*” ou “*manifestado*” por você, a partir de um universo de infinitas possibilidades.

É claro, somente os mais fanáticos freudianos e místicos budistas afirmariam que a história de sua vida inteira foi “selecionada” de modo semelhante por você mesmo. Mas pare e pense por um momento: a história de vida que você *acha* que tem, a parte que está armazenada em seu cérebro como “memória”, foi certamente selecionada. Você nem consegue se lembrar de *tudo* o que aconteceu nos últimos cinco minutos. Se você tentar ficar intimamente em silêncio (passivo; não verbal) e tentar observar tudo o que está acontecendo em seu campo por

31. Meditação silenciosa sobre um objeto por muitas semanas, como a meditação do monge zen com o touro.

um minuto, você será sobrecarregado por milhares de impressões que não consegue catalogar ou reter.

Conclusão: o que você é e o que você pensa ser é uma criação editada e dirigida pelo seu cérebro.

Todas as pessoas que você conhece são “artistas” que produziram uma criação semelhante.

E essas criações são, todas elas, tão diversas e idiossincráticas quanto os estilos musicais de Bach, Beethoven, do rock, Wagner, Vivaldi, Bizet, Orff, Chopin, John Cage, de soul, dos Beatles, Harry James, disco, canções populares escocesas, cantos africanos...

Quanto ao universo “fora” de você: é claro, você não criou isso. Mas apenas *porque você não o criou, nunca poderá conhecê-lo...* exceto aproximadamente. O que você conhece e considera como “o universo externo” é outra parte do seu cérebro que fez de seus circuitos *um modelo* que você identifica com o universo externo.

Esses modelos são tão variados e mistos como as pinturas de Botticelli, Rembrandt, Van Gogh, Picasso, Paul Klee, Wyeth, Dali, Monet...

Esse é o significado da noção de que *a mente e seus conteúdos são funcionalmente idênticos*.

Considere a velha rima popular:

Eu vi um homem na escada,
Um pequeno homem que lá não estava
Ele não estava lá de novo hoje;
Poxa! Eu queria que ele fosse embora.

Esse pequeno homem é um *fantasma semântico*; ele existe apenas na linguagem e, no entanto, uma vez que a linguagem o tenha invocado, *quase que parece fazer sentido* desejar que ele vá embora.

Avanços recentes em semântica, semiótica, análise linguística, fundamentos da matemática, lógica, etc. têm demonstrado que o nosso campo conceitual – nosso ambiente simbólico – é assombrado por muitos desses “fantasmas”.

Há paradoxos empedocleanos, dos quais o clássico é:

TUDO NESTA CAIXA É FALSO

Os teólogos ficam vexados por questões como: Pode um Deus onipotente criar uma rocha tão pesada que Ele mesmo não consiga levantar? (Se ele não pode, ele não é onipotente; e, se ele pode, ele também não é onipotente.) Filósofos e físicos ainda ficam incomodados com: o que aconteceu antes do início do Tempo? Alguém deve ter comentado: “Sou feliz por não gostar de couve-flor, porque se eu gostasse eu teria de comê-la e eu odeio essa coisa”. *Alice no País das Maravilhas* e qualquer tratado sobre lógica matemática oferecem centenas de exemplos desses semelhantes quebra-cabeças.

Um dito zen resume tudo isso:

“Pensar que eu nunca mais pensarei em você é ainda pensar em você. Deixe-me então tentar não pensar que não vou pensar em você.”

Bertrand Russel e Alfred North Whitehead tentaram resolver tais charadas com uma proposição matemática conhecida como a Teoria dos Tipos. Infelizmente, foi rapidamente apontado que ou (a) a Teoria dos Tipos aplica-se a si mesma e, nesse caso, ela limita a si mesma por seus próprios termos e não resolve todos os nossos problemas semânticos, ou (b) a Teoria dos Tipos não se aplica a si mesma e, nesse caso, há proposições às quais ela não se aplica e é novamente limitada, e somos deixados com os nossos problemas.

Essas perplexidades do terceiro circuito são mais do que de importância técnica, lógica e filosófica. Muitas situações na vida real tomam a forma do nosso ser assombrado por nossos próprios fantasmas semânticos. Por exemplo, o romance popular *Catch-22* lida com um nó empedocleano bem real: o herói pode escapar da guerra se ele puder provar que é louco, mas, se ele tentar fazer isso, ele irá provar que é são, pois é são escapar de uma situação perigosa.

A lógica do mundo do sonho de *Finnegans Wake* também não é tão distante da vida real. Um paciente, de origem alemã, no hospital St. Elizabeth, não queria atravessar portas explicando: “*Da fressen mich die Turen*” (As portas vão me comer). Isso faz total sentido foneticamente, já que é idêntico na pronúncia com “*Da fressermich die Tieren*” (Os animais vão me comer).

Mágica das palavras? Esquizofrenia? A pessoa comum, não um vegetariano, reagirá positivamente para um “macio e suculento filé mignon” no cardápio; mas não para “um pedaço arrancado de um boi castrado e morto”. Mas as duas expressões significam a mesma coisa.

Todos nós tendemos a conjugar frases da maneira caricaturada por Bertrand Russell: “Eu sou firme. Você é obstinado. Ele é um tolo

cabeçudo.” (“Eu sou audacioso e original. Você é pretensioso. Ela não presta.” “Eu sou flexível. Você se curva ao sabor do vento. Eles são um bando de oportunistas.”)

Dizem que a magia da poesia cria “sapos reais em jardins imaginários”. Quando Robert Burns escreve:

A lua minguante está se pondo atrás da onda branca
E o Tempo está se pondo comigo, oh!

é difícil não sentir que a abstração do “tempo” se tornou tão real quanto as físicas Lua e onda – ou o pequeno homem na escada.

Considere a seguinte tabela:

COLUNA I

Intrometido apreciador de negros
Livro sujo
Teoria ousada e original
Empreendimento sexista
Liberal cabeça de vento
Economia sólida e sensível

COLUNA II

Libertário civil
Romance realista
Especulação infundada e implausível
Comerciante de arte rara e exótica
Humanitário apaixonado
Ideia mesquinha e inibidora

Qualquer expressão na coluna I pode descrever pessoas ou eventos que são passíveis de ser bem caracterizados, por uma pessoa diferente, com a expressão correspondente na coluna II. Ora, o leitor pode sentir que algumas das frases acima são pejorativas, portanto, carregadas de preconceito, e que apenas o mais ignorante ou intolerante usaria; mas isso é irrelevante. O que precisa ser observado é a facilidade de enxergar o preconceito no mapa semântico de outra pessoa, mas não é fácil enxergar o preconceito em seu próprio túnel de realidade semântico. Se o leitor tivesse nascido no Arkansas, na década de 1920, o item 1 na coluna I poderia parecer o modo natural, preciso e normal de se referir ao primeiro trabalhador da NAACP [National Association for the Advancement of Colored People (Associação Nacional para o Avanço de Pessoas de Cor)] a se destacar e tentar organizar os negros.

Esses problemas são simbólicos, mais do que linguísticos. Por exemplo, o proverbial homem inglês que se vestia elegantemente para o jantar toda noite em sua solitária cabana tropical, não era um tolo. Ele estava mantendo *uma bolha de realidade inglesa do terceiro circuito* em torno dele, para evitar de ser engolido pela bolha de realidade dos nativos. Veja o que acontece a Kurz no livro *The Heart of Darkness*,

de Joseph Conrad, quando o túnel de realidade africano sobrepuja seu túnel de realidade europeu.

Apenas algumas semanas na prisão levam alguém a se tornar “um condenado”, qualquer que tenha sido anteriormente a definição de si mesmo, assim como apenas algumas semanas no exército são necessárias para alguém se tornar um “soldado”.

Essas observações são outra elucidação da nossa afirmação anterior de que *mente e seu conteúdo são funcionalmente idênticos*. O processo simbolizador é tal que, uma vez colocado em movimento, é praticamente impossível (sem um sutil *know-how* neurológico) escapar de um túnel de realidade que alguém criou para si mesmo ou tenha sido impingido a ele pelo ambiente.

Kurt Saxon é o autor de *The Poor Man's James Bond*, um manual que diz tudo o que você iria querer saber sobre técnicas práticas de assassinato e devastação; *The Survivor*, uma extensão em quatro volumes do mesmo livro, que conta onde adquirir qualquer tipo possível de arma; *Root Rot*, uma invectiva contra Alex Haley por implicar que a escravidão dos negros era injusta; e vários outros livros similares. O sr. Saxon não conseguiu ter seus livros inseridos nas revistas liberais que decidem quais autores são importantes, mas ele tem um amplo número de leitores dentre as seitas apocalípticas de extrema direita do espectro político.

O Sr. Saxon escreveu, na década de 1970, que os Estados Unidos seriam destruídos quase totalmente até 1982. Isso porque o governo tem removido dos negócios os “competentes” por meio da taxa excessiva e subsidiou a aposentadoria de 30 milhões de “incompetentes” e outros 30 milhões de “incompetentes” na Previdência Social. Esse país tem assim se tornado, diz Saxon, “uma Disneylândia para idiotas”.

Até 1982, Saxon disse, a economia inteira entraria em colapso. “Milhões de pagadores de impostos estarão desempregados... Milhões que agora tomam Valium e outros calmantes vão enlouquecer quando não mais conseguirem obtê-los. Viciados em drogas irão enxamear as farmácias à procura de entorpecentes, arruinando tudo o que eles não roubarem...”. Seremos impotentes contra o ataque russo porque “nossos políticos se devotaram tanto a si mesmos... a ponto de a economia não ter mais condição de suportar os custos de uma maior industrialização a fim de colocar a nossa nação em prontidão de guerra. Mesmo que isso não aconteça, não se pode esperar que nossa força de trabalho, exigente e mimada pelo sindicato, tenha o desempenho que nossos pais

tiveram nas fábricas de arsenal de guerra, ao final da década de 1930 e no início de 1940”. A única solução, Saxon nos informa, é comprar fazendas, encomendar seus livros sobre como matar pessoas de modo eficiente e estocar todo tipo de armamento, para combater “os imbecis e os parasitas” que fugirão das cidades condenadas procurando apossar-se das colheitas alheias.

O sr. Saxon acreditou que essas eram *previsões objetivas* baseadas nas sólidas “*leis*” da sociologia e da economia que ele aprendera com as obras da sra. Ayn Rand. Ele não acreditava que esse túnel de realidade apocalíptico no qual ele vive fosse, de qualquer forma, uma *criação artística* que expressa as suas próprias ansiedades e hostilidades emocionais.

John White acredita que a Terra vai sofrer uma mudança em seu eixo em algum período antes de 1999.* Haverá uma “perda massiva de vidas” e a civilização vai ser quase totalmente destruída. A única esperança que você tem, ele diz, é retirar-se para uma fazenda (ao modelo do sr. Saxon) onde você provavelmente será eliminado de qualquer maneira, porém com alguma vantagem sobre as pessoas da cidade por não haver por perto prédios altos caindo sobre você quando a Mudança do Polo der início a terremotos em todo lugar.

O sr. White acredita que essas sejam *previsões objetivas* baseadas nas eternas “*leis*” do *carma* que ele aprendeu com vários ocultistas e gurus. Ele não acredita que o túnel de realidade apocalíptico no qual ele vive seja de qualquer modo uma *criação artística* que expressa suas próprias ansiedades e hostilidades emocionais.

O sr. White também acredita que muitos óvnis são, na verdade, demônios e que depois que a Mudança do Polo nos matar a todos, a nossa maioria irá para o “Inferno”, que não é eterno, felizmente, mas apenas “atemporal”.

Se confrontarmos o mundo sem ideias, vemos apenas uma confusão, o vazio sem forma que existiu antes que “Deus” (intelecto) começasse a criar um universo (um sistema) no Gênesis.

Uma vez que nos tornamos a “imagem de Deus” ao criar nosso próprio universo, temos um modelo da confusão. O modelo é bem conveniente – sem o qual não poderíamos ser humanos –, mas também é bem enganador sempre que nos esquecermos de que nós mesmos o criamos.

Nenhum dos modelos de realidade discutidos neste capítulo, por mais bizarros que possam parecer a alguns leitores, é mais arbitrário do

*N.E.: Dados de 1983, época da edição do original

que o modelo de realidade oficial conhecido como realidade consensual, que é uma média estatística e não é tão consensual quanto parece. Viaje 160 quilômetros em qualquer direção e o consenso começa a se desintegrar. Viaje 1.600 quilômetros e muito pouco consenso restará...

“Os povos da Terra são ilhas”, disse o falecido Clement Atlee, “gritando um para o outro através de oceanos de mal entendidos”. Cada ilha é um túnel de realidade distinto criado por (a) nossa cultura, (b) nossa subcultura e (c) pelo criador de mitos ou *artista* em cada um de nós, que é a individualidade adamantina que faz de você e de mim unidades não replicáveis de seres humanos únicos, como as formigas em um formigueiro.

Robert Anton Wilson é o autor de *Gatilho Cósmico**, *Schrödinger's Cat*, *Sex & Drugs* e vários outros livros. Como o sr. Saxon e o sr. White, Wilson não está inserido nas revistas liberais que decidem quais autores são importantes, mas ele tem um amplo número de leitores dentre os fãs de ficção científica, libertários políticos e veteranos da Consciousness Revolution (Revolução da Consciência).

Wilson acredita que as técnicas de extensão da vida e as drogas que aumentam a inteligência serão descobertas nesta década, e estarão amplamente disponíveis até 2010. Menos radical do que o dr. Silvershtein, Wilson não espera que a imortalidade seja alcançada até a metade do próximo século – mas ele espera que as drogas de extensão da vida irão mantê-lo por aí até lá.

Wilson espera que a maioria da humanidade terá migrado da Terra para cidades espaciais até 2028. Ele espera que, com uma inteligência maior e vidas mais longas do que a humanidade passada, esses pós-terrestres se tornarão gradualmente Super-humanos em comparação com nossa média histórica.

Wilson acredita que essas sejam boas conjecturas, baseadas em probabilidades científicas, mas ele não acha que haja qualquer *lei* sólida da economia ou do carma que as garanta. Ele reconhece que seu túnel de realidade foi gerado por seu próprio cérebro, que ele é o *artista* que o criou e que isso expressa suas próprias esperanças e desejos, bem como probabilidades científicas. Isso é, ele sabe, o túnel de realidade que o torna feliz, criativo, ocupado e cheio de gosto pela vida.

Ele não acha que isso seja de qualquer modo mais maluco do que o túnel de realidade de qualquer outra pessoa e afirma que é bem mais divertido do que qualquer outro.

*Obra publicada no Brasil pela Madras Editora.

EXERCÍCIOS

1. Usando o modelo do quarto circuito, tente adivinhar quais cunhagens específicas criaram o túnel de realidade do sr. Saxon.
2. Aplique a mesma análise ao sr. White e ao sr. Wilson.
3. Aplique a mesma análise a Jesus, Hitler, Walt Whitman e aos próprios pais deles.
4. Escreva uma crítica a este capítulo do ponto de vista do fundamentalismo cristão.

CAPÍTULO 16

O Princípio de SNAFU (O Princípio do Caos)

... a natureza peculiar do jogo... torna impossível [aos participantes] parar o jogo uma vez que tenha sido iniciado. Tais situações nós denominamos de *jogos sem fim*.

– Watzlawick, Beavin, Jackson, *Pragmatics of Human Communication*



A sociobiologia mamífera, enraizada nos circuitos neurais antigos do nosso velho cérebro, contém muitos fatores que se opõem à evolução dos primatas domesticados para a verdadeira liberdade e inteligência objetiva.

O principal desses fatores “reacionários” foi descrito no meu romance *Illuminatus!* como o Princípio de Snafu (Princípio do Caos) ou Lei de Celine. Ele defende que a *comunicação só é possível entre iguais*.

A COMUNICAÇÃO SÓ É POSSÍVEL ENTRE IGUAIS

DOMINAÇÃO “HERRENMORAL”



SUBMISSÃO “SKLAVMORAL”

Essa é a neuropolítica do segundo circuito.

Eles virão a conhecer o Bem.

– James Joyce, *Finnegans Wake*

Isso foi uma supersimplificação para objetivos ficcionais (satíricos). Essa proposta “lei” seria lida da seguinte forma:

A comunicação adequada flui livremente entre iguais. A comunicação entre não iguais é tortuosa e distorcida pelos rituais de Dominação e Submissão do segundo circuito, que perpetuam um congestionamento na comunicação e um Jogo sem Fim.

O poder político, nasce na ponta de uma espingarda como um típico macho alfa disse certa vez. Isso é verdadeiro tanto metafórica quanto literalmente. A “arma” pode ser simbólica e bem abstrata, consistindo em expectativas sociais ritualizadas (“Não responda para o seu pai”), ou concreta, de um jeito não violento, mas mortal, como, por exemplo, a capacidade de eliminar as necessidades da biossobrevivência ao cortar o suprimento de tiquetes em uma sociedade capitalista (“Mais uma palavra e eu demito você, Bumstead!”).

Sob as regras do primata do segundo circuito sociobiológico, todo mundo tende a mentir um pouco, a bajular ou a evitar o desgosto, quando está trocando sinais com seus superiores na hierarquia do bando.

Toda estrutura autoritária pode ser visualizada como uma pirâmide com um olho no topo. Esse é o típico fluxograma de qualquer governo, qualquer corporação, qualquer exército, qualquer burocracia, qualquer bando de mamíferos. Em cada nível, os participantes suportam *um fardo de ignorância* em relação àqueles que estão acima deles. Isto é, eles devem ter muito, mas muito cuidado para que as atividades sensoriais naturais, próprias de organismos conscientes – os atos de ver, ouvir, cheirar, tirar inferências da percepção, etc. – estejam *de acordo com o túnel de realidade daqueles que estão acima deles*. Isso é absolutamente vital; o *status* no bando (e “a segurança do emprego”) depende disso. É bem menos importante – um luxo que pode ser facilmente descartado – que essas percepções estejam *de acordo com o fato objetivo*.

Por exemplo, no FBI sob a direção de J. Edgar Hoover, o agente tinha de desenvolver uma capacidade de ver comunistas ateus em todo lugar. Qualquer agente cuja percepção indicasse que havia, de fato, poucos comunistas ateus nesse país, naquela época, experimentaria *dissonância cognitiva* – seu túnel de realidade estava em divergência com o túnel de realidade “oficial” da pirâmide. Falar sobre tal percepção seria atrair suspeitas de excentricidade, pretensão intelectual ou de ser ele mesmo um comunista ateu.

O mesmo se aplicaria a um inquisidor dominicano na Idade Média que não tinha a capacidade de “enxergar” bruxas em todo lugar. Em tais

situações de autoritarismo, é importante ver o que os Chefes do bando (machos alfas) veem; é inconveniente, e possivelmente perigoso, ver o que está acontecendo objetivamente.

Mas isso conduz a um *fardo de onisciência* igual e na direção oposta daqueles que estão no topo, no olho da pirâmide. Tudo o que é proibido para aqueles na base – as atividades conscientes de percepção e avaliação – é exigido da Elite no Poder, a classe mestre. *Eles devem procurar executar toda a visão, a audição, o olfato, etc. e todo o pensamento e a avaliação* para a pirâmide inteira.

Mas um homem com uma arma (o poder de punir) fica sabendo apenas o que o alvo pensa para não fazer com que ele aperte o gatilho (escrever no pedaço de papel rosa, ordenar a corte marcial). A elite, com seu *fardo de onisciência*, encara seus subalternos com seu *fardo de ignorância*, e recebe apenas o *feedback* consistente com suas próprias noções e túneis de realidade preconcebidos. O fardo da onisciência torna-se, com o tempo, outro e mais complexo fardo de ignorância. Ninguém sabe realmente mais nada ou, se sabe, tem o cuidado de esconder o fato. O fardo da ignorância torna-se onipresente. Mais e mais da experiência sensorial torna-se inexpressível.

Como Paul Watzlawick observa: aquilo que é objetivamente reprimido (inexpressível) se torna logo subjetivamente reprimido (impen-sável). Ninguém gosta de se sentir um covarde e um mentiroso constantemente. É mais fácil parar de notar em que o túnel de realidade oficial difere do fato existencial. Portanto, o SNAFU (o Caos) acelera e o *rigitus burocraticus* tem início – o último estágio antes que toda atividade cerebral cesse e a pirâmide esteja clinicamente morta como uma entidade intelectual.

Também propomos que “segurança nacional” seja outro fantasma semântico, um nó empedocleano; que a busca pela segurança nacional seja então a causa maior da insegurança nacional e um mecanismo potente de anti-inteligência.

Como escreve Leary:

O segredo é o pecado original. A folha de figo no Jardim do Éden. O crime fundamental contra o amor... O propósito da vida é receber, sintetizar e transmitir energia. Fusão na comunicação é o objetivo da vida. Qualquer estrela pode dizer-lhe isso. Comunicação é amor. Segredo, reter o sinal, esconder, ocultar, cobrir a luz é motivado pela vergonha e pelo medo.

Como frequentemente acontece, a ala direita está quase certa pelas razões erradas. Eles simplesmente dizem: se você não fez nada de errado, não deve

temer ser grampeado. Exatamente. Mas a lógica opera em ambas as direções. Então os arquivos do FBI, os dossiês da CIA, as conversas na Casa Branca, deveriam ser abertos para todos. Deixe que tudo fique aberto. Deixe o governo ser totalmente visível. Os últimos, os verdadeiramente últimos a esconder suas ações deveriam ser a polícia e o governo.

O que o meu eminente colega afirma tão poeticamente pode ser afirmado de modo mais funcional como segue:

Cada agência de polícia secreta deve ser monitorada por uma corporação de elite ou por uma polícia secreta de segunda ordem. Isso porque (a) a infiltração da polícia secreta, com propósitos de subversão, sempre será um objetivo principal, tanto dos subversivos internos quanto dos poderes hostis estrangeiros e (b) agências da polícia secreta adquirem capacidades fantásticas de chantagear e intimidar os outros, dentro e fora do governo. Stalin executou três chefes da polícia secreta em seguida por causa desse perigo. Como Nixon tão calmamente disse em uma transcrição de Watergate,

Bem, Hoover agiu. Ele teria lutado. Esse era o ponto. Ele teria desafiado algumas pessoas. Ele as teria assustado de verdade. *Ele tinha um arquivo sobre todo mundo.* [Itálico acrescentado.]

Assim, aqueles que empregam agências de polícia secreta *devem* monitorá-las, para ter certeza de que não estejam adquirindo muito poder.

Aqui, um sinistro regresso infinito entra no jogo. Qualquer polícia de segunda ordem da elite deve estar, também, sujeita à infiltração ou a adquirir “poder demais” na opinião de seus mestres. E ela também deve ser monitorada por uma polícia secreta de terceira ordem.

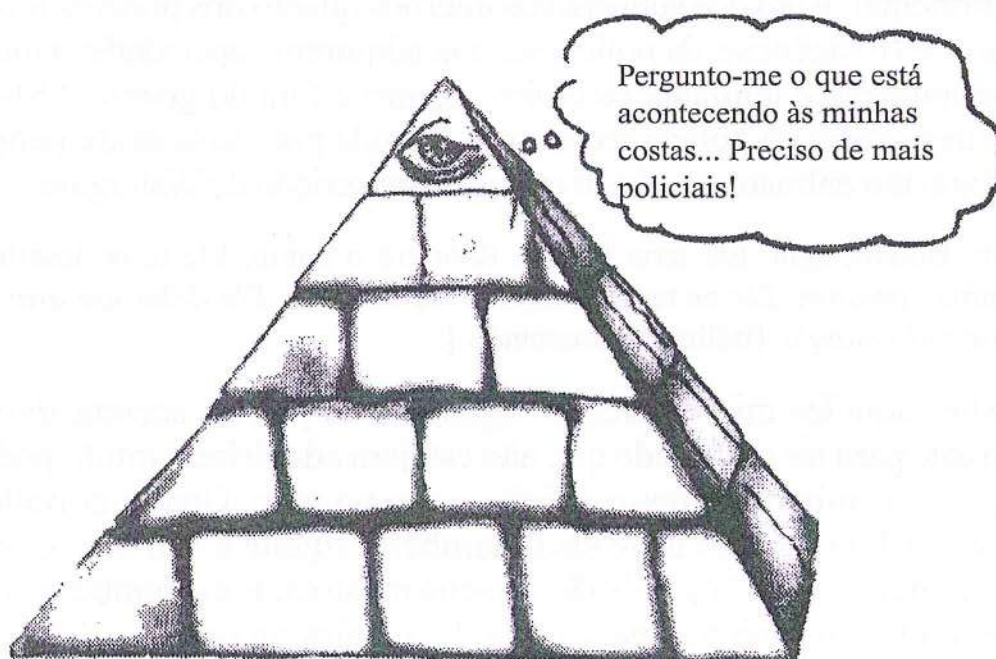
Em suma, uma vez que um governo tem n ordens de polícia secreta espionando uma a outra, todas são potencialmente suspeitas e, para estar seguro, uma polícia secreta de ordem n mais 1 deve ser criada. E assim por diante.

É claro que, na prática, isso não pode regredir à infinidade matemática, mas apenas ao ponto em que cada cidadão espione todo outro cidadão ou até que os fundos financeiros acabem.

A Segurança Nacional, na prática, deve sempre estar aquém da lógica empedocleana do regresso infinito que ela requer para a “segurança” perfeita. Nesse espaço entre o ideal de “Uma Nação sob vigilância com escutas e testes de urina para todo mundo” e a real situação rigidamente limitada de recursos finitos e fundos finitos, há amplo encorajamento para o surgimento de todos os tipos de paranoias, tanto entre cidadãos quanto entre polícias.

Assim, a URSS,* depois de 62 anos de jogos de polícia secreta marxista, alcançou o ponto em que os machos alfa estavam aterrorizados com *pintores e poetas*.

Em operações do tipo espionar e esconder, preocupações levam a mais preocupações e suspeitas levam a mais suspeitas. O simples fato de participar, mesmo à revelia, no jogo de polícia secreta – quer como



O FARDO DA ONISCIÊNCIA
ou: Por que você não consegue alcançar a Corte
ou o Castelo nas alegorias de Kafka

vítima ou cidadão sendo monitorado –, eventualmente produzirá todos os sintomas clássicos de paranoia clínica.

O agente sabe quem ele está espionando, mas ele nunca sabe quem o está espionando. Poderia ser sua esposa, sua amante, sua secretária, seu jornalista, o homem do carrinho de sorvetes?

Se realmente houver uma polícia secreta, em qualquer nação, *cada ramo e departamento do governo* e instituições que não sejam

*N.E.: A antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

nem mesmo admitidas como parte do governo *tornam-se suspeitos aos olhos das pessoas cautelosas e inteligentes como uma possível frente ou túnel para a polícia secreta*. Ou seja, o mais perspicaz vai reconhecer que aquele que apresenta o crachá da HEW [United States Department of Health and Human Service] (Departamento de Educação, Saúde e Bem-Estar Social dos Estados Unidos) ou mesmo da hipotética International Silicon and Pencil pode, na verdade, ser um agente disfarçado da CIA ou da NSA [National Security Agency] (Agência de Segurança Nacional).

Nessa rede de disfarces, teorias conspiratórias proliferam. Rumor é necessário, foi descoberto, quando as pessoas não conseguem fontes de notícias “oficiais” que possam ser confiáveis para que sejam informadas sobre o que está realmente acontecendo. O presente autor, tendo trabalhado no movimento de direitos civis, no movimento antiguerra, no movimento para a legalização da maconha e outras causas dissidentes, foi repetidamente abordado pelo amigo A com severas advertências de que o amigo B fosse quase certamente um agente da polícia secreta, sendo avisado, logo depois, independentemente, pelo amigo C que o amigo A era um agente da polícia secreta. É necessário um delicado *know-how* neurológico para manter o senso de humor na estrutura da polícia secreta.

Quanto mais onipresente é a polícia secreta, mais provável seja que homens e mulheres inteligentes olhem o governo com medo e ódio.

O governo, ao descobrir que um crescente número de cidadãos olha-o com medo e ódio, aumentará o tamanho e o poder da polícia secreta para se proteger.

O regresso infinito aparece novamente.

A única alternativa foi sugerida sarcasticamente pelo dramaturgo Bertold Brecht (perseguido pela polícia secreta americana como um comunista e, mais tarde, pela polícia secreta da Alemanha Oriental, como não suficientemente comunista). “Se o governo não confia nas pessoas”, Brecht perguntou inocentemente, “por que ele não as dissolve e elege um novo povo?” Nenhum modo foi criado até agora de eleger um novo povo, então o governo vai continuar espionando o povo existente com cada vez mais vigor.

Cada organização de polícia secreta está empenhada tanto na *coleta de informação* quanto na *produção de falsas informações*, eufemisticamente chamada de “desinformação”. Ou seja, você soma pontos no jogo da polícia secreta ao omitir sinais (unidades de informação) – escondendo fatos dos competidores – e ao insinuar sinais falsos (uni-



SUSPEITAS LEVAM A MAIS SUSPEITAS

dades de informação falsa) para os outros jogadores. Isso cria a situação que eu chamo de SNAFU Optimum, na qual cada jogador tem razões racionais (não neuróticas) para suspeitar de que cada um e todos podem estar tentando enganá-lo, lográ-lo, trapaceá-lo, ludibriá-lo e geralmente desinformá-lo. Assim como se alega que Henry Kissinger disse: qualquer pessoa em Washington que não seja paranoico deve ser louco.

Talvez os óvnis realmente existam objetivamente – ou talvez o fenômeno inteiro dos óvnis seja um disfarce para uma manobra de desinformação da polícia secreta. Talvez haja Buracos Negros onde espaço e tempo implodem – ou talvez Buracos Negros tenham sido inventados para confundir os cientistas russos e enviá-los para o fantasma semântico do “homenzinho que não estava lá”. Talvez Jimmy Carter realmente exista – ou talvez ele seja, como o *National Lampoon* afirmou certa vez, um ator chamado Sidney Goldfarb treinado para projetar uma “imagem” caseira do sul dos Estados Unidos. Talvez apenas três machos alfa no topo da pirâmide da Segurança Nacional realmente saibam as respostas para essas questões – ou talvez esses três estejam sendo enganados por certos subordinados, como Lyndon Johnson foi enganado sobre o Vietnã pela CIA.

Tal é a “lógica” neurossociológica de uma Estruturação de Desinformação. Como Paul Watzlawick demonstrou, trata-se da lógica da esquizofrenia.

Menos de dez anos depois do jogo da polícia secreta ter sido estabelecido aqui pelo Ato de Segurança Nacional de 1948, os livros do dr. Wilhelm Reich foram queimados em um incinerador de Nova York sob ordens do governo.

Essa foi uma visão chocante para alguns de nós, que se lembravam de que tínhamos recentemente combatido uma longa guerra contra a Alemanha nazista por, dentre outras coisas, seus crimes “contra a civilização” por queimar livros. Pouco tempo depois, dr. William Ivy, antigo chefe de um departamento da Chicago Medical School (Faculdade de Medicina de Chicago), foi submetido a dez anos de assédio legal por apoiar uma cura radical para o câncer. Mais recentemente, dr. Timothy Leary foi sentenciado a 38 anos de aprisionamento por apoiar ideias controversas sobre produtos químicos neurotransmissores e recunhagem do sistema nervoso. Agora há uma guerra contra os médicos holísticos.

Não importa se qualquer ou todos esses “hereges” estavam certos ou errados. A verdade científica é apenas determinada depois de uma geração ou mais de pesquisa; não é determinada por jogar o dissidente na prisão ou pela queima de seus livros. O ponto é que o jogo da polícia

secreta cria imediatamente o contexto social para um retorno aos mecanismos da Santa Inquisição.

A inteligência da sociedade inteira – as redes de comunicação por meio das quais a informação é recebida, decodificada e transmitida – é a primeira vítima.

“Sinto-me ótimo e mando saudações fraternais para o dr. Andrei Sakharov, na Rússia”, disse o dr. Leary ao sair da prisão, registrando o fato de que os mecanismos da polícia são os mesmos em todo lugar, assim como são os mitos que os protegem. “Bons russos” acreditavam que o dr. Sakharov fosse um alcoólatra meio louco, exatamente como os “bons americanos” acreditavam que o dr. Leary fosse um drogado meio louco.

Certa vez propus, em um artigo para uma revista, que o óvni é causado por alguma inusitada flutuação do campo eletromagnético e gravitacional; e que essa anomalia geofísica cria (a) reais distúrbios de energia – mobiliário que pula, falhas elétricas, bola de luz produzindo luzes estranhas no céu, etc. e (b) distúrbio no funcionamento do cérebro de animais e humanos na área atingida, causando os bem documentados pânicos de animais e as óbvias alucinações humanas que ocorrem em tais áreas.

As estatísticas de apoio a essa teoria são encontradas em Persinger e Lafreniere, que fizeram análises por computador dos padrões comuns em 1.242 casos de óvnis e 4.818 outros relatos “anormais” – “poltergeists”, “teletransportes”, “milagres” e “mistérios” de todos os tipos. Esses dados mostram que tanto os óvnis quanto as outras anomalias energéticas tendem a se concentrar próximas às falhas geológicas atingindo certos picos antes de terremotos ocorrerem.

Persinger e Lafreniere também sugerem que as forças geofísicas em funcionamento criam tanto bizarrices verdadeiras (móvel que salta, etc.) quanto alucinações; de maneira que é uma tarefa de boa e fina investigação tentar descobrir o que está realmente acontecendo.

Também foi proposto, pelo sábio dr. Jacques Vallee, astrônomo, ciberneticista e físico, que o fenômeno óvni está sendo criado por uma agência de polícia secreta como um elaborado “disfarce” para um complexo sistema de desinformação.

Uma combinação das teorias de Wilson, Persinger, Lafreniere e Vallee, provavelmente enquadrando-se melhor nos dados do que nas teorias em separado, sugere que o fenômeno óvni é o produto sinérgico de alguma bizarrice geofísica que criou estranhas flutuações de energia e experiências de mudança mental em humanos presentes no

local; e sendo manipuladas, depois do fato, por uma ou mais agências de “inteligência”, ou por grupos ainda mais esotéricos.

Considere este cenário:

Alguma coisa estranha acontece. Presuma que seja a anormalidade geofísica e o trauma da mudança mental que propusemos, mas considere também que pode ser a nave espacial alienígena tão apreciada pelo mito popular. Os eventos seguintes são igualmente possíveis, não importa a estranheza do que “foi realmente”.

Assim que a testemunha começa a falar, Todos os Partidos Interessados convergem para a área. O agente de inteligência Moe chega para *esconder* a evidência do que possa ter sido uma nave espacial – essa é a política de sua agência, pelas suas próprias razões. O agente de inteligência Joe também chega para plantar evidência do que fosse uma nave espacial – essa é a política de sua agência, pois eles estão fazendo exatamente o que o dr. Vallee suspeita. (O British Double Cross Bureau [Agência Britânica de Desinformação], na Segunda Guerra Mundial, empenhou-se em dramas igualmente complexos e absurdos, aparentemente totalmente não relacionados ao seu verdadeiro trabalho, mas servindo como filtro de desinformação para esse trabalho.) Philip Klass e outros céticos chegam ao local também, tentando reduzir *tudo* a “alucinação”, mesmo que olhos tenham sido queimados, carros arruinados, etc. Os Space Freaks (Aficcionados do Espaço), que podem ou não estar infiltrados como associados do agente de inteligência Joe, logo chegam também, para fazer os fatos se encaixarem no túnel de realidade do Benign Space Brothers. Vários ocultistas também estão presentes para enquadrar tudo em seu próprio *mythos* de angelologia, demonologia, etc.

O que estamos dizendo é que toda conspiração se considera um grupo de afinidade – homens e mulheres que compartilham os mesmos objetivos e, juntos, trabalham bem. Quando você e eu fazemos isso, é apenas um grupo de afinidade. Quando aquela gangue ali do lado faz isso, é uma maldita conspiração.

A verdadeira conspiração existe quando um grupo esconde evidência, espalha má informação deliberada e coage ou aterroriza as testemunhas. Qualquer grupo de afinidade aborda tal comportamento na medida em que os membros reforçam a participação um do outro no túnel de realidade do grupo, especialmente com respeito a assuntos epistemológicos cruciais quanto ao que é importante o suficiente para observar e *discutir* sobre o que é trivial e é melhor ignorar. Quão coercivos temos de ser para intimidar testemunhas? A maioria das pessoas,

como o Princípio de Snafu (Princípio do Caos) explica, é facilmente levada a relatar o que uma Figura de Autoridade quer ouvir.

Mas vamos considerar a síndrome do óvni um pouco mais, como ilustração do espectro total da mudança mental e programação cerebral.

Frequentemente, as pessoas que tiveram contato com óvnis demonstram uma *excitação neurossomática* positiva, a experiência do êxtase; algumas até se tornam curadoras pela fé ou líderes de grupos ocultistas. Outras mostram efeitos neurossomáticos negativos – a luz é insuportável, como na esquizofrenia, ataques de ansiedade que exigem hospitalização, etc.

A consciência da *metraprogramação* (a habilidade de escolher entre túneis de realidade alternativos) é também relatada, em toscas metáforas sobre “universos paralelos”, “outras realidades”, e no jargão ocultista.

Visões *neurogenéticas* (o “inconsciente coletivo” jungiano) são comuns, desde demônios, anões cabeludos, etc. até a Deusa do Espaço ou a Senhora das Estrelas da iconografia antiga e da católica.

Até a experiência metafisiológica (nível quântico) é relatada na literatura sobre óvnis, desde viagens transtemporais e “experiências extracorpóreas” até aparentes ou alegados teletransportes.

Deve ser enfatizado com mais veemência que tanto as visões positivas quanto as negativas, em todos esses circuitos, são comuns na ufologia. Parece que, se os Programadores nos querem bem, eles estão acidentalmente fazendo mal para muitos; e, se eles nos querem mal, como o dr. Vallee pensa, eles acidentalmente estão nos fazendo algum bem. Mas isso é verdade em relação a toda tecnologia de mudança mental.

Parece que a teoria da conspiração monística de Vallee seja inadequada assim como as teorias de conspirações monísticas são inadequadas na política. É mais provável que a experiência com óvni, como outras experiências de mudança mental que temos estudado, às vezes é espontânea e outras vezes é programada; e que *existem grupos rivais de programadores com objetivos radicalmente diferentes em mente para a humanidade*.

Quando o dr. Leary e eu publicamos pela primeira vez uma análise neurológica do caso da Patty Hearst na revista *OUI*, os editores a introduziram com uma manchete dramática:

A luta pela mente de Patty Hearst é um prelúdio à batalha mundial pelo controle da consciência.

Não é bem isso. O caso de Hearst seria considerado mais adequadamente como um traço perto do final do segundo movimento da

sinfonia da Guerra Mental. O *primeiro movimento* foi a primitiva neurociência dos tiranos antigos e medievais que adquiriram um grande conhecimento pragmático sobre os efeitos do isolamento, do terror e da intimidação bem como dos xamãs e dos ocultistas que aprenderam como produtos neuroquímicos podem alterar os túneis de realidade percebidos. O *segundo movimento* começou com a psicologia moderna, com Freud, Pavlov, Jung, Skinner, etc., atingindo o clímax com a revolução do LSD e a descoberta por milhões de que os túneis de realidade poderiam ser radicalmente mudados – temporária e às vezes permanentemente – pela neuroquímica.

O *terceiro movimento* é a crescente e óbvia guerra entre aqueles que programariam todos nós e aqueles de nós que querem tornar-se seus próprios Metaprogramadores.

EXERCÍCIOS

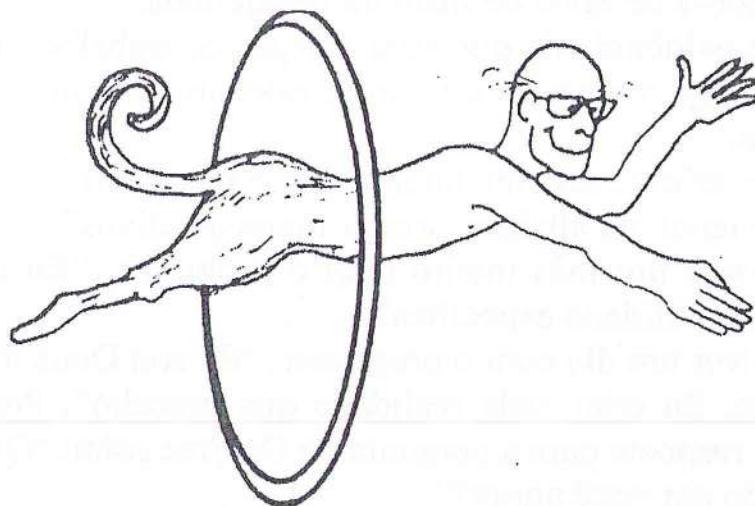
1. Comece coletando evidência de que o seu telefone está grampeado.
2. Todo mundo recebe uma carta ocasionalmente que está levemente danificada. Presuma que alguém esteja abrindo a sua correspondência e fechando-a de novo de maneira desajeitada.
3. Procure evidência de que seus colegas de trabalho ou vizinhos achem que você seja um pouco estranho e estejam planejando interná-lo em um hospício.
4. Tente viver uma semana inteira com o programa: “Todo mundo gosta de mim e tenta me ajudar a atingir meus objetivos”.
5. Tente viver um mês inteiro com o programa: “Eu escolhi ser consciente dessa realidade específica”.
6. Tente viver um dia com o programa: “Eu sou Deus fingindo ser um ser humano. Eu criei cada realidade que percebo”. Presuma que “DEUS” seja a resposta para a pergunta de Da Free John: “Quem é esse que está vivendo em você agora?”.
7. Tente viver para sempre com o metaprograma: “Tudo funciona mais perfeitamente do que eu planejei”.

CAPÍTULO 17

Evolução Quântica

O que é o homem? Uma ponte entre o macaco e o Super-homem – uma ponte sobre um abismo.

– F. W. Nietzsche, *Thus Spake Zarathustra*



Outra perspectiva sobre a evolução do primata domesticado é oferecida no livro *The Third Wave*, de Alvin Toffler.

Por conveniência, Toffler reduz a confusão da história humana a um modelo de três ondas. Seria mais preciso referir-se a essas “ondas” como saltos quânticos no nível de coerência energética.

Toffler diz que a Primeira Onda levou *milênios* para ocorrer, mas ela finalmente transformou a maior parte da humanidade do estágio tribal (primatas simplesmente caçadores-coletores) para o estágio das civilizações de feudais-agrícolas em larga escala.

A Segunda Onda apareceu muito mais rapidamente e, em poucos séculos, transformou quase toda a humanidade de economia feudal-agrícola caseira para a economia de mercado industrial urbano.

A Terceira Onda, Toffler diz, continua a tender para a aceleração e isso acontecerá em apenas algumas décadas. Nós a chamamos de “explosão da informação”, “a economia pós-industrial”, etc.

Cada onda é mais rápida, por um fator de 10, do que a onda anterior. E cada onda é mais *total* no que diz respeito a mudar mais pessoas, mudá-las mais completamente, e, no processo, transforma nosso conceito de natureza humana e de sociedade humana.

Cada onda que Toffler descreve pode ser considerada um novo estado quântico, com níveis de energia e dimensões da realidade que faltavam no estado anterior e totalmente imprevisíveis ao estado anterior.

A Primeira Onda mudou homens e mulheres tribais em servos (ou em senhores e senhoras). Ela criou uma variedade social totalmente nova tão sutil e difusa que os antropólogos e sociólogos podem passar anos estudando seus aspectos invisíveis. E, no entanto, essa transformação é tão grande a ponto de ser também visível aos olhos mais destreinados: você não consegue confundir um humano tribal com um humano feudal mais do que você consegue confundir um cachorro com um asno.

Assim, também, a Segunda Onda criou o que Toffler espiritualmente chama de “indust-realidade”, manifestando como homens e mulheres industriais são visível e tangivelmente tão diferentes dos humanos feudais ou tribais quanto golfinhos são diferentes de arbustos de rosas ou tatus.

A Terceira Onda, que começou quando Shannon e Weiner definiram *informação* e Von Neumann projetou o primeiro computador programável, já está bem implantada. Computadores domésticos tornaram-se tão comuns quanto aparelhos de tevê na metade de 1980. Agora a Rede – computadores “conversando” com computadores – está dobrando a cada quatro meses. Essa transformação, de novo, será *total*: ela vai criar um “homem” totalmente novo, uma “mulher” nova, uma “criança” nova, um novo “self”, uma nova “sociedade”, um novo conceito de “trabalho”, de “energia”, de “realidade”, etc.

O Homem ou a Mulher comum de 1997 será tão obsoleto em 2007 quanto os servos medievais são agora.* O que em nosso meio atual consideramos trabalhos normais, papéis sociais normais, “huma-

*N.E.: Dados de 1983, quando o original foi publicado.

nidade” normal, será tão arcaico quanto as hordas de alquimistas, ferreiros, arautos, cortesãos e barbeiros cirurgiões em décadas anteriores.

É claro, Toffler não afirma que o computador seja a *totalidade* da Terceira Onda, mas, meramente, que ele seja a sinédoque ou paradigma do que está acontecendo. Nesse sentido, a fábrica foi a sinédoque da Segunda Onda. A fábrica não foi meramente o agente pelo qual a “indust-realidade” se espalhou pelo mundo e multiplicou nossa riqueza (ou malefício) coletiva; ela também se tornou o modelo para tudo. Nossas escolas são minifábricas ou modelos de fábricas porque sua principal função era, quando foram fundadas, preparar as pessoas para o trabalho nas fábricas. As escolas, na verdade, eram necessárias porque, enquanto o feudalismo não requeria a alfabetização das massas, a industrialização a exigiu. De modo similar, escritórios foram modelados a partir de fábricas e observaram o horário de trabalho delas, até mesmo quando isso tinha pouco ou nada a ver com a maneira de como os escritórios poderiam ser administrados com mais eficiência. E, em geral, a “indust-realidade”, a realidade da era industrial, fez com que o mundo todo acompanhasse o passo robotizado do sistema fabril.³²

A “indust-realidade” ainda continua tão difusa que, como McLuhan observou, em sua maior parte ela é invisível. Por exemplo, a era feudal nunca progrediu para além da música de câmara – trios, quartetos, etc. A sinfonia moderna, com sua enorme orquestra, seus temas prometeicos, seu regente semelhante a um deus (“capitalista”), seu *spalla* (capataz), sua seção de cordas movendo em harmonia com sua seção de metais, etc., é uma bela expressão artística dos modos de organização das massas humanas, que, de modo geral, não parece tão atraente na linha de montagem de uma fábrica. (A fábrica também exigiu cidades – concentrações massivas de mão de obra em um único lugar – o que tornou a sinfonia economicamente possível. O aristocrata não podia custear, e/ou não poderia conceber, manter mais do que os músicos estritamente necessários para a música de câmara.)

O “otimismo cósmico” de Beethoven não apenas expressa a Era da Razão a partir da qual a indust-realidade emergiu; as próprias or-

32. Um escritor *free-lance* pode obviamente trabalhar em *qualquer* horário, mas o muito bem-sucedido (e excelente) John D. MacDonald disse numa entrevista recente que ele sempre escreve das nove às cinco, porque lhe parece “natural”. O relógio de ponto de uma fábrica infiltrou-se nos neurônios de Donald. O autor deste livro, depois de vinte anos em escritórios semelhantes a fábricas, trabalha a qualquer hora do dia ou da noite quando “o espírito” o impele, mas *nunca* começa às nove ou para às cinco, para evitar reincidir nos hábitos de seu passado.

questras para as quais ele compunha eram paradigmas dos estilos industriais de organização. |

É claro, a industrialização (a Segunda Onda) produziu muito malefício com a sua nova riqueza; e a maioria da riqueza foi expropriada (ou apropriada) por uma minoria. Por mais que possa ferir os socialistas, isso foi inevitável em uma espécie de primata domesticado. Alguns machos alfa sempre conseguem ver sua própria vantagem mais claramente do que a maioria consegue enxergar seu interesse coletivo.

Não obstante, assim como a indust-realidade se espalhou, também o socialismo difundiu-se como consequência. Quer os leitores gostem ou não (e o autor, sendo franco sobre seus preconceitos, admite que não gosta), isso também é inevitável. Quando uma enorme riqueza está palpavelmente sendo criada em acúmulos mais vastos do que jamais o foi na história, certamente aumentará a insatisfação – contra os machos alfa e as tentativas de se apossarem do que eles egoistamente se apropriaram (ou expropriaram). Mesmo entre os babuínos, esse padrão foi observado: o macho alfa mais insuportável é surrado por um grupo de jovens machos e é expulso do bando para viver sozinho.

Nem a indust-realidade capitalista nem a indust-realidade socialista foram capazes de dar à humanidade o que a nossa maioria realmente quer: liberdade e justiça, autonomia e abolição da pobreza, crescimento contínuo e segurança contínua. Ao olhar para o capitalismo *versus* socialismo, sempre somos confrontados com um dilema, não com uma escolha.

A Terceira Onda pode e irá transcender esse problema do industrialismo. A Terceira Onda não será nem capitalista, nem socialista, nem algum tipo de mistura das duas. Ela vai demandar uma economia totalmente nova, exatamente como o feudalismo criou uma economia desconhecida à humanidade tribal e o industrialismo criou as duas economias rivais do capitalismo e do socialismo, ambas imprevisíveis da perspectiva do estágio feudal.

Em 1977, dr. Ilya Prigogine ganhou o Prêmio Nobel em química física.

Talvez ele merecesse receber o Prêmio Nobel em otimismo inteligente.

O trabalho do dr. Prigogine lida com os processos que estivemos discutindo – a emergência da entropia negativa (ordem coerente) a partir de processos estocásticos –, mas ele deu um salto gigante para além dos *insights* pioneiros de Schrödinger, Weiner, Shannon e Bateson.

Qualquer sistema organizado, de acordo com Prigogine, existe em uma tensão dinâmica entre entropia e negentropia, entre o caos e a informação. Quanto mais complexo o sistema, maior é a sua *instabilidade*. Prigogine demonstrou isso matematicamente, mas em termos cotidianos; ele quer dizer que, por exemplo, é mais fácil ir a um *shopping* acompanhado de duas crianças do que acompanhado de 20 crianças. Ou seja: uma “casinha” feita com 101 palitos de dentes é menos estável do que uma “casinha” feita com menos de dez palitos.

A instabilidade nem sempre é ruim: na verdade, é absolutamente necessário que a evolução ocorra. As sociedades de insetos são altamente estáveis e não evoluíram absolutamente nestes vários milhões de anos. As sociedades humanas são altamente instáveis e estão em contínua evolução.

Prigogine demonstra o valor evolucionário da instabilidade por meio de seu conceito de “*estrutura dissipativa*”.

Uma estrutura dissipativa é altamente complexa e, portanto, altamente instável. Quanto mais complexa, com certeza, ela é matematicamente mais instável; e, quanto mais instável, mais provável é que mude – que evolua.

Todas as estruturas dissipativas estão perpetuamente balançando entre a autodestruição e a reorganização em um nível mais alto de informação (coerência).

Se isso parece ser sombrio, na verdade não é. A matemática de Prigogine é altamente otimista. Ele mostra que as estruturas mais complexas – tal como a nossa sociedade humana mundial atual, a meio caminho entre a indúst-realidade da Segunda Onda e a emergência da Terceira Onda – são matematicamente mais prováveis, *muito mais prováveis*, de se “dissiparem” em uma coerência maior do que em uma autodestruição.

Em outras palavras, no conflito intelectual entre Utópicos e Distópicos, as probabilidades matemáticas estão na verdade do lado dos Utópicos. Nosso mundo humano é tão rico de informação (coerente) que é quase certo o “colapso” para uma coerência ainda maior e não para o caos e a autodestruição.

Prigogine é a demonstração matemática da intuição de McLuhan de que muitos sintomas aparentes de *colapso* são na verdade arautos de *avanço*.

Uma nota para os pessimistas convictos: a análise de Prigogine é baseada na teoria da probabilidade e, assim, não é *indubitável*. Portanto, se você achou estas páginas líricas indevidamente alarmantes,

conforte-se com a ideia de que, embora o sucesso humano seja altamente provável, há ainda uma pequena chance de que possamos nos explodir ou que os nossos cenários apocalípticos preferidos possam ainda ocorrer, apesar da tendência geral para uma coerência e uma inteligência maiores.

Enquanto isso, é claro que, embora a humanidade seja condenada ao sucesso total, você pode ainda desorganizar a sua vida pessoal. Nada neste livro é uma tentativa de evitar que os verdadeiros e resolutos viciados em miséria continuem a perseguir a frustração e a derrota.

A evidência cosmológica mais recente indica que nosso Sol e seus planetas, inclusive a Terra, condensaram-se a partir de uma nuvem de poeira galáctica e de gás, cerca de 5 ou 6 bilhões de anos atrás.

Parece que as primeiras formas de vida unicelular – a primeira aurora do Circuito I, o da “consciência” da biossobrevivência – apareceu cerca de 3-4 bilhões de anos atrás.

Vertebrados começaram a aparecer – com a consciência do Circuito II, o territorial-emocional – cerca de meio bilhão de anos atrás.

O surgimento da inteligência humana do Circuito III – linguagem e “pensamento” – parece ter começado há cerca de 100 mil anos. O primata domesticado totalmente humano, *Homo Sapiens*, com a consciência “moral” do Circuito IV pode ter cerca de 30 mil anos, ou ser mesmo mais recente. Os Circuitos V-VIII somente apareceram dentro de períodos históricos.

Todos esses números estão sujeitos à revisão à medida que a ciência avança, mas as aproximadas proporções entre eles parecem não ser passíveis de mudar muito, e essas *proporções* são surpreendentes.

Como foi apontado com frequência, se condensarmos esse cenário evolucionário em um dia de 24 horas, começando à meia-noite, a vida começará a aparecer somente pouco antes do meio-dia, e toda a história humana (desde os homens-macacos da África com seus grunhidos e tacapes até Neil Armstrong colocando o pé na Lua) ocorre na última metade do último segundo antes da meia-noite, quando o dia chega ao seu fim.

Esse modelo é enganoso porque presume que o presente seja um “fim”, o que é altamente improvável. Mesmo sem a Migração Espacial, espera-se que a vida da biosfera da Terra ainda tenha uma sobrevivência de 10 a 15 bilhões de anos mais, antes que o Sol pare de possibilitar a vida em nosso planeta. Considerando a expectativa de vida do Sol de cerca de 20 bilhões de anos como o nosso modelo a ser projetado em um único dia, descobrimos que estamos agora a cerca de oito horas da manhã. Até agora, a vida tem sido, em sua maior parte, inconsciente –

operando no piloto automático, por assim dizer –, mas no último milhão de anos (os últimos segundos nesse modelo) sinais de consciência e Despertar estão começando a aparecer.

“O Universo é construído de modo a ser capaz de ver a si mesmo”, Spencer Brown observou certa vez. A emergência dos circuitos neurosomático, neurogenético e de metaprogramação é o modo de o Universo “ver a si mesmo” mais claramente e de forma total a fim de decidir para onde está indo”.

O dr. Isaac Asimov observa em seu livro *Genetic Code* que parece haver um ciclo de 60 anos entre a primeira compreensão de um novo princípio científico e a transformação do mundo por aquele princípio.

Por exemplo, Oersted descobriu a equivalência eletromagnética – o fato de que a eletricidade pode ser convertida em magnetismo, e magnetismo em eletricidade – em 1820. Sessenta anos depois, em 1880, geradores elétricos estavam em amplo uso e a Revolução Industrial se encontrava em seu auge; o telégrafo e o telefone já haviam sido inventados e a nossa era da Comunicação de Massa estava nascendo.

Do mesmo modo, em 1883, Thomas Edison observou o assim chamado “efeito Edison” – a chave para a engenharia eletrônica, distinta da engenharia elétrica. Sessenta anos depois, em 1943, a tecnologia eletrônica estava surgindo em todo lugar; sua forma primitiva na esfera do entretenimento, o rádio, gozou de um sucesso de 20 anos e estava prestes a ser substituída pela televisão.

Em 1896, Becquerel descobriu a radioatividade do urânio. Sessenta anos depois, duas cidades foram destruídas por bombas atômicas e as usinas nucleares estavam começando a ser construídas. (Essa foi uma contribuição para o malefício, não para a riqueza.)

Em 1903, os irmãos Wright fizeram com que o seu monoplane alçasse do chão por alguns minutos. Sessenta anos depois, em 1963, aviões carregando mais de cem passageiros eram comuns.

Presumindo, apostando, estimando que esse ciclo de 60 anos seja normal, podemos prever:

Shannon e Weiner criaram os fundamentos matemáticos da cibernética em 1948. Sessenta anos mais tarde, em 2008, a cibernética do mundo, tão completa quanto a eletrificação do século XIX, levar-nos-á a um novo nível de energia, a uma nova realidade social, conforme prevê Toffler.

Hoffman descobriu o LSD e o controle químico da consciência em 1943. Sessenta anos mais tarde, em 2003, toda alteração imaginável da consciência será possível pela ingestão de produtos químicos adequados.

McKay teve o seu primeiro sucesso na expansão do ciclo de vida em ratos de laboratório em 1938. Sessenta anos depois, em 1998, pílulas de longevidade poderão estar disponíveis rotineiramente em todas as farmácias.

O DNA foi identificado em 1944. Sessenta anos depois, em 2004, todo tipo de engenharia genética deverá ser tão rotineira quanto é atualmente a energia elétrica.

A mais recente tentativa em estimar o índice de aceleração da informação – a manifestação da coerência – foi feita pelo economista francês George Anderla para a Organização da Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 1973.

Anderla presumiu arbitrariamente que todos os bits de informação de posse da humanidade no início da Era Cristã (1 d.C.) poderiam ser considerados a sua unidade de medida. Ele tornou esse conjunto de informações em uma unidade em nosso fundo de conhecimento.

Anderla descobriu que levou até o ano de 1500 d.C. para que o acúmulo de bits de informação viessem a somar duas unidades em nosso “fundo”.

Precisou de apenas mais 250 anos (1750) para o nosso banco de conhecimento dobrar novamente, para quatro unidades.

E levou outros 150 anos para dobrar novamente. No ano de aproximadamente 1900, a humanidade tinha 8 unidades de informação em sua conta de capital.

Levou apenas 50 anos para dobrar novamente e, em 1950, aproximadamente, tínhamos 16 unidades.

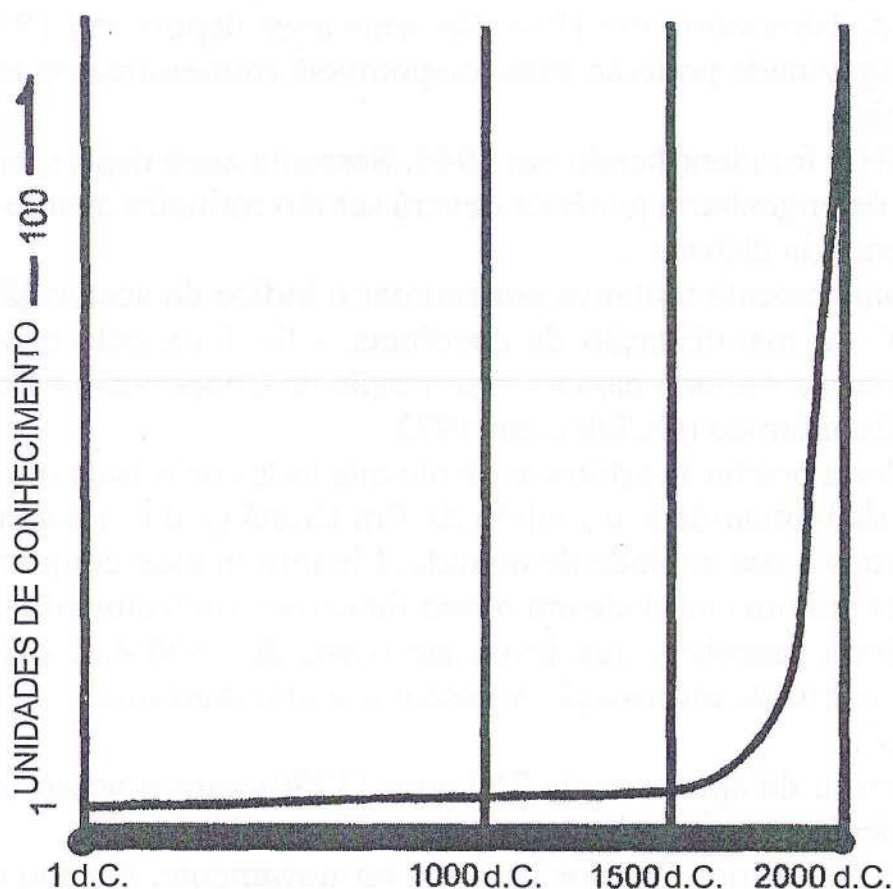
Levou apenas 10 anos para dobrar novamente e, em 1960, aproximadamente, tínhamos 32 unidades.

Levou sete anos para dobrar novamente e, em 1967, tínhamos 64 unidades. (Essa foi coincidentemente a época da *primeira* Revolução Jovem, quando os mapas de realidade começaram a irromper em todos os lugares do planeta e novos mapas desenfreados começaram a nos ser arremessados, vindos de todas as direções.)

No seguinte período de seis anos (1967-1973), o nosso banco intelectual dobrou de novo, para 128 unidades. Nesse ponto, Anderla completou o seu estudo.

O dr. Alvin Silverstein estimou que, se o gráfico de Anderla fosse projetado 70 anos à frente, o conhecimento humano deveria aumentar em uma *escala de milhões de vezes*. Ou seja, seria possível ter 128

*N.E.: Dados utilizados na edição original, em 1983.



A EXPLOSÃO DA INFORMAÇÃO

milhões de vezes mais conhecimento do que já tivemos no ano do nascimento de Jesus.

Medicamentos destinados à longevidade provavelmente chegarão a tempo para você viver durante o maior salto evolucionário quântico de todos.

É apenas razoável presumir que os circuitos mais elevados do sistema nervoso – consciência holística neurossomática, visão evolucionária neurogenética, flexibilidade de metaprogramação – estejam sendo desenvolvidos para nos permitir lidar com esse dilúvio de informação mais elevada e de coerência potencialmente mais alta.

A Terceira Onda de Toffler é apenas o aspecto sociológico de uma mutação que também é biológica e “espiritual”.

Viveremos muito mais do que esperamos e seremos muito mais inteligentes.

Uma realidade totalmente nova emergirá dessas mutações.

EXERCÍCIOS

1. Faça uma lista de dez áreas nas quais o seu sentimento-pensador seja conservador. Adivinhe quando o mundo mudará tão totalmente a ponto de essas ideias parecerem não apenas conservadoras, mas *irrelevantes* (assim como os debates teológicos do ano 300 d.C. nos parecem agora irrelevantes).

2. Faça uma lista de dez áreas nas quais a sua conceituação seja radical. Adivinhe quando o mundo mudará tão radicalmente a ponto de você parecer conservador nessas áreas.

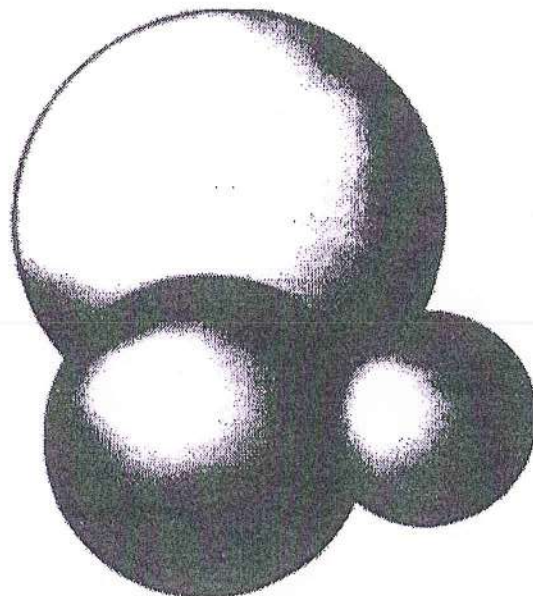
3. Aceite a hipótese da longevidade. Imagine que você viverá no mínimo 300 anos. Quanto desse tempo você quer passar ocioso? Quantos empregos diferentes você gostaria de ter? Quantos esportes, artes, ciências, para os quais você nunca teve tempo, você então teria tempo para desfrutá-los?

CAPÍTULO 18

O Circuito Quântico Não Local

Os caminhos do Criador não são os nossos, disse o sr. Deasy. Toda história move-se para um grande objetivo, para a manifestação de Deus.

– James Joyce, *Ulisses*



Um filósofo primata domesticado, em um planeta de base carbono e sustentado por oxigênio, circundando uma estrela Tipo G – a saber, o presente autor –, foi questionado certa vez com a pergunta: “Como pensamos?”.

“Bem, temos um circuito interno de biossobrevivência que distingue as Coisas que fornecem nutrição das Coisas predatórias...”

“Mas esse circuito consegue dar conta de *todo* o nosso pensamento?”

“Não, mas tem outro circuito, o territorial-emocional...”

“Mas, mas, mas...”

“É circuito-circuito-circuito o caminho todo”, eu disse.

O que o Pensador pensa, o Demonstrador comprova.

Nós construímos um belo (assim esperamos) modelo de consciência em termos de hardware e software cerebrais. Agora precisamos lembrar de novo que, enquanto o cérebro pode ser modelado por um computador, o modelo nunca é o sistema completo. O produtor do modelo ou o metaprogramador é maior do que o modelo ou programa.

No tocante ao que os parapsicólogos chamam de “experiências extracorpóreas” (OOBEs [Out-of-Body Experiences]), a consciência *parece* escapar totalmente do confinamento do sistema nervoso.

Tais experiências são rotineiramente disparadas pela prática avançada da ioga e elas também ocorrem espontaneamente durante o que é chamado “experiência de quase morte” ou “morte clínica”, quando o paciente parece ter morrido, segundo todos os padrões médicos, mas é ressuscitado pelas técnicas modernas de ressuscitação.

Experiências Extracorpóreas também ocorrem com pesadas doses de LSD e com Cetamina, um anestésico com estranhos efeitos colaterais psicodélicos. Elas também são relatadas nas tradições xamânicas pelo mundo todo e por muitos “ocultistas” em nossa própria sociedade.

Exemplo: um dia em 1973, durante um experimento de neuroprogramação, eu “vi” alguma coisa acontecendo ao meu filho no Arizona, exatamente naquele momento, a mais de 800 quilômetros de distância.

Podemos processar esse dado de várias maneiras. Podemos dizer que, na verdade, o meu “corpo astral” viajou para o Arizona; essa é a teoria do ocultista. Podemos dizer de modo mais conservador que eu desenvolvi uma percepção extrassensorial e “vi” o Arizona sem “estar” lá; há muitos parapsicólogos que preferem esse mapa do terceiro circuito da experiência do Circuito VIII. Podemos tentar asseverar que “aconteceu” apenas porque eu pensei naquela cena, enquanto estava acontecendo, por *sincronicidade*; essa é a abordagem jungiana. Ou podemos varrer isso para debaixo do tapete ao murmurar “mera coincidência” ou “simples coincidência”, que é a tradicional abordagem racionalista.

Entretanto, preferimos dizer, de acordo com os escritos prévios de Timothy Leary e do presente autor e das especulações do Physics/Consciousness Research Group (Grupo de Pesquisas da Física/Consciência),

em São Francisco, que tais casos ilustram um funcionamento especial do que é chamado, na mecânica quântica, de Teorema de Bell.

O Teorema de Bell é altamente técnico, mas na linguagem comum ele resulta em algo assim: não há sistemas isolados: toda partícula no Universo está em comunicação “instantânea” (mais veloz do que a luz) com cada outra partícula. O *Sistema Inteiro*, mesmo as partes que são separadas por distâncias cósmicas, funcionam como um *Sistema Inteiro*.

Ora, tal comunicação mais veloz que a luz parece ser proibida pela Relatividade Especial, o que é um problema. O Teorema de Bell, entretanto, é inescapável: um teorema em física não é uma mera “teoria”; é uma demonstração matemática que *deve* ser verdadeira, se a matemática não contiver falhas e se os experimentos sobre os quais o teorema se baseia são replicáveis. O Teorema de Bell não contém falhas matemáticas e os experimentos são replicáveis, e têm sido replicados várias vezes.

E, ainda assim, não podemos dispensar a Relatividade Especial porque a matemática correspondente é igualmente sem falhas e as experiências são uma legião que a confirma.

Duas soluções foram propostas e ambas presumem que a “comunicação” envolvida nas transmissões bellianas não envolve *energia*, pois a energia não pode mover-se mais velozmente do que a luz. O dr. Edward Harris Walker sugere que o que se move mais velozmente do que a luz e mantém o Sistema Inteiro junto é a “consciência”. Podemos, afinal, ser forçados a aceitar isso, em qual caso a física terá um justificado panteísmo ou pelo menos um pan-psiquismo. A outra alternativa, proposta pelo dr. Jack Sarfatti, é que o meio das transmissões de Bell é a *informação*.

Pura informação, no sentido matemático, não requer energia; é ela que ordena a energia. É o negativo da *entropia* que causa desordem aos sistemas de energia.

O dr. Sarfatti explica a sua teoria como segue:

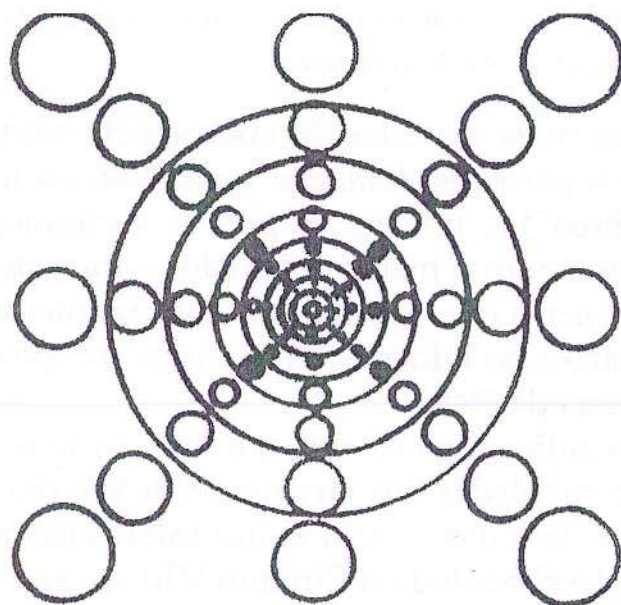
Imagine que seu cérebro seja um computador, como a neurologia moderna sugere. Agora imagine que o Universo inteiro seja um grande computador, *um megacomputador*, como John Lilly propôs. Então imagine que o reino subquântico, o reino que o dr. David Bohm chama de “variáveis ocultas”, é composto por *mini-mini-computadores*. Ora, o hardware de cada “computador” – o Universo, seu cérebro, os mecanismos subquânticos – é local. Cada parte dele está em algum lugar no espaço-tempo, *aqui* e não *ali*, *agora* e não

depois. Mas o software – a informação – é não local. Está aqui, ali e em todo lugar; agora, depois e em todo o tempo.

As variedades mais elevadas de consciência xamânica e de ioga parecem começar a partir da dilatação para além do imediato (“experiência extracorpórea”) e dilatam, rápida e vertiginosamente, muito mais, para se unirem com o menor e o maior – ou seja, a “Mente Cós mica”. Isso parece ser o que necessariamente aconteceria se o cérebro fosse ligado ao sistema de informação não local, proposto por Sarfatti e implícito no Teorema de Bell.

O circuito metafisiológico, então, é esse Sistema de Informação cósmico. As sincronicidades dos circuitos V a VII são apenas as notas iniciais da sinfonia de todas as harmonias inter-relacionadas reveladas àqueles que têm experimentado o Circuito VIII em ação. É difícil evitar a hipérbole ao falar desses assuntos, mas tudo o que alguém pode associar com a Ideia de Unidade com Deus – ou Unidade com o “Todo” – é parte do que é experimentado na perspectiva, para além do tempo- espaço, desse circuito metafisiológico.

Místicos balbuciam, tagarelam e deliram incoerentemente ao tentar discutir a respeito. Beethoven expressa isso por todos eles, sem palavras, no quarto movimento da Nona Sinfonia. As palavras de “Ode à Alegria”, de Schiller, que Beethoven estabeleceu para essa obra musical, praticamente super-humana, são um mapa linear do terceiro circuito, proporcionando apenas um esqueleto-chave para os significados dos múltiplos níveis da “linguagem” de oito circuitos da própria construção melódica que expande toda a consciência, desde a biossobrevivência primitiva até a fusão cósmica metafisiológica.



O SISTEMA INTEIRO É UM SISTEMA INTEIRO

O CIRCUITO METAFISIOLÓGICO

Rodas dentro de rodas dentro de rodas...

Os computadores dentro de computadores dentro de computadores...
do dr. Sarfatti.

Consciência ou informação percebida como Inteligência coerente expandindo-se para o infinito em todas as direções.

CAPÍTULO 19

A Ascensão de Prometeu

Estamos nos estendendo no Espaço e no Tempo não por causa do capitalismo ou do socialismo, mas *apesar* deles. As instituições Direita/Esquerda, Capitalismo/Socialismo estão psicologicamente despreparadas para nossa situação emergente no Tempo e no Espaço.

– F. M. Esfandiary, *Upwingers*



De acordo com Patanjali, há sete “ramificações” para a ioga ou, como diríamos, sete passos ou estágios.

O primeiro é *asana*, que consiste em manter uma única postura (geralmente sentada) por períodos prolongados de tempo. Essa é uma tentativa, em nossa terminologia, de estabilizar o circuito da biossobre-

vivência ao afogá-lo em monotonia. Você senta, e fica, e fica, e fica. Ao final, uma “paz interna” é alcançada, o que significa a atrofia de todos os níveis de base da “inconsciência” ou ansiedade não percebida da biossobrevivência.

Em outras escolas, como o *asana* é tão monótono e de funcionamento lento, e em vista da guerra (combates por território do segundo circuito mamífero) é tão comum entre os primatas domesticados, um método alternativo é usado para estabilizar o circuito da biossobrevivência: as artes marciais – aikido, judô, karatê, etc. Todos emergiram de escolas místicas semelhantes à ioga, como reprogramadores da biossobrevivência.

O segundo passo na ioga clássica, de acordo com Patanjali, é o *pranayama*. Já comentamos sobre a eficiência dessa técnica de respiração na pacificação e no abrandamento dos programas emocionais do segundo circuito.

(Já deve ter sido percebido que a ioga, como a lavagem cerebral, começa de baixo para cima, trabalhando primeiro sobre os circuitos mais primitivos e antigos.)

O terceiro passo na ioga é *dharana* ou *mantra*. *Dharana* consiste em concentrar em uma única imagem, tal como um triângulo vermelho vivamente imaginado, e colocando de lado quaisquer outras imagens, verbalizações ou impressões que passem pela tela da mente. Na prática, isso está além dos poderes da maioria dos alunos, então a maioria dos professores de ioga substituem o *dharana* pelo *mantra*, que é a concentração (por repetição) sobre uma única frase, geralmente sem sentido, como “Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare” ou “Aum Tat Sat Aum” ou qualquer outra frase.

Ambas as práticas, *dharana* ou *mantra*, cessam o “monólogo interno” do terceiro circuito, se praticado por longos períodos a cada dia.

O equivalente místico ocidental é a Cabala, o jogo mais complicado dos judeus, jamais inventado. De modo breve, a Cabala exaure o terceiro circuito semântico ao colocá-lo para resolver problemas numerológicos e verbais intratáveis. O equivalente do Extremo Oriente é o *Koan* zen, que serve à mesma função de uma maneira menos sistemática do que a Cabala, por exemplo, “Ao bater palmas, qual é o som da mão direita?”. Os *koans* zen são sempre combinados com *zazen* (sentar de modo zen), que combina o *asana* limpador do primeiro circuito com a contagem da respiração (um *pranayama* mais fraco), que abrandando o segundo circuito.

Quando o estudante adquiriu suficiente desligamento das ansiedades do primeiro circuito, das emoções do segundo circuito e dos mapas de realidade do terceiro circuito, por meio do *asana*, *pranayama* e *dharana* ou *mantra*, Patanjali recomenda a prática do *yama*. Isso inclui o celibato, mas não está limitado a ele. O objetivo do *yama* é perder todo o interesse nos aspectos sociais e nos sexuais do quarto circuito; cessar de importar-se com a família, a tribo ou a sociedade. Isso é alcançado por autonegação, que é mais fácil para aqueles hábeis em *asana*, *pranayama* e *dharana*, mas ainda requer intensa determinação.

Nesse ponto, alguns tomam um atalho, descoberto depois de Patanjali e não conhecido por ele, ao trancar-se em cavernas. Esse isolamento, como indicado anteriormente, ajuda amplamente a diluir todos os quatro circuitos hominídeos.

Uma alternativa, para aqueles que não se sentem atraídos pelo celibato ou em se tornar eremitas, é o *tantra*, criado no norte da Índia, próximo à época em que viveu Patanjali. Isso simplesmente transmuta o quarto circuito por meio de uma explosão cerimonial, fisiológica e “mágica” (auto-hipnótica) do ato sexual (prolongado) em um arrebatamento neurossomático do quinto circuito.

Para aqueles que seguem o caminho ortodoxo de Patanjali, o quinto circuito é cunhado pelo *niyama*, que significa “supercontrole” ou “nenhum controle”, sendo o estado paradoxal de *estar deliberadamente espontâneo*. Não é possível ensinar o *niyama*: você só pode aprendê-lo por experiência pessoal. Nós sugerimos a hipótese de que as bioenergias têm de ser descarregadas em algum lugar e, então, quando alguém as expeliu para fora do primeiro circuito por meio do *asana*, para fora do segundo circuito por meio do *pranayama*, para fora do terceiro circuito por meio do *dharana* ou *mantra*, e para fora do quarto circuito por meio do *yama*, elas são elevadas, explosivamente, para dentro da iluminação neurossomática do quinto circuito.

O sexto passo na ioga, de acordo com Patanjali, é *dhyana*, que significa “meditação” apenas em um sentido mais rudimentar. *Dhyana* significa, na verdade, união com o objeto na tela da mente, ou seja, realização do total significado da proposição de que a *mente e o seu conteúdo são funcionalmente idênticos*, isto é, abrir o circuito da metaprogramação.

Pode-se praticar o *dhyana* com *qualquer coisa*; os iogues falam de praticar *dhyana* com uma árvore ou um cachorro, exatamente como Don Juan Matus, o xamã mexicano, fala em tornar-se um com um coioite ou com uma estrela, nos livros de Castañeda.

O sétimo passo da ioga é o *Samadhi*, de *sam* (união; relativo ao grego *syn*) e *Adhis*, o Senhor (relativo ao hebraico *Adonai* e ao grego *Adônis*). Aqui, Patanjali e seus sucessores estão em violenta disputa: alguns afirmando que há apenas um *Samadhi*, outros afirmando que há dois ou três ou muitos. Como isso corresponde à abertura e à cunhagem do circuito neurogenético, devemos optar pela opinião de que haja muitos *Samadhi*, dependendo de qual ou de quantos arquétipos divinos dos arquivos genéticos estão cunhados. Os místicos católicos praticam *Samadhi* com a Virgem, os sufis com Alá, Aleister Crowley com Pan, etc. Acima de tudo, a rede de informação cósmica do oitavo circuito também pode ser cunhada fazendo uma união não apenas com todos os seres sensíveis e alguns arquétipos emblemáticos do programa mestre do DNA, mas com o universo inorgânico também. Foi a partir dessa segunda ordem ou *Samadhi* metafisiológico que Gandhi disse, “Deus também está na pedra – *na rocha!*” – e panteístas de todo o tipo, em todas as tradições, enfaticamente concordam com o psiquiatra canadense R. M. Bucke que disse, sobre seu próprio *Samadhi* do oitavo circuito, que o Universo “não é uma máquina morta, mas uma presença viva”.

Este planeta, para rudemente colocar o problema, é povoado e amplamente controlado por primatas domesticados que não são homens e mulheres racionais em todos os respeitos. Voltaire pode ter exagerado quando disse que para entender o significado matemático de infinito era necessário considerar a extensão da estupidez humana, mas a situação é quase assim precária. Milhões foram assassinados por líderes estúpidos ou turbas estúpidas, por razões estúpidas, em todos os séculos; e os bizarros túneis de realidade (acidentalmente cunhados) que tornam isso possível continuam a nos governar e a nos robotizar.

A estupidez não é posse exclusiva de um grupo ou de outro; você não precisa ter uma “vocação” para ser estúpido como ela é necessária para o sacerdócio. Parece ser um distúrbio sociossemântico contagioso que aflige todos nós uma vez ou outra. Exemplos notórios podem ser encontrados na vida dos grandes personagens. Como já mencionamos, uma medida exata da extensão da estupidez entre os eruditos é fornecida pelo fato de que toda revolução científica envolve toda uma geração. Cientistas idosos dificilmente aceitam uma nova teoria, por melhor que ela seja, e a revolução é apenas completa quando uma segunda geração, livre das velhas cunhagens com neurônios vulneráveis, cunha o novo mapa de realidade.

Mas se a ciência, o paradigma da racionalidade, estiver infestada com suficiente estupidez a ponto de causar esse atraso geral de uma

geração, o que pode ser dito da política, da economia e da religião? Atrasos de milhares de anos parecem ser “normais” nessas áreas. De fato, foi pela contemplação da história religiosa que Voltaire foi levado à sua conclusão de que a estupidez humana se aproxima do infinito. O estudo da política dificilmente é mais inspirador. Vamos apenas resumir o assunto dizendo que a estupidez assassinou e aprisionou mais gênios (e mais pessoas comuns), queimou mais livros, massacrou mais povos e bloqueou o progresso de modo mais efetivo do que qualquer outra força na história.

Pode não ser exagero dizer que a estupidez matou mais pessoas do que todas as doenças conhecidas da medicina e da psiquiatria.

Inteligência é a capacidade de receber, decodificar e transmitir informação de modo eficiente. Estupidez é o bloqueio desse processo em qualquer ponto. Intolerância, ideologias, etc. bloqueiam a habilidade de receber; túneis de realidade robóticos bloqueiam a habilidade de decodificar ou de integrar novos sinais; censura bloqueia a transmissão.

Se a inteligência pudesse ser aumentada, obviamente soluções poderiam ser encontradas mais rapidamente para os vários cenários apocalípticos que nos ameaçam.

Se cada cientista que trabalha sobre o problema de recursos energéticos pudesse dobrar ou triplicar a sua inteligência, o trabalho que exigisse 20 anos poderia ser feito em seis.

Se a estupidez humana pudesse ser diminuída de forma geral, haveria menos oposição ao pensamento original e novas abordagens para os nossos velhos problemas, assim como menos censura e menos intolerância.

Se a estupidez diminuísse, menos dinheiro seria desperdiçado em vastas imbecilidades organizadas como a corrida armamentista e mais dinheiro estaria disponível para projetos que dizem respeito à melhoria da vida.

Não há nada racionalmente desejável que não possa ser alcançado mais cedo se a própria racionalidade aumentasse. Isso é praticamente uma tautologia, mas devemos considerar o corolário:

Trabalhar para alcançar a Intensificação da Inteligência é trabalhar para alcançar todos os nossos sãos e válidos objetivos.

Maurice Nicholl, físico, psiquiatra, aluno de Jung, de Gurdjieff e do Cristianismo Esotérico, escreveu que “o único propósito em se trabalhar a consciência é diminuir a quantidade de violência no mundo”. Esse é o problema de saúde pública número 1 na era nuclear, na era do sobressalto.

Não estamos falando a respeito do mero aumento de QI linear – esperteza semântica do terceiro circuito. Estamos falando também de todos os tipos de inteligência do hemisfério direito que Nicholl adquiriu com a pesquisa neurogenética jungiana e das técnicas de metaprogramação de Gurdjieff. Estamos falando, digamos, da inteligência de Beethoven, que tanto perturbava Lênin a ponto de não conseguir ouvir a *Appassionata* (Sonata 23) porque fazia com que tivesse “vontade de chorar e de afagar a cabeça das pessoas, mas não devemos afagá-las na cabeça, devemos bater em suas cabeças, devemos atingi-las com força e fazê-las obedecer”. Mais da inteligência de Beethoven é necessária, desesperadamente, a fim de criar um sinal para que os Lênin atuais não possam ignorá-lo, que os faça chorar e parar de bater em cabeças.

Precisamos de mais atividade mental e menos munição. Os jogos políticos mamíferos do segundo circuito são um milhão de anos obsoletos.

O dr. Nathan Kline previu que logo teremos drogas para melhorar a memória, drogas para apagar memórias desagradáveis, drogas para aumentar ou diminuir qualquer emoção, drogas para prolongar ou encurtar a infância, etc. Não é necessária uma grande imaginação para prever que esses produtos químicos nos permitirão um controle maior sobre os nossos túneis de realidade neurais do que jamais tivemos. Obviamente, as pessoas *usarão e abusarão* dessas poções de muitas maneiras, mas os mais inteligentes irão usá-las *do modo mais inteligente*, ou seja, para aumentar ou intensificar sua inteligência em cada direção possível do nosso espectro de oito circuitos. Principalmente, eles irão usá-las para aumentar a liberdade neurológica, para depurar e reprogramar mapas de realidade obsoletos, para expandir, de modo geral, a consciência e a sensibilidade aos sinais e à informação.

O potencial para uma revolução neurológica – Intensificação da Inteligência planetária – deveria ser bem claro para qualquer um que tenha sequer um pequeno conhecimento de psicodélicos tão primitivos quanto o LSD. Um dos fatos menos conhecidos sobre a pesquisa do LSD, na década de 1960, era que o único projeto de pesquisa mais longo com LSD, no Spring Grove Hospital, Maryland, mostrou uma média de aumento de 10% no QI linear assim como nos panoramas de metaprogramação e no despertar neurogenético popularizado pela cultura ilícita do LSD e de seus gurus.

E há uma espiral de *feedback* direto entre a neurofarmacologia e outras ciências do cérebro. Como William Burroughs diz, “Qualquer coisa que possa ser feita quimicamente, pode ser feita por outros

meios". Ioga mais *biofeedback* produz um desligamento das velhas cunhagens mais rapidamente do que a ioga sozinha; o hipnotismo e as drogas cerebrais produzem sinergicamente mais do que um produz sem o outro; John Lilly duplicou os efeitos do LSD em seus tanques de isolamento; etc.

É comum para os alarmistas advertir-nos que o arsenal inteiro das neurociências que interagem sinergicamente, e ora em desenvolvimento, permitirá que tiranos inescrupulosos realizem, em nós, lavagens cerebrais de forma mais total do que já foi feito antes.

Precisamos perceber que a mesma tecnologia, sabiamente usada por homens e mulheres inteligentes, pode nos libertar de toda forma de rigidez neurótica e irracional, sintonizar e ajustar o foco do nosso sistema nervoso tão facilmente quanto sintonizar ou ajustar o foco da nossa tevê, desligando qualquer canal ou circuito e ligando naquele que escolhemos. Isso é o que a consciência metaprogramadora (cibernética) significa.

Por que ficar deprimido quando você pode ser feliz, tolo quando pode ser inteligente, agitado quando pode ser tranquilo? Obviamente, a maioria das pessoas é deprimida, tola e agitada a maior parte do tempo, porque *carece de ferramentas* para reparar e consertar os circuitos danificados e deficientes em seu sistema nervoso. Estamos adquirindo as ferramentas, e essa Intensificação da Inteligência tem o Princípio do Prazer para incentivá-la. Ou seja, quanto mais liberdade interna você atingir, mais você vai querer. É mais divertido ser feliz do que triste, mais agradável escolher suas emoções que tê-las infligidas a você por processos glandulares mecânicos, mais prazeroso resolver os seus problemas do que ficar travado neles para sempre.

Em suma, a Intensificação da Inteligência significa inteligência estudando inteligência (I^2), e a primeira coisa descoberta pela inteligência estudando inteligência (o cérebro estudando o cérebro: metaprogramação) é que, quanto mais tipos de inteligência você tem, mais divertido é tentar desenvolver níveis de consciência ainda mais sutis, sensíveis, especiais; inteligência ainda mais elevada.

Resumindo, Intensificação da Inteligência é desejável, porque não há um único problema diante da humanidade que não seja causado ou consideravelmente piorado pela prevacente estupidez (insensibilidade) das espécies: robôs mal conectados se chocando, mutilando e matando uns aos outros.

A Intensificação da Inteligência é alcançável, porque os avanços modernos na neurociência estão nos mostrando como alterar qualquer

cunhagem ou reflexo condicionado ou aprendido que nos tenha sido restringido anteriormente.

A Intensificação da Inteligência é hedônica, porque, quanto mais liberdade e consciência você atinge, mais você quer; e menos inclinado está a voltar aos circuitos tolos, cegos e mecânicos.

A Intensificação da Inteligência pode acelerar nosso processo para a abolição da guerra e da pobreza; encontrar as curas para o câncer e para a esquizofrenia; atingir a migração espacial e a extensão da vida (dando-nos espaço e tempo suficientes para alcançar níveis ainda mais cósmicos de consciência); ou cumprir quaisquer outros objetivos válidos.

Como a morte e a pobreza, a estupidez esteve presente por tanto tempo que as pessoas não conseguem imaginar a vida humana sem ela, mas está rapidamente se tornando obsoleta. Entretanto, muitos grupos de interesse especial (assim chamados de agências de inteligência, de publicidade, de tiranos e de clero, etc.) podem lucrar com a estupidez; mas a humanidade como um todo vai lucrar mais com a sua abolição.

Aproximadamente 50% da raça humana ainda não evoluiu completamente no terceiro circuito. Ou seja, embora esses indivíduos possam trocar sinais primitivos e lidar com artefatos primitivos, eles ainda estão operando mormente no circuito emocional mamífero e no circuito da biossobrevivência pré-mamífera.

Newt Gingrich é seu líder atual nos Estados Unidos. Os tipos do terceiro-circuito não conseguem entender isso e o consideram sinistro, mas é simplesmente comportamento de bando mamífero. Gingrich é o típico líder primata; os barulhos que ele faz, que parecem não ter sentido para o Racionalista do terceiro circuito, são bastante significativos para as mentes patrióticas territorial-emocionais da maioria dos primatas.

Outros 20% são “adultos inteligentes responsáveis”, com o terceiro e quarto circuitos totalmente desenvolvidos. Eles passam a maior parte de seu tempo *preocupados*, porque os parâmetros predominantemente primatas da sociedade humana parecem absurdos, imorais e cada vez mais perigosos para eles.

Outros 20% são adeptos neurossomáticos. Moralistas do quarto circuito os denunciam como “místicos”, “do outro mundo”, “loucos”, “a geração Eu”, “hedonistas irresponsáveis”, etc.

A maioria dos adeptos do quinto circuito (conspiradores aquarianos) tem aprendido as artes do “silêncio, exílio, astúcia”, de Joyce: eles são invisíveis. Outros voltaram seus talentos para “a cura pela fé” ou

várias outras artimanhas ocultistas desse tipo, e muito cuidadosamente não contam a seus clientes que a ideologia local, a moralidade e o túnel de realidade é o que os torna doentes em primeiro lugar. Eles oferecem “boa energia” e evitam sensivelmente o conflito com as “autoridades” ideológicas morais.

Outros 5% têm consciência neurogenética, e funcionam como Agentes Evolucionários – servos da Força da Vida, na terminologia de Shaw. Seu “Deus” é Pan (vida), e seu objetivo é a imortalidade. Outros 3% dominaram o circuito da metaprogramação e compõem o que Gurdjieff chamou de “o Círculo Consciente da Humanidade”. Eles são *Maçons Livres*, no sentido original desse termo corrompido: cocriadores das realidades futuras.

Apenas 2% são adeptos neuroquânticos e estão além inteiramente de categorias de tempo-espço.

Todas essas estimativas são aproximações.

Os circuitos mais novos (êxtase neurosomático, consciência do “Atman” neurogenético, jogos de realidade metaprogramadores, consciência “cósmica” não local) devem ter *alguma função*.

Podemos apenas presumir que eles estejam nos preparando para nossa nova situação no tempo-espço, depois da colonização Espacial, depois da longevidade e da imortalidade, depois que o Fator de Aceleração acelere ainda mais.

Engenheiros classificam um motor em revoluções por segundo. Olhando para a história humana em termos dessa metáfora, podemos claramente ver que:

Na Idade da Pedra, o fator de aceleração estava apenas lentamente começando a operar. Podemos estimar a mudança então em, talvez, revoluções por 10 mil anos.

Com a revolução neolítica e a urbanização logo depois, o passo começou a acelerar. Podemos falar desse ponto em termos de revoluções por milênio.

Depois de Galileu, as revoluções por século tornaram-se o índice normal da mudança.

Neste século temos nos movido em revoluções por geração.

Estamos agora obviamente nos dirigindo para uma aceleração de revoluções por década.

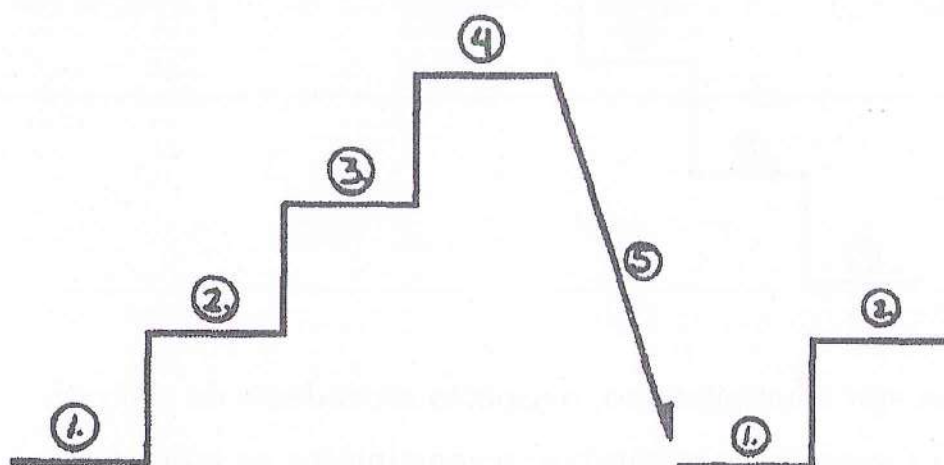
No momento em que a Revolução da Consciência culminar e a Pílula da Longevidade estiver amplamente disponível, a clonagem for normal, assim como todas as ideias neste livro, inclusive as mais fantásticas e radicais, parecerem estranhas e fora de moda – ou seja, cerca

de 2005 –, provavelmente estaremos acostumados a pensar em termos de revoluções por ano.

Não há razão para aceitar o túnel de realidade deste livro como o último e verdadeiro. Se você realmente entendeu a mensagem, inventará um Futuro maior e melhor do que aquele que eu sugeri. Como Barbara Marx Hubbard diz:

**O FUTURO EXISTE
PRIMEIRO NA IMAGINAÇÃO,
DEPOIS NA VONTADE
E ENTÃO NA REALIDADE.**

Apêndice

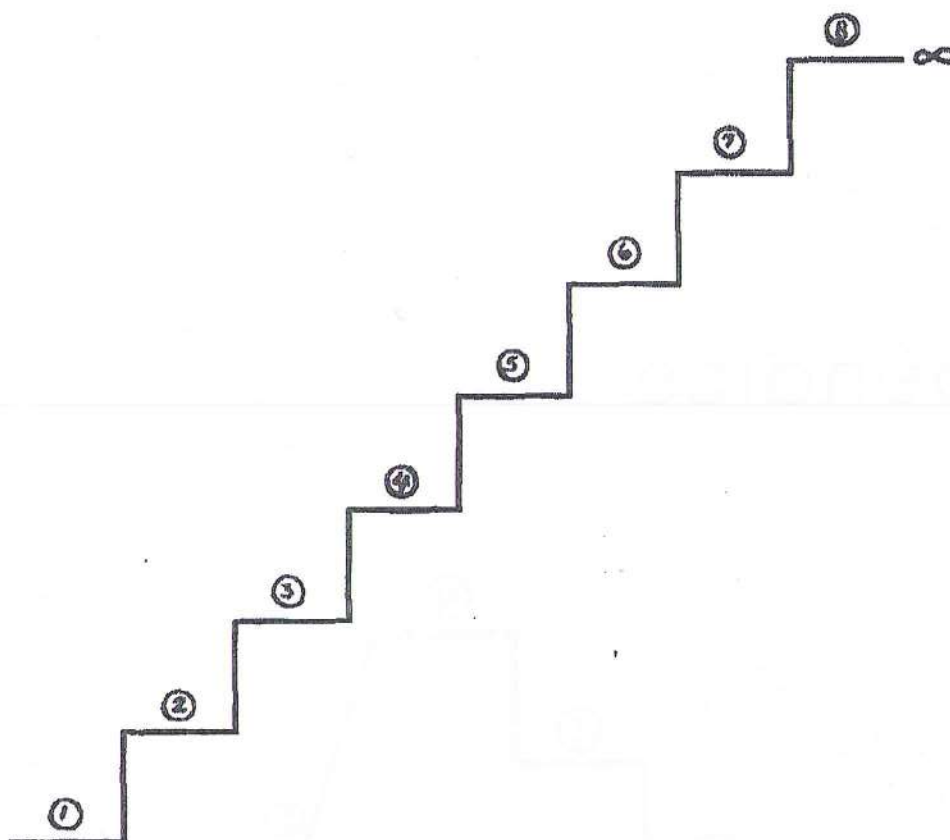


O *script* neurogenético, aspecto cíclico:

1. O infante desprotegido (Circuito I).
2. A criança que caminha, luta pela vida e compete (Circuito II).
3. A criança mais velha usuária da palavra e da ferramenta (Circuito III).
4. O condicionamento-cunhagem do circuito sexual (IV) em pais domesticados.
5. Reprodução e... o ciclo continua...

“... seus desgastes e seus entrelaçamentos e seus sepultamentos e suas seleções naturais...”

– James Joyce, *Finnegans Wake*



O *script* neurogenético, o aspecto ascendente da espiral:

1. Organismos primitivos; reconstituídos na infância.
2. A luta dos vertebrados, reconstituída na infância.
3. Aprendizado tecnológico-semântico, reconstituído na escola.
4. Domesticidade sociossexual.
5. Arrebatamento neurossomático, pré-constituindo a gravidade zero e a Migração Espacial.
6. A visão neurogenética, pré-constituindo a Longevidade-Imortalidade.
7. Habilidade de metaprogramação, pré-constituindo a Intensificação da Inteligência.
8. Visão cósmica metafisiológica, pré-constituindo... O QUÊ?